

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFH**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**S.O.S EUROPA FAMINTA**  
**COMITÊ DE SOCORRO À EUROPA FAMINTA - SEF**

**EVANDRO FERNANDES**

**Florianópolis**

**2005**

**EVANDRO FERNANDES**

**S.O.S. EUROPA FAMINTA**

**COMITÊ DE SOCORRO À EUROPA FAMINTA - SEF**

**Dissertação de Mestrado  
apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação em História da  
Universidade Federal de Santa  
Catarina para a obtenção do  
título de Mestre em História.  
Orientador: Prof. Dr. João Klug**

**Florianópolis**

**2005**

**S.O.S EUROPA FAMINTA**

**COMITÊ DE SOCORRO À EUROPA FAMINTA - SEF**

**EVANDRO FERNANDES**

**Esta dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do título de  
MESTRE EM HISTÓRIA CULTURAL**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. João Klug**

---

**Profa. Dra. Eunice Sueli Nodari**

---

**Prof. Dr. René E. Gertz**

**Florianópolis, 28 de fevereiro de 2005**

## AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas que colaboraram para a realização desta pesquisa e, portanto, cabe a elas meu sincero agradecimento.

Ao Prof. Dr. João Klug, que acreditou no projeto e se dispôs a me orientar;

A Profa. Dra. Eunice Sueli Nodari, co-orientadora, que me acompanhou durante o período de ausência do orientador;

Ao Prof. Dr. René E. Gertz, por aceitar participar da banca e disponibilizar o Acervo Benno Mentz;

Aos meus amigos Ricardo e Carmem Siegle, Marco Antônio Ortiz de Lima, Luiz Carlos Mendes da Silva, Luciano Daudt da Rocha, Cláudio Oliveira, Rejane Schlösser e Frederico Sporket pelo apoio técnico durante a pesquisa;

Ao meu primo José Germano Weber, pelas idas e vindas de Santa Catarina para o Rio Grande do Sul;

Ao Prof. Dr. Martin Norberto Dreher, Prof. Dr. Arthur Blásio Rambo e Profa. Ms. Isabel Cristina Arendt, por seu apoio e por abrirem as portas da UNISINOS e do NETB;

A Profa. Dra. Ingart Grützmänn, pelas sugestões dadas na elaboração do projeto de pesquisa;

Ao Prof. Ms. Eduardo Kersting, pela ajuda concedida no Acervo Benno Mentz;

Ao Pe. Arthur Rabuske pela disposição em colaborar com a pesquisa;

Ao P. Hasenack, que gentilmente disponibilizou o Arquivo Histórico da IECLB;

Ao CNPq, pelo incentivo financeiro para a realização desta pesquisa;

Aos meus familiares e amigos que sempre estiveram próximos e souberam compreender as minhas ausências...

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	p.08
<b>1. MEMÓRIAS DO CONFLITO</b> .....	p. 15
1.1 Algumas considerações em torno da memória .....	p. 15
1.2 Contribuições para uma “história de oposição alemã” .....	p. 19
1.3 A destruição material da Alemanha .....	p. 22
1.4 A crise social na Alemanha, a questão dos refugiados .....	p. 28
1.5 A problemática da fome no pós-guerra .....	p. 33
1.6 Articulação de organizações de ajuda humanitária e da SEF no pós-guerra .....	p. 37
<b>2. COMITÊ DE SOCORRO À EUROPA FAMINTA – SEF - E AS ELITES DO GRUPO ÉTNICO ALEMÃO</b> .....	p. 47
2.1 Elites, intelectuais e o grupo étnico alemão .....	p. 48
2.2 Intelectuais, elites e o surgimento da SEF .....	p. 59
2.3 A SEF e sua atuação interconfessional .....	p. 67
<b>3. ARTICULAÇÃO E AÇÃO DO COMITÊ DE SOCORRO À EUROPA FAMINTA NO CONTEXTO BRASILEIRO</b> .....	p. 81
3.1 Mobilização e organização da SEF .....	p. 81
3.2 Problemas de atuação da SEF .....	p. 97
3.3 Grupos Sociais Mobilizados .....	p. 118
3.4 Função social e ideológica da SEF .....	p. 138
<b>CONCLUSÃO</b> .....	p. 149
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	p. 156
<b>ANEXOS</b> .....	p. 170

## RESUMO

Esta pesquisa propõe-se a estudar a atuação da organização de ajuda humanitária denominada de *Comite de Socorro à Europa Faminta, SEF*, no contexto brasileiro e internacional entre os anos de 1946 e 1949. A pesquisa procura identificar as motivações políticas e ideológicas que fizeram com que elementos representativos do grupo étnico alemão no Brasil se mobilizassem em prol da Alemanha. O primeiro capítulo apresenta uma abordagem do contexto alemão do pós-guerra, especificando as dificuldades materiais que atingiram as vítimas alemãs da Segunda Guerra Mundial a partir da memória dos indivíduos que vivenciaram o conflito. Este capítulo também mostra a importância do surgimento de organismos de ajuda humanitária para a reconstrução da Europa do pós-guerra e a inserção da SEF neste contexto. O segundo capítulo versa sobre a configuração de uma elite em meio ao grupo étnico alemão e sua atuação no contexto nacional, bem como seu papel na criação e articulação da SEF. Além disso, busca identificar as dificuldades iniciais que as lideranças fundadoras do comitê tiveram para organizar o comitê. O terceiro capítulo analisa o funcionamento da SEF no contexto nacional e internacional. Procura identificar as dificuldades enfrentadas pela SEF no envio de ajuda humanitária para a Europa, os grupos sociais que tomaram parte nas arrecadações da organização, as estratégias de articulação de suas lideranças junto aos círculos do poder, bem como a função social e ideológica do comitê para a comunidade étnica alemã no Brasil.

## ABSTRACT

This research aims at studying the actions of the organization of humanitarian help called *Comitê de Socorro à Europa Faminta, SEF*, in the Brazilian and international context between the years of 1946 and 1949. The research seeks to identify the political and ideological motivations causing representatives of the German ethnic group in Brazil to mobilize in favor of Germany. The first chapter presents the German context of the postwar period, specifying the material difficulties affecting the German victims of Second World War based on the memories of individuals who lived the conflict. This chapter also shows the importance of the emergence of organisms of humanitarian help for the reconstruction of Europe in the postwar period, and the role of the SEF in this context. The second chapter discusses the configuration of an elite within the German ethnic group and its role in the national context as well as in the creation and articulation of SEF. Also, it seeks to identify the initial difficulties the leaderships starting the committee had to organize it. The third chapter analyzes the operation of SEF in the national and international context. It seeks to identify the difficulties faced by SEF in the sending humanitarian help to Europe, the social groups participating in the fundraisings and collections of supplies by the organization, the articulation strategies of the leaderships within the government authorities, as well as the social and ideological role of SEF for the German ethnic community in Brazil.

## INTRODUÇÃO

A existência de conflitos armados no final do séc. XX e em pleno alvorecer do séc. XXI ainda constituí-se num enorme desafio para a humanidade. Passados praticamente 60 anos do término do maior conflito de proporções mundiais, a Segunda Guerra Mundial, em 1945, e dos significativos avanços culturais, sociais, políticos e econômicos realizados pelo ser humano, vários países ainda usam as velhas práticas belicistas para solucionar conflitos internos ou externos que a diplomacia de seus governos não conseguiu resolver. Não existe continente no qual não exista ao menos um conflito violento armado, seja ele em maior ou menor escala.<sup>1</sup>

A América do Norte, mais especificamente os Estados Unidos da América, terra de *Uncle Sam*, país celebrado como sendo o berço da “democracia”, onde se cultivam os valores da “liberdade” e das “oportunidades”, estas últimas praticamente ilimitadas, foi, ultimamente, palco da maior ação terrorista da história. Pode-se dizer que o séc. XXI iniciou com a ação terrorista do grupo islâmico da Al Qaeda, que atingiu o coração do poder político e econômico mundial em 11 de setembro de 2001, quando dos atentados do World Trade Center, em Nova York, e do Pentágono em Washington. Estes deram início às políticas anti-terroristas de George Bush que culminaram com o desmantelamento do governo Taliban do

---

<sup>1</sup> A Europa ainda convive com a ação de grupos terroristas como o IRA, Exército Republicano Irlandês e o ETA, Pátria Basca e Liberdade. Na América do Sul, o governo colombiano se vê envolvido com os guerrilheiros da FARC, Forças Revolucionárias da Colômbia, e da ELN, Exército de Libertação Nacional. Estas tem, inclusive, algumas vezes, a colaboração financeira do narcotráfico. Já na África, temos vários conflitos civis que envolvem lideranças tribais de países como Libéria que, ultimamente, tem tomado espaço na mídia mundial. Enquanto isso, no Oriente Médio, há inúmeros grupos terroristas que lutam contra a hegemonia norte-americana na região. Estes têm diferenças ideológicas que não permitem a formação de um bloco de atuação coeso organizando-se, desta forma, em células que atuam de diferentes modos e em várias regiões do mundo onde a presença norte-americana se faz visível.

Afeganistão em 2002, que foi acusado pelos norte-americanos de colaborar com a proteção de terroristas mundialmente perseguidos como o ainda desaparecido Osama Bin Laden, assim como com o recém extinto regime de Sadam Hussein, no Iraque em Abril de 2003.

Os conflitos armados de repercussão local ou mundial deixam conseqüências materiais e psicológicas nas populações atingidas que merecem um estudo à parte. Geralmente os historiadores se dedicam ao significado de suas conseqüências políticas e econômicas imediatas e mais amplas, em suas relações globais, e ignoram as experiências individuais daqueles que tomaram parte deles no cotidiano. Temos de admitir que a modernidade, através dos meios de comunicação de massa, criou infinitas possibilidades de apropriação da realidade histórica. Entretanto, estes não privilegiam necessariamente as experiências individuais nos conflitos, pois estão mais comprometidos em construir uma memória oficial a respeito deles.

As ações armadas dos Estados Unidos da América, a maior potência militar, política e econômica mundial, na última década do séc. XX e no alvorecer do séc. XXI, não se caracterizam só pela sua localização geográfica e sua capacidade destrutiva, mas por não envolverem o antigo inimigo russo e sim novos líderes ou países do assim chamado “eixo do mal”.<sup>2</sup> Além disso, distinguem-se pelos debates suscitados no campo intelectual e pela mobilização da opinião pública mundial. Minha intenção não é fazer uma análise histórica das guerras americanas, pois esta estaria imbuída de uma memória social e histórica produzida no “calor dos acontecimentos”. A abordagem das guerras americanas é significativa porque mexeu em velhas cicatrizes que se acreditava estarem fechadas.

A ação americana e inglesa no Iraque teve várias conseqüências: trouxe à tona as disputas de poder e influência entre os EUA e as principais potências da Europa, França e Alemanha, colocando estas nações, antigas rivais históricas, lado a lado; reforçou o caráter isolacionista da Inglaterra na Comunidade Econômica Européia, pois esta apoiou as medidas norte-americanas; mobilizou os intelectuais, a imprensa e a opinião pública mundial contra o conflito (somente a imprensa norte-americana e as populações americana e inglesa, esta última de forma reticente, foram favoráveis); aumentou o sentimento anti-americano no mundo; despertou os debates em torno da reconstrução econômica do país e de quem iria

---

<sup>2</sup> Expressão cunhada pelo presidente norte-americano, George Bush, quando o país foi vitimado pelos violentos atentados terroristas do fatídico 11 de Setembro de 2001. Estes inimigos seriam os líderes de algumas nações do Oriente Médio como o ex-ditador iraquiano Sadam Hussein, assim como os terroristas que se escondem nestes países e que se empenham em campanhas antiamericanas como o famoso terrorista, ainda desaparecido, Osama Bin Laden.

financiá-la, assim como alertou para as conseqüências materiais concretas e as seqüelas psicológicas para a população civil de uma nações mais pobres do mundo árabe.

A promessa de que as ações armadas americanas e inglesas teriam uma “precisão cirúrgica”, a iminente perda de muitas vidas humanas e grandes prejuízos materiais num conflito que poderia estender-se por tempo indeterminado possibilitou a um historiador, particularmente alemão, trazer à luz do debate histórico a questão da destruição e das atrocidades realizadas pelos Aliados durante a ocupação da Alemanha no fim da Segunda Guerra Mundial. Jörg Friedrichs, 58 anos, lançou em dezembro de 2002 sua obra, *Der Brand, O incêndio, A Alemanha sob bombardeio*,<sup>3</sup> na qual analisa os massacres da população civil alemã ocasionados pelos bombardeios aliados ao país quando a guerra já estava praticamente vencida pelos Aliados.<sup>4</sup>

O livro de Friedrichs permitiu que, pela primeira vez, se trouxesse à tona a experiência das conseqüências da guerra feita pelos derrotados, ou seja, deu “voz” aos derrotados, permitiu que memória a respeito dos acontecimentos fosse novamente despertada na Europa e, particularmente, na Alemanha. Este silêncio em torno das vítimas derrotadas não é só fruto da construção de uma memória histórica e oficial por parte dos vencedores da Segunda Guerra, mas da própria atitude da população alemã: *Mesmo aqueles que levaram seus filhos carbonizados dentro de uma balde para o cemitério se abstiveram de falar da história das vítimas alemãs*.<sup>5</sup>

Pode-se crer que o distanciamento temporal da Segunda Guerra, a democratização da Alemanha no pós-guerra, a sucessão de novas gerações que questionaram o conflito, assim como a iminência de um novo conflito no mundo árabe, que pudesse arrastar a Alemanha e os demais países da Comunidade Econômica Européia a se envolver numa guerra que atingisse maiores proporções, permitiram às gerações que viveram a derrota a coragem de “falar sem medo” a respeito do assunto. No campo das relações internacionais entre a Alemanha e os EUA, creio que os novos desafios mundiais levaram o governo alemão a reavaliar suas posturas frente às tradicionais soluções americanas no campo econômico, político, social e cultural à nível mundial, sem sentir-se ingrato pela ajuda na reconstrução do país depois de

---

<sup>3</sup> Em seu livro Jörg Friedrichs afirma que a ocupação da Alemanha pelos Aliados poderia prescindir da enorme destruição material e física do país que, em sua opinião, acredita não ter sido necessária, assim como do massacre da população civil por meio dos bombardeios aéreos aliados às cidades alemãs. O autor acusa os Aliados de terem sido tão cruéis no trato com os derrotados quanto o regime nazista, pois a população alemã sofreu as mesmas humilhações e violências que o regime alemão havia perpetrado contra seus inimigos. FRIEDRICH, Jörg. **Der Brand**. München: Propyleu, 2002

<sup>4</sup> SCHEIP, Diogo. *O horror das guerras*. In: **Veja**. São Paulo: Ed. Abril, N. °15, Ano 36, abril de 2003, p.09-11

<sup>5</sup> Id. *Ibid.*, p. 09

1945 ou obrigado a manter-se em silêncio quanto às reais conseqüências das políticas norte-americanas.<sup>6</sup>

As conclusões de Friedrichs geram polêmica porque recorrem a um período histórico que se acreditava, estivesse, teoricamente, amplamente documentado, estudado e discutido, apesar de haver algumas controvérsias históricas a respeito. O autor traz à luz dos acontecimentos recentes as crueldades impingidas aos alemães pelos Aliados como: o fuzilamento de civis alemães pelos russos, o estupro das mulheres alemãs, a destruição da estrutura econômica do país, o bombardeio da população civil alemã, etc. e mostra que tais atitudes podem se repetir por aqueles que dizem lutar em nome da “liberdade e democracia” nos dias atuais.

Sua análise histórica também se distancia da tradicional série de conclusões históricas que contribuem para reforçar, em nossa memória social e histórica<sup>7</sup> e no imaginário social, o disseminado “caráter alemão”, que qualifica, ainda hoje, a maioria dos alemães como sendo “nazistas”. Os crimes de guerra dos Aliados, porque é isso que, segundo Friedrichs, estas atitudes vingativas são, foram justificados pela questão do caráter que, de certa forma, ainda se encontra presente quando se conversa informalmente a respeito do nazismo e da Segunda Guerra Mundial fora do campo intelectual.<sup>8</sup>

A grande contribuição de Friedrichs é ter rompido o “tabu” em torno das crueldades cometidas pelos Aliados contra a população civil alemã, assim como de recorrer a uma questão histórica do passado como vistas a nos fazer refletir e tratar de questões do presente. Friedrichs propõe uma nova discussão histórica a respeito das conseqüências da Segunda Guerra Mundial e que procuremos compreendê-la com outros olhos que não a dos

<sup>6</sup> Assim sendo, segundo o autor: *A amizade com o antigo inimigo não depende mais do silêncio sobre suas crueldades. Algum dia isso teria de vir à tona. Quem era criança quando sua casa foi bombardeada começa a se perguntar o que aconteceu.* Id. Ibid., p. 11

<sup>7</sup> Segundo Cuesta, a memória social seria o conjunto de noções e saber vago que repousa no entorno e no meio social. A memória histórica seria, não a memória culta dos historiadores, mas sua apropriação oficial e seletiva das recordações históricas por parte de um grupo. Já a memória coletiva seria a memória de um grupo social real-histórico, nos quais os acontecimentos de referência da memória individual adquirem algum sentido. Seriam os distintos grupos familiares, militares, religiosos, etc. CUESTA, Josefina. **Historia del Presente**. Madri: EUDEMA, AS, 1993. p. 43-44; 50-51

<sup>8</sup> *Claro, Hitler começou o bombardeamento de cidades ao matar milhares de pessoas nos ataques aéreos contra Londres em 1940. A partir daí cresceu o desejo de vingança. O mais terrível no que se fez contra o povo judeu, além dos métodos de matança, foi que eles não tinham feito nada para merecer isso. Não foram perseguidos por promover oposição política, por exemplo. Eram mortos porque eram o que eram. Já o massacre de civis alemães era justificado por uma questão de caráter: se os alemães cometiam crimes de guerra na União Soviética, por exemplo, estava na sua natureza maldosa e agressiva fazê-lo. Isso obrigava os americanos e ingleses, de natureza cristã e dotados do caráter de justiça, a responder com crueldade às maldade alemães. Quando se vê o horror causado pelos bombardeios aliados, vêm as perguntas: isso é certo ou errado? Isso é necessário ou sem sentido? Isso é justo ou injusto? Essas perguntas são importantes e ainda não foram respondidas.* SCHEIP, D. *Op. Cit.*, p. 11

vencedores. Também nossa pesquisa propõe-se a colaborar numa nova leitura da Segunda Guerra Mundial e do pós-guerra por meio do estudo da atuação da organização de ajuda humanitária brasileira denominada de *Comitê de Socorro à Europa Faminta, SEF*.

A SEF foi uma organização de ajuda humanitária criada no contexto brasileiro com o intuito de contribuir na manutenção das vítimas alemãs da Segunda Guerra Mundial no pós-guerra através do envio de ajuda material. Esta organização surgiu a partir da mobilização de elementos representativos inseridos em diversos grupos sociais pertencentes à comunidade étnica alemã no Brasil. A SEF atuou no contexto urbano e rural das colônias alemãs do sul e sudeste do país de 1946 a 1949. Sua atuação inseriu o Brasil no quadro das nações que colaboraram para a reconstrução da Alemanha arrasada pela guerra.

O primeiro capítulo da pesquisa analisa o contexto alemão do pós-guerra no qual se dará a inserção da SEF. Este capítulo reconstrói o cotidiano das vítimas alemãs da guerra a partir de suas experiências individuais com base em testemunhos registrados em cartas enviadas pelos destinatários da ajuda material propiciada pelo comitê agradecendo às doações recebidas. Estas cartas, manuscritas em alemão gótico, foram traduzidas pelo autor da presente pesquisa e guardam uma rica memória social e histórica a respeito do cotidiano do pós-guerra na Alemanha. A memória social e histórica dos indivíduos a respeito do que viveram e sentiram, quando envolvidos em conflitos armados, ainda é campo novo de pesquisa.

Cada indivíduo realiza sua própria experiência daquilo que viveu durante uma guerra ou um conflito armado. Esta experiência está imbuída de uma subjetividade que, muitas vezes, requer uma análise crítica dos historiadores com instrumentos epistemológicos e metodológicos que tornam o trabalho bastante exaustivo. A memória individual dos envolvidos é pouco estudada porque os historiadores se mostram mais preocupados em relacionar seu caráter social com a memória coletiva. Contudo, é necessário frisar que a memória individual é social não só por ser uma experiência intersubjetiva, produzida a partir de determinada realidade cotidiana, mas também por seu caráter intelectual.<sup>9</sup>

Não há dúvida de que a reconstituição histórica dos conflitos armados a partir da memória social e histórica dos indivíduos é importante para a História. No entanto, necessita, assim como qualquer outro fato histórico, de um distanciamento temporal e discernimento crítico que permita que os vestígios coletados pelo historiador possam ser investigados de

---

<sup>9</sup> Id. *Ibid.*, p. 43

forma dedutiva e independente desta memória. Esta é, na maioria das vezes, produzida no “calor dos acontecimentos” e precisa, portanto, de uma investigação minuciosa que averigüe com mais precisão suas origens.

O primeiro capítulo relaciona a memória oficial do conflito e a memória social produzida pelos indivíduos que o vivenciaram. Pretendemos contrapor a memória oficial com a memória individual para a reconstruir a realidade cotidiana do pós-guerra na Alemanha, ou verificar em que medida as duas são complementares. Queremos, a partir desta análise, compreender a importância da ação da SEF para as vítimas alemãs e a necessidade de atuação deste organismo de ajuda humanitária neste contexto. Analisaremos, com base nos testemunhos das vítimas e da memória oficial do conflito, a destruição material da Alemanha, a questão dos refugiados e da fome no pós-guerra. Além disso, abordaremos a atuação e o surgimento de organizações de ajuda humanitária na reconstrução material do país.

O Segundo capítulo propõe-se, primeiramente, a estudar a configuração de uma elite em meio ao grupo étnico alemão no Brasil, pois são os indivíduos inseridos dentro deste segmento social os responsáveis pela criação da SEF no contexto brasileiro. Para tanto, procuramos definir o conceito de elite, o que nos leva a perceber que a elite do grupo étnico alemão caracteriza-se pela sua heterogeneidade, ou seja, é uma elite plural que surge dentro de determinadas circunstâncias históricas específicas e elege seus representantes nos diversos grupos profissionais pertencentes à comunidade étnica alemã. Estes articulam os discursos e as reivindicações sociais do grupo étnico alemão junto às elites brasileiras que, constantemente, procuram alijar as elites do grupo étnico alemão de sua participação nos espaços político, social e cultural do Brasil.

O capítulo também se propõe a identificar e fornecer um perfil biográfico dos integrantes da diretoria da SEF. Pretendemos mostrar que as lideranças da SEF estão inseridas em diversos campos de atuação social como os cleros católico e luterano, o empresariado, o comércio, a imprensa, etc. e de que elas circulam em meio aos diversos segmentos da sociedade brasileira. Estes indivíduos mobilizaram o grupo étnico alemão em prol da Alemanha a partir do prestígio que tinham junto à comunidade étnica alemã, onde desempenharam suas funções sociais, e os contatos que estabeleceram junto aos círculos do poder.

O capítulo também se propõe a analisar as dificuldades iniciais enfrentadas pelas lideranças da SEF para que o trabalho conjunto entre católicos e luteranos no organismo fosse uma realidade. Procura destacar a postura dos cleros católico e luterano frente a criação da

SEF e a identificar as razões que levaram as lideranças fundadoras do comitê a se afastarem do poder de ingerência das autoridades eclesiais e, desta forma, constituírem uma organização descomprometida de vínculos institucionais e da qual faziam parte membros leigos e destacados da comunidade étnica alemã. Estes pertenciam a diferentes segmentos sociais, o que lhes possibilitava mobilizar diversas forças materiais junto à sociedade brasileira e à comunidade étnica alemã.

O terceiro capítulo analisa o funcionamento da SEF no contexto brasileiro e internacional. Procura identificar as dificuldades superadas pela organização para coletar ajuda material às vítimas alemãs e fazer com que chegasse ao seu destino. Por outro lado, identifica os grupos sociais que colaboraram nas arrecadações da SEF, os conflitos internos da comunidade étnica alemã que prejudicaram as atividades do comitê, e os diferentes papéis desempenhados pela SEF junto à comunidade étnica alemã.

O período pesquisado abrange os anos 1946 a 1949. As fontes pesquisadas constituem-se de documentos burocráticos, fotos, jornais, revistas, cartas, artigos, etc., sendo grande parte redigida em Língua Alemã. Esta documentação ainda não foi explorada pelos pesquisadores. Também se utilizou o diário pessoal de Pe. Balduino Rambo que foi traduzido pelo Pe. Arthur Rabuske e publicado pela UNISINOS.

A pesquisa a respeito do *Comitê Socorro para a Europa Faminta, SEF*, e sua atuação durante três anos no contexto sul-brasileiro é significativa porque há ausência de estudos sobre o assunto proposto. Trata-se de um assunto inédito, típico e representativo na história brasileira. A pesquisa possibilitará, passados sessenta anos da Segunda Guerra Mundial, o resgate da memória da guerra a partir das experiências de vida das pessoas que viveram o conflito. Por outro lado, contribuirá para redefinirmos o papel do Brasil na reconstrução da Europa do pós-guerra. Por fim, a pesquisa ampliará os estudos relacionados à área de imigração alemã no pós-guerra que ainda são escassos.

## 1. MEMÓRIAS DO CONFLITO

Este capítulo resgata alguns fragmentos da memória de indivíduos que vivenciaram a Segunda Guerra Mundial. Seu objetivo é nos fornecer uma idéia do contexto no qual o *Comitê de Socorro à Europa Faminta, SEF*, teve de atuar. Analisaremos a memória social e histórica de indivíduos que viram, ouviram e sentiram a guerra muito próxima. Queremos dar “fala” a experiências de vida com base em cartas redigidas durante o pós-guerra. Estas descrevem uma situação existencial marcada pela dor e sofrimento e foram remetidas pelas vítimas assistidas pela SEF.

Entretanto, esta tarefa necessita de instrumentos teórico-metodológicos adequados para ser realizada, pois a memória é articulável e, conseqüentemente, manipulável. Neste sentido, propomos, inicialmente, uma reflexão sobre a articulação da memória e sua configuração no quadro de referências históricas que contribuem para a escrita da história. Posteriormente, confrontaremos a memória presente nas cartas com as informações documentais produzidas a respeito da Segunda Guerra Mundial para, a partir daí, construirmos um retrato do cotidiano alemão do pós-guerra e compreendermos o significado e a importância da atuação de organismos de ajuda humanitária como SEF dentro deste contexto.

### 1.1 Algumas considerações em torno da memória.

A memória caracteriza-se pelas dificuldades de articulação. Existem diversas definições de memória e chegar a um consenso é difícil, pois existem muitas classificações e tipificações. A existência de uma multiplicidade de memórias cria dificuldades epistemológicas e metodológicas aos historiadores que analisam a memória e necessitam

estruturá-la, articulá-la e hierarquizá-la para fazer sua análise histórica.<sup>10</sup> Dada as dificuldades de articulação dos diferentes tipos de memória, lança-se, muitas vezes, de forma emergencial, do poder unificador da memória que é relativo e se realiza no interior de cada grupo em particular.<sup>11</sup> A memória, em sua relação com a história, constitui-se numa forma de preservação e retenção do tempo, salva-o do esquecimento e da perda. História e memória estão em relação dinâmica e são suportes das identidades individuais e coletivas.<sup>12</sup>

Se grande parte das conseqüências imediatas dos conflitos armados se constituem em prejuízos materiais e perdas humanas, temos de admitir que outra parte somente se manifesta na memória social ou histórica dos conflitos à longo prazo. O historiador não deve, portanto, analisá-las ou utilizá-las em suas pesquisas de forma prematura. A memória de um conflito armado como as guerras, guerrilhas ou atentados terroristas é sempre constituído a partir de testemunhos permeados pelas “situações limite”. Estas deixam prejuízos materiais ou seqüelas físicas e psicológicas nos indivíduos que delas participam. Sua memória social e histórica é, portanto, diferente da reconstituição histórica feita pelos historiadores, pois estes selecionam, recortam e interrogam os testemunhos que estão ao seu alcance.

Os historiadores geralmente costumam fazer suas análises críticas com base em documentos escritos que contêm informações que sustentam ou sugerem fatos que dizem respeito ao assunto escolhido. Entretanto, também podem apropriar-se de material arqueológico ou da memória social ou histórica de determinado grupo, ou seja, fontes não escritas ligadas sobre o mesmo assunto. Por outro lado, podem rejeitar os próprios testemunhos da memória dos indivíduos e acrescentar evidências que considerem mais relevantes de forma a satisfazer os seus próprios critérios da sua verdade histórica.<sup>13</sup>

Se as memórias social ou histórica preservam testemunhos diretos de um acontecimento recente que fornecem uma resposta imediata às próprias questões colocadas pelos historiadores, isso não significa que sua reconstituição prescindam dos questionamentos acerca da veracidade das declarações de seus informantes.<sup>14</sup> Renunciar à tarefa de questionar as evidências que se colocam ao historiador seria o mesmo que renunciar a sua independência relativamente à memória social ou histórica. Neste sentido, a reconstituição histórica não depende da memória social ou histórica, mas pode amparar-se nela.

---

<sup>10</sup> CUESTA, J., *Op. Cit.*, p. 45

<sup>11</sup> Idem

<sup>12</sup> NEVES, Lucilia de Almeida Neves. *Memória, história e sujeito: substratos da identidade*. In: **História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral**. São Paulo: Dept. História da US, Nº 3, Vol. 3, junho de 2000, p. 109

<sup>13</sup> CONNERT, Paul. **Como as sociedades recordam**. Portugal: Celta, 1993, p. 16

O historiador necessita de uma certa independência alicerçada no direito de decidir por si próprio e em métodos de investigação científica que permitam a melhor interpretação, ou aquela que ele acredita ser a mais correta para seu objeto de estudo. Isso não significa abrir mão da memória social e histórica ou desprezá-las, mas a sua *prática de reconstrução histórica pode receber, de formas importantes, um impulso orientador da memória dos grupos sociais e pode, por sua vez, dar-lhe um contorno significativo*.<sup>15</sup> Neste sentido, podemos considerar a produção historiográfica como um segmento específico da memória coletiva. Um segmento que utiliza metodologias apropriadas à produção do conhecimento, que recupera as informações do passado e realiza análises e interpretações sobre este passado.<sup>16</sup>

Esta apropriação de elementos da memória social ou histórica para escrever a História possibilita a escrita de uma história da oposição, de uma história “não oficial”, que é uma maneira de preservar a memória de grupos sociais cuja voz foi silenciada.<sup>17</sup> Neste sentido, a reconstrução histórica dos conflitos armados tem, para os historiadores, na memória social ou histórica, novos instrumentos de abordagem que não se baseiam nas fontes documentais oficiais, como os meios de comunicação de massa, formadores de opinião, mas em elementos que valorizam a experiência cotidiana dos grupos sociais neles envolvidos.

A história pode propor-se a ouvir a “voz” das pessoas que viveram os conflitos armados e sofreram suas reais conseqüências e, a partir dela, construir evidências que conduzam os historiadores a uma outra “verdade histórica” que antes lhes era desconhecida. O uso da memória social e histórica para relatar e registrar as “situações limite” vividas pelos indivíduos não é algo recente, mas já vêm sendo desenvolvido há algum tempo por alguns grupos sociais que se envolveram em conflitos armados.<sup>18</sup>

Os historiadores podem valorizar a memória em seu trabalho de reconstrução histórica, mas, por outro lado, necessitam utilizá-la com cuidado, questioná-la. Não devemos esquecer que a tradição histórica caracteriza-se como um elemento regulador da memória e pode, desta

---

<sup>14</sup> Id. *Ibid.*, p. 17

<sup>15</sup> Idem

<sup>16</sup> NEVES, L. A. N., *Op. Cit.*, p. 111

<sup>17</sup> CONNERT, P., *Op. Cit.*, p. 18

<sup>18</sup> A memória social e histórica dos judeus sobreviventes dos campos de concentração nazistas permitiu a construção discursiva da *Shoa*. Esta não só reforçou o caráter criminoso dos nazistas e os horrores sofridos pelos sobreviventes, mas criou um discurso histórico, uma memória histórica a respeito do acontecimento que, passados praticamente 60 anos, ainda hoje, confirma e reafirma estes crimes perante toda a humanidade. A *Shoa* permite que os judeus possam, ainda hoje, articular-se para reivindicar e legitimar as reparações de guerra devidas a eles pela Alemanha, assim como justificar suas pretensões territoriais, nacionais e étnicas e

forma, destruir sua espontaneidade. A História assume, muitas vezes, dimensões de exercício de poder, sendo que pode até mesmo produzir memórias oficiais e dirigidas a respeito dos fatos.<sup>19</sup> Portanto, é imprescindível desconfiar desta memória historicizada, afastar-se dela quando queremos fazer história. É necessário valorizar novamente a memória espontânea, recuperar suas evidências para refletir não só a história do presente, mas também os velhos objetos de estudo da história.

O historiador não deve apropriar-se da memória espontânea sem espírito crítico para seu fazer histórico, dispensando os já conhecidos instrumentos teórico-metodológicos, mas ampliá-los para que possamos sanar as dificuldades que a memória nos apresenta. Os historiadores devem confrontar o maior número possível de evidências ou vestígios de determinado acontecimento com a memória social e histórica, potencializando, desta forma, os seus recursos de análise que podem resultar num trabalho de maior qualidade científica.

A memória dos conflitos armados costuma guardar lembranças traumatizantes nos indivíduos que deles tomaram parte, lembranças que esperam o momento propício para serem expressas. No caso da Alemanha e de sua população, que vivem sob a sombra do passado da Segunda Guerra Mundial, o longo silêncio que os indivíduos guardam sobre a mesma:

*(...) longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amigos, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas.<sup>20</sup>*

Este esquecimento intencional por parte dos alemães dos eventos que se sucederam na Segunda Guerra e no pós-guerra não deve ser, segundo Michael Pollak, somente devido a razões políticas. Este “esquecimento” quer, muitas vezes, poupar os filhos de crescer na lembrança das feridas dos pais. Segundo Pollak, quando as testemunhas oculares sabem que vão desaparecer, as razões políticas e familiares concorrem para romper este silêncio.<sup>21</sup> A organização das lembranças se articula igualmente com a vontade de denunciar aqueles aos quais se atribui a maior responsabilidade pelas afrontas sofridas. Segundo Pollak:

*No momento do retorno do reprimido, não é o autor do “crime” (a Alemanha) que ocupa o primeiro lugar entre os acusados, mas aqueles que,*

---

o direito de defender o seu grupo étnico frente às nações árabes do Oriente Médio. FINKELSTEIN, Norman. **A Indústria do Holocausto**. Rio de Janeiro: Record, 156 p.

<sup>19</sup> NEVES, L. A. N., *Op. Cit.*, p. 112

<sup>20</sup> POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. In: GOMES, Angela de Castro. (Ed) **Estudos Históricos**. São Paulo: FGV, 1989, p. 05

<sup>21</sup> Id. *Ibid.*, p. 07

*ao forjarem uma memória oficial, conduziram as vítimas da história ao silêncio e a renegação de si mesmas.*<sup>22</sup>

Pollak problematiza as memórias clandestinas e inaudíveis dos indivíduos, pois sua transmissão intacta até os dias de hoje pode aproveitar uma ocasião para invadir o espaço público e passar do “não dito” à contestação e à reivindicação. O problema da memória oficial é sua credibilidade, sua aceitação e sua organização. Para que ela possa emergir nos discursos políticos é necessário um fundo comum de referência que constitua uma memória nacional. Um intenso trabalho de organização é indispensável a fim de superar a simples “montagem” ideológica que é sempre muito precária e frágil.<sup>23</sup>

Neste sentido, queremos propor como parte desta pesquisa sobre a atuação do Comitê de Socorro à Europa Faminta, SEF, no contexto brasileiro e internacional, resgatar alguns fragmentos da memória social e histórica das vítimas alemãs da Segunda Guerra Mundial. Passados sessenta anos do término do conflito, propomos enxergar o outro lado da guerra, as vozes que foram esquecidas ou silenciadas. Naturalmente que este trabalho de enquadramento da memória tem seus limites. Revirar os baus da história em busca de testemunhos há muito tempo redigidos requer um cuidado com sua análise e manipulação, pois os instrumentos teórico-metodológicos devem ser adequados ao nosso fazer histórico.

## **1.2. Contribuições para uma “história de oposição alemã”.**

A Segunda Guerra Mundial teve enormes custos materiais: cidades, pontes, sistemas ferroviários, vias fluviais, portos e parques industriais viraram ruínas e um grande número de terras agrícolas foi abandonado agravando, desta forma, o problema da fome no pós-guerra. Muitas pessoas famintas e sem lar, vagando pelas ruas e estradas, sobreviveram da ajuda internacional que veio dos países Aliados. Não havia, por parte das nações vencedoras da Segunda Guerra Mundial, interesse em abandonar as populações derrotadas à pobreza e à fome.<sup>24</sup>

A imensa tarefa de reconstrução da Europa no pós-guerra e, em especial, da Alemanha, não foi realizada só pelo fluxo de capitais provindo dos Estados Unidos da América, através do Plano Marschall, mas também por ações de solidariedade manifestadas pelos países que não foram diretamente atingidos pelo conflito. O Brasil do pós-guerra, que vivia um processo

---

<sup>22</sup> Idem.

<sup>23</sup> Id. Ibid., p. 09

de reestruturação interna marcado pela “democratização” do país após a ditadura do Estado Novo não deixaria de dar sua contribuição neste momento difícil da história alemã.

A situação política e econômica alemã no pós-guerra, que ainda estava indefinida, permitiu que indivíduos pertencentes ao grupo étnico alemão fixado no Brasil se mobilizassem e reconstruíssem, por meio da solidariedade material, as relações rompidas nos anos de guerra entre os descendentes de imigrantes alemães e a Alemanha. Personalidades dos mais diferentes segmentos da sociedade, intelectuais de prestígio junto à sociedade civil como o padre jesuíta Henrique Pauquet, Pe. Balduino Rambo, Willy Siegmann, Friedel Emunds, Pastor Ernesto Schlipper, J. Fernando Coutinho e, mais tarde, Pastor Paulo Evers, possibilitaram, a partir de 1946, o restabelecimento do contato da comunidade étnica alemã no Brasil com os alemães da Europa através da organização de ajuda humanitária denominada de Comitê de Socorro à Europa Faminta (SEF).

A SEF organizou as comunidades eclesiais católicas e luteranas e significativos segmentos da sociedade econômica teuta, numa ação conjunta de três anos, entre 1946 e 1949, para enviar à Alemanha 10 remessas de roupas, tecidos, calçados, cobertores e alimentos a fim de amenizar o sofrimento causado pelas conseqüências da Segunda Guerra aos alemães. A SEF atingiu os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro. Foi criada no Colégio Anchieta em Porto Alegre, fundado pela Companhia de Jesus. Várias pessoas, em sua maioria sacerdotes, grandes e pequenos comerciantes, empresários, políticos, agricultores e profissionais liberais envolveram-se nos trabalhos da SEF.

A existência desta organização de ajuda humanitária e sua atuação durante três anos no contexto brasileiro possibilitou, no Brasil, a formação de um acervo de testemunhos escritos das “situações limite” vividas pela população alemã no pós-guerra. Muitos alemães beneficiados pela ajuda humanitária da SEF enviaram cartas de agradecimento, nas quais relatam seus dramas pessoais de fome, de miséria e as violências sofridas durante a ocupação de seu país pelos Aliados. Dramas que constituíram uma memória que foi sufocada e desprezada em meio à gritaria geral em torno da destruição e das vítimas provocadas pelo regime nazista.

As cartas de agradecimento enviadas pelos destinatários da ajuda material promovida pela SEF permitiram a constituição de uma memória a respeito do pós-guerra. Esta possibilita aos historiadores brasileiros se debruçarem sobre as experiências individuais das vítimas da

---

<sup>24</sup> ELIAS, Norbert. **Os alemães. A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997, p. 28

guerra. O cotidiano das vítimas da guerra, suas angústias e sofrimentos torna-se acessível aos historiadores através destas cartas que foram cuidadosamente preservados no arquivo burocrático da organização.<sup>25</sup>

Estes testemunhos inéditos são, em sua grande maioria, manuscritos em alemão gótico. Eles guardam uma memória social e histórica que possibilita aos historiadores brasileiros pintar um retrato histórico do cotidiano alemão no pós-guerra. Segundo Maria Teresa Santos da Cunha, estes testemunhos guardam uma memória “ordinária”. Podemos chamá-los de documentos “ordinários”, pois ainda não foram analisados e publicados guardando, desta forma, uma memória individual e espontânea dos fatos que se sucederam após a derrota alemã.

Contudo, seu manuseio para fins científicos requer dos historiadores consciência de que se trata de uma memória escrita, de uma construção discursiva, de um discurso a respeito dos fatos vividos pelo remetente. Este busca sensibilizar o destinatário da carta para com a situação existencial do remetente. São testemunhos da guerra registrados no pós-guerra, isso significa que existe uma distância temporal entre os acontecimentos relatados e a sua construção discursiva. Portanto, as informações registradas necessitam ser confrontadas com outros documentos que atestem com mais precisão a veracidade das informações.

Neste sentido, propomos extrair do testemunho de algumas cartas informações que ajudem a conformar o quadro social do pós-guerra e confrontá-las com informações históricas que permitam a maior aproximação possível da “verdade histórica”, se é que podemos atingi-la.<sup>26</sup> Por outro lado, é possível extrair informações inéditas que enriquecem nosso conhecimento a respeito do contexto do pós-guerra, no qual a SEF irá atuar, e verificar a importância da atuação desta organização de ajuda humanitária para o contexto de reestruturação política, social e econômica da Alemanha.

---

<sup>25</sup> O Acervo Benno Mentz, localizado junto ao Instituto Latino-Americano de Estudos Avançados da UFRGS, guarda, segundo relatório geral da SEF, em torno de 5.000 cartas manuscritas em alemão de pessoas agradecendo as doações recebidas.

### 1.3 A destruição material da Alemanha

A destruição material da Alemanha provocada pelos Aliados durante a Segunda Guerra Mundial nos permite visualizar o cenário surrealista no qual os organismos de ajuda humanitária como a SEF tiveram de agir no pós-guerra. Uma carta escrita ao P. Hermann Stöer, de Rio do Sul, descreve a situação vivida por Georg Iden de Berlim, Spandau em 12/10/1947, dois anos após o fim da guerra, e nos mostra as experiências deste indivíduo que vivenciou os bombardeios aéreos e que conseguiu sobreviver aos ataques Aliados às cidades alemãs:

*(...) Sim honrado Sr. Stoer, podemos dizer que esta guerra aérea foi medonha. Alguma coisa já descrevi na carta ao Sr. Marquardt que o Sr. deve ter lido. Pode-se escrever livros a respeito. Eu nunca irei esquecer em minha vida de um ataque aéreo quando tive de entrar em Berlim. Nenhum bonde andava. Tínhamos de correr uma hora e meia por um caminho ao longo do qual havia incêndios à esquerda e à direita. As chamas nos golpeavam, as cinzas do incêndio faziam os olhos ficarem vermelhos de forma que tínhamos, por dias a fio, olhos inflamados e vermelhos. Eu mesmo, quando velho soldado nos ataques aéreos, nunca tive tanto medo e nunca pensei que uma bomba pudesse atingir nossa casa. Nós tivemos ataques pesados; eu contei até 70 bombas numa noite. E então um dia, em 28 de março, antes do cerco da cidade, aconteceu e, à noite, estávamos sem casa. Especialmente duro é que perdemos nossos bonitos móveis que não serão mais possíveis de serem recuperados nos próximos 25 anos. Mas temos de nos resignar. Podemos estar felizes por termos superado tudo sem danos à saúde. Minha esposa teve muita sorte em não ter sucumbido num ataque aéreo. Ainda há ruínas nas quais existem pessoas soterradas. Mais de 20, até 50 estão soterradas. Os últimos dias em Berlim foram ainda mais terríveis, pois durante 14 dias tivemos de permanecer no porão. Os últimos dias de resistência engoliram o resto de muitas casas úteis. Foi um absurdo dar continuidade à guerra por tanto tempo, assim como uma loucura defender Berlim. Podíamos ter economizado estas perdas humanas. Deve interessar-lhe que praticamente todas as igrejas de Berlim foram exterminadas nos ataques aéreos. Algumas mais, outras menos. Da mesma forma, é uma pena por causa dos muitos monumentos culturais de Berlim: palácios, catedrais, etc... existem quarteirões que desapareceram totalmente. Mesmo como berlinense não é possível orientar-se aqui. Em Potsdam tudo parece horrível. Mas em todas as grandes cidades é assim. O centro sempre foi aniquilado. Aqui em Spandau há grandes edifícios que não foram atingidos ou atacados. Parece que por causa do capital estrangeiro que ali dentro trabalha. Preferiu-se exterminar os bairros e as moradias<sup>27</sup>.*

O relato de Georg Iden ajuda a identificar a política de guerra empreendida pelos Aliados para derrotar a Alemanha durante a Segunda Guerra. Esta consistia em bombardear, a partir da Inglaterra, as cidades alemãs e a população civil com o intuito de causar o máximo de estragos possíveis e, desta forma, fazer com que a população civil pressionasse o governo

<sup>26</sup> As cartas aqui utilizadas fazem parte do Acervo Hermann Stöer, localizadas no Laboratório de Migração e Imigração da Universidade Federal de Santa Catarina. As traduções foram feitas pelo autor do trabalho.

<sup>27</sup> Acervo P. Hermann Stöer, *Carta de Georg Iden, Berlim, Spandau, 12/10/1947*.

de Hitler a render-se.<sup>28</sup> Os ataques aéreos dos Aliados aumentaram sobre a Alemanha a partir de 1942, quando os EUA entraram na guerra. A indústria norte-americana se encontrava afastada do cenário da guerra e isso lhe possibilitou voltar-se ao esforço de guerra e produzir um maior número de aeronaves de guerra que os alemães.<sup>29</sup> Segundo René Remond, a entrada dos EUA na guerra imprimiu à segunda parte do conflito a característica de guerra industrial, que se tornaria dominante. *Os EUA reconvertem sua economia e fazem dela o instrumento que lhes abrirá o caminho de Berlim.*<sup>30</sup>

Percebe-se que Georg sente-se resignado com a perda de seus bens materiais, ou seja, com a perda de seu padrão de vida provocado pelos bombardeios. Os alemães tinham, apesar das sucessivas crises provocadas pela Primeira Guerra Mundial, um padrão de vida acima da média européia. O regime nazista, com suas políticas econômicas e sociais, conseguiu um aumento do padrão médio de vida das pessoas. Conseqüentemente, é possível, a partir daí, entender parte do significativo apoio que Adolf Hitler recebeu do povo alemão.<sup>31</sup>

Os alemães desfrutavam de um relativo conforto econômico, social e cultural em relação aos povos do leste como os eslavos.<sup>32</sup> Enquanto que Georg se mostra portador de uma cultura urbana, os soldados eslavos aliados que invadiram Berlim e os territórios alemães orientais se caracterizavam pela cultura agrária que, em alguns casos, desconhecia elementos da cultura urbana e não tinham acesso aos bens materiais proporcionados pelas cidades.<sup>33</sup> A onda de saques e violência que atingiu e desesperou a população civil da Alemanha no pós-

---

<sup>28</sup> Esta tática de realizar bombardeios das cidades abertas foi empregada pelos alemães contra as populações espanholas na Guerra Civil da Espanha, na Polônia (1939), Roterdã (1940), Londres e Belgrado (1941). RÉMOND, René. **O século XX. De 1914 aos nossos dias**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1999, p. 126

<sup>29</sup> ZENTNER, Kurt. **Ilustrierte Geschichte des Dritten Reiches**. München: Südwest Verlag München, 1983, p. 356

<sup>30</sup> REMOND, R., *Op. Cit.*, p. 125

<sup>31</sup> A política de saques e confiscos empreendida contra a população judaica por parte do governo de Hitler também possibilitou uma maior disposição de bens materiais e culturais no mercado que foram adquiridas de forma legal pelos alemães. Com o decorrer da guerra e a destruição de muitas residências civis alemãs, o governo ajudou as vítimas de guerra por meio da doação destas propriedades confiscadas e saqueadas. NICHOLAS, Lynn H. **Europa Saqueada. O destino dos tesouros artísticos europeus no Terceiro Reich e na Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 158-159

<sup>32</sup> A admiração de um soldado russo na invasão de Königsberg, na Prússia Oriental, frente ao conforto material de uma residência alemã saqueada, nos dá uma idéia disso: (...) *As pessoas vivem bem aqui. Apesar do solo ser arenoso, vivem melhor que nós. Quando tu entras numa casa, não sabes para onde debes olhar primeiro. Aqui se encontram muitas coisas bonitas. Praticamente cada casa possui um piano. Uma coisa sobre a qual se toca música. É mais ou menos do tamanho de uma mesa. É ruim que eu não entenda a língua alemã. Quando me dizem algo, fico parado e arregalo os olhos como uma cabra. Entretanto, tudo é uma miséria. Eles envenenam sua comida e bebida de tal maneira que muitos já morreram. Se tomam cachaça que está envenenada, vivem em torno de 20 horas e morrem.* ZENTNER, K., *Op. Cit.*, p. 557

<sup>33</sup> Importante frisar que muitos soldados russos que lutaram contra os alemães eram, em sua grande maioria, camponeses que haviam sido convocados por Stalin a defender o país da invasão com todos os meios que estivessem a seu alcance. O exército russo caracterizava-se pela precariedade, daí a perda de tantas vidas humanas entre os russos durante a Segunda Guerra Mundial. Estima-se que a Rússia foi a nação que mais sofreu perdas humanas durante a guerra, em torno de 20.000.000 de pessoas teriam sucumbido.

guerra, que se atribui muitas vezes à vingança dos povos que foram dominados pelos nazistas, também pode ser compreendida a partir do relativo distanciamento econômico e social das populações mobilizadas pela guerra e que se confrontaram durante o conflito.

A carta de Georg permite perceber que o mesmo procede do mundo urbano, estava inserido nele e circulava com certa desenvoltura pela capital alemã, Berlim, pois a conhecia bem antes dos bombardeios. Agora, frente à nova realidade, caracterizada pelas ruínas da cidade, não a reconhece mais e lamenta as perdas culturais que esta sofreu. Pelo relato percebe-se que Georg era uma pessoa que sabia apreciar e desfrutar do patrimônio cultural destruído pelos ataques dos Aliados.

Georg consola-se pela família sair ileso dos ataques. Muitos civis alemães não tiveram a mesma sorte. Estima-se que, na Alemanha e nos territórios no exterior habitados pelos alemães, as perdas em meio à população civil foram de 4,5 milhões de pessoas. Em torno de 500.000 pessoas morreram durante os bombardeios aliados às cidades alemãs. Só os ataques aéreos de Dresden, em 13 e 14/02/1945, vitimaram de 35.000 a 250.000 pessoas.<sup>34</sup>

Os bombardeios aéreos alijaram a vida social dos alemães no pós-guerra. A destruição das igrejas prejudicou a prática religiosa dos alemães e exigiu ajuda do exterior para a reconstrução material dos templos e a manutenção da formação e atuação eclesial.<sup>35</sup> Nas zonas de ocupação russa, muitos sacerdotes e freiras foram perseguidos, fuzilados ou destituídos de suas funções eclesiais. A política comunista de Stalin não admitia que organizações de caráter eclesial pudessem fazer frente ao poder do Estado. Organismos de ajuda humanitária de caráter eclesial assistiram materialmente estes eclesialistas destituídos de suas funções ou que foram vítimas da guerra. A SEF também recebeu pedidos de ajuda neste sentido.<sup>36</sup>

O relato de Georg permite concluir que a defesa do país contra a invasão aliada, a resistência a qualquer custo não era, como se tem acreditado, uma questão unânime entre a população alemã. Para defender a Alemanha, Hitler convocou, em 25/09/1944, todo o povo

---

<sup>34</sup> ZENTNER, K., *Op. Cit.*, p. 569

<sup>35</sup> A Secção Americana da Convenção Mundial Luterana outorgou 6.750.000 dólares para a reconstrução das igrejas européias. **Carta às Comunidades Evangélicas de 30/04/1946.**

<sup>36</sup> Msgr. Albert Buettner enviou à SEF um pedido de ajuda financeira e material do Centro de Socorro para Seminaristas. Os seminaristas e teólogos haviam sido expulsos das regiões ocupadas pelos russos, tinham de abandonar igrejas e seminários com os fiéis. Uma vez libertos da prisão não podiam voltar para as paróquias, sendo que muitos só possuíam o desbotado capote militar. Buettner solicita fazenda preta para ternos e batinas, roupa branca, sapatos e meias, breviários e livros, objetos que não servem mais também poderiam ser enviados, pois, poderiam ser remodelados. Também pergunta se alguém se dispõe a custear 04 ou 05 anos de estudo de um seminarista. Acervo Benno Mentz, *Carta de Msgr. Albert Buettner à SEF*, sem data.

para que, com todas as armas e meios disponíveis, defendessem a nação da invasão aliada. Neste sentido, homens jovens de 16 a 60 anos foram convocados para integrar a *Deutschen Volksturms* (milícias populares).<sup>37</sup> Inúmeros alemães civis foram, repentinamente, envolvidos na guerra e, dada a inexperiência no manuseio de armas, sucumbiram no primeiro contato com os inimigos.

É possível crer que nas cidades, onde os bombardeios aéreos foram mais intensos, a população civil já ansiava o fim guerra, pois estava cansada de sofrer perdas materiais e humanas. Em algumas cidades alemãs o fim dos combates e a entrada das tropas norte-americanas no país foram saudados com entusiasmo, não tanto pela libertação das tropas ocidentais aliadas da ditadura nazista, mas por causa do medo da chegada das tropas russas.<sup>38</sup> Por outro lado, segundo John Ray, no mundo rural, onde viviam os camponeses, e nas estradas, onde circulava grande número de fugitivos e refugiados do leste europeu, a passagem das tropas aliadas foi repudiada com um “voltar-se às costas” ao inimigo, pois estes alemães consideravam uma afronta a ocupação de seu país.<sup>39</sup>

Outra informação significativa fornecida por Georg Iden é o direcionamento intencional dos ataques aéreos contra as residências da população civil com o intuito de desmoralizá-la. Georg mostra que os ataques eram estratégicos na medida em que relata que houve localidades em Berlim, como Spandau, que não foram atingidas. Também Wannsee foi preservada, pois nela localizavam-se as residências favoritas da classe média alta de Berlim. Residências de luxo e mansões. A partir de 1933 os chefes nazistas e várias organizações e fundações nazistas compraram propriedades ali, inclusive por preços bastante insignificantes, dado que muitos judeus das elites possuíam casas ali.<sup>40</sup> Muitas residências de judeus foram postas à disposição da população alemã após os bombardeios britânicos de setembro de 1941.<sup>41</sup>

---

<sup>37</sup> DOLLINGER, Hans; JACOBSEN, Hans Adolf. **Der Zweite Weltkrieg in Bildern und Dokumenten. Sieg ohne Frieden - 1944-1945**. München, Wien, Basel: Verlag Kurt Desch, 1963, p. 338

<sup>38</sup> *Alltagsleben im Zweiten Weltkrieg*. Disponível em. < [http:// www.shoa.com.de/](http://www.shoa.com.de/)> Acesso em 20 Jun. 2003

<sup>38</sup> SCHMID, Carlo. **Der Weg des deutschen Volkes nach 1945**. Berlim: Haude & Spenersche Verlagsbuchhandlung Berlin, 1965, p. 17

<sup>39</sup> RAY, John. **História Narrativa da Segunda Guerra Mundial**. Lisboa: Edições 70, 1999, p. 284

<sup>40</sup> ROSEMAN, Mark. **Os nazistas e a Solução Final. A conspiração de Wannsee: do assassinato em massa ao genocídio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2003, p. 76

<sup>41</sup> Id. *Ibid.*, p.49



Foto Acervo Benno Mentz: Destruição Material na Alemanha

Os Aliados tinham estratégias que desviavam seus ataques de prédios públicos ou privados que pertencessem ao capital privado internacional, numa clara atitude de preservação dos seus bens econômicos como as desativadas embaixadas, consulados, residências de diplomatas ou indústrias confiscadas pelos nazistas. O testemunho de Georg Iden aproxima-se em parte do cenário surrealista descrito por Raymond Cartier a respeito dos últimos dias de Berlim:

*Na véspera da catástrofe, Berlim constitui, sem dúvida, um dos espetáculos mais extraordinários da história. Parcialmente evacuada em 1944, a cidade tornou a povoar-se pelo afluxo de um milhão e meio de refugiados. Acampam nos parques, onde seus cavalos devoram as cascas das árvores. Ao seu lado, os velhos da Volkstum, alguns pernetas, tendo como uniforme uma braçadeira no paletó, novatos vestindo calças de couro da Hitlerjugend, a até moças pertencentes à Associação das Deutschen Mädchen, aprendem o manejo do Panzerfäust. Em outros locais, cavam-se trincheiras, armadilhas antitanques. O apelo para que a população civil coloque a cidade em estado de defesa só foi lançado a 13 de abril. Não causou grande sensação pela dificuldade com que os berlinenses imaginavam a luta em suas próprias ruas. A vida cotidiana prossegue com uma intensidade que o cenário de ruínas torna surrealista. As fábricas funcionam. Os escritórios funcionam. A multidão circula. Alguns cinemas ficam, às vezes, abertos atrás das fachadas de tábuas: está em cartaz o último filme da U.F.A., Kolberg, que narra a resistência heróica mantida por uma cidade prussiana contra os soldados bestiais de um Napoleão completamente ridículo. Bandeirolas proclamam: Quem crê em Hitler crê na vitória.; ou: O bolchevismo está à beira de sua derrota mais esmagadora. Mas a atmosfera é estranha, quase irreal. Todo mundo se sente extenuado. Cada um leva numa bolsa ou valise seus bens mais preciosos, pois ninguém está seguro de encontrar a casa de pé. As mães de família fazem filas enormes para esgotar seus cartões de racionamento, mas muitas lojas foram destruídas e, a começar pela carne e pelo açúcar, todos os gêneros desapareceram. Os últimos cigarros postos à venda (cheiram a madeira carbonizada, como aliás a cidade inteira) são uma*

*marca pouco conhecida: STAMBUL; o que se diz significar Stalin Arme Marchiert Berlin Unter den Linden. Mulheres vêm brigar com os maridos até nas barricadas que eles estão construindo: “Volte para casa velho imbecil; o que está fazendo não adiantará nada!”. A maioria compreende que a guerra está perdida, mas é uma convicção que mais vale guardar para si e, aliás, a confiança em Hitler, a crença numa arma miraculosa de última hora estão longe de ter desaparecido completamente. Antes de tudo, espera-se que os norte-americanos cheguem a Berlim antes dos russos. Eles bombardearam impiedosamente, amontoaram essas ruínas prodigiosas nas quais a primavera reaviva o cheiro de cadáver – mas os berlinenses estão prontos a correr, como um só homem, para aclamá-los.*<sup>42</sup>

Este cenário surrealista que aponta a destruição da cidade e a iminência da invasão das tropas aliadas, destoa da desocupação da capital francesa pelos alemães, quando estes tiveram de evacuar a cidade por causa da aproximação das tropas aliadas. Segundo Cartier, os Aliados tomaram um imenso cuidado com a ocupação da capital francesa: *O comando Aliado se propunha a entrar num labirinto urbano, e temia os estragos que uma batalha de rua deveria causar a um patrimônio artístico dessa ordem.*<sup>43</sup> Paris tinha então 4 milhões de habitantes e o General alemão Dietrich von Choltitz tinha 30.000 homens para defender Paris da invasão aliada.<sup>44</sup>

*Quando, a 9 de agosto, Choltitz chega a seu posto, Paris está calma. Os parisienses, bem informados, aguardam o resultado da batalha da Normandia. As fábricas funcionam. Alguns trens chegam, alguma correspondência é distribuída, as salas de espetáculos estão abertas, as crianças brincam nos parques, as margens do Sena estão cobertas por uma multidão que se distraí na ilusão de uma praia, mas o abastecimento é difícil, as estações de metrô fecham uma depois da outra e a corrente elétrica só é restabelecida meia hora por dia. A mudança dos serviços e dos estados maiores da Wehrmacht continua.*<sup>45</sup>

Da mesma forma, segundo Lynn Hunt:

*Os planejadores do SHAEF, durante o longo inverno de preparação para o dia D, esperavam encontrar uma Paris esfaimada, lacerada por agitação social e ameaçada por doenças. Portanto, ficaram bastante surpresos ao encontrar os habitantes da Cidade Luz disciplinados, saudáveis. Elegantes como sempre, sentados em seus cafés habituais. A comida, ainda que minguada, continuava saborosa, e o gás e o carvão andavam escassos; mas Paris, embora sem estátuas, cheia de marcas de tiros e repleta de sinais de trânsito em alemão, passava bem.*<sup>46</sup>

O tratamento dispensado pelos alemães à capital francesa destoa totalmente daquele concedido pelos Aliados à capital alemã, apesar de Berlim também possuir um patrimônio artístico e cultural tão significativo quanto Paris. Isso demonstra que a derrota da Alemanha seguiu planos de destruição em massa que pretendiam atingir a população civil em seus

<sup>42</sup> CARTIER, Raymond. **A Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Primor, Vol. 2, 1975, p. 713

<sup>43</sup> Id. Ibid., p.628

<sup>44</sup> Id. Ibid., p.629

<sup>45</sup> Idem.

<sup>46</sup> NICHOLAS, L. H., *Op. Cit.*, p.336

aspectos sociais, culturais e econômicos criando, desta forma, um quadro de destruição total e inconformismo da população alemã com o regime nazista que deveria render-se.

A SEF, assim como outros organismos de ajuda material e humanitária, terá como função primordial minorar as conseqüências materiais e sociais da guerra. Somente uma ação rápida e eficaz garantiria a sobrevivência de milhões de pessoas vítimas dos bombardeios aéreos e que, no pós-guerra, tinham de viver amontoadas em meio às ruínas da guerra, onde as esperanças de um futuro melhor para as pessoas e o país já estavam há muito perdidas. A miséria criada pela ação dos bombardeios Aliados foi, entre outros fatores, um dos fatores que sensibilizaram elementos do grupo étnico alemão no Brasil a ajudar na manutenção da população alemã no pós-guerra.

#### **1.4 A crise social na Alemanha, a questão dos refugiados**

Muitos alemães residentes nas cidades tiveram suas propriedades destruídas pelos ataques aéreos. Outros sofreram saques das populações oprimidas pelo nazismo, conviveram com a privação de seus lares e bens materiais por terem de abandonar suas terras no leste que foram ocupadas pelas tropas russas. O contingente de refugiados que penetrou nas fronteiras alemãs durante e no pós-guerra desencadeou uma crise social sem precedentes. Nunca houve, em toda a história da humanidade, um deslocamento populacional tão grande pelo continente europeu. Estas populações refugiadas tiveram de buscar outras formas de sobreviver à catástrofe e, uma das alternativas que se colocava a elas, era a emigração para outros países fora da Europa.

A SEF, assim como outros organismos de ajuda humanitária, recebeu muitos pedidos de emigração de alemães para o Brasil no pós-guerra. Estes queriam migrar para o país em busca de novas alternativas de vida, para se distanciarem da destruição e das dificuldades do pós-guerra europeu. Neste sentido, temos a carta de Carl Bergfeld ao P. Stöer em 26/10/1947:

*(...) A partida do vapor com o qual contava viajar retarda-se sempre mais. Originalmente deveria partir no início de setembro. Então a partida foi retardada para 14 dias depois. Agora, deve partir em fins de novembro. Como nos foi comunicado, nossos nomes constam na lista do navio. Eu não acredito na partida enquanto não estivermos a bordo. Em todo caso, acredito que minha esposa e crianças estarão juntas. Para homens, no entanto, o departamento de licença de viagens impõe muitas dificuldades. Bem, se eu não vier junto, permitirei que minha esposa e filhos viagem sozinhos. É melhor assim. Há cada vez menos crianças aqui e também minha mulher está definhando. Eu mesmo ainda me manterei algum tempo. É o que tem que fazer grande parte de nosso povo. Por que eu não deveria consegui-lo? Um dia a*

*autorização de viagem tem de ser concedida a mim. (...) O inverno encontra-se à porta. Com medo vemo-lo aproximar-se. Em relação às vestimentas, minha irmã obteve uma grande quantidade: 02 pacotes de vestimentas que o Sr. nos enviou em novembro do ano passado e que chegaram, um em agosto e outro na semana passada. Praticamente tudo bonitas coisas de inverno. Já não sabíamos o que vestir em Ursel neste inverno para que pudesse ir a escola. Agora ela possui vestidos e meias bonitas.*<sup>47</sup>

Carl Bergfeld quer emigrar com sua família para o Brasil. Entretanto, se as dificuldades impostas pelo retardamento da viagem e pelos governos de ocupação dificultam a viagem, isso não impede que se disponha a separar-se dela para vê-la em melhores condições. A migração era uma alternativa que se colocava aqueles que haviam perdido não só seus bens materiais, mas também suas propriedades. Um grande número de vítimas somente possuía a roupa do corpo e era constituída de fugitivos ou refugiados procedentes do leste europeu e que haviam entrado na Alemanha durante a guerra e no pós-guerra.

Bergfeld e sua família enquadram-se dentro desta categoria de alemães refugiados. De acordo com relatório da Universidade de Kiel, a guerra deslocou para dentro da Alemanha, até metade de 1946, em torno de 6,5 milhões de pessoas de descendência alemã. Estas fugiram da invasão russa ou foram expulsas de suas propriedades urbanas ou rurais após as perseguições aos alemães nos países do leste.<sup>48</sup> Até o meados de 1950, havia em torno de 12 milhões de refugiados na Alemanha. A conseqüência imediata desta migração forçada foi o aumento da densidade populacional da Alemanha. Se antes da guerra, em 1939, era de 147, 3 hab. p/Km<sup>2</sup>, em 1946 seria de 200 hab. p/Km<sup>2</sup>.<sup>49</sup>

A destruição da capacidade econômica do país, conseqüência dos ataques aéreos, causou um desemprego estrutural sem precedentes. Não só os alemães do Reino<sup>50</sup> estavam desempregados, mas também os recém-chegados, o que tornou, para os governos interinos nas zonas de ocupação aliada, maior o desafio de alimentar e manter a população economicamente ocupada.<sup>51</sup> Daí a importância da assistência material através do envio de gêneros de primeira necessidade por parte dos organismos internacionais como a SEF que procuravam fazer o melhor possível para minorar as necessidades das pessoas.

<sup>47</sup> Acervo Hermann Stöer. *Carta de Carl Bergfeld, Klein-Kühren, 26/10/1947.*

<sup>48</sup> Acervo Benno Mentz, **The German Refugees and their economic and social problems**, p.01

<sup>49</sup> Id. *Ibid.*, p. 05

<sup>50</sup> Alemães do Reino é a designação utilizada para identificar a população residente nas fronteiras alemãs anteriores à guerra.

<sup>51</sup> Segundo notícia do Correio do Povo, a cidade de Berlim era um retrato de uma Alemanha devastada que não via perspectivas de superar as imensas dificuldades criadas pela guerra. Milhões de desocupados perambulavam pela cidade ocupada por quatro forças estrangeiras, os valores morais haviam perdido o sentido e o aumento do mercado negro dificultava ainda mais a vida da população civil que não tinha condições de adquirir os víveres básicos para sobreviver. O cigarro era a moeda forte, cujo poder de compra crescia dia-a-dia. 1 maço equivalia a Cr\$ 400,00; 1 cigarro a 10 marcos, Cr\$ 20,00. *Quatro Ocupantes e milhões de desocupados*. In: **Correio do Povo**. Porto Alegre, Sexta-Feira, 06/09/46, p. 04



Foto Acervo Benno Mentz: Chegada de refugiados do Leste Europeu.

Os refugiados eram pessoas materialmente, espiritualmente e psicologicamente abaladas. A maioria chegou ao país somente com as roupas do corpo, outros perderam seus pertences durante a fuga ou negociaram com eles algo para comer.<sup>52</sup> Muitos foram, provisoriamente, instalados em estábulos e celeiros. Com o aumento da demanda, houve a necessidade de colocá-los em fazendas ou lares particulares, o que acabou com o princípio de família nuclear e individual e aumentou os atritos entre as pessoas. O aumento do número de refugiados na Alemanha era socialmente perigoso, pois aumentava o número de pessoas sem ocupação, estimulava a criminalidade e colocava em risco a disseminação de doenças, pois a maior parte estava precariamente alojada.<sup>53</sup>

Outro elemento de desestruturação social foi a convivência entre as habitantes da Alemanha e os refugiados recém chegados do Leste Europeu. A lei de moradia de 1946 obrigou os alemães do Reino a disponibilizarem suas residências para abrigar os refugiados e a partilhar o seu mobiliário.<sup>54</sup> A convivência num espaço exíguo, assim como a disputa por comida, carvão, alojamento e trabalho fizeram com que os recém-chegados fossem vítimas de uma série de preconceitos que somente contribuíram para tornar mais tenso o cotidiano da

<sup>52</sup> Acervo Benno Mentz, **The German Refuges and their economic and social problems**, p. 07

<sup>53</sup> Id. Ibid., p. 08

<sup>54</sup> ABKE, Stephanie. *Diese rassistisch Verfolgten glauben, sie könnten machen was sie wollen. Denunziation und Anzeige zwischen Flüchtlingen und Einheimischen im Regierungbezirk Stade 1945 – 1949*. In: BEST, Heinrich. (Ed.) **Historische Sozialforschung. Zentrum für Historische Sozialforschung**. Köln: Zentrum für Historische Sozialforschung, 2001, p. 109

população. Brigas e denúncias entre os vizinhos junto às autoridades públicas foram muito comuns nos anos posteriores da guerra.

Uma das alternativas encontradas pelas autoridades governamentais, que não tinham condições de ajudar as vítimas financeiramente, pois não havia coleta de impostos por causa da destruturação política e do Estado, era o estímulo à migração para outros países ou continentes. Os organismos de assistência internacionais como a SEF contribuíram neste sentido. A *Schweizer Europa Hilfe* e a *Caritas* se empenharam junto ao governo brasileiro em trazer imigrantes refugiados ao Brasil e estabelecê-los em terras desocupadas.<sup>55</sup> Guarapuava, Paraná, foi uma das localidades beneficiadas.

Elemento de destaque no quadro das políticas internacionais brasileiras do pós-guerra, durante o Governo Dutra, é o envio da Missão Militar Brasileira Berlim-Wannsee para a Alemanha. Sua ação tinha como objetivo favorecer e organizar a emigração de agricultores, técnicos e operários alemães especializados ou deslocados de guerra para o Brasil a partir de 1946.<sup>56</sup> A SEF recebeu muitos pedidos de imigração para o Brasil e suas lideranças vão se interessar pelas políticas de imigração do governo e procurar articular uma ação conjunta a fim de repatriar brasileiros descendentes de alemães retidos na Alemanha.<sup>57</sup>

As lideranças da SEF procuram, através de suas influências políticas junto aos círculos do poder, nomear representantes do grupo étnico alemão para ocupar o cargo de Secretário de Imigração e Colonização junto à Missão Militar Brasileira em Berlim e, desta forma, participar no projeto de colonização do pós-guerra. A SEF também buscou repatriar 1700 brasileiros de descendência alemã que ficaram retidos na Alemanha após o início da guerra com a ajuda de personalidades políticas como o Cel. Gaelzer Netto.<sup>58</sup> Entretanto, esta tentativa foi infrutífera dada as dificuldades impostas pelo governo brasileiro a sua nomeação.<sup>59</sup>

<sup>55</sup> KONDER, Marcos. **Der Nationalismus als falscher Patriotismus**. Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1954, p. 103

<sup>56</sup> A Missão Brasileira Berlim Wannsee vai enfrentar muitas dificuldades para atuar na Europa. Os governos de ocupação vão impor uma série de dificuldades para autorizar a saída de técnicos alemães especializados, pois os EUA procuravam recuperar a economia alemã a partir de 1947. O rompimento das relações do Brasil com a URSS, em 20/10/1947, também vai fazer com que o governo russo não reconheça sua atuação. A maior parte dos emigrantes se constituirá em refugiados políticos, judeus e comunistas. Até 29/11/1948 a Missão Brasileira somente conseguirá a repatriação de 4.069 brasileiros e alemães, sendo a maioria composta de famílias mistas. BANDEIRA, Moniz. **O milagre alemão e o desenvolvimento do Brasil. As relações da Alemanha com o Brasil e a América Latina. (1949 – 1994)**. São Paulo: Editora Ensaio, 1994, p. 53-55

<sup>57</sup> O Sínodo Riograndense obteve pedidos de viúvas de pastores para que a presidência interviesse no processo de retorno de familiares junto à Missão Brasileira Berlim-Wannsee. Arquivo Histórico da Escola Superior de Teologia – EST – SR 22/2 025

<sup>58</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Balduino Rambo para Antônio Köhler de Santa Cruz*, 29/09/1946.

<sup>59</sup> **Relatório Geral do Comité de Socorro à Europa Faminta, SEF**, p. 02

Os obstáculos que os governos das zonas ocupadas impunham à emigração dos homens, que atingiram Bergfeld, devem-se a escassez de mão de obra masculina para reconstruir o país e a qualificação técnica que os poucos homens disponíveis dispunham e que não poderia ser dispensada. Grande parte dos refugiados alemães de guerra, em torno de 34,2%, era composta por trabalhadores da indústria e mão de obra em geral.<sup>60</sup> Esta mão-de-obra técnica e circunstancialmente ociosa foi cobiçada por países como o Brasil, que logo se mostraram dispostos a receber estes imigrantes e facilitaram sua entrada.<sup>61</sup> A Igreja Católica e os Sínodos Luteranos no Brasil se mostraram interessados em participar do processo imigratório do pós-guerra e, integrantes da SEF como Pe. Balduino Rambo, procuraram acompanhar de perto este processo.<sup>62</sup>

No que diz respeito às possibilidades de imigração masculina, a falta de homens e crianças colocava em risco a manutenção da população do país. As mulheres eram o maior número de sobreviventes pelo fato de não terem combatido nas frentes de batalha e, desta forma, tiveram de substituir os homens nas linhas de produção das indústrias que ainda estavam em operação, assim como eram empregadas na reconstrução das cidades em ruínas. No que tange às crianças e aos jovens, sua taxa de mortalidade era elevada devido à fragilidade das mesmas em relação à fome, miséria, frio e as doenças.<sup>63</sup>

O grande desafio dos organismos internacionais era ajudar as populações carentes no inverno, pois este era muito temido pelas vítimas da guerra. O frio e a falta de alimentação adequada aumentavam os riscos de doenças e a mortalidade entre mulheres, os idosos e crianças.<sup>64</sup> Contudo, a ajuda dada pela SEF ao alemão Bergfeld não deve ser analisada somente a partir da perspectiva material, mas também social e psicológica. Ela não só permite

<sup>60</sup> Acervo Benno Mentz, **The German Refuges and their economic and social problems**, p. 14

<sup>61</sup> Aqueles que quisessem importar esta mão-de-obra tinham de responsabilizar-se pela moradia e salário, ou outra modalidade de manutenção destes colonos ou empregados. **Folha Dominical. Sonntagsblatt der Riograndense Synode**. São Leopoldo: Rotermond, Nº 12, Ano 63, 20/03/1949, p. 02

<sup>62</sup> Os sínodos luteranos se dispuseram a ajudar a emigração de pessoas que quisessem ocupar cargos na Igreja. Entretanto, famílias e pessoas que não fossem ligadas à instituições eclesiais deveriam dirigir-se à Missão Brasileira Berlim Wannsee. Para fazer o atendimento espiritual dos emigrados os sínodos luteranos queriam que o governo comunicasse em qual estado seria feito o assentamento dos recém-chegados. Arquivo Histórico da Escola Superior de Teologia – EST – SR 22/1 031

<sup>63</sup> A situação dos jovens na Alemanha era muito precária. Segundo um informe encontrado no Acervo Benno Mentz 77% dos jovens tinham de partilhar seus quartos com outras pessoas; 58% tinham de dividir a cama com os pais ou irmãos; 71% não tinham carvão para se aquecer; 50% somente tinham uma peça de roupa; 64% somente um par de calçados; 67% não tinham o suficiente para comer e 63% somente tinham pão velho e seco. Acervo Benno Mentz, informe sem data.

<sup>64</sup> O drama da fome fez com que a ONU apelasse para que os países contribuíssem no combate da fome das populações famintas da Europa. Havia no mundo uma grave crise de arroz e 1 bilhão de pessoas estavam ameaçadas pela fome. A ONU recomendou a economia de cereais pelos países que não foram atingidos pela guerra, ou seja, que reduzissem o seu consumo a fim de compartilhar com outras nações. *Assembléia das*

que a família possa resguardar-se das dificuldades materiais, mas, ao mesmo tempo, reconstruir seu universo cotidiano. A alegria que Bergfeld manifesta com a possibilidade de Ursel retornar às aulas possibilita que, paulatinamente, todos possam, em parte, retornar à “normalidade” de suas vidas e, desta forma, superar a situação limite enfrentada por eles.

### 1.5 A problemática da fome no pós-guerra

A remessa de gêneros de primeira necessidade e vestuário para a Alemanha era o principal objetivo da SEF e dos organismos de ajuda humanitária do pós-guerra. Um dos aspectos emblemáticos da destruição da Alemanha foram as condições materiais, médicas e sanitárias nas quais as pessoas viviam. A população carente de vestimentas, calçados, cobertores, carvão, água potável e uma alimentação balanceada estava à mercê do enfraquecimento, das doenças e da desnutrição.<sup>65</sup> Neste sentido temos o testemunho bastante significativo de H. M. Czerwinski, proveniente de Berlim e escrito ao P. Stöer em 11/12/1947:

*Reverendíssima Excelência!*

*Esta carta escreve um jovem alemão que sofre de tuberculose nos dois pulmões e que, há vários meses, encontra-se acamado e cujo médico lhe disse que, se não obtiver alimentos suplementares suficientes, não viverá mais durante muito tempo. Este lhe solicita enviar um pacote de alimentos. Uma cópia do atestado médico enviado pelo Departamento de Saúde, que mostram minhas condições de saúde, se encontra junto da carta. Como minhas necessidades de vida são extremamente modestas, estou disposto a doar a minha comunidade pelo pacote de alimentos 100 marcos para os pobres e fugitivos oriundos do leste. Várias cópias de que também auxílio financeiramente minha igreja sem aguardar um pacote, enquanto meu rendimento permite, encontram-se junto. Evidentemente quero pagar os alimentos que o Sr. me enviar tão logo o governo militar na Alemanha autorize o fluxo de pagamentos internacionais.<sup>66</sup>*

Czerwinski pode considerar-se um privilegiado por ter sobrevivido à primeira fase do tratamento, pois a falta de medicamentos nos hospitais era uma constante. Os doentes de tuberculose não tinham, geralmente, prognósticos tão positivos. Czerwinski necessitava somente de alimentos para sua recuperação. Segundo um relatório médico alemão publicado na Folha Dominical de 01/02/1948:

---

*Nações Unidas aconselha medidas destinadas a atender as populações que se acham ameaçadas pela fome.*  
In: **Correio do Povo**. Porto Alegre, Sexta-Feira, 15/02/46, p. 01

<sup>65</sup> Segundo notícia publicada no Correio do Povo de 26/04/46, a guerra fez com que houvesse uma quebra na safra agrícola de 40% e provocou irregularidades na distribuição dos produtos alimentícios, destruiu meios de transporte e estradas. A produção de arroz, açúcar, gordura, carne e pescado seriam, de acordo com a notícia, menores no ano de 1946. Além disso, como causas do aumento da fome, o jornal aponta a seca na África do Norte e o aumento populacional. ANDERSON, Clinto P. *A humanidade ameaçada pela fome*. In: **Correio do Povo**. Porto Alegre, Sexta-Feira, 26/04/46, p. 01

*Triste e comovedor é ter de assistir agora à morte de tuberculosos. Um paciente pediu-me que o deixasse ir para casa; ele sabia que devia morrer e no hospital nada se podia fazer por ele. Não recebia medicamentos para acalmar a tosse e as dores da laringe não podiam achar lenitivo (ao lado da tuberculose pulmonar tinha ele uma adiantada tuberculose de laringe). Como não podíamos ajudar, preferia morrer em casa. Podemos afirmar sem exagero que os nossos doentes de tuberculose em grau adiantado, por assim dizer, morrem de tanto tossir. Em caso de um derramamento de sangue não nos achamos em condições de poder tranquilizar os vasos respiratórios de um tuberculoso. Não possuímos Codeína, nem Dicodid, Acedicon, Heroin, etc.. Quando se vê morrer um doente, que, com um desenvolvido abscesso no pulmão sofre de violentos ataques de tosse e que não podemos proporcionar, nem sequer passageiramente, o mais insignificante bálsamo através de um medicamento eficiente, surge o sincero desejo de escolher uma outra profissão, pois este quadro ultrapassa o limite de nossas forças.*

Cerwinski expõe, em seu drama, a falta de condições materiais do poder público em auxiliar os indivíduos a se recuperar das enfermidades às quais estavam sujeitas. Além disso, a falta de alimentos influenciava na recuperação dos pacientes. A fome, uma constante no pós-guerra, mobilizou não só os organismos internacionais que procuravam ajudar, mas também as repartições de saúde pública em suas políticas.<sup>67</sup> Estas tiveram de desenvolver projetos de combate à fome baseadas em estudos de nutrição que propunham medidas concretas a serem adotadas pelos governos de ocupação.<sup>68</sup>

As dificuldades de alimentar as populações das zonas de ocupação fez com que o Gen. Joseph Mcnarney, comandante da força de ocupação norte-americana, propusesse ao Conselho Aliado de Controle, que os EUA e a URSS adquirissem alimentos em conjunto. Outra medida de impacto foi a decretação, pela Inglaterra, da baixa de consumo de calorias por indivíduo a partir de 04/03/46 em sua zona de ocupação. Esta era de 1.500 calorias diárias e foi diminuída para 1.014 calorias.<sup>69</sup> Estas medidas fizeram com que a população ficasse muito mais sensível às intempéries e as conseqüências da guerra.

<sup>66</sup> Acervo Hermann Stöer. *Carta de H.M. Cerwinski, Berlim*, 11/12/1947

<sup>67</sup> Segundo notícia do Correio do Povo, a Organização Agrícola e Alimentar da ONU estudava a formação de um "Banco Alimentar" para comprar víveres para a distribuição em caso de carência. *Como salvar o mundo da fome*. In: **Correio do Povo**. Porto Alegre, Domingo, 08/09/1946, p. 01

<sup>68</sup> Segundo os estudos do Professor Rein, fisiólogo de Goettingen, era necessário um aumento nas cotas de albumina e gordura na alimentação da população. Esta somente seria adquirida se as autoridades proibissem o abate de gado leiteiro e dos galináceos, porque com isso esgotar-se-ia a última fonte de albumina de grande valor. Além disso, Rein reprovava a transformação das pastagens em campos agrícolas, recomendava a exploração da pesca marítima, defendia a cultura da aveia e solicitava uma moratória de créditos para a importação de gêneros de primeira necessidade. **Folha Dominical. Sonntagsblatt der Riograndense Synode**. São Leopoldo: Rotermund, Ano 62, Nº 07, 15/02/1948, p. 01-02

<sup>69</sup> *O problema alimentar da Alemanha*. In: **Correio do Povo**. Porto Alegre, Sexta-Feira, 01/03/46, p. 01



Foto Acervo Benno Mentz: Ração diária dos alemães no pós-guerra.

O testemunho de Cerwinski mostra que nem todas as pessoas foram atingidas pela guerra da mesma forma. Havia pessoas com recursos financeiros disponíveis para utilizar em casos de emergência. Entretanto, a falta de produtos para consumir no mercado mantinha estes capitais disponíveis imobilizados. As dificuldades de fluxo monetário no pós-guerra eram fruto do desmantelamento do sistema burocrático da Alemanha, assim como das restrições impostas pelos governos de ocupação à fuga de capitais que pudessem ajudar na recuperação do país.<sup>70</sup>

Estas dificuldades prejudicaram as possibilidades de ajuda financeira que as instituições de socorro à Europa procuravam dar aos alemães. As transferências de capital eram inconstantes e dependiam da boa vontade dos governos de onde estes recursos provinham.<sup>71</sup> A evasão de reservas monetárias do Brasil para países europeus também significaria a redução das reservas internas disponíveis para o investimento no setor produtivo do país que ainda sofria influências do processo de industrialização do Estado Novo. A SEF enfrentou muitos problemas com a remessa de divisas para pagar o frete das mercadorias à empresa de navegação sueca que fazia o transporte. A liberação das remessas junto ao Banco do Brasil teve de contar com a intervenção das autoridades governamentais para que pudesse ocorrer.

A atuação dos organismos internacionais foi de fundamental importância para resolver o problema da falta de medicamentos existente no país. A SEF realizou uma campanha, na qual solicitava aos médicos e farmacêuticos que doassem medicamentos de uso cotidiano assim

<sup>70</sup> A rendição incondicional da Alemanha fez com que o Estado Alemão deixasse de existir. Tendo desaparecido o Estado, a capitulação deixa um vazio total: já não há Estado, nem governo, nem exército, nem autoridade. REMOND, R., *Op. Cit.*, p.131

como: laxantes, folhas de chá de sene, água, óleo de rícino, óleo de parafina, emetina em ampolas de 0,03 gramas, óleo de fígado de bacalhau, pepsina, glicose em ampolas, óleo de oliva, insulina, preparados de hormônios masculino e feminino.<sup>72</sup> Estas doações eram remetidas para hospitais, campos de refugiados, lares de crianças, aos funcionários de saúde pública, médicos e pessoas privadas.<sup>73</sup>

As cartas aqui utilizadas são uma amostra do grande acervo de testemunhos que se encontram no Brasil a respeito da Segunda Guerra Mundial e, em especial, da situação do pós-guerra na Alemanha. Temos conhecimento de que o Acervo Benno Mentz, onde se encontra a maior parte da documentação de cunho burocrático relativa à SEF, possui em torno de 5.000 cartas manuscritas em alemão gótico. Tais documentos são uma rica fonte de informações ainda inexploradas, que permitem que os historiadores brasileiros se debrussem sobre diversas temáticas relativas ao cotidiano da Segunda Guerra Mundial.

A análise destas cartas do acervo particular do P. Hermann Stöer, que guardam esta memória espontânea, permite perceber que a memória escrita, apesar de se constituir numa construção discursiva, pode, com recursos teórico-metodológicos adequados, proporcionar uma análise comparativa minuciosa e meticulosa que contribui para enriquecer nosso fazer histórico. As cartas fornecem informações inéditas que foram, pelos mais diversos motivos, desconsideradas por outras práticas historiográficas.

Voltar-se ao passado da memória social e histórica dos conflitos armados que ocorreram exige uma crítica as nossas próprias construções discursivas a seu respeito. Se estivermos dispostos a fazê-la, qualificaremos nossos instrumentos de análise crítica e enriqueceremos nosso olhar em relação ao presente. Um olhar que está mais qualificado a desvendar as armadilhas da memória oficial, está mais apto a propor novas alternativas de verdade histórica que contribuam com soluções palpáveis para os conflitos armados que ainda despontam em pleno séc. XXI.

---

<sup>71</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Balduino Rambo para Antônio Köhler de Santa Cruz*, 29/09/1946.

<sup>72</sup> Acervo Benno Mentz. Folheto avulso.

<sup>73</sup> Arquivo Histórico da Escola Superior de Teologia – EST – SR 21/6 014

## 1.6 Articulação de organizações de ajuda humanitária e da SEF no pós-guerra

A ação e articulação de organizações de ajuda humanitária como a SEF, que atuaram na reconstrução da Europa e, em especial, da Alemanha, não podem ser analisadas de forma isolada, mas necessitam ser apreciadas a partir de um amplo quadro de rearticulação da geopolítica mundial no pós-guerra. A Segunda Guerra Mundial marcou a história da humanidade, pois envolveu praticamente 1/3 da população mundial de 72 países no conflito. Cerca de 110 milhões de pessoas pegaram em armas, a maior parte na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), Alemanha e China. Os anos de luta causaram muitas vítimas, uma grande destruição material na Europa e criaram uma onda migratória sem precedentes que, mesmo após seu fim, ainda se manteve durante um longo tempo.<sup>74</sup>

Para lidar com o problema dos refugiados 44 países decidiram criar, já em 1943, a UNRRA (United Nations Relief and Repatriation Administration)<sup>75</sup>. Esta era encarregada da repatriação das pessoas cujos casos não podiam conhecer outra espécie de solução permanente. Sua operação prolongou-se até 1947, após ter repatriado mais de sete milhões de pessoas. Em 1947 foi criada pelas Nações Unidas a IRO (International Refugee Organization)<sup>76</sup> que providenciava auxílio aos refugiados. A IRO foi um organismo internacional criado para tratar dos problemas residuais dos refugiados depois da Segunda Guerra Mundial. Estas duas organizações encaminharam refugiados para vários países da Europa Ocidental, aos Estados Unidos, Canadá, Brasil, Argentina, Venezuela, Paraguai e também para a Austrália e Nova Zelândia.<sup>77</sup>

Para amenizar os problemas materiais causados pela guerra e alimentar as populações famintas e, em especial, os refugiados, criaram-se, no pós-guerra e em diversos países, principalmente nos EUA, organizações de ajuda de caráter humanitário que remetiam alimentos e vestuário para diversas partes da Europa, principalmente a Alemanha. As principais delas foram a CARE (Cooperative for Assistance and Relief Everywhere)<sup>78</sup>,

---

<sup>74</sup> Estima-se a perda de 55 milhões de vidas humanas durante a Segunda Guerra Mundial e de que houve 35 milhões de feridos e 3 milhões de desaparecidos. As maiores perdas humanas foram da URSS, estima-se que em torno de 25 milhões de pessoas morreram em seu território. Na China se presume que 15 milhões de pessoas tenham morrido, na Polônia 300 mil, sem mencionar 6 milhões de judeus mortos no genocídio nazista. Na Alemanha a guerra produziu 6,5 milhões de vítimas e, no Japão, 2 milhões. VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. **Segunda Guerra Mundial**. Porto Alegre. Editora da Universidade, UFRGS, 1989, p. 118

<sup>75</sup> Agência das Nações Unidas para o Auxílio e a Reabilitação

<sup>76</sup> Organização Internacional de Refugiados

<sup>77</sup> BARRETO, Luiz Paulo Teles F. *Das diferenças entre os institutos jurídicos do asilo e do refúgio*. Disponível em [http://www.mj.gov.br/snj/artigo\\_refugio.htm](http://www.mj.gov.br/snj/artigo_refugio.htm)> Acesso em 20 Jun.2003

<sup>78</sup> Cooperativa Americana de Remessas para Europa

GRALOG (Council of Relief Agencies for Operation in Germany), CERA<sup>79</sup>, a obra de Socorro Pró-Vítimas da Guerra (de iniciativa do Vaticano) e, no Brasil, a SEF (Comitê de Socorro à Europa Faminta).

Em meio a estas organizações de ajuda humanitária de atuação mais ampla atuaram empresas de caráter comercial que atendiam a iniciativa privada e visavam o lucro e, outras, de cunho filantrópico como a SEF, que buscavam ajudar a coletividade de modo geral.<sup>80</sup> A SEF se ligava aos organismos eclesiais como a *Caritas*<sup>81</sup>, da Igreja Católica, e a *Evangelisches Hilfswerk*, da Igreja Luterana Alemã. A SEF foi articulada pelos representantes do grupo étnico de origem alemã no Brasil ligados ao clero da Igreja Católica e dos Sínodos Luteranos no país.

As organizações de ajuda humanitária, entre elas a SEF, atuaram dentro de um contexto marcado pela desestruturação econômica, política e social provocada pela guerra, assim como num contexto marcado pela reconfiguração do mapa geopolítico mundial. Ao invés da Alemanha se tornar um vácuo e um mero objeto das políticas dos Aliados, que foram muito duras para o país, ela tornou-se campo de uma disputa política mundial. Quando a Segunda Guerra Mundial acabou a Alemanha estava em estado de guerra com 58 países. EUA, URSS e Grã-Bretanha ditavam as regras da política internacional. Estas nações não pretendiam somente vencer a guerra com algumas vantagens para si, mas reordenar o mundo, criar um futuro sem guerras sem enfraquecer sua hegemonia.<sup>82</sup>

Os líderes políticos dos Aliados queriam incapacitar materialmente, politicamente e militarmente o povo do Japão e da Alemanha, principais derrotados da guerra.<sup>83</sup> A

<sup>79</sup> A CERA é um organismo interconfessional. Atuou com a Caritas Alemã, a Evangelisches Hilfsdienst, a Caritas suíça, a Caritas sueca, o Bureau Intermediaire in Genf, a Cristliche Nothilfe/Luzern. A Igreja católica quis encampar a organização na Catholic Welfare Conference. Cf. Acervo Benno Mentz, *Carta da CERA a Pe. Balduino Rambo*, 21/09/1946

<sup>80</sup> Atuaram no Brasil paralelamente à SEF: Guilherme E. Schumacher – Víveres para a Europa (Poa); Jauer Eierpakete (Dinamarca); Gunnar Juar Jacobsen, Auxilium Catholicum Internacionale (Paris); L. J. Fink & Cia Ltda (RJ), Zentralausschuss der Volkssolidarietät (Berlim); American Friends Service Comittee (Filadelfia); H. Eggers (Suíça); S.Houlber S/A.

<sup>81</sup> Cáritas é uma instituição da Igreja Católica, de âmbito internacional, com 146 organizações membros, atuante em 194 países. A Rede Caritas Internationalis tem sede em Roma e abrange todas as Cáritas nacionais, incluindo a Brasileira. É subdividida em 7 regiões: América Latina e Caribe, África, Europa, Oceania, Ásia, América do Norte e MONA (Oriente Médio e Norte da África). Ela atua com abertura ecumênica, estabelecendo parcerias com organismos nacionais e internacionais pelo resgate dos direitos humanos. A Caritas Internationalis é reconhecida pelo Conselho Socioeconômico da ONU como de "status consultivo geral".

<sup>82</sup> SCHMID, C. *Op. Cit.*, p. 10

<sup>83</sup> Estas tentativas se fizeram visíveis numa série de conferências de guerra realizadas a partir de 1943. As principais conferências foram a de Casablanca, Cairo, Teerã, Quebec, Yalta e Potsdam. Em Casablanca Franklin Delano Roosevelt (EUA), durante uma conferência de imprensa, usou pela primeira vez o termo *Unconditional Surrender* (rendição incondicional) para o fim da guerra com a Alemanha, o que causou constrangimentos em Winston Churchill (Grã-Bretanha) e inquietação em setores da opinião pública mundial

desmilitarização da Alemanha procurou evitar uma nova tentativa de expansão futura. Com o fim da guerra e a desmontagem de sua indústria pesada, a captura e transferência de milhares de técnicos e cientistas para os países vencedores, principalmente os EUA e a URSS, abalaram-se os fundamentos da sua economia e política expansionista.<sup>84</sup> Com sua interdição política e tutela aliada tentou-se pacificar e educar os alemães de forma democrática e humana.<sup>85</sup> As conseqüências imediatas da implementação das políticas aliadas do pós-guerra para a população alemã foram a desestruturação social provocada pelo desemprego massivo, o aumento da fome e da miséria a níveis considerados críticos.

Estes problemas necessitaram da interferência dos governos de ocupação através dos organismos de ajuda humanitária a fim de minorar as conseqüências da guerra e preparar o terreno para a reestruturação econômica e social do país. A situação de miséria reinante na Europa do pós-guerra, principalmente na Alemanha, impulsionou os representantes do grupo étnico de origem alemã no Brasil a criarem a SEF, pois se sentiam comprometidos com a reconstrução material da Alemanha e o reatamento com os laços culturais do país.

A articulação da SEF no Brasil, em conjunto com outros organismos de ajuda humanitária a nível mundial, ocorre num mundo polarizado em dois modelos de desenvolvimento políticos e econômicos bastante distintos. O paradigma capitalista via-se, pela primeira vez, confrontado com a ameaça de disseminação do paradigma socialista. A Europa, cenário de destino da ajuda material concedida pelas organizações de ajuda humanitária e, em especial, a Alemanha, cenário de destino da ajuda material fornecida pela SEF, seriam o centro de disputa entre os representantes destes modelos: EUA e URSS.

A disputa ideológica econômica e militar entre estes dois países, que ocorre com mais impacto a partir de 1946, ano de articulação da SEF, será chamada de Guerra Fria.<sup>86</sup> Do ponto

---

e círculos políticos responsáveis pela guerra. Esta proposta era contraproducente na medida em que fechava as portas para uma negociação de “paz honrosa” para a Alemanha e lançava o país numa resistência desesperada, o que acabou de fato acontecendo. **Grande Crônica da Segunda Guerra Mundial: de Pearl Harbor a Stalingrado.** Rio de Janeiro: Editora Ypiranga S/A, Vol. 2, 1969, p. 286

<sup>84</sup> Segundo Lynni Hunt, antes do fim da guerra o governo Roosevelt estava dividido quanto ao que fazer com a Alemanha. Seu secretário do tesouro, Morgenthau, assumiu uma linha dura, queria que a Alemanha fosse tratada da mesma forma como a Polônia havia sido tratada e propôs a implantação do Plano Morgenthau. Toda a indústria pesada, inclusive a produção de carvão, seria suprimida. O país, após eliminados os nazistas, que seriam sumariamente fuzilados, se transformaria numa nação agrícola e de subsistência, cujos excedentes de mão de obra seriam recrutados compulsoriamente para trabalhar nas terras que haviam outrora ocupado. O Secretário de Guerra Stimson designou a idéia como “um belo programa nazista”; para seu colega, o secretário de Estado Hull, “tratava-se de um plano de vingança cega”. NICHOLAS, L. H. *Op. Cit.*, p. 354

<sup>85</sup> SCHMID, C., *Op. Cit.*, p.11

<sup>86</sup> As características básicas deste período são o aumento de gastos com armas nucleares com o objetivo de evitar o avanço dos concorrentes sobre as áreas de hegemonia definidas pelos EUA e URSS; a intensificação de campanhas de propaganda de ambos os lados, cada qual procurando denegrir o próximo; ausência de sucesso nas negociações de mútuo interesse entre os EUA e URSS, referentes à Europa e ao resto do mundo;

de vista internacional, os EUA firmam-se como potência hegemônica do mundo capitalista. Contudo, sua presença na Europa, juntamente com a Grã-Bretanha, é ocasional e fortuita. A URSS detém a posição dominante, territorialmente contígua à Europa Central, pois lhe bastou empurrar a Alemanha de volta para suas fronteiras e ocupar parte delas.<sup>87</sup>

O ano de 1947 marca decisivamente a divisão dos Aliados quando os EUA suspendem a desmobilização paulatina de suas tropas na Alemanha, aderem ao rearmamento e iniciam uma política de contra ofensiva em relação à URSS. O principal responsável por esta nova política será o Presidente dos EUA, Henry Truman. Através da Doutrina Truman e do Plano Marshall, proposto pelo Ministro do Exterior norte-americano George C. Marshall. Através dele procura-se recuperar economicamente a Europa e, particularmente a Alemanha para, desta forma, impossibilitar a disseminação do comunismo na Europa Ocidental.<sup>88</sup> A ajuda dos norte-americanos não se constituiu somente em créditos a serem concedidos aos países, mas também em mercadorias, matérias-primas e alimentos.<sup>89</sup>

O surgimento de organismos de ajuda humanitária como a CARE, GRALOG, CERA, a obra de Socorro Pró-Vítimas da Guerra, a SEF e, muitas outras que aturam a partir do fim da guerra, devem ser analisadas a partir das políticas de reestruturação sociais e econômicas implementadas pelos Aliados, pois elas forneciam os alimentos, roupas, calçados, etc... que a economia européia arrasada pela guerra não podia produzir. Sua atuação era relevante para amenizar a miséria existente e evitar a disseminação dos ideais socialistas em meio às vítimas da guerra e aos novos governos que se constituíam.<sup>90</sup> A falta de apoio econômico para

---

transplante do conflito entre os modelos de desenvolvimento do socialismo e capitalismo para os países periféricos; reforço dos controles internos de cada campo e montagem de seus respectivos blocos militares; subordinação de todos os conflitos da arena internacional à lógica e à dinâmica da confrontação Leste versus Oeste. FERNANDES, Luís. **URSS. Ascensão e Queda. A economia política das relações da União Soviética com o mundo capitalista.** São Paulo: Editora Anita Garibaldi, 1992, p. 112-113

<sup>87</sup> REMOND, R. *Op. Cit.*, p. 144

<sup>88</sup> *Der Marshallplan.* Disponível em. < <http://www.shoa.com.de/>> Acesso em 20 de Jun. 2003

<sup>88</sup> A Doutrina Truman fundava-se no conceito de que a URSS se movia segundo a lógica expansionista e necessitava ser contida. Os EUA assumiam a responsabilidade de organizar a “contenção” aplicando uma estratégia de sustentação política, econômica e militar dos Estados europeus capitalistas. MAGNOLLI, Demétrio. *As Origens da Guerra Fria.* In: **Segunda Guerra Mundial. Um balanço histórico.** São Paulo: USP, 1985, p. 423

<sup>89</sup> De 1948 a 1952 foram injetados em torno de 12,4 bilhões de dólares na Europa. Destes, 1,5 bilhões foram para a Alemanha Ocidental. Muitos setores da economia, principalmente de energia e consumo de carvão, tiveram importantes impulsos com o financiamento norte-americano. Idem.

<sup>90</sup> A crise da sociedade européia e a miséria do pós-guerra poderiam conduzir a levantes operários como os ocorridos no frio inverno de 1946 e 1947 na Alemanha, quando os proletários realizaram greves por causa das más condições de vida e a fome; a ração alimentar na zona americana havia caído para 800 calorias e, no Ruhr, para 750. Em torno de 550.000 mil operários participaram das manifestações. BROUÉ, Pierre. *O fim da Segunda Guerra e a contenção da revolução.* In: **Segunda Guerra Mundial. Um balanço histórico.** São Paulo: USP, 1985, p. 405

reestruturar a França arrasada pela guerra já havia levado seu primeiro-ministro socialista a advertir que, sem ele, era provável que se inclinasse para os comunistas.<sup>91</sup>

A possibilidade de ajuda econômica e material dos EUA para a Europa só foi possível porque, segundo Eric Hobsbawm, as duas grandes guerras foram visivelmente boas para a economia norte-americana.<sup>92</sup> Hobsbawm considera que a Segunda Guerra Mundial trouxe a solução para os enormes problemas sociais e econômicos do capitalismo. A economia do mundo ocidental e, em especial da Europa Ocidental arrasada, entrou, no pós-guerra, na assim chamada Era de Ouro; a democracia política ocidental, apoiada por uma extraordinária melhora de vida material ficou estável; banuiu-se a guerra para os países periféricos onde até mesmo a Revolução Russa encontrou um solo fértil para frutificar.<sup>93</sup>

Por outro lado, a ampliação dos problemas populacionais provocados pela guerra e o desenvolvimento das relações estatais por meio da criação da ONU<sup>94</sup> implicaram na necessidade de maior cooperação internacional no combate aos problemas mundiais e, em especial, à miséria provocada pela guerra. Desta forma, passaram a ser aceitáveis a articulação dos estados e suas intervenções na área social. Conseqüentemente, o Brasil também seria cooptado pelos EUA a tornar-se seu parceiro na disputa com a URSS.

A atuação de organizações de ajuda humanitária de caráter comercial ou filantrópico e, em especial, a atuação da SEF a partir do Brasil, deve ser vista à luz das políticas de desenvolvimento econômico e social implementadas pelos EUA na Europa e na Alemanha no pós-guerra. É necessário considerar que a atuação da SEF no Brasil em prol dos alemães na Europa não foi autorizada pelo governo brasileiro por simples questões humanitárias. A ação da SEF estava inserida num quadro maior de comprometimento ideológico do Brasil com os

---

<sup>91</sup> HOBBSAWN, Eric. **Era dos extremos. O breve século XX. 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 228

<sup>92</sup> Durante a Segunda Guerra Mundial a economia americana cresceu mais de 10% ao ano. Os EUA se beneficiaram de ambas as guerras porque estavam longe do cenário da luta e se constituíam no principal arsenal disponível para seus aliados. Para a URSS o resultado da guerra foi totalmente negativo. Em 1945 a agricultura do país estava em ruínas, assim como a industrialização planejada dos Planos Quinquenais pré-guerra. Tudo o que restava do país era uma indústria de armamentos que não podia ser adaptada às novas circunstâncias econômicas, assim como um povo morrendo de fome e em declínio, e maciça destruição física. Id. *Ibid.*, p. 55

<sup>93</sup> Id. *Ibid.*, p. 59

<sup>94</sup> Segundo Schmid, a criação da ONU em 1945 e o paulatino aumento de sua atuação à nível mundial não tiveram papel relevante nas políticas alemãs do pós-guerra. O destino da Alemanha seguiu independente dela. A ONU não introduziu a divisão da Alemanha, muito menos impediu-a. Quando os alemães estavam para obter vitória na Rússia, Churchill e Roosevelt haviam se reunido em Neufundland e assinado, em 14 de agosto de 1941 a Carta Atlântica: nela se decidiu formar a ONU, que somente seriam feitas mudanças territoriais que fossem aceitas pelos países atingidos, que todos os povos tinham o direito de se reger a si mesmo e que o fim da tirania do nazismo teria de garantir ao mundo e aos povos a esperança de Liberdade. SCHMID, C., *Op. Cit.*, p. 10

EUA. A cooperação brasileira na recuperação econômica, política e social da Europa, um dos cenários de disputa ideológica com a URSS, era muito importante.

Entretanto, não houve, desde o princípio, um trabalho coeso e articulado entre a SEF, o governo brasileiro e os governos de ocupação na Alemanha. Houve muitas dificuldades para que as remessas brasileiras enviadas via Cruz Vermelha Brasileira e SEF chegassem ao seu destino, pois o clima de revanchismo em relação à Alemanha no pós-guerra ainda marcava profundamente o contexto internacional e nacional. Além disso, as lideranças da SEF e seus doadores sempre desconfiaram das autoridades governamentais dos governos de ocupação, principalmente as inglesas, e temiam o confisco das doações remetidas à Alemanha para fins políticos.<sup>95</sup> Neste sentido, sempre que possível, a SEF atuou em parceria com outras organizações de ajuda humanitária internacionais a fim de driblar e superar as dificuldades que surgiam para fazer as remessas para a Alemanha.<sup>96</sup>

Quando a ajuda privada ainda não estava regulamentada, e a SEF somente se ocupava com a ajuda coletiva, vários pedidos de brasileiros a agências norte-americanas para envio de pacotes às vítimas na Alemanha foram realizados e atendidos. Até agosto de 1946 havia somente duas possibilidades para enviar ajuda privada à Europa: uma pelos EUA, através da CARE e, em São Paulo e no Rio de Janeiro, por meio de empresas comerciais ou da representação da *Cristliche Nothilfe*, organização humanitária suíça dirigida por Pe. Bernhard Hagedorn no Rio de Janeiro ou Pe. Roberto Bramisepe em Brusque/SC.<sup>97</sup>

Enquanto a SEF enviava grandes remessas para a coletividade, nos EUA, as pessoas se recusavam a fazer estas remessas, pois somente queriam enviar ajuda privada a seus amigos e parentes.<sup>98</sup> O contexto interno norte-americano, marcado pelo início da Guerra Fria e as dissidências internas do país, levaram os organismos de ajuda humanitária norte-americanos a enfrentarem dificuldades para articular a sociedade norte-americana em prol da Europa.<sup>99</sup>

<sup>95</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. August Adelpkamp*, 28/08/46

<sup>96</sup> Em 1946 a CERA se ofereceu para abrir caminho para que a SEF enviasse arroz para a Alemanha via a Caritas suíça. Segundo a carta, o responsável pela direção do organismo faria *as devidas aplicações a fim de que nós consigamos enviar o arroz para a Suíça. Na remessa não deve constar que a mesma será destinada para a Alemanha. Isso somente acontecerá a partir da Suíça.* Acervo Benno Mentz, *Carta da CERA para Pe. Balduino Rambo*, 21/08/1946

<sup>97</sup> A CARE disponibilizava aos doadores pacotes *standart* a Cr\$ 285,00, que não continham Cr\$ 75,00 em mercadorias, e eram consideradas por Pe. Balduino Rambo um roubo. Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Armin R. Mater/Piratuba/SC*, 20/08/1946

<sup>98</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta do Dr. Odo von Württemberg, Central European Rehabilitation Association, INC, New York/Brooklyn para Pe. Balduino Rambo*, 16/11/1946

<sup>99</sup> Em carta de Dr. Odo von Württemberg para Balduino Rambo, o primeiro relata as dificuldades existentes nos EUA para fazer remessas para Europa: *Aqui não há nada além de dificuldades. O motivo é que na América nós temos um povo que é, em primeiro lugar, constituído por hipocrisia e, em segundo lugar, vive da raiva de judeus e comunistas. Isso faz todo o trabalho horripelmente pesado.* Acervo Benno Mentz, *Carta do Dr. Odo*

Os desentendimentos entre os EUA e URSS e seus respectivos modelos de desenvolvimento se fizeram mais evidentes no conflito em torno da implementação de seus programas políticos, sociais e econômicos nas respectivas zonas de ocupação. Enquanto que, a partir de 17 e 18/03/1948, os russos, juntamente com as lideranças de sua zona de ocupação, iniciavam as negociações para a formação de um Parlamento Popular e a confecção de uma constituição para a futura República Democrática Alemã, os norte-americanos, franceses e ingleses realizavam tratativas em torno da união de suas zonas de ocupação em um único Estado, a futura República Federal Alemã.<sup>100</sup>

Os ocidentais ainda decidiam a localização da sua capital quando o Parlamento Popular decidiu que Berlim permaneceria a sede administrativa para toda a Alemanha.<sup>101</sup> Esta decisão levou ao acirramento do conflito entre os EUA e a URSS, pois a administração militar soviética impôs uma série de restrições para o deslocamento de pessoas e mercadorias em sua zona de ocupação e na parte que lhe cabia da cidade de Berlim. A capital alemã, Berlim, que se encontrava dividida no pós-guerra, foi o foco mais polêmico do conflito e redundou na divisão definitiva da Alemanha.

A Cruz Vermelha Internacional e sua sucursal brasileira já haviam tido dificuldades em fazer entregas de doações na zona de ocupação russa antes desta decisão. Entretanto, a SEF conseguia distribuir ali suas mercadorias desde o final de 1946.<sup>102</sup> As dificuldades de fazer com que a ajuda humanitária cruzasse as fronteiras dos governos de ocupação fez com que as lideranças da SEF usassem de muita diplomacia a fim de conseguir fazer com que os destinatários recebessem as doações.<sup>103</sup> Para que as remessas da SEF fossem distribuídas na zona russa houve a interferência da diplomacia do Vaticano junto às autoridades russas.<sup>104</sup>

---

*von Württemberg, Central European Rehabilitation Association, INC, New York/Brooklyn a Pe. Balduino Rambo, 28/12/1946*

<sup>100</sup> A Conferência de Frankfurt, realizada em 07 e 08/1948, decidiu a união administrativa das zonas americanas e inglesas, a formação de câmaras territoriais (assembléias), um tribunal de justiça e um banco central. A reação russa foi a formação de uma Comissão Econômica para administrar a zona russa. Conseqüentemente, a partir de 20/02/48, a união econômica da Alemanha estava definitivamente descartada. MANNES, Stefan. *Mauerbau und Berlinfrage. Berlin im Zentrum des Ost-West Konfliktes*. Disponível em. < <http://www.shoa.com.de/>> Acesso em 20 Jun. 2003

<sup>101</sup> SCHMID, C., *Op. Cit.*, p. 17

<sup>102</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Ilka Kliemann/Sta Cruz/RS, 07/04/1947*

<sup>103</sup> Segundo Pe. Rambo, a dificuldade com as fronteiras entre as zonas de ocupação fazia com que alguns pacotes para a zona russa chegassem rápido e, outros, chegassem a demorar meio ano para atingir seu destinatário. Neste sentido, era melhor não criar dificuldades com as autoridades governamentais dos governos de ocupação e usar de diplomacia para resolver os impecilhos que havia: *Nas mãos dos vencedores está o poder, quem contraria o vencedor, contraria sem reflexão*. Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Barbara Grothe Casa de sementes/Indaial/SC, 17/06/1948*

<sup>104</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Leopoldo Arntzen, 25/07/1946*

Durante o período em que a SEF remetia mantimentos para as regiões ocupadas pelos russos, as agências norte-americanas não atuavam nestas áreas.

O contexto de rivalidades entre os EUA e a URSS influenciou o destino das remessas efetuadas pela SEF. A Áustria ocupada pelos russos, para onde foi enviada parte da ajuda humanitária da SEF, pois seus cidadãos também eram tidos como alemães pelas lideranças da organização, era considerada um local seguro para fazer as remessas. Já a Hungria foi considerada insegura, pois havia o perigo de confisco dos pacotes e de que recebessem o carimbo de “companheiro” dos comunistas, numa clara alusão de que os donativos seriam usados para fins políticos e de que só as pessoas comprometidas com a nova configuração política do país é que receberiam e desfrutariam de ajuda do exterior.<sup>105</sup> Os pacotes da SEF enfrentavam dificuldades de taxaço das autoridades russas caso houvesse tabaco e produtos de luxo em meio aos pacotes de ajuda.<sup>106</sup>

A implantação de uma reforma monetária por parte dos ocidentais nas áreas sob sua jurisdição fez com que o comando militar soviético, em 16/06/48, declarasse que Berlim Ocidental fazia parte da economia da zona militar russa e de que a introdução de uma nova moeda não seria tolerada.<sup>107</sup> Como forma de pressão o trânsito de pessoas e mercadorias, assim como as ligações rodoviárias foram impedidas. Berlim representava a miniatura de uma Alemanha dividida e, a partir de 26/06/1948, havia duas moedas circulando na cidade.<sup>108</sup>

Em 24/06/1948 ocorreu o total bloqueio do trânsito entre as duas áreas de ocupação. O comando militar russo anunciou que o Comando Aliado para a administração da cidade deixara de existir. Os norte-americanos anunciaram que Berlim Ocidental somente seria desocupada por meio da força e o Presidente Truman ordenou a realização de uma ponte aérea utilizando os aviões B-29 para abastecer a zona ocidental berlinense de mantimentos e sua população de dois milhões de pessoas. Somente 100 mil berlinenses aceitaram a proposta soviética de adquirir cartões de abastecimento de alimentos e carvão na zona oriental.<sup>109</sup>

Em novembro de 1948 a divisão de Berlim já estava definitivamente decidida. Enquanto que os Aliados ocidentais preservaram a unidade das quatro zonas de ocupação, os soviéticos procuravam expulsá-los de Berlim. Esta atitude da URSS fez com que a simpatia dos alemães ocidentais e dos berlinenses ocidentais pelos norte-americanos aumentasse. Os EUA foram

---

<sup>105</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Fritz Freitag Livoniu & Cia Seguros Blumenau/SC*, 14/12/46

<sup>106</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Marcos Fendel/Rio Negro/PR*, 20/02/1947

<sup>107</sup> SCHMID, C., *Op. Cit.*, p. 17.

<sup>108</sup> *Idem.*

vistos, a partir daí, como uma força protetora contra o expansionismo russo e, as organizações de ajuda humanitária ocidentais, entre elas a SEF, desempenharam um importante papel na manutenção da população de Berlim Ocidental. Somente em 04/05/1949, em Nova York, os soviéticos se dispuseram a acabar com o bloqueio.<sup>110</sup>

Contudo, os EUA tiveram dificuldades de impor aos Estados Europeus o seu ideal de um plano europeu único, de preferência conduzindo a uma única Europa modelada com base nos EUA, tanto em sua estrutura política como sua economia de livre empresa. A França e Inglaterra ainda se viam como potências mundiais, apesar de seu evidente declínio, e os franceses queriam uma França forte e uma Alemanha dividida e fraca. Sendo assim, procuravam entrelaçar seus interesses econômicos com a Alemanha Ocidental a fim de que um futuro conflito entre estes antigos adversários fosse impossível.<sup>111</sup>

Para os americanos uma Europa efetivamente restaurada somente ocorreu com a formação da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), em 1949, que era um complemento lógico do Plano Marshall e tinha de basear-se na força econômica alemã reforçada pelo rearmamento do país.<sup>112</sup> Em represália, os soviéticos uniram os países sob sua influência política e econômica em torno do Pacto de Varsóvia que unia as forças militares da Europa Oriental (socialista) acirrando, desta forma, a disputa entre estes dois modelos de desenvolvimento. O encerramento das atividades da SEF deu-se justamente neste período mais conturbado das relações diplomáticas entre os EUA e a URSS.

O mundo que emergiu do pós-guerra reconfigurou não somente o mapa geopolítico e econômico da Europa, como também mostrou suas influências em outras regiões do mundo, em especial, na América Latina. A decisão do Brasil em colocar-se ao lado dos EUA fez com que o país rompesse relações com a URSS em 1947. A Guerra Fria não foi causada somente pelo medo mútuo entre os EUA e URSS, mas também pela tentativa dos norte-americanos em obter a supremacia completa sobre o novo mundo que emergia das ruínas da Segunda Guerra Mundial.<sup>113</sup>

O contexto do pós-guerra mostrou que os planos norte-americanos para a Europa e o mundo não poderiam prescindir da colaboração dos países periféricos como o Brasil para superar as ameaças do comunismo. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o Brasil foi

---

<sup>109</sup> Idem.

<sup>110</sup> Idem.

<sup>111</sup> HOBSBAWN, E., *Op. Cit.*, p. 237

<sup>112</sup> Id. *Ibid.*, p. 238

<sup>113</sup> Id. *Ibid.*, p. 230-234

incluído pelos norte-americanos no rol das nações que deviam contribuir para a reconstrução econômica da Europa. A produção européia de alimentos que sofreu um abalo com os anos da guerra provocou uma grave crise de alimentos que foi combatida com a produção dos países latino-americanos que não foram atingidos pelo conflito bélico.<sup>114</sup>

A atuação da SEF a partir do contexto brasileiro na distribuição de alimentos e roupas para as populações famintas desempenhou não só um importante papel na manutenção das condições mínimas de sobrevivência das vítimas da guerra, mas satisfez os anseios do governo norte-americano na reestruturação econômica da Europa e, em especial, da Alemanha. Além disso, satisfez os anseios do governo brasileiro que procurou responder às expectativas norte-americanas de ajuda para a reconstrução.

A pesquisa e análise da ação e articulação do Comitê de Socorro à Europa Faminta, SEF, que ainda não foi estudada pela história, mostra-se relevante para entendermos a colaboração do Brasil na recuperação política, social e econômica da Europa e, em especial da Alemanha no pós-guerra. O enquadramento da SEF dentro de um contexto geopolítico mais amplo é necessário para entendermos como os representantes do grupo étnico de origem alemã no Brasil conseguiram se mobilizar e articular uma ação de ajuda humanitária em prol dos alemães na Europa diante das dificuldades de um contexto internacional e nacional marcado pela rivalidade entre os EUA e a URSS.

---

<sup>114</sup> Em 08/02/1946 o *Correio do Povo* publicava notícia anunciando a crise de grãos de arroz nas áreas afetadas pela guerra. Houve um pedido de aumento de exportação de arroz do Secretário Geral da ONU, Sr. Lie, para todas as nações entre elas, o Brasil. *Auxílio às populações famintas*. In: **Correio do Povo**. Porto Alegre, Sexta Feira, 08/02/1946, p. 01

## **2. COMITÊ DE SOCORRO À EUROPA FAMINTA – SEF - E AS ELITES DO GRUPO ÉTNICO ALEMÃO**

Este capítulo analisa o surgimento da organização de ajuda humanitária denominada de *Comitê de Socorro à Europa Faminta, SEF*, criada por indivíduos pertencentes a grupos econômicos e intelectuais bastante representativos da comunidade étnica alemã do Brasil. Queremos mostrar que as lideranças da SEF enquadram-se num grupo social bastante diferenciado e distinto que denominamos de elites do grupo étnico alemão, o qual se articula por meio de diferentes estratégias de ação e representação a fim de alcançar seus objetivos sociais, políticos e econômicos.

Este grupo configurou-se desde os primórdios da imigração alemã no Brasil e, ao contrário do que acreditamos, não se caracteriza pela homogeneidade, mas pela heterogeneidade, pelas divisões e dissidências internas marcadas por anseios e interesses distintos. Após uma pequena análise da configuração das elites do grupo étnico alemão no contexto brasileiro, marcado pelas disputas com as elites brasileiras, o capítulo pretende destacar as personalidades que participaram da articulação da SEF e o papel que desempenhavam na comunidade étnica alemã no Brasil, assim como a postura das instituições eclesiais frente a ação da SEF.

## 2.1 Elites, intelectuais e o grupo étnico alemão

A integração dos imigrantes alemães no Brasil a partir da primeira metade do séc. XIX caracteriza-se por uma série de conflitos sociais, econômicos, políticos e culturais. A idéia de que os grupos imigrados mantiveram-se afastados da vida nacional, por causa de sua localização geográfica no interior do país e de sua resistência à assimilação cultural, não se sustenta. Segundo René Gertz, muitos estudos a respeito da imigração alemã estão alicerçados no pressuposto de um isolamento geográfico e cultural dos imigrantes. Isso leva muitos historiadores a conclusões apressadas sobre:

(...) a falta de integração dos imigrantes, o perigo de dissociação da unidade brasileira, sobre uma racionalidade especificamente alemã determinando o comportamento das populações, sobre a sobrevivência de messianismos e hábitos exóticos e criminosos, como o racismo e anti-semitismo.<sup>115</sup>

Desde o início do processo de ocupação territorial, os imigrantes alemães se mobilizaram para superar as dificuldades impostas pelo não cumprimento das promessas que lhes foram feitas pelas autoridades brasileiras, assim como para adaptar-se ao novo contexto no qual foram inseridos. Esta articulação deve ser interpretada como uma ação política, como uma resposta à variedade e à complexidade das dificuldades apresentadas pelo contexto brasileiro. Ela indica a existência de indivíduos dispostos a defender os interesses do grupo étnico alemão, seus descendentes e a sociedade brasileira, ou a defender os seus interesses classistas individuais e a marcar presença no debate político local, provincial e nacional.<sup>116</sup>

De acordo com Marcos Tramontini, a teoria do “isolamento”, que sugere a formação de um grupo organizado a revelia da sociedade brasileira e de sua estrutura jurídica, administrativa, econômica, cultural e social deve ser reconsiderada.<sup>117</sup> Isso não significa que os imigrantes não estivessem isolados geograficamente dos núcleos coloniais luso-brasileiros e criado uma comunidade e identidade étnica específicas. A comunidade de imigrantes alemães e sua construção identitária são resultado das lutas políticas empreendidas com o intuito de fazer valer seus direitos. Elas ocorrem a partir do contato, do confronto entre os interesses de grupos sociais, econômicos, políticos e culturais distintos, pois *as sociedades*

<sup>115</sup> GERTZ, René E., *Os quistos étnicos*. In: **Estudos Leopoldenses. Série História**. São Leopoldo: Unisinos, Vol. 2, N.º 1, 1988, p.10

<sup>116</sup> TRAMONTINI, Marcos Justo. *Etnicidade e Política*. In: **Anais do XX Simpósio da Associação nacional de História: História: Fronteiras**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: ANPUH, 1999, p. 02

<sup>117</sup> Id. *Ibid.*, p. 03

*humanas caracterizam-se por serem sistemas abertos e sem fronteiras, isto é, possuem dinâmicas próprias que estão em permanente inter-relação com outras.*<sup>118</sup>

Os grupos étnicos como a comunidade étnica alemã no Brasil contam, cada qual, com seus próprios valores e buscam, no contato com o outro, elementos culturais que lhes permitam reestruturar a visão sobre sua própria realidade e cultura.<sup>119</sup> No que diz respeito à formação do grupo étnico, Fréderik Barth sugere que as unidades étnicas surgem a partir da manutenção de uma fronteira. Esta implica na existência de situações de contato social entre sujeitos de culturas distintas que se percebem como diferentes, ou seja, *os grupos étnicos só se mantêm como unidades significativas se acarretam diferenças marcantes no comportamento, ou seja, diferenças culturais persistentes.*<sup>120</sup>

Barth considera que o contato de grupos étnicos e culturais distintos não implica necessariamente numa redução das diferenças culturais, pois estes não dependem só da existência de critérios e sinais de identificação, mas também de uma *estruturação das interações que permita a persistência das diferenças culturais.*<sup>121</sup> A formação de uma comunidade e identidade étnicas alemãs no Brasil tem sentido a partir do contato dos imigrantes e seus descendentes com a comunidade luso-brasileira, com o Estado Brasileiro estruturalmente organizado e, o que é muito importante, a partir da organização e ação de grupos articulados que mobilizam a comunidade imigrantista em suas relações sociais internas e externas. A ação e articulação da SEF no cenário brasileiro do pós-guerra também ocorre a partir da interação de indivíduos pertencentes à etnia alemã com a sociedade luso-brasileira e seus representantes legais.

Entretanto, não é possível, segundo Gertz, tentar explicar os objetos históricos relativos à imigração alemã no Brasil somente a partir de uma contraposição entre os interesses da população de origem alemã e a população de outra origem étnica como os lusos.<sup>122</sup> A variável étnica é apenas um dos elementos subjacentes aos estudos a respeito da imigração alemã no Brasil. As diferenças internas do grupo étnico alemão também devem ser estudadas, pois implicam no confronto de interesses de classe distintos que articulam diferentes formas de comportamento frente aos desafios que se colocam aos imigrantes.

<sup>118</sup> NETO, Edgar Ferreira. *História e Etnia*, In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Orgs). **Domínios da História. Ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 323

<sup>119</sup> Idem

<sup>120</sup> BARTH, Frederik. *Os grupos étnicos e suas fronteiras*. In: **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Contra Capa, p. 14

<sup>121</sup> Id. *Ibid.*, p.15

<sup>122</sup> GERTZ, R., *Op. Cit.*, p.11

Se, no princípio, a comunidade dos imigrantes não refletia diferenças sociais significativas, não erigiu uma “fala”, um discurso ou imagem de si própria, ou atribuiu legitimidade aos seus “representantes” para fazê-lo, com o decorrer do tempo e, a partir de um processo de diferenciação social provocado pelo desenvolvimento econômico das colônias, ela não pôde prescindir de elementos mais destacados que pudessem organizá-la internamente e interagir com as autoridades públicas a fim de fazer valer os seus direitos e suas reivindicações.<sup>123</sup> Um dos grupos mais articulados para realizar tal tarefa seria a dos intelectuais.

Segundo Oscar Fernandez, diante de determinadas circunstâncias históricas específicas, os intelectuais, enquanto atores sociais, passam a projetar “futuros”, oferecer interpretações e reformular idéias e valores fundamentais para sua comunidade de origem. Sua figura não se destaca em função de alguma virtude mágica, de algum poder transcendente, mas pela mera capacidade de articulação, de formular e informar.<sup>124</sup> O intelectual é alguém que, *por via da manipulação conceitual procura encaixar a sua sociedade num projeto qualquer (radical ou conservador, leigo e temporal, ou reflexo de uma concepção de ordem supra natural)*.<sup>125</sup>

Neste sentido, a estruturação eclesial ocorrida em meio aos imigrantes alemães a partir da segunda metade do século XIX foi uma variável importante para a introdução de elementos intelectualmente distintos e atuantes nas colônias. Sacerdotes com formação teológica oriundos da Alemanha e Suíça, tanto católicos quanto protestantes, atuaram no seio das colônias alemãs rurais e urbanas reorganizando sua vida social, religiosa e educacional. Os padres jesuítas, que retornaram ao sul do Brasil a partir de 1849, e os pastores protestantes, que foram enviados pelas organizações eclesiais evangélicas da Alemanha a partir de 1861, apropriaram-se das escolas e dos púlpitos para introduzir novas práticas discursivas que procuraram mudar o comportamento religioso e social dos imigrantes. Os sacerdotes queriam normatizar as condutas individuais, familiares e comunitárias que acreditavam ser inadequadas aos imigrantes alemães.

De acordo com João Biehl, a atuação pastoral dos sacerdotes e de “sujeitos esclarecidos” (*aufgeklärt*) recém chegados permitiu dar forma a um germanismo local,

---

<sup>123</sup> Segundo Antônio Gramsci: *Cada grupo social nascendo no terreno originário, de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, de um modo orgânico, uma ou mais camadas intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político.* GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura.** São Paulo: Círculo do Livro, 1981, p. 03

<sup>124</sup> FERNANDEZ, Oscar. S. Lorenzo. *O papel do intelectual no Brasil. Uma perspectiva recente.* In: KOHUT, Karl (Ed) **Palavra e Poder. Os intelectuais na sociedade brasileira.** Frankfurt: Verwert Verlag, 1991, p.30

(*hiesiges Deutschtum*), a partir de 1860.<sup>126</sup> Este se confrontou com a cultura colona autóctone vivida no sul do Brasil.<sup>127</sup> Houve, segundo Biehl, um confronto entre uma “cultura colona” e uma “cultura letrada”, esta última importada, oriunda do universo exterior dos imigrantes e muito mais adequada às novas necessidades dos grupos locais economicamente ascendentes das colônias. Estes queriam administrar a vida das colônias e ascender ao poder legislativo das províncias. Apropriando-se e instrumentalizando o conceito de cultura, *Kultur*, os intelectuais articularam seu discurso que ia ao encontro dos anseios de uma “burguesia emergente” nos núcleos coloniais e era, então, disseminado pelos administradores, negociantes, intelectuais maçons e missionários.<sup>128</sup>

Estes intelectuais preocuparam-se com a constituição de uma identidade étnica própria para os alemães e seus descendentes no Brasil. Uma identidade nem alemã e nem brasileira, mas assim chamada teuto-brasileira. Esta identidade não foi moldada de forma homogêna, pois os discursos que problematizavam a questão e que incitavam o grupo étnico alemão eram constantemente reelaborados.<sup>129</sup> Estes intelectuais elaboravam e reproduziam proposições claras a respeito da comunidade imigrante e de sua inserção à nível local e nacional. Eles ocupavam espaços sociais e profissionais que permitiam a divulgação de seus discursos. Eram jornalistas, clérigos, políticos, professores, lideranças comunitárias, etc. Divulgavam suas idéias pela imprensa local em Língua Alemã e instituições como as igrejas luterana e católica

---

<sup>125</sup> Idem.

<sup>126</sup> Da mesma idéia partilha Dickie que afirma que, a partir de 1850, os colonos da região sul do país foram alvo de três retóricas distintas, seqüenciais e simultâneas que se expressaram e passaram a ser importantes elementos na constituição do *ethos* dos imigrantes alemães. Três projetos culturais procuraram mudar a visão de mundo dos colonos. Os três autores destes projetos foram: os padres jesuítas vindos da Alemanha em 1849, os intelectuais *Brummer*, que chegaram em São Leopoldo a partir de 1852, e os pastores luteranos a partir de 1864. Todos os três projetos deram ênfase a um sentido de futuro que era novo para os colonos e, ao mesmo tempo, disseram algo a respeito da etnicidade e da liberdade. Os discursos disponíveis dos jesuítas eram dirigidos aos colonos. Os discursos dos *Brummer* eram produzidos por uma intelligentsia e disseminados por meio da imprensa e de políticos pertencentes ao grupo étnico alemão. O discurso dos pastores luteranos não era dirigido aos colonos, mas um discurso “interno” dirigido a outras instâncias administrativas e missões na Alemanha. Estas retóricas se fizeram presentes num contexto de franca diferenciação social dentro das colônias, no qual emergia uma elite econômica constituída por vendedores regionais que dominavam o escoamento da produção das colônias. Além disso, estas elites coloniais passaram a ocupar, paulatinamente, cargos públicos junto à administração das colônias e do governo provincial. DICKIE, Maria Amélia Schmidt. **Afetos e circunstâncias. Um estudo dos Mucker e seu tempo.** São Paulo: USP, 1996. Tese de Doutorado, p. 245-248

<sup>127</sup> BIEHL, João. *Cultura e poder no tempo dos Mucker*. In: DONATO, Hernâni; KUTSCHAT, Renata S. G; TIEMANN, Joachim. (Orgs.) **Institut Martius Staden. Jahrbuch 2001-2002.** São Paulo: Nova Bandeira, 2002, p. 165

<sup>128</sup> Entretanto, segundo Biehl, os colonos não aceitaram prontamente as novas regulações individuais e sociais articuladas por meio dos ensinamentos, burocracias e investimentos de missionários e maçons. Os colonos resistiram às novas idéias porque estas, muitas vezes, desarticulavam seu universo de representação simbólica que estava alicerçado num “jeito colono de ser”. As novas idéias somente poderiam legitimar-se a partir do extermínio de um mundo colono primitivo, muito religioso, um mundo considerado obscurantista. Os colonos se articulavam em torno de identificações domésticas, sistemas de honra e meios de troca que, a partir de então, estavam constantemente ameaçados. Id. *Ibid.*, p 170 -174

(especialmente através da ação dos padres jesuítas alemães) ou por associações recreativas, culturais, filantrópicas, educacionais, etc.<sup>130</sup>

Indivíduos intelectualmente distintos penetraram nas regiões coloniais e nos núcleos urbanos imigrantistas formando, desta forma, o que poderíamos denominar de uma “elite intelectual”. Esta, aliada a uma elite econômica, fruto do progresso material das colônias, iniciou um processo de articulação política, social, econômica e cultural que procurou defender os interesses do grupo étnico alemão frente à sociedade colonial brasileira. Esta “elite” do grupo étnico alemão confrontará, a partir daí, a comunidade étnica alemã e suas reivindicações com o projeto político e social das elites brasileiras do Império e da República.

No que diz respeito ao conceito de elite, é necessário esclarecer que, segundo Flávio Heinz, trata-se de um conceito pouco claro que é seguidamente criticado pela sua imprecisão. O conceito de elite diz, na maioria das vezes, respeito à percepção social que têm os diferentes atores sociais acerca das condições desiguais dadas aos indivíduos no desempenho de seu papel social e político.<sup>131</sup> Existe uma pluralidade de elites, ou seja, elas não são exclusivamente econômicas e políticas, pois os atores sociais atuam em diversos campos da sociedade nas quais características como *riqueza, busca de influência, prestígio, história familiar e cultura não podem ser redutíveis a uma ou outra destas dimensões*.<sup>132</sup>

A configuração plural das elites implica em admitir a existência de diversos grupos sociais agindo dentro da sociedade e que não concentram, necessariamente, grandes recursos econômicos. Estes grupos se compõem de indivíduos que se destacam e ocupam posições chave dentro de uma sociedade. Estes não só exercem poderes de influência sobre uma comunidade, mas têm acesso a uma série de privilégios inacessíveis aos demais membros. Existe, segundo Heinz, uma relação intrínseca entre as elites e os grupos profissionais. Estes se articulam em torno de estratégias coletivas de representação e reivindicação social.<sup>133</sup> Profissionais liberais ligados à medicina, direito, educação, jornalismo, teologia, exército, etc. fazem parte das elites na medida em que, usando estratégias eminentemente escolares de ascensão ou de conservação social, estão associados à busca de prestígio e,

---

<sup>129</sup> GANS, Magda Rosvita. **Presença teuto-brasileira em Porto Alegre no séc. XIX (1850-1889)**. Porto Alegre: UFRGS, 2004, p.112

<sup>130</sup> Idem.

<sup>131</sup> HEINZ, Flávio. *Considerações acerca de uma história das elites*. In: **Logos. Revista de Divulgação Científica**. Canoas: ULBRA, Ano 11, Nº 1, 1999, p.42

<sup>132</sup> Idem.

<sup>133</sup> Id. Ibid., p.46

conseqüentemente, confirmam sua condição de elite.<sup>134</sup> Neste sentido, segundo o mesmo autor:

*(...) me parece que nós podemos definir previamente que as “elites” constituem, acima de tudo, uma ampla área de estudos de diferentes grupos e de espaços de poder e que dificilmente seria possível falar da elite no singular, sobretudo porque a análise política e segmentação dos grupos rompem com a idéia de uma dominação geral e homogênea, logo com a idéia de uma elite, tal como, por exemplo, uma burguesia ou uma classe dominante, e aponta, isso sim, para uma estrutura de campos e subcampos - o espaço intelectual, a Universidade, o Estado, o campo político, os diferentes espaços profissionais, etc, - onde diferentes grupos sociais se articulam segundo os interesses objetivos em jogo. Nesta perspectiva, a multiplicidade de elites corresponderia objetivamente à fragmentação dos espaços de poder em uma sociedade.<sup>135</sup>*

As elites do grupo étnico alemão, entre as quais podemos inserir os intelectuais, contribuíram na construção de uma sociedade rural e urbana de crescente importância política, econômica, social e cultural nas áreas coloniais do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Esta sociedade encontrava-se constantemente ameaçada visto que, as elites do grupo étnico alemão tiveram de empreender, em diferentes campos de atuação, lutas sociais que possibilitassem a participação dos descendentes de imigrantes alemães nos debates acerca do projeto político e social nacional.<sup>136</sup> No princípio, seus representantes tiveram de confrontar-se com as elites brasileiras que, do interior, exerciam seu papel dominante na sociedade brasileira. As elites do Segundo Império e da República Velha caracterizavam-se por serem eminentemente rurais, ou seja, exerciam seu poder a partir do engenho ou da fazenda.<sup>137</sup>

A colonização e imigração alemã, como parte do projeto político, social, econômico e cultural das elites brasileiras, estavam ligadas aos interesses dos grandes latifundiários do Império. Este projeto passou por profundas transformações a partir da implementação da

<sup>134</sup> Id. Ibid., p.47

<sup>135</sup> Id. Ibid., p.50

<sup>136</sup> Os imigrantes alemães criaram a partir da segunda metade do século XIX uma elite econômica e intelectual que reivindicava uma maior participação na vida política do país. Indivíduos como Karl von Koseritz, imigrante alemão, jornalista e Brummer, estimularam a germanidade dos imigrantes e procuraram conscientizá-los da importância de sua participação política. Koseritz pregava a independência dos alemães imigrados de qualquer subordinação política ao país de origem. Defendia a naturalização dos imigrantes alemães, sua participação ativa na administração e na vida política do Brasil. Em torno de Koseritz congregaram-se os intelectuais Brummer que constituíram os primeiros conselheiros municipais de São Leopoldo. SZILVASSY, Arpad. *Participação dos alemães e seus descendentes na vida política brasileira*. In: **Colóquio de Estudos alemão-Brasileiros**. Porto Alegre: UFRGS, 1963, p. 248-250

<sup>137</sup> Mudanças significativas dar-se-ão após a crise de 1929 e a Revolução de 1930 no Brasil. A profissionalização das ciências sociais, graças ao influxo de professores europeus, aos cursos de pós-graduação nos EUA que começam a difundir-se e a causar a substituição dos homens de idéias gerais antes predominantes pelos especialistas nos campos de sociologia, economia e ciência política. Estes passam a contribuir para moldar um novo projeto político-social para o país. Intelectuais oriundos da classe média e de subsetores urbanos desta passam a fazer parte do cenário de disputas de poder. Os descendentes de fazendeiros, comerciantes e proprietários relativamente abastados começam a desaparecer. FERNANDEZ, O., *Op. Cit.*, p. 36

República.<sup>138</sup> De acordo com Seyferth, até a década de 40 do século XX, quatro questões mobilizaram as elites do grupo étnico alemão e as elites brasileiras num intenso confronto de idéias que procurou legitimar e resguardar os interesses de cada grupo. Estas questões configuraram-se em torno do debate sobre a identidade nacional brasileira e a questão migratória.<sup>139</sup>

Os debates em torno da identidade e da questão migratória suscitados em meio ao contexto da sociedade brasileira não devem ser compreendidos somente a partir das diferenças culturais existentes entre os descendentes de alemães e os luso-brasileiros.<sup>140</sup> A distribuição desigual de poder, prestígio e riqueza dentro das sociedades poliétnicas também fazem com que as populações se mobilizem a fim de defender o seus interesses e conquistar espaços de atuação política e social. Elas se organizam então, muitas vezes, de forma efetiva com base nos princípios étnicos ao invés das classes sociais.<sup>141</sup>

O papel das lideranças e a criação de uma ideologia seriam, desta forma, muito importantes neste cenário e a etnicidade<sup>142</sup> desempenharia um papel instrumental e

---

<sup>138</sup> Segundo Giralda Seyferth, os nacionalistas brasileiros, que articulavam o campo intelectual e político da República, preocuparam-se em tecer críticas às políticas imperiais de colonização que, ao seu ver, possibilitaram a concentração de uma população européia branca no sul do Brasil que criou desigualdades regionais acentuadas e praticamente insuperáveis para a nação. Contudo, estas mesmas elites republicanas continuaram a gestar uma identidade nacional que excluía parte substancial do que denominavam de “trabalhadores nacionais”, ou seja, a massa de mestiços e negros considerada inferiores. SEYFERTH, Giralda. *Identidade nacional, diferenças regionais, integração étnica e a questão imigratória para o Brasil*. In: ZARUR, George Cerqueira Leite (Org.) **Região e nação na América Latina**. Brasília: Unb, p.87-90

<sup>139</sup> Estas questões seriam: a questão racial; os problemas de naturalização das populações imigrantistas outorgada pela República e pela emancipação política de parte das colônias fundadas durante o Império; a questão étnica vinculada a assimilação e, por fim; as preocupações com as desigualdades regionais provocadas pela imigração. Id. *Ibid.*, p.88

<sup>140</sup> Katheleen Conzen acredita que não é somente a presença de culturas estrangeiras convivendo com populações nativas que provoca um novo modo étnico de categorizar as pessoas, mas também a confronto destas com os dilemas que se colocam em seu cotidiano. Neste caminho também seguem Nathan Glazer e Daniel Moynihan, que desenfazem a variável cultural na formação de grupos étnicos. Ambos acreditam que os grupos étnicos têm sua origem a partir de interesses sociais, políticos e econômicos distintos, ou seja, os grupos étnicos podem ser caracterizados como grupos de interesse. CONZEN, Katheleen Nehls; GERBER, David A.; MORAWSKA, Eva; POZZETA, George E.; VECOLI, Rudolph J. Forum - *The invention of Ethnicity: A perspective from the U.S.A.* In: **Jornal of American History**, Fall 1992. Traduzido por Eunice Nodari.

<sup>141</sup> Idem.

<sup>142</sup> Seguimos os parâmetros de Poutignat e Streiff-Fenart para conceituar identidade étnica. Em suas discussões sobre a etnicidade mantêm o caráter relacional sobre o essencial, ou seja, um caráter mais dinâmico que estático. Para estes autores “a etnicidade não se define como uma qualidade ou propriedade ligada de maneira inerente a um determinado tipo de indivíduo ou grupos, mas como uma forma de organização ou um princípio de divisão do mundo social cuja importância pode variar de acordo com as épocas e situações.” POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Seguindo os grupos étnicos e suas fronteiras*. In: **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Unesp, 1998, p. 124-125 Da mesma forma Friedrich Heckmann, sem negar que os grupos sociais e humanos partilham elementos socio-culturais, históricos, a noção de origem comum, uma identidade coletiva baseada na consciência de si e na atribuição alheia, afirma que o significado dessa identidade para os indivíduos pertencentes ao grupo não é homogênea, mas muda com o decorrer do tempo e as circunstâncias históricas. Pode aumentar ou diminuir de importância e servir de reserva para que o grupo possa alcançar determinados propósitos no campo social ou político. HECKMANN, Friedrich. *Ethos*,

circunstancial bastante significativo.<sup>143</sup> A etnicidade foi um dos elementos presentes na articulação da SEF, pois a ajuda material foi organizada por círculos sociais germânicos e procurou ajudar somente as vítimas alemãs da guerra na Europa. Entretanto, o papel desempenhado pela etnicidade não pode reduzir-se somente a certas circunstâncias históricas específicas, pois os grupos étnicos continuam a comportar-se de acordo com suas convicções étnicas mesmo depois de atingidos os objetivos propostos por suas lideranças com base na variável étnica do grupo. Tal concepção transmite uma idéia de que a etnicidade seria uma construção cultural de determinado grupo intelectual específico da comunidade étnica, ou seja, outros sujeitos históricos parecem não tomar parte nesta construção identitária.

É necessário considerar a etnicidade como um processo de construção ou invenção que, constantemente incorpora, adapta e amplia solidariedades comunitárias, atributos culturais e memórias preexistentes.<sup>144</sup> Ela é fundamentada no contexto da vida real e na experiência social de toda a comunidade, apesar de haver elementos específicos dentro da mesma que são responsáveis pela construção discursiva das convicções étnicas e de sua disseminação junto à comunidade.

Os embates entre as elites do grupo étnico alemão no Brasil e as elites brasileiras dar-se-á mais precisamente no campo político. As últimas décadas do século XIX propiciarão a emancipação político-administrativa de algumas colônias e a formação de municípios autônomos. A partir daí os imigrantes alemães passam à condição de eleitores potenciais, desde que nascidos no Brasil ou naturalizados, e a disputar os cargos políticos abertos nos municípios.<sup>145</sup> Os interesses das forças políticas externas às áreas de colonização, representadas por luso-brasileiros que, muitas vezes, ocuparam cargos públicos nas ex-colônias, e por famílias de prestígio, confrontar-se-ão com as lideranças locais do grupo étnico alemão que possuem relativo poder econômico e prestígio intelectual.<sup>146</sup>

Esta disputa pelo espaço público, político e social das elites emergentes imigrantistas, que coloca em xeque os interesses das elites republicanas, despertará nestas últimas atitudes nativistas que passam a considerar o elemento alemão como um alienígena. As elites brasileiras, alicerçadas nos ideais nacionalistas, passam a considerar os descendentes de

---

*Demos und Nation, oder: Woher stammt die Intoleranz des Nationalstaates gegenüber ethnischen Minderheiten?* In: **Das Eigene und das Fremde: neues Rassismus in der alten Welt?** Hamburg: Junius, 1992, p. 51-78

<sup>143</sup> CONZEN, Katheleen Nehls; GERBER, David A.; MORAWSKA, Eva; POZZETA, George E.; VECOLI, Rudolph J. Forum - *The invention of Ethnicity: A perspective from the U.S.A.* In: **Jornal of American History**, Fall 1992. Traduzido por Eunice Nodari.

<sup>144</sup> Idem.

<sup>145</sup> SEYFERTH, G., *Op. Cit.*, p.93

alemães longe dos ideais de brasilidade e a articular e disseminar um discurso excludente a respeito desta população que era considerada etnicamente inassimilável e um perigo para o país.<sup>147</sup>

A Primeira Guerra Mundial foi muito importante para a etnia alemã, pois arrancou os imigrantes alemães e seus descendentes de seu isolamento geográfico local e os lançou, a nível nacional, em confronto direto com a sociedade brasileira. Se antes de 1914 os imigrantes só haviam participado de forma esporádica e, por vezes, somente com alguns de seus representantes dos grandes acontecimentos nacionais, agora, todo o grupo étnico alemão via-se envolvido pela eclosão da guerra em solo europeu.<sup>148</sup> Este envolvimento não atingiu os alemães e seus descendentes somente por causa do rompimento temporário de seus laços com a Alemanha, mas também pelas medidas restritivas que viriam a ser impostas às populações coloniais nos últimos anos da guerra.<sup>149</sup>

Para o grupo étnico alemão a Primeira Guerra Mundial foi muito importante por causa do acalorado debate na imprensa e nos órgãos legislativos entre os partidários das potências centrais, Alemanha e Áustria-Hungria, e da aliança entre Inglaterra, França e EUA. As disputas mobilizavam simpatias para influenciar a decisão das autoridades governamentais quanto à adesão do Brasil ao conflito. O fato de haver representantes dos imigrantes alemães eleitos nas câmaras municipais, nas assembleias legislativas, estaduais e nacional tornou a situação das autoridades brasileiras difícil.

---

<sup>146</sup> Idem.

<sup>147</sup> Importante representante desta corrente nacionalista brasileira será Sílvio Romero, que desenvolverá um discurso xenófobo a respeito dos imigrantes alemães. Segundo Luiz Felipe Falcão, duas obras escritas no período republicano desempenharam um importante papel para a construção do entendimento acerca dos problemas ligados à inserção das minorias étnicas, em especial a alemã, no Brasil. Uma seria o romance **Cannã**, de autoria de Graça Aranha, e a outra **O Alemanismo no Sul do Brasil**, de Sílvio Romero. A primeira abriu caminho para dar maior visibilidade às tensões e conflitos presentes na sociedade brasileira e no processo de inserção dos imigrantes alemães e seus descendentes. A segunda não só caracterizou a presença dos alemães no país como o “perigo alemão”, mas propôs medidas concretas para extirpá-lo do seio da nação. Além disso, a obra de Romero possibilitou a articulação de elementos simbólicos que seriam extremamente importantes para constituir o imaginário social dos brasileiros a respeito dos alemães e de seu caráter. FALCÃO, Luiz Felipe. **Entre Ontem e Amanhã. Diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no séc. XX**. Itajaí: Editora da Universidade do Vale do Itajaí, 2000, p. 61-65

<sup>148</sup> Desde o início da imigração os alemães tomaram parte na vida nacional. A Revolução Farroupilha, a Guerra do Paraguai, a Revolta dos Mucker, a Revolução Federalista e a Revolta do Contestado são somente alguns exemplos de conflitos sociais e políticos nos quais houve a presença de representantes da etnia alemã.

<sup>149</sup> A eclosão da Primeira Guerra Mundial não determinou, no início, medidas restritivas aos alemães no Brasil. O Brasil levou muito tempo para aderir aos Aliados. O rompimento das relações diplomáticas entre os dois países somente ocorreu em 11 de Abril de 1917 e, a declaração de guerra, em 26 de outubro de 1917, ou seja, praticamente no fim do conflito. FALCÃO, L.F., *Op. Cit.*, p. 92 e 94

A existência de cidadãos de origem étnica alemã no território atuando politicamente no cenário nacional tornava o momento bastante delicado.<sup>150</sup> Num conflito de proporções mais amplas, suas repercussões a nível político seriam, em meio às colônias, muito ruins para as autoridades municipais, estaduais e nacionais. Os imigrantes, como um “curral eleitoral” em potencial, direcionariam seus votos para as correntes oposicionistas do governo.<sup>151</sup>

Muitas lideranças políticas de descendência alemã foram acusadas de serem adeptas do germanismo e de serem simpáticas à Alemanha. Políticos catarinenses como Lauro Müller, descendente de alemães, ex-governador do estado que assumiu o posto de Ministro das Relações Exteriores depois da morte do Barão do Rio Branco e Marcos Konder, prefeito de Itajaí e, posteriormente, deputado estadual, tiveram de se defender de várias acusações de germanismo por parte dos opositores.<sup>152</sup> Santa Catarina foi o estado que mais sofreu com as sanções por parte do governo e da opinião pública brasileira. Era a região onde os imigrantes alemães estavam proporcionalmente melhor representados. O estado havia se projetado muito em termos de participação política a nível nacional, seu desenvolvimento econômico era muito representativo e suas relações econômicas com a Alemanha muito intensas.<sup>153</sup>

O rompimento das relações diplomáticas e a declaração de guerra levaram o governo de Vencesláu Brás a declarar medidas restritivas à população alemã das colônias; entretanto, segundo Pe. Balduino Rambo, a Primeira Guerra Mundial ficou isenta de uma política de nacionalização mais efetiva.<sup>154</sup> A onda de patriotismo das elites brasileiras arrefeceu-se com o fim da guerra e somente voltaria a manifestar-se com a volta da Alemanha ao cenário mundial como potência européia a partir da década de 30.

A subida de Hitler ao poder, a instalação do Terceiro Reich e a disseminação das idéias Nacional-Socialistas nas colônias alemãs fez com que o debate em torno da integração das minorias étnicas viesse novamente à tona com mais intensidade. Que havia elementos alemães e seus descendentes, tanto nas elites urbanas e rurais no Brasil que aderiram ao projeto de Hitler e procuraram ajudar em sua implementação, não resta dúvida. Entretanto, por outro lado, também houve aqueles que cedo desconfiaram das intenções do Führer e criticaram as

---

<sup>150</sup> Id. *Ibid.*, p.79

<sup>151</sup> Importante salientar que os imigrantes alemães nunca formaram um partido que defendesse seus interesses específicos, mas seus representantes aderiram às organizações partidárias brasileiras existentes. Isso deve-se ao fato de acreditarem que tal medida pudesse ser interpretada como uma atitude de auto-exclusão da sociedade brasileira.

<sup>152</sup> FALCÃO, L.F., *Op. Cit.*, p.77

<sup>153</sup> Id. *Ibid.*, p.79

<sup>154</sup> RAMBO, Balduino. *A Nacionalização*. In: **Pesquisas. Série História**. São Leopoldo: Unisinos, 1989, p. 82

adesões que ocorriam.<sup>155</sup> Também a SEF sofreu, no pós-guerra, acusações de ter um caráter nazista, o que prejudicou seu desempenho junto aos segmentos sociais da comunidade étnica alemã.

As dissidências internas dos representantes do grupo étnico alemão, marcadas por interesses distintos, e dos habitantes das colônias no que diz respeito à adesão às idéias ou grupos Nacional-Socialistas atuantes no Brasil, não impediram a volta dos debates em torno da identidade nacional e do ressurgimento do “perigo alemão”. Isso levou o Estado Novo a empreender, a partir de 1938, uma violenta Campanha de Nacionalização com medidas restritivas aos núcleos coloniais e sua população. Esta proibiu o uso da Língua Alemã nas colônias, fechou escolas coloniais, proibiu a circulação de impressos em língua estrangeira, fechou jornais, clubes, sociedades culturais e esportivas, perseguiu políticos, sacerdotes e jornalistas, demitiu professores, prendeu e puniu colonos, confiscou literatura considerada “subversiva” em residências particulares, possibilitou excessos e irregularidades da polícia, etc.<sup>156</sup>

O fim da Segunda Guerra Mundial determinou, juntamente como outras causas significativas, o fim do Estado Novo e o “afastamento” temporário de Getúlio Vargas do poder. A derrota dos regimes fascistas na Europa criou um paradigma interno que não aceitava mais a existência de regimes autoritários como o de Vargas. As democracias se restabeleceram a nível mundial e *todas as condições institucionais, políticas e psicológicas pareciam reunidas para preservar a liberdade e a paz.*<sup>157</sup> O Brasil seguiu o exemplo europeu e mundial e afastou-se das sombras do autoritarismo mergulhando, desta forma, novamente na “experiência democrática” e possibilitando a rearticulação dos grupos sociais que haviam sido repreendidos pelo Estado Novo.

---

<sup>155</sup> Não foram somente a Alemanha e Itália que desenvolveram regimes fascistas ou tiveram grupos que se articularam em torno dele. O fascismo faz parte de um amplo contexto mundial, no qual as democracias haviam perdido sua credibilidade para solucionar os principais problemas político-sociais das sociedades mundiais. Países como Portugal, Espanha, Brasil, Argentina, França, etc., também terão contato com as idéias fascistas e alguns vão, inclusive, adotar regimes fascistas. No Brasil a Aliança Integralista Brasileira, AIB, liderada por Plínio Salgado, será o baluarte das idéias fascistas no país contanto, inclusive, com alguns alemães em seus quadros. Para maiores informações sobre o fascismo à nível mundial veja: RÉMOND, R., *Op. Cit.*, p. 91-106

<sup>156</sup> Segundo Arthur Blásio Rambo, o perigo de disseminação das idéias nacional-socialistas de fato existiu no sul do país e era necessário levá-lo a sério; contudo, tratou-se de algo restrito, limitado, confinado e com chances de empolgar politicamente os alemães de núcleos mais ativos. Estes já estavam bem identificados e eram conhecidos das autoridades responsáveis pela sua repressão. Portanto, os exageros cometidos pelas autoridades, segundo o autor, eram desnecessários e somente colaboraram para tornar mais tenso o clima político e social das colônias. RAMBO, Arthur Blásio. *Nacionalização e ação policial no Estado Novo (II)*. In: **Estudos Leopoldenses. Série História**. São Leopoldo: Unisinos, 1997, p.89

<sup>157</sup> RÉMOND, R., *Op. Cit.*, p 142

As lideranças do grupo étnico alemão, apesar de terem sido proibidas de se manifestar durante a guerra, criticaram a campanha do Governo Federal e denunciaram os abusos cometidos pelas autoridades policiais em meio às colônias. Personalidades políticas e intelectuais manifestaram suas restrições às medidas governamentais e pagaram, por esta atitude, com a perda de prestígio junto às autoridades públicas e foram vítimas de medidas de restrição de liberdade.<sup>158</sup> O pós-guerra e, em especial, a criação do Comitê de Socorro para a Europa Faminta, constituiu-se, para as elites do grupo étnico alemão no Brasil, numa possibilidade de rearticulação de suas lideranças internas a fim de reocuparem o espaço social e político do qual foram privados pela ditadura Vargasista.

## 2.2 Intelectuais, elites e o surgimento da SEF

A nova configuração política do Brasil no pós-guerra não garantiu de forma imediata a liberdade de expressão dos grupos étnicos e de suas lideranças intelectuais. O ressentimento entre a população étnica alemã, o Estado Brasileiro e a maioria luso-brasileira ainda necessitavam ser superados e, isso, demandaria de um longo tempo. O uso da Língua Alemã nas colônias somente foi autorizado alguns meses depois do fim da guerra e, mesmo após a revogação da lei que proibia seu uso, ainda havia elementos na sociedade brasileira que não acatavam a decisão governamental provocando, desta forma, um mal estar nas colônias alemãs.<sup>159</sup>

A própria reestruturação das atividades culturais, esportivas e sociais dos núcleos coloniais, que sofreu um grande abalo durante a guerra, levou muito tempo para ocorrer e nunca mais atingiu os níveis anteriores. A Campanha de Nacionalização do Estado Novo significou um grande retrocesso cultural para os imigrantes alemães, pois escolas foram nacionalizadas ou fechadas e nunca mais voltaram a funcionar da mesma forma.<sup>160</sup> Além disso, com o final da guerra, a Alemanha ainda encontrava-se em estado de guerra com o

---

<sup>158</sup> Contudo, é importante frisar que o Estado Novo não adotou medidas drásticas para eliminar aqueles que considerava ser os seus adversários internos ou inimigos políticos. O governo de Vargas não adotou medidas de extermínio que pudessem ser usadas contra sua pessoa e refletir-se na vida nacional do pós-guerra.

<sup>159</sup> Segundo Marcos Konder, em carta a Pe. Balduino Rambo, ainda havia dificuldades de fazer com que alguns elementos brasileiros aceitassem as determinações governamentais que garantiam o direito dos colonos de voltar a falar o idioma alemão em Santa Catarina. Acervo Benno Mentz, *Carta de Marcos Konder a Pe. Balduino Rambo*, 15/01/1947.

Brasil, o que dificultava as possibilidades de rearticulação da comunidade étnica alemã no país.<sup>161</sup>

A pseudodemocratização do Brasil permitiu que, paulatinamente, as lideranças do grupo étnico alemão voltassem a atuar no cenário político e social nacional. A Campanha de Nacionalização teve como efeito significativo a maior participação do elemento alemão na vida política do país. A ação das elites do grupo étnico alemão na sociedade sul brasileira não se constituiu, portanto, numa iniciativa momentânea do pós-guerra, mas já existira no contexto anterior permitindo, desta forma, uma rearticulação de suas lideranças em prol das necessidades mais prementes da etnia alemã.

A Segunda Guerra Mundial e a Campanha de Nacionalização do Estado Novo não resultaram no alijamento das elites do grupo étnico alemão, pois estas podem ser consideradas *preexistentes e representantes de uma continuidade histórica que não fora interrompida nem mesmo pelas mais complicadas e radicais modificações das formas sociais e políticas*.<sup>162</sup> A ação em prol da Alemanha no pós-guerra, por meio da criação da organização de ajuda humanitária denominada de Comitê de Socorro à Europa Faminta, SEF, que prestou ajuda material as vítimas da guerra, pode ser considerada a primeira tentativa de rearticulação destas elites no pós-guerra. Personalidades de prestígio junto à comunidade étnica alemã e a sociedade brasileira procuraram mobilizar a etnia alemã para colaborar não só com a reconstrução material da Alemanha, mas também com a reconstrução dos laços culturais e de solidariedade étnica que haviam sido rompidos com o país.

Foi do seio de um organismo eclesial da Igreja Católica, a Caritas<sup>163</sup>, que surgiu o pedido para que a comunidade étnica alemã no Brasil se mobiliza-se em prol das vítimas do pós-guerra. A Igreja sempre teve um papel importante na organização social das colônias alemãs, pois seus integrantes, como parte de uma elite letrada e, portanto, intelectual, sempre contribuíram para *determinar a ideologia religiosa, filosofia e ciência de uma época através*

---

<sup>160</sup> Muitos colonos retiraram seus filhos das escolas durante a guerra, pois temiam represálias por parte dos professores pelo fato de não compreenderem a Língua Portuguesa utilizada no ensino, assim como por temer discriminações pelo fato de serem descendentes de alemães.

<sup>161</sup> Segundo informações de Pe. Balduino Rambo ao Pe. Anton Kordt do Seminário Central de São Leopoldo, em 1947, o Brasil e Alemanha ainda continuavam em estado de guerra. Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Anton Kordt*, 06/04/1947.

<sup>162</sup> GRAMSCI, A., *Op. Cit.*, p.05

<sup>163</sup> Cáritas é uma instituição da Igreja Católica, de âmbito internacional, com 146 organizações membros, atuante em 194 países. A Rede Caritas Internationalis tem sede em Roma e abrange todas as Cáritas nacionais, incluindo a Brasileira. É subdividida em 7 regiões: América Latina e Caribe, África, Europa, Oceania, Ásia, América do Norte e MONA (Oriente Médio e Norte da África). Ela atua com abertura ecumênica, estabelecendo parcerias com organismos nacionais e internacionais pelo resgate dos direitos humanos. A Caritas Internationalis é reconhecida pelo Conselho Socioeconômico da ONU como de "status consultivo geral".

da escola, instrução moral da justiça, da beneficência e assistência.<sup>164</sup> As lideranças que articularam a SEF, Pe. August Adelpkamp (representante da Caritas Sueca), Pe. Henrique Pauquet e Pe. Balduino Rambo provêm do meio eclesiástico, mais especificamente da Companhia de Jesus, instituição que tem raízes históricas na sociedade brasileira e mundial.

O comitê da SEF organiza-se em resposta ao apelo do dirigente da Caritas Sueca, Pe. Adelpkamp, ao Pe. Pauquet e Pe. Rambo solicitando ajuda da comunidade étnica alemã do Brasil para minorar as dificuldades materiais dos alemães, em abril de 1946. Ambos atuavam como professores no Colégio Anchieta, em Porto Alegre, e a escolha destes nomes deve-se a seu elevado prestígio junto às colônias alemãs, onde desenvolveram significativo trabalho em prol da colonização alemã e da organização do grupo étnico alemão. Estas lideranças eclesiásticas podem, segundo Gramsci, considerar-se a si mesmas como sendo autônomas e independentes do grupo social dominante.<sup>165</sup> Sua autoridade depende, segundo Pierre Bourdieu, da capacidade de mobilização de forças materiais e simbólicas dos grupos ou classes que pode mobilizar.<sup>166</sup>

A SEF foi uma organização de socorro sem fins lucrativos, de caráter pessoal e privado, sem a interferência dos organismos eclesiais.<sup>167</sup> Sua ação dirigiu-se aos refugiados, famintos e miseráveis anônimos vítimas da Segunda Guerra Mundial. Apesar do comitê designar-se de *Comitê de Socorro à Europa Faminta*, suas atividades estavam restritas à solidariedade material aos alemães e austríacos. A SEF, por meio de suas lideranças, que pertenciam a um grupo específico dentro da comunidade étnica alemã, articulou as comunidades protestante e católica e, desta forma, organizou uma significativa ajuda material às vítimas da guerra.

O papel das lideranças do clero e leigas foi de fundamental importância para o sucesso de suas atividades no Brasil. A diretoria da SEF era constituída, inicialmente, por Pe. Henrique Pauquet (Diretor), Pe. Balduino Rambo (Secretário), Pastor Ernesto Schlieper (delegado do Sínodo Rio-Grandense), Pastor Paulo Evers (delegado do Sínodo Missouri), J. Fernando Coutinho, Friedel Edmunds (jornalista da Sociedade União Popular) e Willy Siegmann (tesoureiro, proprietário da Gráfica e Tipografia Mercantil). A diretoria da SEF sofreu modificações posteriores com a saída de J. F. Coutinho nos primeiros meses de atuação do organismo, assim como com a posterior morte de seu tesoureiro, Willy Siegmann, que foi substituído por seu filho Edgar Siegmann e H.Stackelberg.

---

<sup>164</sup> GRAMSCI, A., *Op. Cit.*, p.05

<sup>165</sup> Id. *Ibid.*, p. 06

<sup>166</sup> BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1974, p. 58

<sup>167</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Marcos Konder*, 08/05/1946.

Entre as lideranças mais destacadas da SEF estava o Pe. Henrique Pauquet. Este nasceu em Köln, Alemanha, no ano de 1907. Iniciou seus estudos em Mittelsteine, Silésia e, posteriormente, desenvolveu atividades no Colégio de Bad Godesberg.<sup>168</sup> Trabalhou à serviço da Juventude Alemã, *Neues Deutschland*, associação de juventude católica anterior à *Hitlerjugend*. Por causa dos tempos difíceis que se prenunciavam para os jesuítas com a ascensão de Hitler ao poder, veio para o Brasil em 1936.<sup>169</sup>

No Brasil realizou seus estudos de filosofia e teologia no Seminário Conceição em São Leopoldo. Ordenou-se em 1937/38, tendo trabalhado em prol da juventude católica do Rio Grande do Sul.<sup>170</sup> Este trabalho com os jovens desenvolvia-se simultaneamente com o escotismo que, na Alemanha, durante a República de Weimar, tinha uma forte conotação nacionalista.<sup>171</sup> Pe. Pauquet também se dedicou à pregação de retiros nas cidades e no interior do estado. Lecionou francês e ensino religioso no Colégio Anchieta, dirigiu as Congregações Marianas, fundou duas casas de juventude e um seminário. Foi o responsável pela ampliação física do Colégio Anchieta, realizada com verbas remetidas da Alemanha. Estas doações para a escola foram feitas a partir de 1954, em retribuição a ajuda material prestada pela SEF à Alemanha.<sup>172</sup> Por ter criado a SEF Pe. Pauquet recebeu do governo alemão uma medalha de 1ª. classe e uma de prata dos bispos católicos.<sup>173</sup>

Responsável pela correspondência da SEF foi Pe. Balduino Rambo. Este era brasileiro, nascido em Tupandí, distrito do Município de Montenegro. Ingressou na Escola Apostólica de Pareci em 1923, estudou filosofia na Alemanha, em Pullach/Munique. Ao retornar para o país lecionou ciências no Colégio Catarinense de Florianópolis e, posteriormente, no Colégio Anchieta. Retirou-se temporariamente das atividades escolares em 1931 para estudar teologia no Seminário Conceição de São Leopoldo. Em outubro de 1936 foi ordenado sacerdote e voltou às atividades escolares. Dedicou-se com afinco à botânica e a mineralogia, sendo responsável pela catalogação de 80.000 espécies da flora rio-grandense.<sup>174</sup>

Pe. Rambo era considerado um ambientalista. Foi diretor do Departamento de História Natural da divisão de cultura da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande

<sup>168</sup> **Notícias para nossos amigos da Província Sul-Brasileira da Companhia de Jesus.** Porto Alegre, Julho de 1986, p.53

<sup>169</sup> Entrevista com Pe. Arthur Rabuske em 23/07/2003.

<sup>170</sup> Idem.

<sup>171</sup> DUPEX, Louis. **História Cultural da Alemanha.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992, p.103

<sup>172</sup> TORRALES, Mauro. **Colégio Anchieta: cem anos.** Porto Alegre: Gráfica Palloti, 1990, p.62

<sup>173</sup> **Notícias para nossos amigos da Província Sul-Brasileira da Companhia de Jesus.** Porto Alegre, Julho de 1986, p.53

<sup>174</sup> **Revista Sankt Paulusblatt.** Porto Alegre, Ano 44, Nº 10, outubro de 1961, p.383-384

do Sul a partir de 1954 e dirigiu o Museu Rio-Grandense de História Natural.<sup>175</sup> Além destas atividades, Pe. Rambo lecionou na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de São Leopoldo, futura UNISINOS, fundou o “Herbarium do Colégio Anchieta” e o Instituto Anchietano de Pesquisas. Teve inúmeros artigos científicos publicados no exterior, sendo que também atuou no movimento associativista da Sociedade União Popular, onde foi redator da revista **Sankt Paulusblatt**.<sup>176</sup> Pe. Rambo combateu a nacionalização e foi um ardoroso adversário do Arcebispo de Porto Alegre, Dom João Becker.<sup>177</sup>

Pe. Rambo tornou-se, em 1942, professor da Universidade do Rio Grande do Sul ajudando a fundar a cátedra de antropologia e etnografia.<sup>178</sup> Viajou para os EUA a fim de visitar centros de investigação científica.<sup>179</sup> Pe. Rambo era articulador e disseminador de um discurso germanista que tinha muita aceitação nos círculos imigrantistas. No dizer de Isabel Arendt, Pe. Rambo foi o último dos padres “colonorum”, o último dos padres jesuítas que lideraram os católicos na região colonial. Sua atuação ligava-se ao projeto de Restauração Católica.<sup>180</sup>

<sup>175</sup> Id.Ibid., p.385

<sup>176</sup> ARENDT, Isabel Cristina. **Representações do discurso teuto-católico e a construção de identidades**. Porto Alegre: EST, 2000

<sup>177</sup> D. João Becker nasceu em 1870, em Sankt Wendel, Alemanha. Aos oito anos transferiu-se com sua família para o Brasil, onde estudou no Seminário de Porto Alegre dirigido pelos padres da Companhia de Jesus. Exerceu as funções de vigário na Paróquia Menino Deus (1896-1908), foi o primeiro bispo da recém criada diocese de Santa Catarina, em Florianópolis (1908-1912) e, finalmente, Arcebispo de Porto Alegre de 1912 até sua morte em 1946. D. João Becker foi, em seu arcebispado, responsável pela criação de 15 paróquias em Porto Alegre e 50 no interior. Construiu a Catedral Metropolitana, fundou a Pia Obra de Vocações Sacerdotais, promoveu os núcleos da Ação Católica e criou os círculos operários no estado do RS, transferiu o Seminário Episcopal de Porto Alegre para São Leopoldo deixando-o a cargo dos padres jesuítas, introduziu o português nas escolas paroquiais durante a 1ª. Guerra Mundial, construiu o Seminário Menor de Gravatá e instituiu a primeira unidade da Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre. Envolveu-se com importantes lideranças políticas do estado e do país procurando sempre defender os interesses da Igreja católica. Foi um ardoroso defensor da Campanha de Nacionalização empreendida pelo Estado Novo, motivo pelo qual conquistou muitas antipatias no seio da comunidade étnica alemã e junto as suas lideranças. ABREU, Alzira Alves de. (Org.) **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. Pós-30**. São Paulo: FGV, 2001, p. 601-602

<sup>178</sup> **Revista Sankt Paulusblatt**. Porto Alegre, Ano 44, Nº 10, outubro de 1961, p.385

<sup>179</sup> TORRALES, M., *Op. Cit*, p.74

<sup>180</sup> A Restauração Católica fundamenta-se, primeiramente, na volta do catolicismo tridentino, conduzido sob a autoridade direta do Sumo Pontífice. O movimento opõe-se a qualquer tipo de composição ou forma de tutela do Estado. Daí que surgiu o conceito de Ultramontanismo, forjado na França, que significa de “trás dos montes”, numa alusão ao poder papal que provinha de Roma e atravessava os Alpes suíços exigindo a obediência dos clérigos franceses às diretrizes emanadas do Vaticano e não do Estado francês. Os princípios da Restauração Católica negam qualquer ingerência do estado laico nos assuntos da Igreja, sendo que esta deveria manter-se num estado arreligioso, agnóstico ou ateu. Os efeitos do movimento começaram a sentir-se no RS a partir do ano de 1860 sendo que, com a vinda dos padres jesuítas ao Brasil, em 1849, o Projeto Católico de Restauração utilizou alguns instrumentos básicos para se firmar: o associativismo, a imprensa, a escola e o professor paroquial. Suas bases estavam alicerçadas em sacerdotes que cultivavam uma cuidadosa organização paroquial e comunitária. RAMBO, Arthur Blásio. *A Igreja da Restauração católica no Brasil Meridional*. In: **Populações Rio-Grandenses e Modelos de Igreja**. São Leopoldo: EST/Sinodal 1998, p. 147-162

Contudo, a SEF não contou somente com integrantes do meio eclesial católico, mas também protestante. O trabalho em conjunto com os protestantes foi um dos elementos significativos da atuação do comitê. Desde o princípio a participação dos luteranos tinham sido aventada pelas duas lideranças jesuíticas sem, no entanto, abrir mão da premência da liderança do comitê.<sup>181</sup> A articulação da SEF foi o primeiro trabalho relevante conjunto entre católicos e protestantes no Brasil e, mais especificamente, no contexto das colônias rurais e urbanas alemãs.<sup>182</sup> Os protestantes foram representados no comitê pelo P. Ernesto Schlieper, delegado do Sínodo Rio-Grandense, e pelo P. Paulo Evers, delegado do Sínodo Missouri a partir de junho de 1947.<sup>183</sup>

Pastor Ernesto Schlieper foi delegado nomeado do Sínodo Rio-Grandense junto a SEF. Brasileiro, nasceu em Taquara em 1909. Realizou seus estudos no Seminário Pré-Teológico de Cachoeira do Sul, de onde se transferiu, em 1927, para o Seminário de Gütersloh, Alemanha, até a conclusão dos estudos secundários. Posteriormente, realizou seus estudos teológicos nas universidades de Marburg, Tübingen e em Bonn. Prestou seu exame teológico em Klobenz no ano de 1933 e foi professor assistente da Universidade de Ilseburg.<sup>184</sup>

Schlieper esteve envolvido na controvérsia do *Kirchenkampf*, ou seja, na “briga” eclesiástica que eclodira na Alemanha nazista em 1933. Colocou-se a favor da Igreja Confessante que lutava contra a submissão da Igreja Evangélica Alemã ao Estado Nacional-Socialista. Retornou ao Brasil em outubro de 1936, após uma série de problemas com os órgãos eclesiásticos evangélicos na Alemanha.<sup>185</sup> Ao voltar ao país, assumiu trabalhos no campo ministerial em três comunidades: Montenegro, Candelária e Porto Alegre, onde assumiu a paróquia da Igreja da Paz no bairro Navegantes<sup>186</sup>, que foi um dos pontos de arrecadação da SEF. Também atuou temporariamente na comunidade evangélica do Rio de Janeiro.

Pastor Schlieper confrontou-se com a situação emergencial dos pastorados luteranos durante a Segunda Guerra Mundial, sendo que contribuiu para amenizar as dificuldades

<sup>181</sup> Segundo Pe. Balduino Rambo, em seu diário pessoal: *Deixamos acertado, contudo, entre nós, que todos os donativos se hajam de enviar ao Pe. Adelpkamp e assim à Alemanha. Insisto eu em que a repartição não seja feita apenas a católicos, visto precisarmos da colaboração dos protestantes daqui. Comunicar-se-á a Adelpkamp, quanto deles tenham procedência católica e quanto protestante, para que ele se possa orientar de acordo com isso. Desta forma a obra se acha em nossas mãos, aproveita, porém, a todos.* RABUSKE, A., *Op. Cit.*, p.151

<sup>182</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. August Adelpkamp*, 09/11/1946

<sup>183</sup> RABUSKE, Arthur. *Algo da obra caritativa dita SEF, segundo o diário pessoal de Balduino Rambo*. In: **Simpósio de História da Igreja**. São Leopoldo: Rotermond, 1986, p. 157

<sup>184</sup> SCHLIEPER, Ernesto Th. **Testemunho Evangélico na América Latina**. São Leopoldo: Sinodal, p.08

<sup>185</sup> DREHER, Martin N. **Igreja e Germanidade**. São Leopoldo: Sinodal, 1984, p. 237-244

impostas pelas autoridades brasileiras aos sínodos luteranos. Foi o responsável pela elaboração das prédicas em Língua Portuguesa que eram lidas por aqueles pastores que não dominavam o vernáculo.<sup>187</sup> Após a guerra assumiu diversos cargos diretivos. Em 1946 foi eleito vice-presidente do Sínodo Rio-Grandense, um dos quatro sínodos luteranos do país. Foi um dos responsáveis pela criação da Federação Sinodal, que reunia os sínodos luteranos do país numa organização coesa, sendo eleito seu vice-presidente por duas vezes consecutivas.<sup>188</sup>

Pastor Schlieper também atuou como professor na recém fundada Faculdade de Teologia. Recebeu títulos honoríficos de Dr. “honoris causa” pela Universidade de Heidelberg, Alemanha, em 1955. Assumiu a presidência da Federação Sinodal no ano de 1956, após a morte do então presidente P. Hermann Dohms. Foi eleito para o cargo em 1958, sendo que obteve nova reeleição em 1962, na então recém formada Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.<sup>189</sup> Grande parte de sua atuação pastoral procurou estreitar os laços confessionais e ecumênicos com a Igreja Evangélica da Alemanha, a Igreja Luterana Americana, a Federação Luterana Mundial e o Conselho Mundial de Igrejas.<sup>190</sup>

Pastor Paulo Evers, representante do Sínodo Missouri, também era natural da Alemanha, onde lutou na Primeira Guerra Mundial em 1916. Ferido em combate, ajudou na enfermaria e com os combatentes vindo a estudar, depois de 1918, 2 anos e meio de medicina em Berlim. Interrompeu os estudos para dedicar-se ao ministério eclesiástico. Veio ao Brasil em 1920, formou-se no seminário Concórdia de Porto Alegre e assumiu, em Linha Brasil, a comunidade de Nova Petrópolis, região serrana do Rio Grande do Sul, com 24 anos, em 1922. Foi instalado em 01/01/1922, sendo que um mês depois iniciou as atividades de professor. Aposentou-se em 1972, morreu com 80 anos.<sup>191</sup> A atuação de Evers foi muito significativa no campo da educação, pois foi o responsável pelo desenvolvimento da Escola Comunitária de Linha Brasil, Nova Petrópolis.<sup>192</sup>

Além de elementos ligados às instituições eclesiais católica e luteranas, a SEF contou com a participação de lideranças leigas em sua direção. Entre seus principais representantes podemos citar o empresário e comerciante Willy Siegmann, além do jornalista Friedel Edmunds. Willy Siegmann era comerciante alemão luterano em Porto Alegre. Veio da

---

<sup>186</sup> SCHLIEPER, E. Th., *Op. Cit.*, p.09

<sup>187</sup> Idem.

<sup>188</sup> Id.Ibid., p.10

<sup>189</sup> Idem.

<sup>190</sup> Id.Ibid., p.11

<sup>191</sup> GANS, Ilse Evers. **100 Anos de Escola Comunitária 1898-1998**. Nova Petrópolis: Editora Amstad, 1998, p.18

<sup>192</sup> DREHER, M. N., *Op. Cit.*, p.237

Alemanha para o Brasil ainda jovem em companhia de sua mãe viúva, uma tia, um irmão e três irmãs. Trabalhou num restaurante no bairro Tristeza, numa fábrica de chapéus e fundou, posteriormente, com seu irmão Fritz, a empresa Gráfica Tipografia Mercantil.<sup>193</sup> Foi responsável pela condução financeira da SEF.

Sua influência junto aos círculos sociais e econômicos mais significativos da comunidade alemã urbana do Rio Grande do Sul e Santa Catarina possibilitou muitos contatos positivos em prol das arrecadações da SEF.<sup>194</sup> Desde o surgimento da SEF Willy Siegmann colocou-se à disposição da organização de socorro. Durante dois anos atuou nela de forma muito ativa e dedicou a maior parte do tempo a percorrer o país para arrecadar donativos e resolver as questões financeiras da SEF. Sua amizade com os descendentes de alemães e alemães do Reino<sup>195</sup> em Porto Alegre abriu muitas portas para o comitê resolvendo, inclusive, problemas de embarque de donativos à Europa junto às autoridades públicas brasileiras.<sup>196</sup>

Friedel Edmunds era alemão do Reino e atuava, antes da Campanha da Nacionalização, como jornalista da revista **Sankt Paulusblatt**, publicada pela Sociedade União Popular na qual Pe. Rambo também atuava. Segundo Pe. Arthur Rabuske, era de personalidade difícil, mas muito capaz. Tinha atritos com Pe. Pauquet e Willy Siegmann que necessitavam da mediação de Pe. Rambo para serem solucionados.<sup>197</sup>

O Comitê de Socorro à Europa Faminta era composto por alemães do Reino e descendentes de imigrantes alemães no Brasil. A maior parte dos integrantes do comitê conhecia a Alemanha, já haviam estado no país e tinham laços culturais com a mesma. Os integrantes da diretoria da SEF eram indivíduos muito ativos na comunidade étnica alemã, desempenharam papéis de liderança junto às comunidades eclesiais, nos campos comerciais, empresariais e da imprensa. A configuração plural do comitê da SEF foi muito importante, pois diferentes grupos sociais da comunidade étnica alemã, na qual estes elementos transitavam, foram mobilizados em prol da organização. Sua influência junto aos círculos sociais mais representativos da sociedade brasileira permitiu a mobilização das autoridades

<sup>193</sup> FAUSEL, Erich. *SEF und Siegmann*, In: **Jahrweiser für die Evangelischen Gemeiden in Brasilien 1950**. São Leopoldo: Sinodal, 1950, p. 100

<sup>194</sup> Willy Siegmann era casado com uma luso-brasileira de família católica e possuía boas relações com os círculos econômico-financeiros evangélicos. Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo ao Pe. Leopoldo Arntzen SJ*, 26/06/1946

<sup>195</sup> Alemães do Reino foi a designação utilizada para definir os alemães emigrados da Alemanha para o Brasil até a Segunda Guerra Mundial e que não haviam adquirido a cidadania brasileira apesar de residirem no país.

<sup>196</sup> *Mitteilung der SEF – Willy Siegmann*. In: **Revista Sankt Paulusblatt**. Porto Alegre, Ano 31, Nº 9, setembro de 1948, p. 206

<sup>197</sup> Entrevista com Pe. Arthur Rabuske em 23/07/2003.

políticas brasileiras para que colaborassem com a SEF e esta exercesse o papel a qual foi destinada.

### 2.3 A SEF e sua atuação interconfessional

A atuação conjunta entre lideranças católicas e luteranas na articulação da SEF não ocorreu naturalmente, pois as diferenças confessionais foram, num primeiro momento, um impecilho para o trabalho em conjunto. Desconfianças de ambos os lados levaram os protestantes a impor condições para participar da SEF. Havia, por parte dos doadores protestantes, o medo de que as doações arrecadadas fossem confiscadas pelas autoridades inglesas, quando remetidas para a Alemanha, assim como o temor de que a maior parte delas caísse nas mãos de católicos que poderiam usar a SEF como uma forma de propaganda de Contra-Reforma.<sup>198</sup>

O Sínodo Rio-Grandense teve, no início, uma postura cuidadosa em relação a sua participação na organização pensando, inclusive, em promover uma organização de socorro própria.<sup>199</sup> Contudo, apesar destas tentativas de estabelecer uma organização de socorro própria, não havia ainda, por parte das autoridades públicas, nenhuma autorização para a coleta de auxílio.<sup>200</sup> No diário pessoal de Pe. Rambo é possível encontrar indícios das dificuldades que o mesmo e Pe. Pauquet tinham de organizar o trabalho ecumênico. Segundo suas anotações de 13/05/46:

*Em hora noturna, tardia volta o Pauquet de São Leopoldo. Ocorreu o que eu previra há tempos. Os pastores protestantes se agitam. (...) Disseram que haviam refletido sobre a questão e que, em vista disso, pretendiam promover agora eles mesmos uma coleta em favor de seus correligionários. Declarou-lhes Pauquet que era absurda a sua postura marginal, pois não tinham o relacionamento nem a vantagem precisos diante das autoridades civis. A partir daquilo declararam-se dispostos a colaborar, exigindo, porém, que também representantes seus tivessem assento no comitê e que parte dada por*

<sup>198</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. August Adelpkamp*, 28/08/46

<sup>199</sup> RABUSKE, A., *Op. Cit.*, p.155

<sup>200</sup> Em reunião realizada pela presidência do Sínodo Rio-Grandense em princípios de abril de 1946, durante a organização do comitê da SEF, houve a proposta de pedir o estabelecimento de um posto de socorro da Igreja Evangélica na Alemanha. A Cruz Vermelha Sueca, cujo dirigente era Conde Folke Bernadotte, havia oferecido seu posto em Lübeck para receber remessas. Segundo a ata da reunião, o Sínodo Rio-Grandense não confiava num manifesto assinado no lado católico pelas damas da Cruz Vermelha de Buenos Aires e Associação de Caridade de Luzerna, Suíça, que era católica. Arquivo Histórico da Escola Superior de Teologia. **Sinodalvorstandsakten Sitzungen. 1937-1946.** 08/04/46

*protestantes seja entregue outrossim a protestantes. Resultado, houve a dispersão, sem que se chegasse a um acordo...*<sup>201</sup>

Para participar da SEF os protestantes exigiram a nomeação de representantes do Sínodo Rio-Grandense para integrar a diretoria do comitê e de que as doações fossem divididas pela confissão dos destinatários. Estas propostas não foram, inicialmente, aceitas por Pe. Pauquet e Pe. Rambo, pois este último via a primeira contribuição financeira de 410 Contos angariada pela SEF como uma doação de alemães, e não de católicos ou protestantes.<sup>202</sup> Pe. Rambo preocupava-se que as diferenças confessionais causassem uma divisão na organização. Por outro lado, acreditava que estes problemas confessionais iniciais poderiam ser superados por uma germanidade forte.<sup>203</sup>

Pressões de lideranças protestantes, que tinham significativo papel econômico na comunidade étnica alemã de Porto Alegre em torno de Willy Siegmann, tesoureiro da SEF, levaram os seus dirigentes a reconsiderar a questão, visto que a dispersão poderia inutilizar todas as tentativas de ação conjunta e eficaz em prol da Alemanha: Segundo anotações do diário de Pe. Rambo datado de 07/06/46:

*Os protestantes cercam Siegmann de um ataque concêntrico. Não havendo surtido efeito a embaixada do Spiegelberg<sup>204</sup>, enviaram eles ao Siegmann seu melhor amigo, o Pastor Pommer. Siegmann ficou firme. Por fim se apresentou a Sra. Renner; Siegmann começou a vacilar. Tinham todos eles o mesmo objetivo; distribuição obrigatória dos donativos segundo a confissão religiosa do doador. Teme Friedel que por fim Siegmann irá ceder. Enxergam os pastores em nossa obra uma espécie de contra-reforma.*<sup>205</sup>

Apesar dos temores, os padres jesuítas tiveram de ceder às pressões protestantes, pois houve necessidade de unificar o trabalho da organização para facilitar o envio das remessas e porque os mesmos eram importantes colaboradores.<sup>206</sup> Segue comentário sobre reunião realizada no dia 11/06/46:

*Os protestantes continuam insistindo. Acertamos que um dos pastores, em minha opinião Schlieper, seja admitido no comitê, informando-se a Adelpkamp que os donativos se distribuam metade por metade às confissões. É lastimável em si, da parte dos senhores protestantes, que eles não parem de colocar a confissão em 1º plano. Não podemos, contudo, enfrentá-los, porque depende essencialmente de sua colaboração o sucesso de remessas maiores.*<sup>207</sup>

<sup>201</sup> Cf. RABUSKE, A., *Op. Cit.*, p.155

<sup>202</sup> *Idem.*

<sup>203</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Jacó Luiz Nebel*, 18/08/1946

<sup>204</sup> *Spiegelberg* significa Morro do Espelho. Trata-se do bairro no qual se localizava a sede do Sínodo Rio-Grandense e onde, hoje, continuam sediadas várias instituições pertencentes à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

<sup>205</sup> RABUSKE, A., *Op. Cit.*, p.156

<sup>206</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Leopoldo Arntzen*, 25/07/1946

<sup>207</sup> RABUSKE, A., *Op. Cit.*, p.156

Desta forma, houve, depois de acaloradas discussões, a decisão de distribuir de forma equitativa, por denominação confessional, os donativos. Os protestantes perceberam que somente a capacidade de influência dos jesuítas junto às autoridades governamentais garantiria o sucesso da SEF ou de qualquer outro organismo de ajuda aos alemães. Os protestantes haviam sofrido muito mais com a Campanha da Nacionalização empreendida pelo Estado Novo e os sínodos luteranos encontravam-se em processo de rearticulação. Além disso, os católicos, na figura dos padres jesuítas, tinham um maior acesso aos círculos políticos do estado e do país.<sup>208</sup> Neste sentido, P. Ernesto Schlieper assumiu o cargo de delegado do Sínodo Rio-Grandense junto a SEF em junho de 1946.<sup>209</sup>

Esta capacidade de articulação dos padres jesuítas deu-se por causa de seu estreito contato com influentes personalidades políticas que haviam estudado no Seminário Conceição de São Leopoldo, no Colégio Catarinense, em Florianópolis, assim como no Colégio Anchieta em Porto Alegre. Estas personalidades políticas foram mobilizados a fim de superar as dificuldades impostas à atuação da SEF. Isto é compreensível a partir do fato de que a Igreja Católica tinha uma profunda relação de aproximação com as camadas dirigentes do país.

Segundo Artur César Isaia, a Igreja católica intentara, já durante o governo Vargas, por meio do projeto de Restauração Católica, a regeneração das instituições e das elites aos princípios católicos, já que o povo mantinha o elo que o prendia às raízes religiosas da nacionalidade.<sup>210</sup> Este projeto propunha uma aproximação entre os interesses do Estado Brasileiro e de suas elites aos interesses da Igreja católica. Segundo o autor:

*A aliança entre o catolicismo brasileiro chefiado por D. Leme e o Estado autoritário getulista trazia no âmbito do espaço conquistado pela Igreja grandes avanços. Ao lado do aumento de sua influência frente ao poder, o catolicismo manteve uma relativa liberdade, viabilizando projetos prioritários para hierarquia, como universidades católicas, Ação Católica, círculos operários, Centro D. Vital, etc.. Esta aliança política trazia, como vimos, implícita, a aceitação das diretrizes capitalistas encampadas pelo Estado. O consentimento da Igreja à nova ordem social proposta por Vargas, que se propunha antiliberal e autoritária, mas respeitadora do direito de propriedade e perseguidora de uma coexistência corporativa entre as classes, acontecia dentro de um processo mundial de aproximação entre o catolicismo e o moderno capitalismo. (...) Aliada às facções de classe dominante que como ela integravam o poder, como antigas oligarquias e diversas facções burguesas, a Igreja exercia uma reforçada ingerência entre a classe média urbana, principalmente devido a ampliação de sua rede*

<sup>208</sup> Marcos Konder, político catarinense, recomenda que os círculos católicos dirigidos pelos jesuítas superem as dificuldades através de seu poder de influência. Acervo Benno Mentz. *Carta de Marcos Konder a Pe. Balduino Rambo*, 13/06/1946

<sup>209</sup> Idem.

<sup>210</sup> ISAIA, Artur Cesar. **Catolicismo e autoritarismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 1998, p.92

*escolar, que passava, como todas as suas atividades, a gozar de subvenção oficial.*<sup>211</sup>

Este projeto a nível nacional atingiu todas as arquidioceses do país e tinha, nas lideranças católicas, o seu principal incentivador. Lideranças como D. João Becker, Arcebispo de Porto Alegre, e D. Joaquim Domingues de Oliveira, Arcebispo de Santa Catarina, se empenharam em fomentar no pensamento político arquidiocesano, a tarefa de “reerguimento” do Brasil com base nos ideais nacionais e católicos. Segundo Rogério Luiz de Souza:

*As figuras do Cardeal Leme e de D. João Becker, além de representarem a postura nacionalista católica, delinearão o pensamento nacional da época, disseminando, através de seus discursos, as atitudes que deveriam ser internalizadas pelos sujeitos sociais.*

*A alta hierarquia católica, comprometida com a política varguista, rendeu-se à necessidade de criar uma unidade de pensamento em torno da nova ordem político-social da Nação, a fim de estabelecer entre o episcopado brasileiro um referencial coerente de discursos e práticas sociais.*

*Em Santa Catarina, o Arcebispo Metropolitano, D. Joaquim Domingues de Oliveira, seguindo as recomendações, redefiniu estas práticas em sua Arquidiocese com o intuito de manifestar sua ligação com o episcopado brasileiro e de fomentar uma política nacionalista vinculada ao poder local.*

*A base discursiva de D. Joaquim orientava-se nas afirmações do magistério papal e da própria elite católica brasileira, representada pelos pensadores do Centro D. Vital. Esta matriz intelectual ecoou pelo pensamento, marcando fortemente sua ação político-social e estimulando o seu ideal recristianizador da sociedade. D. Joaquim tornou-se o arauto qualificado da tendência nacionalizadora no Estado, operando uma poderosa rede de relações e ditando práticas e costumes que deveriam ser seguidos. Além disso, encontrava-se neste meio político-intelectual, reafirmando uma postura modernizadora e veiculando um projeto de edificação de uma unidade moral cristã.*<sup>212</sup>

Para obter sucesso neste projeto a Igreja Católica, por meio dos padres jesuítas, implantou um sistema educacional com forte influência católica que fizesse jus às suas reais necessidades junto à sociedade civil. Neste sentido, podemos dizer que *a formação intelectual de uma elite católica na Arquidiocese de Porto Alegre foi, sem sombra de dúvida, tributária da ação educacional dos padres jesuítas. O Colégio Anchieta formou toda uma geração de leigos profundamente comprometida com os postulados católicos.*<sup>213</sup> Esta ação educativa também se estenderia a outras regiões do estado do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, onde a presença dos jesuítas no campo da educação seria muito significativa.

Os jesuítas, ao atuarem no campo da educação, procuravam a manutenção do ambiente de religiosidade católica das populações coloniais e urbanas. A atmosfera religiosa perpassava não só as escolas paroquiais como também os seminários para a formação do clero e dos professores. Não bastava aos professores formados por estas instituições saberem bem as

<sup>211</sup> Id. Ibid., p.149-150

<sup>212</sup> SOUZA, Rogério Luiz de. **A construção de uma nova ordem. Catolicismo e ideal nacional em Santa Catarina (1930-1945)**. Florianópolis: UFSC, 1996, p.43-44

<sup>213</sup> ISAIA, A. C., *Op. Cit.*, p.115

matérias seculares, mas ministrar bem o ensino religioso a fim de que as crianças aprendessem a viver uma vida sacramental e a amar a Igreja e respeitar seus representantes.<sup>214</sup>

Segundo Neli Schäffer:

*O trabalho nos colégios de nível médio nos centros urbanos, como o Gonzaga – em Pelotas; o Stella Maris – em Rio Grande; O Catarinense – em Florianópolis/SC; O Colégio Conceição – em São Leopoldo; os Colégios Anchieta e Marienschule – para moças e o São José – em Porto Alegre, também estavam integrados ao Projeto Religioso. Como seus alunos não procediam, como nas escolas comunitárias, da região colonial, ou de uma comunidade local, era através da religiosidade que os jesuítas procuravam integrá-los, pois estas escolas iriam formar a classe média integrada de profissionais liberais, como comerciantes, funcionários públicos, militares, juizes, diplomatas, políticos, que deveriam viabilizar os contatos interétnicos.<sup>215</sup>*

Era fundamental, para o projeto de Restauração Católica, que as camadas dirigentes do futuro pautassem suas ações conforme a moral e disciplina do catolicismo renovado. As elites deveriam ser preparadas para o novo *modus vivendi* diferente da sociedade agropastoril rio-grandense.<sup>216</sup> Conseqüentemente, o papel exercido pelos padres jesuítas na formação das elites brasileiras e de descendência alemã no Brasil, possibilitou a articulação desses círculos sociais às necessidades mais urgentes da SEF.<sup>217</sup> O trabalho da SEF configurou-se, portanto, de forma interconfessional, e mobilizou uma série de elementos socialmente representativos que possibilitaram que os seus resultados iniciais fossem muito positivos.<sup>218</sup>

A SEF, além dos problemas confessionais entre católicos e luteranos, também teve de superar as dissidências existentes entre os sínodos luteranos no Brasil. Os Sínodos Riograndense e do Missouri não tinham um bom relacionamento, por isso o Sínodo do Missouri somente aderiu à SEF a partir de junho de 1947. Até aquele momento os donativos coletados em meio ao Sínodo do Missouri eram remetidos para a Alemanha via os EUA.<sup>219</sup> As dissidências entre os dois sínodos tinham raízes históricas. A presença de pastores do Sínodo do Missouri era considerada pelo Sínodo Riograndense como uma concorrência

<sup>214</sup> DA SILVA, Neli Schäffer. **A compreensão jesuítica da identidade (étnica) teuto-brasileira católica rural no Rio Grande do Sul: instrumento (de poder) do projeto de Restauração Católica Regional. (1872-1961 – Rio Grande do Sul)**. São Leopoldo, 2003, p. 190

<sup>215</sup> Id. Ibid., p.191

<sup>216</sup> Idem.

<sup>217</sup> Segundo Schäffer, o Album da Assembléia Constituinte de S. Catharina reunido em 1935 aponta no curriculum vitae dos homens públicos que 11 deputados da Constituinte eram procedentes do Gymnasio Catharinense, 05 do Gymnasio N. Sra. Da Conceição em São Leopoldo, ex-interventor e atual governador também se formaram em Sl. Formaram-se no Conceição: Nereu Ramos, Octacilio Costa, Aristiliano Ramos, Indalecio Arruda, Walmor Ribeiro, Caetano Costa, Manoel Thiago de Castro e outros; além de Adolfo Konder, Henrique Rupp, Braz Limongi, Cid Campos, figuras de destaque no campo político. Id. Ibid., p.195

<sup>218</sup> Antes mesmo das lideranças do Sínodo Rio-Grandense haverem aderido à SEF os católicos já haviam coletado meio milhão de cruzeiros junto aos protestantes. Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo para Marcos Fendel*, 30/06/1946

desleal. Por outro lado, segundo Ricardo Rieth, como o Sínodo do Missouri tinha forte influência norte-americana, e os demais sínodos luteranos do Brasil ligações fortes com a Alemanha, sua atuação no país era vista como uma ameaça a identidade cultural germânica da qual os demais sínodos luteranos podem ser considerados representantes.<sup>220</sup>

O fato da SEF ser composta por elementos católicos e luteranos e dirigida, em grande parte, por sacerdotes, não implica que as instituições eclesiais católica e luteranas tivessem poder de ingerência e dirigência nos assuntos da organização. A SEF tinha, desde o princípio, um caráter autônomo e privado. D. Jaime de B. Câmara<sup>221</sup>, Cardeal do Rio de Janeiro, autorizou a SEF a funcionar e agir de forma independente, seguindo, naturalmente, os trâmites do comércio internacional.<sup>222</sup> D. Jaime de B. Câmara sabia falar a Língua Alemã e era considerado por Pe. Rambo *um amigo da Alemanha*. Pe. Rambo foi seu aluno no seminário de São Leopoldo, onde D. Jaime lecionou, o que facilitou o contato com o mesmo e a obtenção da autorização para o funcionamento da SEF.<sup>223</sup>

O trabalho ecumênico com os protestantes luteranos foi aprovado por D. Jaime de B. Câmara porque, segundo Pe. Rambo, o Cardeal não considerava os luteranos “perigosos”.<sup>224</sup> Câmara aprovou o trabalho da SEF com protestantes (...) *em vista de se tratar unicamente dos luteranos de procedência germânica, isentos de proselitismo no meio nacional, benignamente aprovou o nosso parecer.*<sup>225</sup> Havia temor por parte das autoridades eclesiais católicas ao trabalho ecumênico com outros grupos protestantes que atuavam no Brasil, principalmente os de caráter missionário, que poderiam utilizar a SEF como uma forma de missão evangelizadora. O Cardeal do Rio determinou que o trabalho em São Paulo também fosse realizado com a participação dos leigos.<sup>226</sup> Além disso, Pe. Rambo e Pe. Pauquet receberam

<sup>219</sup> RABUSKE, A., *Op. Cit.*, p. 157

<sup>220</sup> RIETH, Ricardo Willy Rieth. *Dois modelos de Igreja: IECLB e IELB*. In: DREHER, Martin. N. (Org) **Populações Rio-Grandenses e Modelos de Igreja**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 1998, p. 264

<sup>221</sup> D. Jaime de Barros Câmara nasceu em São José, SC, em 1884. Estudou no Ginásio Catarinense, onde concluiu o curso ginasial em 1912. Transferiu-se para o Seminário Conceição em São Leopoldo, onde se diplomou em filosofia e teologia. Exerceu atividades sacerdotais em Florianópolis e Tijucas. Coordenou o Seminário Menor de Azambuja, Brusque, até 1935. Tornou-se bispo de Mossoró (RN), onde exerceu atividades voltadas às vocações e a ação social junto aos trabalhadores das salinas locais. D. Jaime teve um papel destacado no combate às idéias de esquerda, participou ativamente do movimento integralista, foi nomeado Cardeal do Rio com a morte de D. Sebastião Leme em 1946. ABREU, A. A., *Op. Cit.*, p.963-967

<sup>222</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo ao Cônego Vigário Albino Juchem*, 23/07/1946

<sup>223</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pastor Wandtschneider/São Lourenço do Sul*, 15/07/1946

<sup>224</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Hagedorn/RJ*, 16/07/1946

<sup>225</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Leopoldo Arntzen a D. Carlo Chiarlo/Núncio Apostólico/RJ*, 26/10/1947

<sup>226</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Walter Mariaux/SP*, 31/07/1946

de seu provincial, Pe. Leopoldo Arntzen, as autorizações necessárias para dispor de seu tempo em prol da organização, assim como agir de forma independente e autônoma.<sup>227</sup>

Os sínodos luteranos deram autorizações formais a seus sacerdotes para participar das arrecadações da SEF; contudo, havia uma postura pública muito discreta em relação às atividades da SEF, visto que a situação dos luteranos no pós-guerra ainda era um tanto quanto delicada. Durante a Campanha de Nacionalização os sínodos luteranos sofreram uma série de represálias que os colocava numa posição de cautela frente ao novo contexto que se desenhava. Os luteranos foram mais atingidos pela nacionalização em virtude de se constituírem num grupo minoritário.<sup>228</sup>

Durante a Campanha de Nacionalização, Aurélio da Silva Py (Chefe de Polícia do Rio Grande do Sul), afirmou e, José Pereira Coelho de Souza (Secretário de Educação do Rio Grande do Sul) assumira em sua fala, que a Igreja Evangélica Luterana era *um entreposto do nazismo* ou *um trampolim nazista*.<sup>229</sup> Sua publicação, **A Quinta Coluna**, disseminou a idéia de que vários segmentos sociais da comunidade étnica alemã trabalhavam em prol do nazismo no Brasil. Alguns elementos do grupo étnico alemão no Rio Grande do Sul pretendiam, no pós-guerra, responder a estas acusações de Aurélio Py com uma publicação que refutasse estas idéias disseminadas durante a guerra. O apoio financeiro viria de segmentos sociais economicamente bastante significativos da comunidade étnica alemã e contaria com a colaboração de figuras políticas proeminentes de Santa Catarina como, por exemplo, Marcos Konder.<sup>230</sup>

Os sínodos luteranos sofreram muito com o decreto nº 1545, de 25/08/1939, que determinava, no art. 16., que os sermões fossem proferidos em Língua Portuguesa. As instruções de Aurélio Py permitiram que, posteriormente, eles fossem traduzidos para o alemão. (decisão de 06/11/39). Em 1941, o ensino confirmatório em alemão foi proibido. O rompimento de relações diplomáticas entre Brasil e Alemanha, em 27/01/1942 e, a declaração de guerra em 31/08/1942, fez com que situação se deteriorasse. Pastores da Alemanha não podiam deslocar-se sem um salvo-conduto para pregar em outras localidades, a vida de culto

<sup>227</sup> Dom Jaime autorizou e abençoou a organização da SEF desde o princípio, sendo que a organização sempre procurou estar em contato com o mesmo e o Núncio Apostólico no RJ. Pe. Arntzen colaborou com a SEF indo a Roma para que ela fosse internacionalmente reconhecida e se livrasse dos obstáculos e . Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Jacó Luiz Nebel*, 18/08/1946

<sup>228</sup> DREHER, Martin. *O Estado Novo e a Igreja Evangélica Luterana*. In: MÜLLER, Telmo Lauro. (Org). **Nacionalização e imigração alemã**. São Leopoldo: Unisinos, p. 106

<sup>229</sup> Id.Ibid., p.89

<sup>230</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Jacob Arns*, 11/03/1948

transformou-se em mero ato litúrgico e a celebração eucarística e as reuniões comunitárias foram proibidas.<sup>231</sup>

Os pastores receberam, de São Leopoldo, sermões prontos em Língua Portuguesa para serem lidos, livros de cântico em português foram adotados, pastores estrangeiros retirados de zonas de fronteira, seminaristas foram rapidamente preparados para substituir os pastores alemães. Entre 1942 e 1943 muitos pastores foram internados em campos de concentração e a estrutura eclesiástica luterana sofreu muita crítica na imprensa.<sup>232</sup> Mesmo depois do fim da guerra, as restrições às reuniões dos pastores luteranos eram mantidas e necessitavam de autorização da polícia para ocorrerem.<sup>233</sup>

Afora esta posição de cautela, a reestruturação interna dos sínodos luteranos no período do pós-guerra ocupou a maior parte da agenda das lideranças protestantes. Tratativas para a formação da Federação Sinodal, que tinha como objetivo unir os sínodos Luterano, Rio-Grandense, Brasil-Central e Santa Catarina e Paraná, era a principal problemática dos luteranos a partir de 1945.<sup>234</sup> Contudo, esta união não era um anseio de todos os sínodos. Em 1938, durante a Campanha da Nacionalização, o Sínodo Rio-Grandense havia rejeitado a proposta de fusão, preferindo negociar as prerrogativas governamentais quanto à proibição da Língua Alemã de forma isolada.<sup>235</sup> A união dos sínodos luteranos era uma tentativa de combater a desestruturação interna da vida religiosa, provocada pela Campanha de Nacionalização. Isto exigiu que os mesmos resolvessem não só seus problemas financeiros, mas também de ordem eclesial.

Enquanto que as autoridades eclesiásticas católicas dos EUA manifestavam críticas em relação à miséria social e econômica da Europa arrasada pela guerra, as lideranças católicas brasileiras tinham muito cuidado em emitir opiniões quanto ao contexto do pós-guerra, principalmente no que diz respeito à Alemanha.<sup>236</sup> As autoridades eclesiais católicas

<sup>231</sup> DREHER, M. N., *Op. Cit.*, p.107

<sup>232</sup> Idem.

<sup>233</sup> Pastor Ulrich Schliemann solicitou ao Delegado Regional de Polícia de Blumenau, em 10/09/45, autorização para realizar, em Blumenau, uma reunião com os pastores Methner de Blumenau e Andresen de Badenfurt. Arquivo Histórico da Escola Superior de Teologia. **Sinodalvorstandsakten. Sitzungen 1937 – 1946.**

<sup>234</sup> Arquivo Histórico da Escola superior de Teologia. Sessão da diretoria do Sínodo Evangélico Santa Catarina e Paraná. Blumenau. 12/06/46. Arquivo Histórico da Escola Superior de Teologia. **Livro de Atas do Sínodo Evangélico de Santa Catarina e Paraná**, p.05

<sup>235</sup> Em reunião realizada em Blumenau no ano de 1938 houve a proposta de envio de uma delegação de deputados para negociar a proibição da Língua Alemã. O Sínodo Riograndense a rejeitou, pois esperava tirar proveito das negociações interestaduais. Assim sendo, tolerou a língua vernácula nos ofícios e, em 1942, se conformou com a ordem. Arquivo Histórico da Escola Superior de Teologia. Ata de 27/08/45, **Sinodalvorstandsakten. Sitzungen 1937 – 1946.**

<sup>236</sup> Em carta enviada pelo Pe. Eli ao Pe. Henrique Pauquet, o mesmo critica os bispos do Brasil e o Nuncio Apostólico, D. Carlos Chiardo, por não haverem se pronunciado publicamente em prol da Europa. O que

brasileiras foram, num primeiro momento, indiferentes à atuação da SEF porque, de um lado, não procuraram colocar obstáculos a sua criação e, por outro, não procuraram promover sua atuação. O caráter independentista da Companhia de Jesus, da qual provinham as lideranças eclesiais jesuíticas que idealizaram a organização, possibilitou este trabalho autônomo, longe da ingerência das autoridades eclesiais.

As dissidências internas da Igreja Católica, principalmente os conflitos internos da Arquidiocese de Porto Alegre, a qual o Colégio Anchieta era vinculado, fizeram com que os jesuítas preferissem trabalhar à margem da instituição eclesial. Os jesuítas tinham sérios conflitos com o Arcebispo de Porto Alegre, D. João Becker, porque este exercia seu cargo de forma autoritária exigindo que suas políticas de adesão ao Estado Brasileiro fossem seguidas à risca. Sua ligação com grupos políticos, sociais e econômicos mais representativos da sociedade luso-brasileira fez com que fosse visto *como uma figura essencialmente “pontifical”, ora como simplesmente “elitista”, não faltando críticas a sua ação pastoral por parte de alguns membros do clero e laicato, que o julgavam demasiadamente preso à elite e ao governo.*<sup>237</sup>

O relacionamento de Pe. Rambo com o Arcebispo D. João Becker, falecido logo após a criação da SEF, também havia sido muito tumultuado, o que fez com que tivesse restrições à ingerência da Cúria Metropolitana na SEF. O arcebispo era um defensor ferrenho da nacionalização forçada dos imigrantes alemães, atitude profundamente repudiada por Pe. Rambo.<sup>238</sup> A comunidade étnica alemã acusava D. João Becker de ser um “traidor”, pois tomou medidas que a revoltaram profundamente como, por exemplo, durante a Primeira Guerra Mundial, ordenando aos párocos que aderissem à política externa brasileira, bem como que realizassem proselitismo em favor ao Brasil junto aos fiéis. Além disso, determinou

---

mais lhe intrigava era o fato de Chiardo ter exercido o cargo de superintendente da Comissão de Socorro da Santa Sé na Alemanha. Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Eli a Pe. Henrique Pauquet*, 18/09/1946.

<sup>237</sup> ISAIA, A. C., *Op. Cit.*, p.51

<sup>238</sup> Em anotações pessoais de Pe. Balduino Rambo, o mesmo comenta as atitudes do Arcebispo D. João Becker em relação a nacionalização: *A ascensão do Nacional-Socialismo na Alemanha colocou-lhe nas mãos uma nova arma contra a tradição germânica. Sem qualquer combate pela espada entregou, em princípios de 1938, as escolas alemãs. A partir de 1940 seguiu-se golpe após golpe. Primeiro proibiu, sempre ele e não a polícia, o sermão em Língua Alemã nas cidades e introduziu o sermão no idioma luso em todas as colônias. No início de 1942, justamente após o rompimento das relações do Brasil com a Alemanha, deixou-se arrastar por Py, intermediando Adroaldo (Mesquita da Costa) e Both, para sua supressão total do Alemão no Culto Divino. “Arrastar” não é o termo correto, porque procedia assim com prazer intencional, embora afirmasse tratar-se de uma ordem de emergência. (...) Com a morte de teu Arcebispo desapareceu nosso último grande inimigo. Nunca lhe votei qualquer espécie de ódio. Mas também não fui a seu velório nem a seu sepultamento, porque tal atitude não passaria de pura hipocrisia em mim. RAMBO, Balduino. **Em busca da grande síntese.** São Leopoldo: Unisinos, 1984, p. 197-198*

que as escolas católicas ensinassem a Língua Portuguesa nas zonas coloniais em detrimento da Língua Alemã.<sup>239</sup>

O arcebispo também teve sérios atritos com a comunidade católica alemã de São José, em Porto Alegre, pois não aceitava sua subordinação à Cúria Romana e, desta forma, pretendia subordiná-la jurisdicionalmente à paróquia do Rosário, em cujo território se inseria, e que era vinculada à Arquidiocese de Porto Alegre. O litígio entre a comunidade alemã e o arcebispo acabou num processo canônico que confirmou o foro privilegiado da paróquia e a autonomia de sua capelania.<sup>240</sup> D. João Becker sofrera, desta forma, uma derrota em suas intenções de submeter a comunidade católica alemã de Porto Alegre a seu poder eclesial.

A situação de mal estar entre o bispo e a colônia alemã repetiu-se durante a Segunda Guerra Mundial, quando D. João Becker agiu em consonância com o poder público, baixando normas de nacionalização do clero católico e das escolas católicas, além de novamente proibir a pregação e preces em idioma estrangeiro, bem como as homenagens às nações estrangeiras. Neste sentido, enfrentou a oposição de padres da Companhia de Jesus e foi desafiado publicamente.<sup>241</sup>

A tendência centralizadora de D. João Becker também se verificou nas tentativas de absorver a Sociedade União Popular pela Arquidiocese de Porto Alegre. Essa associação tinha como principal objetivo cooperativar o trabalho dos colonos gaúchos dentro do sistema de caixa de crédito rural (sistema Raiffeisen, vigente na Alemanha). A sociedade foi fundada pelos padres jesuítas e concebida como uma instituição leiga, na qual os padres, vigários e a própria Cúria Metropolitana eram chamados somente na medida em que a promoção humana exigisse a atenção aos assuntos de natureza religiosa.<sup>242</sup> Os jesuítas temiam que Becker transformasse uma associação civil em uma associação eclesiástica sob seu controle. Temiam a uniformização do trabalho social do laicato na Ação Católica, sob o controle eclesiástico.<sup>243</sup>

D. João Becker, em seus atritos com a Companhia de Jesus, não aceitava seu caráter independentista nas áreas da educação como os colégios, universidades, casas de formação, casas de retiros, etc... Os jesuítas somente tinham de submeter-se à Cúria Metropolitana de Porto Alegre naquilo que dizia respeito às atividades pastorais como o trabalho nas paróquias,

---

<sup>239</sup> ISAIA, A. C., *Op. Cit.*, p.52

<sup>240</sup> RAMBO, Arthur Blásio. *D. João Becker, perfil de um bispo rio-grandense*. In: DREHER, Martin. (Org) **Populações Rio-Grandenses e Modelos de Igreja**. São Leopoldo: EST/Sinodal, 1998, p. 230

<sup>241</sup> ISAIA, A. C., *Op. Cit.*, p.53

<sup>242</sup> RAMBO, A. B., *Op. Cit.*, p.231

<sup>243</sup> ISAIA, A. C., *Op. Cit.*, p.55

nos hospitais, capelarias, etc... Afora isso, dispensavam o beneplácito do arcebispo, pois somente deviam obediência direta ao Papa e da Cúria Romana.<sup>244</sup>

Por outro lado, temos de considerar que a situação do pós-guerra, com a derrota alemã, também tornou a situação muito delicada para que a Igreja Católica tomasse uma posição oficial favorável à Alemanha. Isso a colocaria sob suspeita e poderia prejudicar sua posição política ao lado das autoridades públicas brasileiras. Esta posição havia sido conquistada pelo trabalho exaustivo de D. João Becker frente à Cúria Metropolitana de Porto Alegre. A Igreja católica no Brasil encarava o novo período político que se configurava no país com certo cuidado. A Arquidiocese de Porto Alegre, assim como a Igreja Católica, tiveram de adaptar-se às transformações que o mundo sofria no pós-guerra.

O colapso das experiências totalitárias à nível mundial, a qual a Igreja Católica no Brasil estivera vinculada no regime de Vargas, assim como o avanço das pretensões soviéticas na Europa e no mundo, os efeitos da urbanização e industrialização, relativizaram cada vez mais a força da “voz da Igreja” que teve de reformular seu discurso.<sup>245</sup> O discurso arquiocesano passava por um período de indefinição e necessitava, assim como o catolicismo brasileiro, instrumentalizar-se a fim de enfrentar a configuração da nova situação pluralista.<sup>246</sup>

A nova situação pluralista relativizou o discurso religioso que buscava manter-se como explicação óbvia de vida. O processo de laicização, assim como o aprofundamento do capitalismo no pós-guerra, fez com que a sociedade deixasse de revelar pré-condições materiais capazes de viabilizar o antigo discurso religioso.<sup>247</sup> A edificação de uma “democracia populista” colocava, para o catolicismo, a vivência de uma situação extremamente distante daquelas representações sociais às quais estava acostumada ou aspirava.<sup>248</sup>

É possível perceber a indiferença da Cúria Metropolitana de Porto Alegre em relação às iniciativas da SEF através da falta de empenho das lideranças católicas em estimular a participação da comunidade étnica católica alemã, tanto urbana quanto rural, a colaborar com a organização. O informativo da Cúria Metropolitana, a **Revista Unitas**, que circulava em meio ao clero católico do Rio Grande do Sul, nunca incentivou a participação do clero

<sup>244</sup> RAMBO, A. B. *Op. Cit.*, p. 230

<sup>245</sup> ISAIA, A. C., *Discurso Católico no Rio Grande do Sul; a Arquidiocese de Porto Alegre e as reformulações do Pós-Segunda Guerra Mundial*, In: **Teocomunicação**. Porto Alegre: EDIPUC, , setembro de 1996, p. 359

<sup>246</sup> Id. *Ibid.*, p. 363

<sup>247</sup> Id. *Ibid.*, p. 364

católico nas ações da SEF. Muito pelo contrário, o novo Arcebispo de Porto Alegre, D. Vicente Scherer<sup>249</sup>, que assumiu no lugar de D. João Becker, que faleceu em junho de 1946, poucos meses após a criação da SEF, nunca fomentou o trabalho da organização solicitando, pelo contrário, que os sacerdotes católicos aderissem às iniciativas pontificiais de socorro à Europa.

O Vaticano também havia criado uma Coleta de Socorro Pró-Vítimas da Guerra, principalmente no que concerne à ajuda às crianças alemãs órfãs da Segunda Guerra Mundial.<sup>250</sup> Esta organização tinha como finalidade amenizar a imagem de neutralidade que o Vaticano havia tido durante a Segunda Guerra Mundial, quando Pio XII teve poucas atitudes de condenação às ações nazistas em relação ao massacre de judeus. Estas doações vinham da América do Sul, principalmente do Chile e da Argentina. Em relação a SEF, o Vaticano teve, no princípio, uma postura de indiferença. A organização deveria coletar tudo que pudesse e, se houvesse pessoas que não queriam doar para os alemães, podiam doar ao Papa, que tinha liberdade de dispor delas como quisesse.<sup>251</sup>

Além disso, D. Vicente Scherer manteve, no pós-guerra, para as regiões coloniais alemãs, as mesmas políticas de nacionalização da Cúria Metropolitana de Porto Alegre sob a liderança de D. João Becker determinando, inclusive, que o ensino das escolas religiosas fosse ministrado somente no vernáculo. Segundo o Arcebispo:

*Reconhecemos a imperiosa necessidade de urgir e apressar, por meios adequados, a completa absorção dos laboriosos agricultores de diversas descendências étnicas na comunidade brasileira. (...) Agora, normalizadas as circunstâncias, re-examinamos cuidadosamente a situação e resolvemos baixar as seguintes determinações, que desde a presente data, serão rigorosamente executadas:*

*1ª. Nas escolas católicas, o ensino, inclusive a instrução religiosa será ministrado, exclusivamente, no vernáculo.*

<sup>248</sup> Id. *Ibid.*, p. 363

<sup>249</sup> D. Vicente Scherer nasceu em Bom Princípio, Município de São Sebastião do Caí no ano de 1903. Estudou no Colégio paroquial de Bom Princípio e, aos 11 anos, ingressou no Colégio Provincial de São Leopoldo/RS, onde iniciou os estudos secundários e concluiu seus estudos teológicos. Em 1924 estudou na Universidade Gregoriana de Roma, onde se doutorou em Teologia. Foi ordenado em 1926, voltou ao Brasil e, em 1928, foi nomeado secretário particular do Arcebispo de Porto Alegre D. João Becker. Como secretário atuou na Paróquia de Guaíba e organizou as Paróquias de Barra do Ribeiro e de Tapes. Foi capelão militar nas tropas revolucionárias de 1930. Após a vitória retornou ao seu cargo de secretário que desempenhou até 1934. A partir daí assumiu a Paróquia de São Geraldo até o ano de 1945, quando foi eleito Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Porto Alegre. Com a morte de D. João Becker assumiu seu posto. Faleceu em março de 1996. Cf. ABREU, A. A. *Op. Cit.*, p. 5326-5328

<sup>250</sup> A Coleta Pró Vítimas da Guerra tinha como finalidade ajudar as crianças inocentes desprovidas de casa, roupa, alimentação e do afeto insubstituível do lar paterno. A Pontifícia Comissão de Assistência às Vítimas de Guerra, queria fundar 200 colônias para abrigar 500.000 crianças. D. Vicente Scherer, Arcebispo de Poa, em 13/06/47, realizou pedido de coleta dedicada a esta obra. O resultado foi uma coleta de Cr\$ 108.281,50. **Revista Unitas: Boletim da Província Eclesiástica de Porto Alegre**. Porto Alegre, Nº 10-12, outubro-dezembro 1946, p.141

<sup>251</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de E.H/Castel Gandolfo para Pe. Leopoldo Arntzen*, 14/10/1946

2ª. Nas igrejas das sedes municipais, a pregação será feita, da mesma forma, somente na língua nacional.

3ª. Nas igrejas e capelas do interior dos municípios, onde haja número considerável de pessoas que não entendam a língua do país, os sacerdotes, depois da pregação em vernáculo, poderão, e mesmo deverão explicar a palavra de Deus na língua que essas pessoas entendem.

4ª. Aconselhamos que as orações em comum, também no interior dos municípios, se façam na língua nacional.<sup>252</sup>

As atitudes da Cúria Metropolitana de Porto Alegre e seu novo Arcebispo, D. Vicente Scherer, não foram muito diferentes das medidas adotadas por D. João Becker. Podemos notar seu poder de influência na forma como D. Vicente Scherer conduziu seus trabalhos à frente da cúria, pois o mesmo havia sido secretário de Becker durante o exercício de seu ministério eclesial. Estas atitudes continuavam a desagradar elementos que, como Pe. Rambo, estavam profundamente identificados com os valores da cultura alemã.<sup>253</sup>

Se, por um lado, as atitudes dos Arcebispos D. João Becker e D. Vicente Scherer em relação à comunidade étnica alemã recomendavam que os dirigentes da SEF se mantivessem afastados dos mesmos, por outro lado, tinham de obter suas autorizações para se dedicarem à SEF e realizar os trabalhos de coleta junto às comunidades católicas. Pe. Rambo preocupava-se muito que a Cúria Metropolitana pudesse impor dificuldades para os trabalhos da SEF, pois, segundo o mesmo, *o trabalho a partir do púlpito era imprescindível e as autorizações da mesma eram importantes.*<sup>254</sup>

As autorizações da hierarquia eclesial católica eram importantes para a SEF agir com mais liberdade e desenvoltura junto às comunidades católicas e à população em geral. Por isso, a diplomacia foi sempre um elemento imprescindível na articulação dos padres jesuítas junto às autoridades eclesiais católicas. Neste sentido, os protestantes tinham menos dificuldades junto as suas autoridades eclesiásticas, pois sua organização eclesial não seguia uma rígida estrutura hierárquica que exigisse um apego à diplomacia a fim de se garantirem de eventuais problemas que viessem a enfrentar.<sup>255</sup>

<sup>252</sup> *O Problema da Nacionalização. Determinações sobre a nacionalização no pós-guerra.* In: **Revista Unitas: Boletim da Província Eclesiástica de Porto Alegre.** Abril-Junho de 1947, p.126

<sup>253</sup> Segundo comentário pessoal de Pe. Rambo em seu diário a respeito do uso da Língua Alemã no ano de 1949: *Do meio do ano para cá cessaram também os ataques raivosos de um Coelho de Sousa, de um Brito Velho e de gentilha semelhante. Deu-se provavelmente porque não vinham encontrando eco público. Diante disso senta muito mal que os bispos ainda não estejam permitindo o sermão em Língua Alemã nas cidades ou que tal proibição se tenha agravado nos últimos tempos. Em Porto Alegre, RS, ele deveria reintroduzir-se (na Igreja São José) em favor dos estrangeiros, (...). É de pascar que tais coisas se faça agora a autoridade eclesiástica, ou seja, quatro anos depois de terminada a Segunda Guerra Mundial!* RAMBO, Balduino. **Em busca da grande síntese.** São Leopoldo: Unisinos, 1984, p. 72

<sup>254</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo para Pe. Leopoldo Arntzen*, 26/06/1946

<sup>255</sup> Segundo Pe. Roberto Bramsiepe: *Os luteranos de Curitiba tem mais coragem civil de chamar a população a participar da coleta da SEF do que os católicos que se apegam demais à diplomacia a fim de se garantirem*

O trabalho independente das instituições eclesiais que a SEF realizou não foi só uma característica do sul do país, mas também da região sudeste.<sup>256</sup> Se, por um lado, as autorizações dadas pela Cúria preservaram o caráter independentista da organização, por outro, não contribuíram para uma aproximação efetiva da hierarquia católica às iniciativas da SEF. Pe. Rambo teve de interceder a Roma, na figura do Pe. Provincial Leopoldo Arntzen, a fim de que o Vaticano enviasse uma palavra de encorajamento e reconhecimento pelo trabalho realizado e a ser realizado pela SEF. Outrossim, também solicitou que o Vaticano enviasse agradecimentos ao empenho de importantes personalidades eclesiais e políticas que haviam atuado em prol da SEF como: D. Jaime de Barros Câmara, Dr. Cilon Rosa (interventor do Rio Grande do Sul), Dr. Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta, Pres. Eurico Gaspar Dutra e o Deputado Federal Arthur Fischer.<sup>257</sup>

Estes apelos das lideranças a manifestações favoráveis do Vaticano e das autoridades eclesiais brasileiras em relação à atuação da SEF buscavam apoio para que o trabalho de coleta pudesse frutificar. Demonstram o discreto empenho por parte das autoridades eclesiais na ação da SEF. Elas mantiveram uma postura de distanciamento em relação ao comitê, estimularam a participação dos clérigos na organização de socorro pontifical e somente agiram em prol da SEF quando as lideranças do comitê solicitavam sua ajuda ou, agiram contra a organização quando sentiam que a mesma ameaçava o sucesso da obra pontifical.

A criação da SEF teve de superar uma série de dificuldades impostas por diferentes grupos que se mobilizaram em torno dela. A SEF configurou-se a partir da articulação de indivíduos pertencentes as elites do grupo étnico alemão, pessoas ligadas ao clero das Igrejas Católica e dos sínodos luteranos no Brasil. Também houve a participação de elementos ligados a segmentos econômicos bastante representativos da sociedade sul-brasileira. Estas pessoas estavam inseridas na comunidade étnica alemã e tinham uma atuação muito expressiva junto a ela. Elas circulavam em meio aos círculos sociais, políticos e econômicos da sociedade sul-brasileira. Tiveram de traçar e utilizar diferentes estratégias de articulação e mobilização para superar as dificuldades enfrentadas pela SEF num contexto brasileiro de pós-guerra ainda fortemente marcado pelos ressentimentos provocados pela guerra.

---

*de eventuais problemas. Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Roberto Bramsiepe a Pe. Balduino Rambo, 21/06/1946*

<sup>256</sup> Segundo Pe. Balduino Rambo: *No RJ e SP nós não queremos organizar a obra a partir das instituições eclesiais, pois ela estaria ligada a muitos entraves. Se nos deixarem trabalhar em paz estamos satisfeitos. Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a Fritz Freitag/Livoniu & Cia Seguros/Blumenau/SC, 02/08/1946*

<sup>257</sup> *Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Anton Kordt, Seminário Central de São Leopoldo, 30/09/1946*

### 3. ARTICULAÇÃO E AÇÃO DO COMITÊ DE SOCORRO À EUROPA FAMINTA NO CONTEXTO BRASILEIRO

O capítulo analisa a atuação da SEF no cenário econômico, político e social do Brasil no pós-guerra. Reconstituiremos sua atuação histórica sistematizando sua dinâmica de organização e funcionamento em meio à comunidade étnica alemã urbana e rural entre os anos de 1946 e 1949. Destacaremos os grupos sociais que aderiram à campanha promovida pela SEF, examinaremos suas dificuldades de atuação em meio ao contexto brasileiro do pós-guerra, as divisões e os conflitos internos da comunidade étnica alemã que prejudicaram a organização e funcionamento do comitê, além de destacar a função social e ideológica da SEF.

#### 3.1 Mobilização e organização da SEF.

O fim da Segunda Guerra Mundial fez surgir, em todo o mundo, uma infinidade de organizações de caráter privado, beneficente e filantrópico que minoraram as dificuldades materiais das vítimas da guerra.<sup>258</sup> A SEF foi um dos organismos de ajuda humanitária que surgiram no Brasil. Havia outras, sendo algumas de caráter comercial, que enviavam, a pedido de seus clientes, pacotes de ajuda privada para os familiares que ainda residiam no Velho

---

<sup>258</sup> Os organismos internacionais mais atuantes na ajuda material à Alemanha foram a CRALOG (Concil of Relief Agencies for Operation in Germany) e a CARE (Cooperativa Americana de remessas para Europa) Acervo Benno Mentz. **Jahresbericht des Hilfswerks der Evangelische Kirchen in Deutschland. für das Berichtjahr vom 01/04/46 bis 31/03/47 erstattet Zentralbüro**, p.08-09

Mundo e careciam de ajuda material.<sup>259</sup> Entretanto, a atuação da SEF no Brasil não quis fazer concorrência com estas empresas, visto que houve algumas que trabalharam em conjunto com a mesma.<sup>260</sup> Entretanto, o trabalho conjunto sempre preservou o caráter autônomo da organização.<sup>261</sup>

A SEF articulou-se na região metropolitana de Porto Alegre a partir de 07/04/1946, depois do pedido efetuado pelo Pe. August Adelpkamp, representante da sucursal da Caritas Alemã na Suécia, para que a comunidade étnica alemã no Brasil se mobilizasse em prol dos necessitados e famintos anônimos vítimas da guerra. Seu pedido solicitava que todos os grupos sociais fossem envolvidos na tarefa de ajuda para a Alemanha. O mesmo garantia que a distribuição ocorreria de forma aleatória, sem distinção confessional.<sup>262</sup>

Apesar do nome de *Comitê de Socorro para a Europa Faminta*, a SEF tinha como finalidade auxiliar exclusivamente alemães e austríacos na Europa. Não era, portanto, uma ajuda humanitária destinada a todas as vítimas da Segunda Guerra Mundial. O nome da organização foi criado com o intuito de desmobilizar as desconfianças das autoridades inglesas e brasileiras, assim como da sociedade brasileira. Propostas para designar a organização de *Socorro à Alemanha* foram rejeitadas pelas lideranças da SEF, visto que o nome poderia gerar uma série de problemas que prejudicariam a ação da organização.<sup>263</sup> Os ressentimentos provocados pela guerra ainda ecoavam na sociedade brasileira e internacional.

A SEF propôs-se a ajudar materialmente as vítimas da guerra por meio da coleta de dinheiro e da compra de mercadorias que seriam enviadas para a Alemanha através da Suécia até que as atividades comerciais do país se normalizassem.<sup>264</sup> Não havia sentido em enviar dinheiro, pois o que faltavam eram mercadorias para o consumo da população.<sup>265</sup> As mercadorias compradas pela organização constituíam-se de alimentos, medicamentos, tecidos,

<sup>259</sup> Nos primeiros anos da guerra havia a Cruz Vermelha Alemã em Poa, mas não havia clareza legal quanto a sua atuação. Com a entrada do Brasil na guerra, as 18 caixas arrecadadas pela instituição foram confiscadas pela polícia. Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo para Pe. t Hagedorn*, 14/08/1946

<sup>260</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo para Pe. Anton Kordt, Seminário Central de São Leopoldo*, 13/12/1946

<sup>261</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Jacob Nebel, Braço do Norte/Tubarão*, 09/06/1946

<sup>262</sup> Acervo Benno Mentz, *Relatório Final da SEF*.

<sup>263</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Dom. Thomas Keller, Mosteiro de São Bento*, 29/09/1946

<sup>264</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Schwester Betha Whele OSB, Ginásio Santa Escolástica/Sorocaba/SP*, 14/01/1948

<sup>265</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Ferdinand Nelles/Pelotas/RS*, 26/06/1947

couro, roupas e calçados usados, produtos de armarinho<sup>266</sup>, etc. Com o decorrer do tempo, também houve a possibilidade de se enviar sementes.<sup>267</sup>

Entretanto, havia restrições à remessa de certos produtos por parte das autoridades dos governos de ocupação, como, por exemplo, ao envio de cigarros ou outros que não figuravam nas listas de exportação.<sup>268</sup> Tabaco e cigarros tinham um controle rígido na alfândega da Alemanha.<sup>269</sup> O cigarro e o café eram usados como moeda na Alemanha do pós-guerra e, seu uso, estimulava o desenvolvimento do mercado negro que era combatido pelos governos de ocupação. A alfândega autorizava o envio de 2Kg de café por pacote. Caso houvesse mais, o mesmo era confiscado.<sup>270</sup>

As mercadorias, depois de compradas e empacotadas, seguiam de Porto Alegre para o porto de Rio Grande e, de lá, para o porto de Göteborg, na Suécia, d'onde eram remetidas pela Caritas Sueca à cidade de Lübeck, Alemanha, para a Caritas Alemã local dirigida pelo Pe. Franz Josef Diedrich.<sup>271</sup> As mercadorias passavam pela fiscalização alfandegária<sup>272</sup> e, posteriormente, eram divididas entre a Obra de Socorro Evangélica (*Evangelisches Hilfswerk*), com sede em Hamburgo, e a Caritas Alemã que se responsabilizavam pela entrega das doações.<sup>273</sup>

Os navios responsáveis pelas remessas pertenciam a agências suecas e brasileiras, como a empresa marítima Nordstjernen e o Loyd Brasileiro.<sup>274</sup> A SEF conseguiu, entre 1946 e 1949, organizar dez remessas de mantimentos para a Alemanha, além de duas remessas intermediárias e de algumas pequenas remessas que partiram dos portos do Rio de Janeiro e

<sup>266</sup> Nos anexos constam as tabelas de mercadorias e remessas feitas pela SEF para a Alemanha.

<sup>267</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Dr. Francisco Innerhofer/ Constantina/ Município de Sarandi*, 03/07/1947

<sup>268</sup> A exportação de gêneros de primeira necessidade dependia da liberação do governo brasileiro e mudava de acordo com as necessidades internas do país. A SEF solicitava a seus colaboradores o envio de café em grande quantidade, açúcar, roupas e fazendas. O feijão somente era enviado caso não encarecesse a compra. Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Nikolaus Kampf*, 23/09/1946

<sup>269</sup> Tabaco e cigarros tinham um controle rígido na alfândega da Alemanha. Havia taxas de 0,47 Pfennig por cigarro, 1,50 DM por caixa de cigarro e 10 DM para 50 gramas de tabaco. Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Baduíno Rambo a Johann Müller, P. Reitor Seminário de Santa Maria/RS*, 15/12/1946

<sup>270</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Baduíno Rambo a Irmão Corsino/Academia do Comércio/Juiz de Fora/MG*, 03/09/1947 (?)

<sup>271</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a R.P. Provincial*, 13/06/1947

<sup>272</sup> O controle era precário, por amostragem. Se 1 pacote aberto continha cigarros ou tabaco todos tinham que ser abertos, o que era prejuízo para o destinatário. Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Baduíno Rambo a Johann Müller, P. Reitor Seminário de Santa Maria/RS*, 15/12/1946

<sup>273</sup> A SEF somente tinha autorização para enviar os donativos para a Alemanha a partir do porto de Rio Grande. Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Baduíno Rambo a Schwester Betha Whele OSB, Ginásio Santa Escolástica/Sorocaba/SP*, 05/05/1947

<sup>274</sup> As remessas foram realizadas através dos navios Axel Johnson. Amazonas, São Francisco, Princesa Margareta, Columbia, Margaret Johnson e Uruguai.

Santos. Foram enviadas, durante os três anos de atuação da SEF, em torno de 4.200 toneladas de alimentos e roupas.<sup>275</sup>



Foto Acervo Benno Mentz: Embarques da SEF no Brasil para Alemanha

Quando as dificuldades de envio das mercadorias diretamente para a Europa aumentaram, houve propostas de envio das remessas através de instituições eclesiais católicas dos EUA. Entretanto, estas propostas foram rejeitadas por Pe. Rambo, pois a comunidade étnica alemã no Brasil tinha desconfianças quanto aos EUA. Além disso, a Suécia era encarada como um país neutro e os evangélicos não viam com bons olhos o envolvimento de outras instituições eclesiais, pois a Caritas Sueca e Alemã haviam concordado com o trabalho interconfessional.<sup>276</sup>

A ajuda enviada pela SEF tinha um caráter coletivo. Eram remessas de mercadorias realizadas em grande quantidade, organizadas em pacotes individuais no Brasil ou pelas instituições eclesiais católica e luteranas na Alemanha e, posteriormente, distribuídas às vítimas da guerra. Não havia, no início, possibilidade das pessoas ajudarem seus familiares por meio de remessas individuais e privadas. Ajuda material individual e privada não era admitida pelos ingleses.<sup>277</sup> Esta somente podia ser realizada, até outubro de 1946, através de firmas comerciais.<sup>278</sup> Havia a possibilidade de confeccionar pacotes individuais de até 5Kg e doá-los para a SEF; porém, esta ajuda era restrita à coletividade.

No princípio havia a intenção de criar uma organização que arrecadasse contribuições mensais de seus doadores; contudo, com o decorrer do tempo, esta possibilidade foi

<sup>275</sup> TORRALES, M., *Op. Cit.*, p.62

<sup>276</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Dr. Odo von Württemberg, New York, 10/09/1946*

<sup>277</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo Antônio Köhler, St. Cruz/RS, 29/09/2946*

<sup>278</sup> Das 150 toneladas que os ingleses deixavam ir mensalmente para a Alemanha somente 10% eram de alimentos de alto teor calórico. Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Dr. Odo von Württemberg, New York, 10/09/1946*

descartada e coletas em dinheiro para a compra de mercadorias e o pagamento dos custos de transporte foram as alternativas que se mostraram mais viáveis e eficazes.<sup>279</sup> Foram organizadas listas de doadores que circularam em meio às comunidades eclesiais católicas e luteranas da comunidade étnica alemã, bem como em meio ao comércio e a indústria.<sup>280</sup> Nelas as pessoas podiam fazer doações voluntárias de qualquer valor.

As primeiras contribuições recebidas pela SEF na região metropolitana do Rio Grande do Sul foram realizadas pela Firma Renner, através de seu proprietário Anton Jacob Renner.<sup>281</sup> Sua empresa forneceu mercadorias para a SEF, que eram armazenadas e despachadas, até março de 1947, nos depósitos da Firma Dreher & Cia, que foram disponibilizados por seu proprietário de forma gratuita.<sup>282</sup> Os pacotes “standart”, já confeccionados e prontos para a remessa, podiam ser adquiridos pelos doadores nas lojas Renner e doados para a organização. A SEF emitia recibos de contribuição que podiam ser usados pelas pessoas jurídicas para que o doador abatesse o valor no imposto de renda. No Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina os recibos emitidos pela SEF eram aceitos pelas autoridades locais.<sup>283</sup>

Os núcleos coloniais não foram atingidos de imediato, mas posteriormente, visto que, no princípio, não havia intenção em *interferir em coletas de ordem eclesiástica e particular das freguezias*.<sup>284</sup> Estas estavam, no Rio Grande do Sul, arrecadando donativos para as obras da Catedral Metropolitana de Porto Alegre, cuja iniciativa havia sido do Arcebispo D. João Becker, e não havia intenção dos padres jesuítas em entrar em confronto com o mesmo.<sup>285</sup> Por outro lado, as regiões coloniais também foram atingidas pela crise econômica do pós-guerra. Esta foi causada pela seca que atingiu as colônias do Rio Grande do Sul, assim como pelas

<sup>279</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Marcos Konder*, 08/05/1946

<sup>280</sup> Nos anexos consta uma lista de algumas firmas comerciais e de estabelecimentos industriais que colaboraram com doações para a SEF, ou foram contratadas pelo comitê para fornecer mercadorias a serem enviadas para a Alemanha.

<sup>281</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Madre Boaventura. Colégio Sagrado Coração de Jesus/Florianópolis*, 21/12/46

<sup>282</sup> O Depósito Dreher localizava-se no Edifício Tupinambá, Av. Julio de Castilhos, 464.

<sup>283</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo para Knorr & Cia Ltda, Panambi*, 04/04/1948

<sup>284</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo ao Cônego Vigário Albino Juchem de Estrela/RS*, 23/07/1946

<sup>285</sup> A proposta de construção foi lançada em Carta Pastoral de D. João Becker em 03/05/1919. Deveria substituir a Antiga Matriz concluída em 1793. A Catedral foi inaugurada em 1948. Segundo a Revista *Unitas: Os poderes públicos, apoiando a ereção deste notável monumento de fé, arte e embelezamento da cidade, concederam subvenções, isentaram as obras de impostos alfandegários por materiais importados e dispensaram as taxas testamentárias incidentes sobre legados feitos. Em todas as igrejas e capelas realizaram-se numerosos peditórios; algumas pessoas abastadas contribuíram com generosidade para tão elevada finalidade. Desde 1923, periodicamente foram realizados peditórios na zona rural; zelosos sacerdotes para isso designados visitaram família por família, solicitando um óbulo para a catedral e encontraram louvável correspondência. Revista Unitas: Boletim da Arquidiocese de Porto Alegre.*, Porto Alegre, outubro a dezembro de 1948, p. 225-230

dificuldades de escoamento da produção colonial para as áreas de consumo urbano, o que dificultava o acúmulo de capital por parte dos colonos.<sup>286</sup>

A primeira coleta de dinheiro atingiu o contexto urbano das cidades de Porto Alegre, São Leopoldo, Novo Hamburgo e Cachoeira.<sup>287</sup> A segunda campanha de coleta atingiu os estados de Santa Catarina e Paraná. Coletas posteriores foram realizadas, a partir de junho de 1947, nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. A SEF nasceu, portanto, a partir da mobilização de grupos sociais urbanos e expandiu-se, posteriormente, pelas regiões rurais. Os responsáveis pelas atividades de coleta eram o Pe. Pauquet, P. Schlieper, P. Evers e o comerciante Willy Siegmann, que se revezavam nas viagens pelas regiões urbanas e rurais, onde a comunidade étnica alemã estava concentrada. As correspondências burocráticas ficavam a cargo de Pe. Rambo.<sup>288</sup>

O governador do estado do Rio Grande do Sul, Cilon Rosa, concedeu facilidades para a atuação da SEF determinando à organização isenção de todas as formalidades legais, taxas portuárias e de exportação.<sup>289</sup> Isso fez com que Pe. Pauquet solicitasse ao Banco do Brasil a devolução de taxas pagas por causa da remessa de divisas da SEF para o exterior a fim de quitar as custas do transporte de mercadorias para a Suécia.<sup>290</sup> O relacionamento da SEF com a fiscalização bancária era muito cuidadoso por causa da rigidez com que as autoridades controlavam o fluxo monetário para o exterior.<sup>291</sup>

O estado do Rio Grande do Sul concedia gratuidade para a remessa de mercadorias no transporte ferroviário das regiões coloniais para Porto Alegre, onde eram embarcadas em chatas com destino ao porto de Rio Grande.<sup>292</sup> O frete era gratuito se os vagões ferroviários contivessem somente mercadorias destinadas a SEF. Se a remessa fosse feita pelos remetentes com a condição de que o frete fosse pago pela SEF na chegada, conseguia-se a liberação do

<sup>286</sup> O Jornal Correio do Povo fez um apelo para que as autoridades brasileiras providenciassem a importação de caminhões para que as regiões coloniais pudessem deslocar a produção para os centros urbanos. Cf. FARACO, Danilo A. *Mandem-nos caminhões*. In: **Correio do Povo**. Porto Alegre, Sexta Feira, 06/09/1946, p. 04

<sup>287</sup> RAMBO, Balduino. *Deutschlandhilfe*, Die Fahne des Hl. **Ignatius. Kalender des Jesuitenkollegs in São Leopoldo für Schüler, Eltern, Freunde und Wohltäter**. Abril de 1947, p.52-54

<sup>288</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a August Adelpkamp*, 26/10/47

<sup>289</sup> Decisão emitida pela portaria nº 96, de 26/05/1946, despachada pelo interventor do estado do Rio Grande do Sul, Cilon Rosa perante as autoridades públicas. Acervo Benno Mentz, *Circular de agradecimento da SEF*.

<sup>290</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Henrique Pauquet a Sr. Antônio de Moraes Rego/Chefe da fiscalização bancária do Banco do Brasil*, 13/06/1946

<sup>291</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Detlev Ludewig*, 12/05/1947

<sup>292</sup> Companhias de navegação como a “Veloz”, “Walter Dreher” e “Lubisco” eram encarregadas do transporte de mercadorias, assim como o Depósito Dreher & Cia, pela recepção das primeiras doações das regiões coloniais. Acervo Benno Mentz. *Circular de agradecimento da SEF*.

pagamento. A orientação geral do comitê era de que pequenas remessas viessem com o frete pago.<sup>293</sup>

As facilidades obtidas junto ao governo do estado do Rio Grande do Sul não se refletiram nos outros estados onde o comitê atuou. Antes de haver coleta em Santa Catarina houve a preocupação de que as autoridades governamentais daquele estado também colaborassem com o comitê e concedessem as mesmas facilidades.<sup>294</sup> As condições para o funcionamento da SEF dependiam muito do estado no qual o comitê procurava atuar, assim como da disposição dos funcionários públicos em colaborar para que os trâmites burocráticos fossem atenuados.<sup>295</sup> As remessas monetárias da SEF para o exterior, a fim de pagar suas contas com o transporte, eram consideradas fáceis de serem realizadas no Paraná, difíceis em Santa Catarina e dependiam do “tempo”, para não dizer da “boa vontade”, dos funcionários do Banco do Brasil no Rio Grande do Sul.<sup>296</sup>

Afora os problemas com as autorizações nacionais para funcionar, a SEF enfrentou problemas com as autoridades internacionais, pois precisou negociar o transporte marítimo, as autorizações de despacho e o salvo conduto com os ingleses, que exigiam a expedição de uma autorização, chamada de *navicert*, para que os navios pudessem navegar carregados de mantimentos para a Europa pelo Oceano Atlântico.<sup>297</sup> A primeira autorização de despacho de mercadorias pelo governo brasileiro veio em 23/05/1946, com exceção de 200 toneladas de arroz que haviam sido compradas. Antes mesmo que houvesse a emissão da autorização de navegação 300 toneladas de mantimentos já haviam sido remetidas para o porto de Rio Grande.<sup>298</sup>

A autorização dos ingleses foi expedida em 30/05/1946, sem o arroz que foi todo comprado pela Inglaterra para a Índia. Problemas com o abastecimento da população da Índia, que ainda pertencia ao Império Britânico, fez com que o governo brasileiro assinasse um acordo com as autoridades inglesas se dispondo a enviar o arroz excedente para aquele país a fim de minorar o desabastecimento interno da colônia inglesa.<sup>299</sup> A SEF, após tentativas de

<sup>293</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Dr. Walter Hund/São Carlos/RS*, 01/05/1947

<sup>294</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Marcos Konder*, 13/06/1946

<sup>295</sup> No Paraná a SEF foi aprovada pelo Dr. Percival Loyola e delegado Auxiliar por ofício de 08/07/1946. Acervo Benno Mentz, *Ofício de 26/08/1946*

<sup>296</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Herbert Voss*, 31/08/1946

<sup>297</sup> Acervo Benno Mentz, *Relatório Final da SEF*

<sup>298</sup> *Idem.*

<sup>299</sup> Em 08/02/1946 o *Correio do Povo* publicava notícia anunciando a crise de grãos na áreas afetadas pela guerra. Houve, por parte do Secretário Geral da ONU, Sr. Lie, um pedido para que todas as nações, entre elas o Brasil, aumentassem as exportações de arroz. *Auxílio às populações famintas. Correio do Povo*. Porto Alegre, Sexta Feira, 08/02/46, p.01

obter a liberação do arroz, teve de desfazer-se dele e vendê-lo.<sup>300</sup> Esta venda foi realizada em Rio Grande, sem perdas financeiras para a organização. Com sua venda, a primeira remessa, que consistia em 91,645 toneladas, foi enviada pelo navio Margaret Johnson, em 06/06/1946, e chegou a Suécia em 08/08/1946.

A primeira remessa foi enviada para a Caritas e distribuída sem distinção confessional às vítimas alemãs.<sup>301</sup> Na primeira metade de junho foram realizadas pequenas incursões de coleta em São Leopoldo/RS e em Santa Catarina. Em 12/06/1946, o Sínodo Riograndense aderiu a SEF na pessoa de seu Vice-Presidente P. Ernesto Schlieper. A participação das autoridades eclesiais protestantes aumentou a capacidade de mobilização e articulação da organização em meio à comunidade étnica alemã.

Na mesma reunião em que os protestantes aderiram à organização com suas exigências, a diretoria da SEF decidiu realizar a segunda grande coleta em Santa Catarina e no Paraná. Em 19/06/1946, Pe. Pauquet, acompanhado de Willy Siegmann, voou para Florianópolis e percorreu, até 15/07/1946, a costa nordeste do estado de Santa Catarina e o sul do Paraná. A arrecadação total desta viagem rendeu 2,5 milhões de cruzeiros, superando as expectativas iniciais e garantindo, desta forma, o desenvolvimento das atividades da SEF.<sup>302</sup> A primeira contribuição significativa para a SEF em Santa Catarina foi realizada pelo ex-prefeito de Itajaí e ex-deputado estadual Marcos Konder, que se empenhou em indicar outras personalidades de relevância econômica que pudessem auxiliar no empreendimento.<sup>303</sup>

Durante os três primeiros meses de atuação a SEF se articulou por conta própria; entretanto, houve a necessidade de regulamentar sua situação para que não houvesse entraves burocráticos em seu trabalho. Numa reunião, que contou com a presença do Cel. Gaelzer Netto<sup>304</sup>, em 12/08/1946, decidiu-se que a SEF e a Cruz Vermelha Brasileira atuariam em conjunto, ou seja, trabalhariam lado a lado em prol dos necessitados da Europa.<sup>305</sup> A Cruz Vermelha enfrentava muitos problemas para remeter donativos para a Europa. A remessa de

<sup>300</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Dr. Glycerio Alves/Copacabana/RJ*, 23/05/1946

<sup>301</sup> A primeira remessa foi distribuída em Lübeck, Bremen, Kiel, Essen, Bielefeld, Paderborn, Münster, Köln, Wesel, Xanten e Kleve. Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Jacó Nebel*, 16/10/1946.

<sup>302</sup> A Segunda remessa enviada pela SEF foi toda de contribuições efetuadas pelos estados de SC e PR. Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo ao Pastor Fritz Wüstner/Joinville*, 21/09/1946

<sup>303</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Marcos Konder a Pe. Balduino Rambo*, 28/06/1946

<sup>304</sup> Cel. Gaelzer Netto foi prefeito de São Leopoldo de 11/03/1902 a 11/10/1916. Foi reeleito em 1904, 1908 e 1912. Durante sua administração, Borges de Medeiros visitou a cidade para inaugurar a Linha Férrea de SL a Montenegro e margem do Taquarí. Em 1907 foram calçadas várias ruas. Em seu governo resolveu-se o problema da iluminação elétrica. PORTO, Aurélio. **O trabalho Alemão no RS**. Porto Alegre, 1996, p. 244-251

<sup>305</sup> A Cruz Vermelha localizava-se em frente ao Hospitals São Francisco, sendo que somente ela tinha autorização de enviar pacotes de mantimentos para os prisioneiros nos campos de concentração. Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo para João John/Taquara/RS*, 01/02/1947

seis toneladas de mercadorias arrecadadas pela mesma ainda não haviam sido liberadas pelos ingleses, enquanto que a SEF já havia feito duas remessas.<sup>306</sup>

No encontro acordou-se que a SEF transportaria, a partir de sua terceira remessa, as doações da Cruz Vermelha Brasileira, mediante o pagamento do transporte, assim como ficaria responsável pela sua distribuição por meio da Caritas e da Cruz Vermelha Sueca. A SEF usufruiria os mesmos benefícios e regalias da Cruz Vermelha no Brasil, para o qual foi nomeado representante o Pe. Pauquet.<sup>307</sup> A SEF e a Cruz Vermelha, enquanto tratavam da questão das remessas, negociaram o repatriamento de 1700 brasileiros retidos na Áustria e na Alemanha. Esta tentativa, no entanto, se mostrou infrutífera.<sup>308</sup>

Desde o início das atividades da SEF houve pedidos para que a organização enviasse pacotes privados para os parentes de descendentes de alemães no Brasil para a Alemanha.<sup>309</sup> A Inglaterra somente admitia tal iniciativa por meio da Cruz Vermelha ou de empresas comerciais. Em reunião realizada na Sociedade Ginástica de Porto Alegre, ocorrida em 22 de agosto de 1946, foi decidido que a SEF assumiria esta tarefa somente em conexão com a ajuda coletiva, pois o comitê não queria tornar-se infiel para com sua principal tarefa, que era a ajuda às vítimas anônimas da guerra.<sup>310</sup>

A autorização para a remessa de pacotes individuais foi muito difícil de ser obtida pela SEF junto ao governo brasileiro e teve de contar com a interferência de diversas autoridades públicas; contudo, também os países que ocupavam a Alemanha tinham de autorizar a remessa. Neste sentido, a equiparação da SEF a organizações de ajuda internacional era um desejo da diretoria a fim de que se superassem as dificuldades impostas.<sup>311</sup> Somente em outubro de 1946, mais precisamente no dia 20/10/1946, a remessa de pacotes privados tornou-se possível, sendo que Pe. Pauquet se dirigiu ao Rio de Janeiro para tratar da questão junto à Cruz Vermelha Nacional. Contudo, foi fixado um limite de envio de 10 pacotes por doador e somente um por destinatário.<sup>312</sup>

<sup>306</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo para Antônio Köhler*, 29/09/1946

<sup>307</sup> Pe. Henrique Pauquet também foi eleito dirigente da filial brasileira da Caritas em Estocolmo, Suécia. Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Pe. Balduino Rambo a Marcos Konder*, 01/06/1946.

<sup>308</sup> Acervo Benno Mentz, *Relatório Final da SEF*.

<sup>309</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Franz Blohm/Ibirama/SC para Pe. Balduino Rambo*, 03/07/1946

<sup>310</sup> Não havia intenções de transformar a SEF numa simples agência de envio de pacotes privados, pois isso daria muito trabalho e reduzia a ajuda coletiva. Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Madre Boaventura/Colégio Sagrado Coração de Jesus/Florianópolis*, 25/03/1947

<sup>311</sup> De acordo com Pe. Rambo: *O mais desejável seria sermos equiparados a UNRRA, sem porém, estarmos dependentes desta entidade. Estamos de pleno acordo com a cautela a ser tomada no contato com os representantes dos big four; entretanto, o consentimento deles é da mesma maneira vital com o assentimento do governo brasileiro*. Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Cel. Gaelzer Netto*, 10/09/1946

<sup>312</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Margarida Wackes*, 01/11/1946

Os arredores de Porto Alegre e as cidades de Santa Catarina, que possuíam uma ligação fácil foram rapidamente mobilizadas e, em questão de semanas, arrecadaram-se 19,4 toneladas, incluídos os 1200 pacotes destinados aos alemães entregues pela Cruz Vermelha, e as doações oriundas de todas as partes.<sup>313</sup> Estas foram embarcadas, em 02 de novembro de 1946, juntamente com a terceira remessa de 489,183 toneladas, no navio Columbia. Apesar do carregamento ter chegado a Göteborg já em 06 de dezembro de 1946, a distribuição foi protelada até fevereiro de 1947 por causa do rígido inverno.<sup>314</sup>



Foto Acervo Benno Mentz: Mercadorias da SEF no porto de Porto Alegre

A terceira remessa deveria chegar a seu destino no natal de 1946 e, portanto, exigiu muito empenho por parte das lideranças da SEF junto às autoridades públicas a fim de que fosse liberada. Entretanto, com ela encerraram-se os entraves burocráticos que a organização costumava enfrentar, pois o serviço de pacotes foi regulamentado e, para cada pacote remetido a um destinatário privado, outro idêntico deveria ser entregue para o destinatário anônimo ou paga uma contribuição de igual valor. Esta decisão trouxe alguns inconvenientes de forma que, a partir da 5<sup>a</sup>. remessa, os pacotes acompanhantes foram cancelados e uma contribuição fixa de Cr\$ 70,00<sup>315</sup> foi estipulada.<sup>316</sup>

<sup>313</sup> Para esta remessa natalina foram enviadas doações de Joinville, Brusque, Blumenau e Curitiba. Rio Negro, Serra Alta, Florianópolis e o interior do RS não colaboraram. Foram arrecadadas, de última hora, cerca de 08 toneladas de mantimentos. Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a P. Waidner/Jaraguá do Sul/SC*, 08/12/1946

<sup>314</sup> Estas dificuldades na chegada e distribuição dos donativos na Alemanha fizeram com que, no verão, os trabalhos da SEF fossem temporariamente interrompidos. Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Emil Lamprecht/Estrela/RS*, 11/11/47

<sup>315</sup> A SEF abriu somente uma exceção ao pagamento dos Cr\$ 70,00. Segundo Pe. Rambo: *Esta tarde, uma mulata que trabalhava como cozinheira e ganhava mensalmente Cr\$ 200,00, trouxe um pacote para um engenheiro desconhecido do qual ouvira falar que se encontrava em necessidade. Para esta mulher eu abri a*

Em princípios de junho de 1947 o Sínodo Missouri juntou-se à SEF, o que fez com que a organização atingisse, neste ano, o auge de sua atuação através do envio de quatro remessas. No dia 08 de junho, Pe. Pauquet voou para São Paulo, seguido, no dia 10, pelos pastores Evers e Karl Gottschald Jr, que o ajudariam nas coletas da região e do Rio de Janeiro.<sup>317</sup> Em São Paulo esperava-se arrecadar muito café, tecidos e vestimentas. Os alimentos eram mais baratos no Rio Grande do Sul e a SEF já era cliente de grandes firmas.<sup>318</sup> Em São Paulo e no Rio de Janeiro a SEF trabalhou em parceria com empresas comerciais e representações de outra organização de ajuda humanitária como a *Cristliche Nothilfe*, com sede em Zurique, na Suíça.<sup>319</sup> Na região sudeste a SEF também trabalhou de forma autônoma, independente das instituições eclesiais.<sup>320</sup>

O segundo semestre de 1947 contou com uma surpresa para as lideranças da SEF. O Papa estendeu sua obra de auxílio Pró-Vítimas da Guerra para a América do Sul e, temporariamente, Pe. Pauquet foi proibido de realizar coletas em prol da SEF, pois todos os sacerdotes deveriam trabalhar em conjunto com a obra pontifical.<sup>321</sup> Estas dificuldades mobilizaram as lideranças da SEF que intercederam a Roma para resolver o problema.<sup>322</sup> Como no verão não seriam realizadas coletas, pois *durante o verão os barões da indústria estão no veraneio*, a SEF não sofreu prejuízos até que se obtivesse uma solução da questão.<sup>323</sup>

O ano de 1948 mostrou recrudescimento nos resultados das coletas da SEF. Pe. Pauquet esteve, desde o fim de fevereiro até 17 de abril, totalmente incapacitado para o trabalho devido à malária.<sup>324</sup> Por outro lado, um esgotamento obrigou o tesoureiro Willy Siegmann a

---

*primeira exceção de não precisar pagar os Cr\$ 70,00.* Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Elfride Mauer*, 18/06/1947

<sup>316</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Anton Kordt/Seminário Central de São Leopoldo*, 02/03/1947.

<sup>317</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. J. Kern. Sta Augusta/São Lourenço/RS*, 18/06/1947

<sup>318</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Detlev Ludewig*, 23/10/1946

<sup>319</sup> A Cristliche Nothilfe tinha vários representantes no país. Em São Paulo era o Sr. Detlev Ludewig, cuja empresa chamava-se Expedição de donativos à Europa Central. Encomendas de Pacotes de Auxílio Detlev Ludewig. Acervo Benno Mentz, *Carta de Detlev Ludewig a Pe. Balduino Rambo*, 10/01/1947

<sup>320</sup> Segundo Pe. Rambo: *Também no RJ e SP não queremos organizar a obra de forma eclesial, pois há muitos empecilhos. Se nos deixarem trabalhar sossegadamente é o suficiente.* Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Fritz Freitag/Livoniu & Cia Seguros/Blumenau/SC*, 02/08/1946

<sup>321</sup> Somente a partir de Julho/46 o Papa pôde enviar ajuda para os alemães na Alemanha, até lá as doações somente poderiam ser feitas para os deslocados. Estas doações vinham do Chile e da Argentina. Segundo Pe. Arntzen, a SEF deveria coletar tudo o que pudesse, se houvesse pessoas que não queiram doar para os alemães poderiam doar ao Papa, que tinha liberdade para dispor delas como quisesse. Acervo Benno Mentz, *Carta de E. H Castel Gandolfo a Pe. Leopoldo Arntzen*, 14/10/46

<sup>322</sup> Havia sacerdotes que não sabiam nada a respeito da proibição de coleta do Núncio e comportamento da Cúria em relação à SEF. Segundo Pe. Arntzen, Pe Blöch do Rio não sabia nada a respeito. Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Leopoldo Arntzen*, 10/01/1947

<sup>323</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Cel. Gälzer Netto*, 20/11/1946

<sup>324</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Herbert Voss, Rio Grande/RS*, 11/04/1948

um retiro para o interior por três semanas no fim de junho. Em 22 de junho chegou a notícia de que o “Amazonas” havia se chocado com uma mina flutuante. Contudo, este acidente não trouxe prejuízos para o atracamento e desembarque das mercadorias.<sup>325</sup>

No mesmo ano, uma rifa em prol da SEF arrecadou 250 Contos.<sup>326</sup> Contudo, seu sucesso foi muito aquém do esperado. A rifa foi difícil de vender. O preço foi alto demais, assim como o modo de sorteio foi polêmico, o que fez com que as pessoas se tornassem impacientes com esta forma de arrecadação de dinheiro. Além disso, a crise era perceptível na colônia e havia muitas outras organizações pedindo ajuda.<sup>327</sup> Quando a 9ª. remessa já estava, em parte, preparada para ser embarcada, faleceu de um derrame, na manhã do dia 08 de setembro de 1948, Willy Siegmann. Seu cargo na SEF foi ocupado por seu filho Edgar Siegmann e a 9ª. remessa pode ser embarcada no “Uruguay” no dia 29 de setembro.<sup>328</sup> Segundo Pe. Rambo, (...) *o melhor homem da SEF estava morto. Contudo, a SEF continua atuante.*<sup>329</sup>

No final do ano a SEF já esgotara muitas de suas possibilidades de coleta. Após três anos de arrecadações não havia mais regiões inexploradas. Também a entrada de pacotes, que desde o início de 1947 eram entregues para o público em geral, sofreu um revés cada vez maior. Para apressar a expedição organizou-se na Suécia uma nova sessão para a encomenda de pacotes que consistiam numa variedade de 7 tipos de produtos. Entretanto, também não houve grande adesão que mantivesse o trabalho da SEF em prol do público geral.<sup>330</sup>

No ano de 1948 houve duas remessas, uma em junho e, outra, em setembro. Contudo, houve ainda duas remessas intermediárias que foram embarcadas, a primeira, no dia 12 de dezembro de 1948 no “Orinoco” e, a segunda, em junho de 1949, no “Columbia”. Desta forma, a última remessa, a de encerramento da SEF, foi programada para a metade de 1949. Para arrecadar fundos e mobilizar mais uma vez a comunidade étnica alemã foi realizada, em 31 de abril e 01 de maio, uma grande Festa Popular da Germanidade Porto Alegrense. Esta

<sup>325</sup> Acervo Benno Mentz, *Relatório Final da SEF*.

<sup>326</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Emil Lamprecht/Estrela a Pe. Balduino Rambo*, 08/01/1948

<sup>327</sup> Solicitavam ajuda organizações como as Vítimas da Holanda, Cruzada para a Criança Carente da Europa, Missões, Vocações sacerdotais, nova Igreja em construção. Acervo Benno Mentz, *Carta de Irmã M. Silveira-Istituto Imaculada Conceição Itapetinga/SP a Pe. Balduino Rambo*, 23/12/1947

<sup>328</sup> H. Stakelberg também passou a integrar a diretoria da SEF a partir deste período. Acervo Benno Mentz, 8º. *Comunica da SEF*.

<sup>329</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Maria Laveuve/Ijuí*, 13/09/1948

<sup>330</sup> Estes pacotes continham sortimentos de arroz, lentilhas, banha, carne fresca, lingüiça em banha, patê de fígado e mel. Acervo Benno Mentz, 8º. *Comunicado da SEF*

arrecadou 300 contos<sup>331</sup> e, no mesmo mês, uma viagem de coleta do Pe. Pauquet e P. Evers para São Paulo, Curitiba e Santa Catarina arrecadou outros 800 Contos.

A SEF foi uma organização que funcionou com pessoas que atuaram voluntariamente; somente foram pagos os guardas dos depósitos e, temporariamente, alguns assistentes. A diretoria da SEF foi composta por homens de diversos campos de atuação, os quais se engajaram onde as circunstâncias exigiram. Juntamente com as viagens de coleta surgiram, em todas as médias e grandes cidades até São Paulo, comitês subordinados que remeteram os pacotes e as doações para Porto Alegre sem cobrar pelo trabalho.

Em São Paulo e no Rio de Janeiro houve muitas dificuldades com as empresas comerciais, que finalmente levaram ao encerramento das atividades no Rio de Janeiro na metade do ano de 1948 e conduziram à criação de uma sede da SEF em São Paulo. Todavia, partiram de São Paulo e do Rio, em nome da SEF, ao todo, nove remessas, que pesaram 229,5 toneladas. No Rio e em São Paulo não houve, como nos três estados do sul, uma forte união da comunidade étnica alemã. Enquanto que nos estados do sul os depósitos e dependências de empacotamento foram disponibilizados de forma gratuita para a SEF, em São Paulo havia empresas comerciais trabalhando em conjunto com a organização, o que acarretava problemas, pois a mão-de-obra e os depósitos não eram gratuitos.<sup>332</sup>

Grande parte do trabalho pesado de produção, transporte e descarregamento das caixas, foram realizados por colonos em trabalhos noturnos nos depósitos da SEF em Porto Alegre, das 20 até 24 hs. Quando o serviço de pacotes foi incorporado, um grupo de ajudantes voluntárias constituídas de mulheres evangélicas providenciou os trabalhos de classificação, empacotamento e contabilidade.<sup>333</sup> Havia somente dois funcionários pagos pela SEF no Colégio Anchieta que tinham a tarefa de receber e recolher os donativos que chegavam. Aos sábados e domingos muitas pessoas do comércio, gerentes de fábrica, artesãos, sacerdotes católicos e evangélicos reuniam-se nos depósitos da SEF para ajudar na organização e despacho das mercadorias.<sup>334</sup>

A SEF empreendeu tentativas para expandir os seus trabalhos de coleta para a Argentina e o Chile.<sup>335</sup> Entretanto, devido a atuação de organizações de assistência local e das diferentes

---

<sup>331</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Maria Laveuve/Ijuí*, 13/05/1949

<sup>332</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a P. Fritz Wüstner Joinville/SC*, 21/01/1948

<sup>333</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Madre Boaventura/Colégio Sagrado Coração de Jesus/Florianópolis*, 25/03/47

<sup>334</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. August Adelpkamp*, 26/10/1947

<sup>335</sup> Para o Chile foram, inclusive, enviadas instruções para a formação de comitês locais. Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Antonio Felmer*, 16/08/1947

condições ali existentes estes esforços não obtiveram sucesso.<sup>336</sup> O Chile enviava regularmente doações, sendo que, em fevereiro de 1947, a 15<sup>a</sup>. remessa já estava em andamento. Os trabalhos eram organizados por um pastor protestante, P. Karle. Já na Argentina a situação era diferente, somente havia uma organização, o *Comitê de Damas Alemãs Cruz Roja Argentina*, cuja presidente era Dona Isabel C. H. Campo, que se preocupou em fomentar a ajuda humanitária para a Alemanha.<sup>337</sup> Não havia comitês locais organizados pela comunidade étnica alemã local e isto causava preocupação na Caritas que procurou estimular a fundação de comitês de ajuda à Alemanha naquele país através do contato com sacerdotes católicos jesuítas, Pe. Benitez, Pe. Harres e Pe. Theodor Baumann.<sup>338</sup>

Todas as remessas da SEF foram enviadas ao porto sueco de Göteborg, onde foram recebidas pela Caritas Sueca e conduzidas de barco para Lübeck. Em Lübeck as doações públicas foram entregues em partes iguais para a Caritas e a *Evangelisches Hilfswerk* de Hamburgo, que se responsabilizou pela distribuição das doações aos protestantes. A *Evangelisches Hilfswerk* de Hamburgo era o único canal aberto reconhecido pelos ingleses.<sup>339</sup> Seu dirigente era Friedrich Von Welck.<sup>340</sup>

No princípio os pacotes foram transportados somente pela Caritas e, posteriormente, pela *Evangelisches Hilfswerk*. Esta enviava a doação ao destinatário por correio. A Caritas enviava os pacotes do destinatário a seu comitê subordinado mais próximo, d'onde o destinatário era comunicado a fim de fazer a retirada. A Caritas não utilizou o sistema de correios porque o achava inseguro<sup>341</sup>, sendo que arrecadou de cada destinatário uma contribuição de 2 a 3 marcos. Depois da reforma monetária na Alemanha a SEF pagou a entrega dos pacotes até os destinatários. Os pacotes destinados ao exterior da Alemanha foram enviados pela Cruz Vermelha Sueca e os recibos enviados para a Caritas. Os pacotes da Cruz Vermelha para a Alemanha foram entregues para a Caritas que os distribuiu com os pacotes da SEF. De todas as grandes remessas uma parte foi destinada para a Áustria, sendo que houve vezes em que 20% das doações foram para aquele país.<sup>342</sup>

<sup>336</sup> Pe. Balduino Rambo e Pe. Henrique Pauquet pretendiam fazer uma visita a Argentina e ao Chile a fim de empreender uma colaboração conjunta com a germanidade local. Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. August Adelpkamp*, 03/09/1947

<sup>337</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta do Comitê de Damas Alemãs Cruz Roja Argentina/D. Isabel C.H. Campo a Pe. Balduino Rambo*, sem data.

<sup>338</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta da Caritas a Pe. Balduino Rambo*, 05/02/1947

<sup>339</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a P. Fritz Wüstner Joinville/SC*, 21/09/46

<sup>340</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Prof. A. J. Hannes/Escola Marista e Sta Teresa. Santana do Livramento/RS*, 27/06/1947

<sup>341</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a E. Kieckbusch/Blumenau/SC*, 17/06/48

<sup>342</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Fernando Nelles*, 07/04/1947



Foto Acervo Benno Mentz: Depósitos da SEF em Göterborg - Suécia

As maiores dificuldades enfrentadas pelas organizações alemãs para distribuir os donativos eram a precária infra-estrutura da Alemanha no pós-guerra. Linhas férreas destruídas, vias fluviais bloqueadas por causa de pontes destruídas, navios e barcos afundados, falta de caminhões disponíveis para fins civis, falta de combustível, a divisão da Alemanha em zonas de ocupação e a vagarosa reorganização do sistema de correios foram os problemas mais frequentes.<sup>343</sup> As dificuldades de distribuição na Alemanha eram, muitas vezes, maiores que na zona ocupada pelos russos. Na região do Saarland, que se localizava junto à fronteira francesa, a Caritas teve mais dificuldades de enviar donativos para as pessoas.<sup>344</sup> Na França havia problemas na chegada dos pacotes por causa dos roubos.<sup>345</sup>

A atuação da SEF não se limitou às fronteiras alemãs. A organização dispôs-se a ajudar as vítimas da guerra onde houvesse representantes do grupo étnico alemão, do qual os austríacos eram considerados parte. Contudo, a fundação de um comitê para ajudar somente as vítimas da Áustria foi rejeitado, visto que não havia, no Brasil, uma presença significativa desta comunidade que justificasse tal empreendimento.<sup>346</sup> Afora a Áustria, em torno de 100 pacotes da SEF foram enviados para outros países localizados no norte e centro da Europa

<sup>343</sup> Acervo Benno Mentz, *Jahresbericht des Hilfswerks Der Evangelische Kirchen in Deutschland. Für das Berichtsjahr vom 01/04/46 bis 31/03/47 erstattet Zentralbüro*, p.08-09

<sup>344</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Emil Lamprecht/Estrela/RS*, 08/03/1948

<sup>345</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Johann Müller/Santa Maria/RS*, 05/01/1948

<sup>346</sup> Em carta datada de 10/10/1946, o Bispo Johannes Erik Müller, Vigário Apostólico da Suécia, solicitou que se mobilizassem os clérigos no Brasil em prol de uma *Hilfsösterreich* (ajuda para Áustria). Segundo Rambo, a presença de poucos austríacos no sul do Brasil não compensaria a mobilização. 90% dos doadores pediam para distribuir os donativos na Alemanha, o que, no entanto, não impedia que alguns fossem distribuídos na Áustria. Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a August Adelskamp*, 09/11/1946

como a Hungria<sup>347</sup> e França. Até mesmo a comunidade polonesa de refugiados em Londres pode receber auxílio da SEF.<sup>348</sup>

Os países que, no cômputo geral, mais colaboraram materialmente com as vítimas da guerra na Alemanha foram os EUA, Suécia, Suíça, Brasil, Chile e Argentina.<sup>349</sup> A SEF foi o organismo latino-americano no qual a comunidade étnica alemã mais contribuiu na remessa de ajuda material para a Alemanha. Tanto a ajuda coletiva quanto a ajuda privada foram bastante significativas.<sup>350</sup> Elas atingiram pessoas de diversos grupos sociais, pois não só católicos e luteranos, mas também judeus receberam ajuda humanitária da SEF.<sup>351</sup> A ajuda para os prisioneiros de guerra não era possível, pois esta era uma tarefa da Cruz Vermelha.<sup>352</sup> Entretanto, houve intenção da SEF em montar uma parceria de apadrinhamento de idosos, crianças, velhos, eclesiásticos alemães e ex-prisioneiros de guerra.<sup>353</sup>

A Caritas e a SEF encerraram definitivamente sua ação em prol dos alemães em 01/06/1949. Entretanto, como a Alemanha e Áustria ainda não haviam superado as dificuldades econômicas, a Caritas continuaria atuando em prol dos refugiados do leste europeu através do Pe. Bernhard Hagedorn no Rio de Janeiro. Os doadores deveriam comunicar o destinatário do pacote e enviar o dinheiro. A confirmação de envio do pacote e seu recebimento seriam remetidas ao doador. Se o destinatário não recebesse o pacote a Caritas o substituiria.<sup>354</sup>

<sup>347</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Maria Laveuve/Ijuí*, 20/02/1947

<sup>348</sup> Acervo Benno Mentz, *Relatório Final da SEF*.

<sup>349</sup> Até março de 1947 a Evangelisches Hilfswerk havia recebido, do Brasil, cerca 393.166 Kg de mercadorias, sendo que dos EUA: 6.813.049 Kg, da Suécia 6.604.838 Kg e da Suíça 857.419 Kg e. Cf. Acervo Benno Mentz, **Jahresbericht des Hilfswerks Der Evangelische Kirchen in Deutschland. Für das Berichtsjahr vom 01/04/46 bis 31/03/47**, p.08-09; Em dezembro de 1947 a Evangelisches Hilfswerk havia recebido dos EUA 10.862.459 Kg, Suécia; 8.061.097 Kg, Suíça: 1.132.267 Kg, Brasil: 704.887 Kg, Chile: 180.859 Kg, Argentina: 20.968 Kg. Acervo Benno Mentz, **Mitteilungen aus dem Hilfswerk Der Evangelischen Kirche in Deutschland**, p.135

<sup>350</sup> De Maio de 1946 a Julho de 1947 a Caritas e a Evangelisches Hilfswerk receberam 28.270 pacotes privados. Dos EUA, 199; Dinamarca, 292; Portugal, 1.502; Argentina, 2.818; pedidos anônimos, 2.210; pacotes livres, 2.038; do Brasil, 18.811. Acervo Benno Mentz, *10 Comunicado da SEF. Janeiro de 48*

<sup>351</sup> A respeito da distribuição de donativos para os judeus encontramos o seguinte comentário de Pe. Pauquet ao Pe. Adelpkamp: *A respeito das 13 sacas de café de Dr.Schauff temos a seguinte recomendação: Nós prometemos remeter 13 sacas de café para as vítimas do campo de concentração. Naturalmente que somente sob a condição de que o Sr. Schauff pagasse o transporte. Isto, até hoje, ainda não aconteceu. Para que estas pobres pessoas não sofram por causa do espírito de negociante judeu deste senhor, quero pedir que o Sr. distribua as 13 sacas de café para tais vítimas em Frankfurt sob a responsabilidade do Sr Gogon e, em Köln, sob a responsabilidade do Sr. Schmidt. Mas, por favor, não distribua somente para os Abraões, Isaques ou Jacó, mas também para todos os crentes católicos e protestantes que sofreram. Gostaria que o Sr. me enviasse, o quanto antes possível, confirmações a respeito.* Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Henrique Pauquet a Pe. August Adelpkamp*, sem data, 1948

<sup>352</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Maria Laveuve/Ijuí*, 01/02/1947

<sup>353</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta Pe. Balduino Rambo a Madre Boaventura/Colégio Coração de Jesus/Florianópolis*, 21/09/1946

<sup>354</sup> *Caritasdienst –Liebesgabenpakete*, p. 207-208

### 3.2 Problemas de atuação da SEF

A atuação do *Comitê de Socorro à Europa Faminta*, SEF, no contexto brasileiro não foi tranqüila, pois a organização enfrentou, desde o início, uma série de dificuldades. Houve problemas de regulamentação das atividades da SEF junto ao governo federal, barreiras internacionais, dificuldades no trabalho conjunto com a Cruz Vermelha, barreiras eclesiais que necessitavam ser superadas, dificuldades provocadas pelas divisões internas da comunidade étnica alemã e dissidências ocorridas entre os grupos sociais que colaboraram com o organismo. As dificuldades em relação às autorizações inglesas para o envio de remessas para a Alemanha, assim como os pedidos de reconhecimento da organização pelo Vaticano, dificultaram a articulação do comitê e necessitaram de muita habilidade diplomática das lideranças para serem superadas.

As atividades da SEF no Brasil não ocorreram dentro de um contexto de normalidade política e econômica. Iniciava-se no Brasil um mandato político marcado pela posse do novo Presidente da República, Eurico Gaspar Dutra, e pela nova política econômica que teve de lidar com os problemas causados pelo esgotamento das reservas cambiais do país. O desabastecimento interno, presente na economia brasileira do pós-guerra, inaugurou um período inflacionário que foi combatido com medidas de restrição das exportações. Estas dificultaram o trabalho da SEF, que enviava produtos de primeira necessidade para a Alemanha, e impôs a necessidade das lideranças do comitê em buscar apoio junto às autoridades públicas a fim de obter as respectivas autorizações de exportação. O maior problema da SEF era com relação ao envio das remessas e não à coleta de donativos.<sup>355</sup>

A proibição de exportação de produtos de primeira necessidade já ocorrera quando o comitê foi fundado em abril de 1946.<sup>356</sup> O governo tomou uma série de iniciativas para impedir que a população urbana sofresse com o desabastecimento interno e o aumento do custo dos produtos de primeira necessidade decretando, inclusive, a lista de produtos mais importantes.<sup>357</sup> A possibilidade de ocorrer uma onda inflacionária fez com que o governo interviesse nos preços dos gêneros alimentícios.<sup>358</sup>

<sup>355</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. August Adelpkamp*, 28/08/1946

<sup>356</sup> Em 02/04/1946 o *Correio do Povo* noticiou a proibição da exportação de gado de corte e subprodutos destinados à alimentação até que o abastecimento interno se normalizasse e a escassez desaparecesse. *Proibida por decreto do Presidente da República a exportação de gado de corte e subprodutos. Correio do Povo*. Porto Alegre Terça-Feira, 02/04/1946, p. 12

<sup>357</sup> Em 07/05/1946 foi decretada a lista de produtos de 1ª necessidade pelo Del. Regional do Trabalho do RS Sr. Luiz Assunção, que recebeu a lista do Sr. Julio Barata, Diretor Geral da Comissão Central de Preços. Constam na lista: Açúcar, arroz, azeite, óleos comestíveis, banha em lata e rama, banana, café em grão, carne moída, cebola, carvão vegetal, charque, calçados populares, carne verde, carne salgada, feijão, farinha de

A fixação de limites para a exportação de gêneros alimentícios fez a SEF agir de forma bastante cuidadosa para evitar acusações de ser a responsável pelo desabastecimento das regiões nas quais atuava. Muitos produtos comprados e arrecadados pela SEF, como o arroz, feijão, banha, açúcar, óleo, carne, lentilha, vestimentas etc... figuravam na lista do governo. Marcos Konder, político catarinense e colaborador da SEF, aconselhou o comitê a coletar, em Santa Catarina, somente gêneros alimentícios que sobravam no mercado a fim de evitar acusações dos comunistas e nacionalistas de que a organização era responsável pelo desabastecimento interno.<sup>359</sup>

A dificuldade de exportar fez a SEF atuar discretamente na arrecadação de doações financeiras ou em espécie, assim como na compra de mercadorias. Havia restrições em relação a propaganda em jornais comerciais e outros órgãos de imprensa, assim como nos anuários religiosos.<sup>360</sup> O anuário religioso utilizado para divulgar a SEF foi o jesuíta *Die Fahne des Hl. Ignatius. Kalender des Jesuitenkollegs in São Leopoldo für Schüler, Eltern, Freunde und Wohltäter*, publicado pelo Seminário Conceição, em São Leopoldo. Este era dirigido aos jesuítas e atingia as paróquias e dioceses ocupadas por estes sacerdotes.<sup>361</sup>

A revista *Sankt Paulusblatt*, publicação da Sociedade União Popular, somente foi utilizado para divulgar a SEF a partir de 1948. Sua circulação em meio aos colonos católicos possibilitou a SEF atingir os círculos imigrantistas ligados à zona rural. O envolvimento da Sociedade União Popular não significava que a SEF era obra da *Volksverein*. A Sociedade União Popular dispôs-se a receber os pacotes privados tão logo esta possibilidade se fizesse possível.<sup>362</sup> Contudo, por causa do contexto brasileiro e do campo de atuação limitado, a Sociedade União Popular não podia ser a principal representante da ajuda para a Alemanha.

---

mandioca, farinha de trigo, fuba de milho, gado em pé, galinha, ovos, goiabada, legumes laranja, lenha leite, manteiga, massas alimentícias, milho, peixes frescos e salgado, pessegada, tecidos de algodão, vinagre e verduras, alho, ervilha seca, lentilhas e lingüiça. *Artigos considerados de primeira necessidade pela C.C. Correio do Povo*. Porto Alegre, Terça-Feira, 07/05/1946, p. 09

<sup>358</sup> O governo interveio no mercado de gêneros de primeira necessidade para baixar os preços em 50%. Além disso, responsabilizou o Exército pela compra e distribuição destes produtos para a população. Haveria venda direta ao consumidor e limitação dos lucros para os intermediários. O Presidente aprovou diversas medidas do diretor de Intendência do Exército, dentre elas, suspender as exportações de gêneros alimentícios de 1ª necessidade até a completa regularidade do consumo interno; isenção de direitos alfandegários para a importação de entrada de artigos de alimentação considerados de 1ª necessidade. *Abastecimento da população civil pelo exército. Correio do Povo*. Porto Alegre, Sábado, 25/05/1946, p. 05 e 08.

<sup>359</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Marcos Konder a Pe. Balduino Ramo*, 13/06/1946

<sup>360</sup> Segundo Pe. Balduino Rambo: *Nós evitamos, por bons motivos, qualquer tipo de publicidade. Também em nossas publicações provinciais*. Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Hans Wecker SJ/Sem. São José/ Santa Maria*, 30/10/1946

<sup>361</sup> RAMBO, Balduino. *Deutschlandhilfe*. In: *Die Fahne des Hl. Ignatius. Kalender des Jesuitenkollegs in São Leopoldo für Schüler, Eltern, Freunde und Wohltäter*. Porto Alegre, abril de 1947, p. 52-54

<sup>362</sup> RAMBO, Balduino. *Hungerdes Europa und Volksverein*, In: *Revista Sankt Paulus-Blatt*. Porto Alegre, janeiro de 1948, p. 07

A atuação da SEF despertou críticas ao comitê. Isso aconteceu na imprensa local do Rio Grande do Sul, onde um dos jornais de maior circulação no estado, o *Correio do Povo*, publicou um artigo de Valdemar de Vasconcelos tecendo críticas à fundação de comitês locais que arrecadavam mantimentos em prol dos alemães.<sup>363</sup> Segundo o jornal, a formação dos comitês era uma contradição, pois os problemas brasileiros eram suficientemente grandes para que os brasileiros não se ocupassem com a miséria alheia. O artigo destacava a fome, a tuberculose e o analfabetismo como graves problemas nacionais a serem resolvidos. Estes deveriam justificar a disposição dos brasileiros em fazer algo em prol dos próprios patrícios.<sup>364</sup> Segundo o artigo:

*Na nossa situação de pauperismo, em que formamos um ramallete de muita folhagem gratuita com rosas ao centro representando milionários de privilegiada improvisação é prova de luxo imaginário a liberalidade de tão pura intenção. (...)*

*Temos muito trabalho a realizar em nosso país e as nossas atenções voltadas para nossa vida já constituem um absorvente programa sem a menor margem para distrações com cuidados postos além dos mares. (...) Continuamos a colaborar em benefício de um mundo melhor com a presença de nossas tradições de justiça e de oposição à violência nos conselhos das nações que se esforçam para realizar a paz futura. Já não é bastante tudo isso? A nossa economia cheia de dificuldades não está em condições de socorrer fora de nossas fronteiras, porque há muito de socorrer dentro de nossa própria casa. Não nos escasseiam amargas cenas ao alcance próximo de nossos olhos.*

*Calçados para os famintos europeus? Sem dúvida quem quer que tenha sentimentos normais deseja vê-los protegidos e felizes, mas as estatísticas nos atestam que milhões de brasileiros andam descalços. Roupas para os famintos europeus? Mas, ainda ontem eu via numa das ruas mais centrais de Porto Alegre uma longa bicha de gente modesta, torturada e paciente à espera da abertura de um estabelecimento comercial para comprar simples retalhos anunciados. Alimentos para os famintos europeus? Mas, lembrem-se do Brasil. Horas depois de ter visto aquela bicha necessitada de muito e em busca de tão pouco eu via outra multidão acampada em ponto também central da cidade à espera do leite demorado e insuficiente.*

*Nas capitais de nossa terra é assim. Só Deus sabe o que vai pelo interior de nosso país. Um justificado espírito de revolta invade a opinião pública brasileira, que sente na própria carne os seus imensos sacrifícios. Problemas vitais em todos os setores estão reclamando a energia, a inteligência, o patriotismo dos brasileiros cuja alma em desânimo precisa ser levantada como a primeira condição de uma vida econômica a ser reconstruída.*

*Oferecendo a nossa dedicação e nossa generosidade aos nossos patrícios, estaremos praticando o mais legítimo amor ao próximo com real proveito. Aos idealistas daqueles comitês o céu há de ajudar para que sejam em futuros dias de folga salvadores do mundo.*<sup>365</sup>

A reportagem de Vasconcelos não tinha só a intenção de desestimular a colaboração do público leitor, mas criticar os organizadores e colaboradores da SEF que pertenciam à etnia alemã. Tais críticas são compreensíveis, pois o jornal defendeu, durante o Estado Novo, a

<sup>363</sup> VASCONCELOS, Valdemar. *Socorrendo a Europa*. In: **Correio do Povo**. Porto Alegre, Quarta-Feira, 17/07/1946, p. 04

<sup>364</sup> *Idem*.

*idéia de nacionalização com a intenção de estabelecer uma identidade única e soberana.*<sup>366</sup> O Correio do Povo foi um veículo de propaganda à serviço do Estado Novo, pois tinha a finalidade de colaborar para que a população aprovasse e apreciasse a idéia de uma nação ideal e única, com características em comum como: costumes, língua, amor ao país.<sup>367</sup> Depois de 1942, o principal assunto abordado pelo jornal foi a Segunda Guerra Mundial, sendo que o processo de democratização interna o levou a tecer críticas aos sistemas políticos autoritários mudando, desta forma, o seu enfoque jornalístico.<sup>368</sup>

No entanto, sua postura frente a Segunda Guerra Mundial caracterizava-se por um caráter francófilo bastante acentuado, o que permite entender sua postura perante a ajuda material para a Alemanha. Estas críticas à ação da SEF não circularam somente na imprensa nacional, mas foram publicadas, inclusive, em semanários estrangeiros na Argentina, nos quais a organização foi acusada de fazer “propaganda da Alemanha no Brasil” com o uso de pacotes de alimentos.<sup>369</sup>

A discreta propaganda da SEF procurou evitar que a organização se envolvesse em distúrbios de ordem pública que eram freqüentes no país por causa dos protestos da população brasileira contra a falta de gêneros de primeira necessidade e a crescente inflação. Tumultos ocorridos no Rio Grande do Sul, Novo Hamburgo<sup>370</sup>, e na capital federal, o Rio de Janeiro<sup>371</sup>, fizeram as lideranças da SEF ficar atentas a possibilidade da organização vir a ser vítima

<sup>365</sup> Idem.

<sup>366</sup> PETRY, Andréa Helena. *O papel desempenhado pelo Correio do Povo durante o Estado Novo*. In: DREHER, Martin; RAMBO, Arthur Blásio; TRAMONTINI, Marcos Justo. (Orgs). **Imigração e Imprensa**. Porto Alegre: EST, 2003, p. 429

<sup>367</sup> Id. Ibid., p. 433

<sup>368</sup> Idem

<sup>369</sup> Esta acusação foi feita por Herbert Voss ao Dr. Fritz Werthheimer, morador do bairro Tristeza/Poa. Segundo Voss, que tinha o artigo em suas mãos, que era assinado pelas iniciais Dr. F.W e se intitulava “Lebensmittelpakete als Propaganda”, o mesmo levava as pessoas a desconfiança e desacreditava o trabalho da SEF. Acervo Benno Mentz, *Carta de Herbert Voss a Pe. Balduino Rambo*, 29/01/1947

<sup>370</sup> Em Novo Hamburgo, operários protestaram contra o mercado negro e a escassez de farinha de trigo. O depósito de um alemão, Erwino Schmidt, foi invadido e inspecionado pelos operários para se assegurarem de que o mesmo não escondia o alimento. O Pref. Alberto Severo tentou acalmar os trabalhadores, mas teve de convocar o exército para manter a ordem pública. Havia pão industrializado disponível, mas os operários não o consumiam porque tinham o costume de comer pão caseiro. O prefeito reuniu-se com os operários e pediu denunciasses os infratores da lei, comerciantes que estocavam e escondiam a farinha para a especulação. O prefeito justificou a exportação deste gênero alimentício dizendo que o governo do Brasil tinha compromissos com a Europa Faminta. O problema de desabastecimento também ocorria no RJ e SP. Os operários formaram uma comissão para falar com o interventor Cilon Rosa, que determinou o fornecimento de três meses de farinha para a cidade. *Novo Hamburgo Agitada*. In: **Correio do Povo**. Porto Alegre, Quinta Feira, 01/08/1946, p. 10

<sup>371</sup> Distúrbios na capital da república levaram o governo a adotar medidas excepcionais para assegurar a ordem pública. Um estudante, Kleton Pimentel, morreu envenenado após ter consumido uma bomba de chocolate numa confeitaria no RJ, Confeitaria Victoria, o que despertou protestos e depredações de estabelecimentos comerciais. Os estudantes gritavam slogans declarando “Guerra aos exploradores” e “Queremos 50% em tudo”. A polícia reprimiu a passeata e a Assembléia Constituinte reuniu-se extraordinariamente para deliberar

destes distúrbios.<sup>372</sup> Estes distúrbios chegaram a causar a renúncia das autoridades públicas responsáveis pela administração das cidades e do seu abastecimento.<sup>373</sup> Este foi o caso de Novo Hamburgo, onde tumultos por causa da falta de farinha de trigo preocuparam as lideranças da SEF.<sup>374</sup>

As remessas de mantimentos para a Alemanha foram feitas com cuidado, pois a mão-de-obra utilizada no porto de Rio Grande era de luso-brasileiros que, como trabalhadores, sofriam as conseqüências da crise interna de desabastecimento. Neste sentido, a SEF evitou chamar a atenção dos trabalhadores para as remessas proibindo que as caixas remetidas tivessem o endereço do destinatário impressos no invólucro. Caixas com a designação de “Alemanha” poderiam causar transtornos sérios no porto.<sup>375</sup> As greves de estivadores que ocorreram no período, e que contribuiriam para atrasar a chegada das remessas na Alemanha, tiveram seu embarque garantido com a ajuda da polícia.<sup>376</sup>

Para fazer propaganda no contexto urbano, os círculos sociais urbanos foram visitados pessoalmente pelas lideranças da SEF ou por seus representantes locais legais que realizavam as coletas em dinheiro ou em espécie. Os doadores também eram atingidos nas comunidades eclesiais católicas e luteranas, por meio da propaganda panfletária e dos comunicados gerais impressos em Língua Alemã e dirigidos somente aos círculos germânicos.<sup>377</sup> Esta propaganda era impressa gratuitamente para a SEF pelo seu tesoureiro, Willy Siegmann, na Gráfica e Tipografia Mercantil.<sup>378</sup>

- 
- sobre o assunto. *Os graves acontecimentos da capital da república levaram o governo a adotar medidas excepcionais para assegurar a ordem pública.* In: **Correio do Povo**. Porto Alegre Domingo, 01/09/1946, p.24
- <sup>372</sup> Segundo Pe. Balduino Rambo: *Nós evitamos qualquer tipo de publicidade; algumas notícias que vazaram nos causaram dificuldades no Rio. Foram depredados estabelecimentos alimentares no Rio justamente nos dias em que nosso pedido deu entrada. Os comunistas se apoderaram da situação; entretanto, aparentemente não sabem direito o que realmente está acontecendo. Por isso pedimos manter distância de qualquer forma de publicidade.* Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. August Adelpkamp*, 27/09/1946
- <sup>373</sup> O caso de Novo Hamburgo fez com que o Sr. Euclides Fernandes da Costa, inspetor do departamento das Pref. Municipais, fosse nomeado novo prefeito de NH. Também foi solicitada a demissão dos Srs. Cirano Teles Pinho (Del. Polícia) e Dr. Paraim Lustosa (Secret. da Pref.). *Solucionado o caso do trigo para Novo Hamburgo que acarretou a demissão do prefeito dali.* In: **Correio do Povo**. Porto Alegre, Segunda Feira, 04/08/1946, p.24
- <sup>374</sup> Segundo Pe. Balduino Rambo em carta para Herbert Voss: *A respeito dos tolos em Novo Hamburgo não ouvimos mais nada. Também em Santa Catarina torrentes contrárias se fizeram perceptíveis. Isso tudo não nos atinge. Café pequeno, como se diz. A cura do mundo nunca veio por meio destas intrigas.* Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Herbert Voss/RioGrande/RS*, 21/09/1946
- <sup>375</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. W. Steinmtzler*, 21/08/1947
- <sup>376</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a P. Hermann Stöer*, 03/06/1947
- <sup>377</sup> Segundo Pe. Balduino Rambo, a publicação do primeiro folhetim da SEF, em 19 de Novembro de 1946, foi o primeiro impresso em Língua Alemã no Rio Grande do Sul desde os meados de 1941. Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Herbert Voss/Rio Grande/RS*, 29/11/1946
- <sup>378</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Schwester Betha Wehle OSB Ginásio St. Escolástica/Sorocaba/SP*, 27/06/1947

O principal folheto de propaganda da SEF foi o “Procissão da Miséria”, publicado em Língua Portuguesa e Alemã.<sup>379</sup> Para sensibilizar os doadores eram utilizadas fotografias que mostravam a miséria na Alemanha. Recorria-se, algumas vezes, a representações de gênero, no qual a figura da mulher, simbolizando a mãe, era utilizada para representar a Alemanha que, de uma forma ou de outra, fora violentada pela invasão dos Aliados e que, no momento, carecia de ajuda para cuidar de seus filhos.<sup>380</sup> Esta forma de propaganda era eficiente porque no contexto do grupo étnico alemão o sentido de nacionalidade se constituía, em parte, com base em representações do feminino.<sup>381</sup> No ideário germanista, a figura feminina tinha um importante papel no cultivo da germanidade<sup>382</sup> e no despertar da consciência étnico-nacional, sendo constantemente representada como a mãe do povo ou da nação.<sup>383</sup>

Se, no princípio, havia somente propaganda em Língua Alemã, com o decorrer do tempo, houve a possibilidade de publicar propaganda em Língua Portuguesa. Isso demonstra que as restrições e críticas às atividades da SEF foram, paulatinamente, amenizando e possibilitando a ação do comitê de forma pública em direção a outros círculos sociais fora da comunidade étnica alemã.<sup>384</sup> Fato é que, a atuação da SEF não era desconhecida das autoridades públicas, apesar da propaganda discreta que o comitê procurava fazer. O principal problema da organização não era atuar no contexto brasileiro em prol dos alemães, mas obter as autorizações de exportação do governo brasileiro e de transporte marítimo dos ingleses.<sup>385</sup>

<sup>379</sup> Segundo Pe. Rambo: *Nosso único folheto de propaganda é a “Procissão da Miséria”, que imprimimos 5.000 folhas na segunda edição.* Acervo Benno Mentz, *Carta de Balduino Rambo a Pe. Hans Wecker/Sem. São José/ Santa Maria*, 30/10/1946

<sup>380</sup> Acervo Benno Mentz, *Folheto Procissão da Miséria.*

<sup>381</sup> MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. **Identidades traduzidas: cultura e docência teuto-brasileiro- evangélica no Rio Grande do Sul.** São Leopoldo: Sinodal, 2000, p. 88

<sup>382</sup> A germanidade é caracterizada como um elemento com contornos fixos e imutáveis ao longo do processo histórico, extensiva de igual modo a todos os imigrantes alemães e seus descendentes, geralmente metaforizada na imagem da herança e do legado. Por outro lado, constitui-se numa estratégia representacional da identidade étnico-nacional que enfatiza as origens, a continuidade e intemporalidade. Atribui-se à germanidade um valor intrínseco positivo, sendo ela concebida como a base de sustentação dos imigrantes e seus descendentes. A germanidade é defendida pela ideologia do germanismo que se centra na valorização de categorias biológicas e culturais que diferenciam os alemães e seus descendentes em relação a outros grupos sociais e nações. O germanismo procura, através de conceitos como nação, povo, etnia, caráter nacional, defender e valorizar a língua e cultura alemã. GRÜTZMANN, Ingart. *O Carvalho entre as palmeiras: representações estratégicas identitárias do germanismo.* In: DREHER, Martin. (Org) **Imigração e Imprensa.** São Leopoldo. 2003 p. 48-90

<sup>383</sup> No sentido biológico a mãe era responsável pela geração dos futuros membros, tarefa que engloba a esfera coletiva, estando a cargo da mãe não só a multiplicação dos membros, mas também a continuidade e o bem estar do povo, da raça, da nação alemã. Id.Ibid., p.79

<sup>384</sup> Em 07/06/47 Herbert Voss, de Rio Grande/RS, solicitou comunicados em Língua Portuguesa para a SEF, pois na cidade havia poucos alemães e o mesmo queria expandir a organização da SEF. Acervo Benno Mentz, *Carta de Herbert Voss a Pe. Balduino Rambo*, 07/06/1947

<sup>385</sup> Segundo Pe. Rambo: *Na verdade temos dificuldades somente com os ingleses e fiscais da exportação; apesar de ser de conhecimento geral de que a SEF é, na verdade, uma ajuda para a Alemanha, ninguém ainda incomodou-se com isso.* Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Dr. Odo von Württemberg/New York*, 05/09/1946

Para enviar suas remessas para o exterior, as lideranças da SEF usaram sua influência e mobilizaram as autoridades políticas para conseguir as devidas autorizações sanitárias e de exportação. Estas autorizações eram requeridas em diversas repartições públicas como, por exemplo, Departamento Nacional de Produção Animal, Ministério da Agricultura, Departamento Nacional de Produção Vegetal e a Defesa Sanitária Vegetal. Os pedidos de exportação deviam ser feitos ao Banco do Brasil, Carteira de Importação e Exportação<sup>386</sup>, assim como as solicitações de remessa de divisas para o pagamento do frete e retirada das mercadorias.<sup>387</sup>

O fato de alguns dos integrantes terem cidadania alemã fez a SEF enfrentar problemas no que tange à remessa de dinheiro para exterior. Estas transferências de divisas eram regulamentadas pela Lei n.º 4166, que regulava as atividades de câmbio no Brasil do pós-guerra. Somente brasileiros natos podiam realizar estas operações bancárias.<sup>388</sup> Apesar de Willy Siegmann ser o tesoureiro da SEF, somente Pe. Rambo movimentava o dinheiro das contas do Banco do Brasil que era doado à SEF, pois os demais membros da diretoria eram alemães do Reino.<sup>389</sup> Pe. Pauquet, por exemplo, somente pediu sua naturalização em 05/05/1950.<sup>390</sup>

Apesar de políticos e funcionários públicos contribuírem para amenizar os trâmites burocráticos enfrentados pela SEF, a situação crítica do abastecimento interno não arrefeceu as exigências feitas pelas autoridades fiscais para a exportação de gêneros de primeira necessidade. Para driblar este problema alguns pedidos para a liberação de produtos que não constavam nas listas autorizadas pelo governo eram feitos diretamente aos ministros.<sup>391</sup> Como a proibição das exportações criava sérios transtornos para a SEF, como precaução, proibiu-se a publicação de qualquer anúncio da SEF nos jornais a fim de não chamar a atenção da opinião pública brasileira.<sup>392</sup>

<sup>386</sup> Acervo Benno Mentz, *Pedidos de autorização para exportação e inspeção sanitária*.

<sup>387</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Henrique Pauquet ao Banco do Brasil. Fiscalização Bancária*, 17/06/46

<sup>388</sup> Muitas remessas financeiras da SEF para o pagamento do transporte marítimo dos donativos contaram com a boa vontade dos funcionários do Banco do Brasil. Acervo Benno Mentz. *Carta de Friedel Edmunds a José Russ*, 10/01/1946

<sup>389</sup> Pe. Henrique Pauquet, Willy Siegmann e Friedel Edmunds não podiam realizar operações bancárias com remessas para o exterior por terem nacionalidade alemã. Acervo Benno Mentz. *Friedel Edmunds a Rudolfo Müller, Instituto Rio-Grandense do Arroz. Cachoeira do Sul*, 30/01/47

<sup>390</sup> **Notícias para nossos amigos da Província Sul-Brasileira da Companhia de Jesus**. Porto Alegre, julho de 1986, p.53

<sup>391</sup> A SEF solicitou a autorização para remessa de mercadorias que não estavam na lista liberada. Roupas usadas, calçados, couro de sola, sabonete sem perfume e linhas e agulhas. Acervo Benno Mentz, *Carta de SEF a Dr. Gastão Vidigal Ministro da Fazenda/RJ*, Sem Data.

<sup>392</sup> Segundo Pe. Balduino Rambo: *Não mencione mais a SEF nos jornais; a situação crítica das exportações pode nos causar grandes transtornos. Eu dei a Berger a mesma recomendação. Nós faremos tudo através do*

Não foram só as mudanças na política econômica do Brasil que influenciaram as atividades da SEF, mas também as mudanças políticas que ocorriam a nível internacional, nacional, estadual e local. A vitória das “forças democráticas” sobre o nazi-fascismo não permitiu aos detentores do poder nacional sustentar a ditadura Vargas dentro do Brasil.<sup>393</sup> Desta forma, após uma articulação política militar da qual o General Eurico Gaspar Dutra participou, Getúlio Vargas foi derrubado do poder e convocaram-se eleições gerais em 1946 para a presidência e para uma Assembléia Nacional Constituinte. Em 1947 houve eleições para governador e para que os estados elegeassem seus representantes para as constituintes estaduais, que deveriam adaptar sua estrutura institucional aos novos tempos.<sup>394</sup>

As eleições de 1946 e 1947 tiveram conseqüências positivas e negativas para a atuação da SEF. Positivas porque o grupo étnico alemão era um “curral eleitoral” em potencial, o que fez com que as autoridades públicas tolerassem a atuação da organização, pois os candidatos luso-brasileiros disputavam os votos da comunidade étnica alemã e, alguns políticos luso-brasileiros, assumiram a liderança dos comitês locais da SEF para agradar a comunidade étnica alemã.<sup>395</sup> Também houve candidatos das eleições de 1947 que foram apoiados por lideranças da SEF como, por exemplo, o candidato eleito João Colin de Joinville, que obteve o apoio político de Pe. Pauquet.<sup>396</sup>

Por outro lado, também devemos pressupor que as eleições também devem ter inibido a participação e o comprometimento de candidatos do grupo étnico alemão envolvidos com a política local, estadual ou nacional. Seu envolvimento com a SEF podia ser um elemento inibidor de seu desempenho nas urnas, pois, no contexto urbano, estes candidatos dependiam dos votos luso-brasileiros para sua eleição.<sup>397</sup>

---

*caminho privado. Sr. Ludewig, a situação com as exportações é muito crítica; somente por meio de relações pessoais nós conseguimos obter as autorizações. Por isso pedimos todo o cuidado. Entretanto, não tenhamos preocupações exageradas no futuro. Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a Detlev Ludewig/SP, 22/05/1947*

<sup>393</sup> DUARTE, José Bacchieri. **Os 10 dias em que o Rio Grande do Sul foi parlamentarista**. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul. 2003, p. 17

<sup>394</sup> *Id.Ibid.*, p.18

<sup>395</sup> O prefeito de Montenegro, Jacinto Rosa, assumiu o Sub-Comitê da SEF local. Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe.Franz Mauermann S.J/Pareci Novo/RS*, 11/09/1946

<sup>396</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de P. Fritz Wüstner a Pe. Balduino Rambo*, 10/12/1947

<sup>397</sup> Marcos Konder, político catarinense, ao ser convidado para assumir a representação direta na comissão da SEF catarinense, negou-se a assumir o compromisso dando como desculpas o fato de estar sempre ausente do estado, pois tinha compromissos no RJ. Além disso, suas dissidências com os círculos germânicos contrários ao nacional-socialismo poderiam prejudicar a organização que também arrecadava em meio a ex-simpatizantes do nazismo. Acervo Benno Mentz. *Carta de Marcos Konder a Pe. Balduino Rambo*, 13/06/1946

Fato é que a aproximação das eleições gerais inibiu a ação fiscal do estado e fez com que as autoridades públicas fossem mais receptivas aos apelos do comitê para a liberalização das exportações para a Alemanha. Por outro lado, o Brasil havia assumido compromisso com os EUA de colaborar com a reconstrução política e econômica da Europa. Isso fez com que, apesar de haver proibição de exportação de gêneros de primeira necessidade, o Presidente Eurico Gaspar Dutra autorizasse as remessas para o exterior. Entretanto, as lideranças da SEF procuravam manter discrição em relação a ajuda presidencial a fim de evitar transtornos políticos para a organização e o presidente.<sup>398</sup>

A ação autônoma da SEF durante os três primeiros meses fez a organização invadir o terreno de atuação da Cruz Vermelha Brasileira. As restrições inglesas à ajuda privada aos alemães, assim como a limitação das remessas a um máximo de 150 toneladas, colocou a SEF, por se tratar de uma obra de ajuda coletiva, em vantagem frente a este organismo de ajuda internacional. A Cruz Vermelha Brasileira teve problemas para fazer sua remessa de ajuda privada para a Europa porque esta não atendia a miséria comum.<sup>399</sup> Enquanto que a SEF, até agosto de 1946, já conseguiu fazer duas remessas coletivas, a Cruz Vermelha ainda estava com os pacotes privados armazenados em seus depósitos. A iniciativa da SEF despertou a atenção da Cruz Vermelha, que era considerado o único organismo legal para efetuar coletas de ajuda humanitária.

Até agosto de 1946 a ação da Cruz Vermelha Brasileira era observada à distância pelo Pe. Rambo. Entretanto, o perigo de haver atritos fez a SEF aproximar-se daquele organismo internacional. Para que a SEF agisse de forma legal e sem inibir a atuação da Cruz Vermelha, as lideranças da organização reuniram-se com a Presidente da Cruz Vermelha do Rio Grande do Sul, Sra. Odila Gay da Fonseca, para tratar da ação conjunta de sua organização com a SEF. A presidente demonstrou, no encontro que contou com a intermediação do Ten. Cel. Gaelzer Netto, preocupação com a ação isolada da SEF, o que demonstra a iminência de conflitos entre os dois organismos caso a SEF não tivesse se manifestado junto à Cruz Vermelha.<sup>400</sup>

---

<sup>398</sup> Em 17/09/1946 o Presidente Dutra, apesar das novas leis de restrição, concedeu autorização de exportação de mesma carga de remessa. Segundo Pe. Rambo: *pedimos usar destas notícias com devida discrição, para não causar alarme entre pessoas de pouca reflexão*. Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Nikolaus Kampf*, 23/09/1946

<sup>399</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Willy Siegmann para Fritz Freitag/Blumenau/Sc*, 30/08/1947

<sup>400</sup> Segundo Pe. Rambo: *Quando as damas perceberam que nós não interferíamos em seu ofício, elas ficaram satisfeitas. Eu vou uma vez por semana para conversar com elas, apesar de ser uma perda de tempo precioso, mas, no meu entender, promovo a nossa obra*. Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Roberto Bramsiepe/Brusque/SC*, 23/08/1946

As tratativas de atuação conjunta esbarraram em questões burocráticas. De um lado a SEF preocupou-se em manter a sua autonomia, ou seja, não estar sujeita à Cruz Vermelha. Por outro, havia a questão dos custos financeiros gerados pelas remessas da Cruz Vermelha. Na reunião com as damas da Cruz Vermelha decidiu-se que a SEF se responsabilizaria em levar em seus navios os pacotes privados coletados pela entidade, contanto que a organização assumisse os custos de envio de suas remessas.<sup>401</sup> Além disso, determinou-se que Pe. Pauquet seria nomeado delegado e representante da Cruz Vermelha, o que facilitou ainda mais a atuação da SEF no contexto brasileiro.



Foto Acervo Benno Mentz: Padres jesuítas recolhendo donativos na Cruz Vermelha de Porto Alegre

O trabalho conjunto entre a SEF e a Cruz Vermelha fez ambas as organizações se comprometerem em buscar de uma solução para a remessa de pacotes privados que, até outubro de 1946, ainda estavam proibidas. A resolução do governo inglês de autorizar a 3ª remessa somente foi possível após uma viagem do Presidente da Cruz Vermelha Brasileira Nacional, General Ivo Soares, à Europa, mais especificamente para a Suécia. Nela o representante brasileiro reuniu-se com Pe. Adelpkamp, representante da Caritas Sueca, a fim de decidir as medidas que deveriam ser tomadas junto às representações diplomáticas do Brasil e da Inglaterra.

<sup>401</sup> Segundo Pe. Rambo: (...) *será preciso, agora, estabelecermos uma regulamentação prática de todo esse assunto. Isso não me parece simples, pois não podemos deixar de lado a Cruz Vermelha. Tudo dependerá de encontrarmos uma solução satisfatória para ambos os lados, no qual a maldita questão do dinheiro é o ponto neurálgico. De um lado a CVB não querará abrir mão dos seus Cr\$ 50,0 por pacote e do outro nós não podemos tornar-nos dependentes desta instituição. O ideal por nós planejado seria o seguinte: formarmos uma espécie de Cruz Vermelha Alemã, fazendo todo o trabalho e percebendo todos os proveitos; estes consistiriam nisso que, para cada pacote individual se nos dá outro coletivo, ou o valor correspondente. Nós não podemos nos transformar numa empresa de pacotes, estes sempre deverão figurar no segundo plano, como meio de propaganda e aumento da ajuda coletiva.* Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a R. P. Jorge Steiger SJ/Cristo Rei/SL, 07/11/1946

O general Ivo Soares sentiu resistência das autoridades internacionais à remessa de pacotes alemães para a Europa e sugeriu à Caritas assumir os trabalhos de distribuição, pois temia que os pacotes permanecessem parados nos depósitos ou que caíssem nas mãos de tropas de ocupação.<sup>402</sup> Estas dificuldades já eram de conhecimento da SEF que, para que a 3ª remessa ocorresse, solicitou ao Governo Federal um navio e garantias de que as tropas de ocupação na Alemanha permitiriam a entrega dos pacotes privados, pois esta remessa levaria as doações da SEF e da Cruz Vermelha.<sup>403</sup> Em 12/10/1946 encontrou-se a solução para o envio dos pacotes privados e Pe. Pauquet viajou, no dia 15/10, para o Rio de Janeiro para resolver os detalhes.

A 3ª remessa, a primeira tentativa de se enviar pacotes privados para a Alemanha, foi difícil de ser liberada pelas autoridades brasileiras e inglesas. Os ingleses negavam a autorização afirmando que elas haviam sido retiradas para todas as nações e,<sup>404</sup> o Ministro Sabóia de Lima, do Conselho Federal de Comércio Exterior, considerava os representantes da SEF e a organização como “ladrões internacionais”.<sup>405</sup> Isso fez o comitê apelar às autoridades eclesiais católicas para superar as dificuldades de obter as respectivas autorizações daquele órgão governamental. Apesar do caráter autônomo da SEF, o Cardeal do Rio, D. Jaime de Barros Câmara, intermediou o contato junto às autoridades brasileiras.

*Tendo feito sondar a mente do Sr. Ministro através de sua Eminência, o Sr. Cardeal Arcebispo do Rio, que aprovou a nossa empresa permitindo para a sua arquidiocese, favor que também o Sr. Cardeal de São Paulo nos concedeu, soubemos: que em vista das dificuldades internas do país e da nova lei proibindo a exportação de gêneros alimentícios, nosso assunto viria a depender da regulamentação desta lei pelo Sr. Min. Da Fazenda; e que o Sr. Ministro Sabóia Lima alimenta sérias suspeitas a nosso respeito, julgando servirmos de cortina para exploradores inescrupulosos da miséria alheia”. (...) a SEF, até o momento, é a única organização brasileira, de caráter particular, que atende aos apelos do Sumo Pontífice, a voz da miséria e à generosidade humanitária e cristã do povo brasileiro; que a SEF, enfim, constitui uma como que modesta Força Expedicionária da Paz e da conciliação universal.*<sup>406</sup>

A SEF solicitou a interferência da diplomacia do Vaticano para os ingleses liberarem o envio de pacotes privados para os repatriados e crianças órfãs. Entretanto, Pe. Rambo não acreditava no poder internacional do Vaticano, pois até agosto de 1946, tudo havia sido feito pela iniciativa privada. O mesmo se questionava: *Quando a política de ódio vai terminar e o*

<sup>402</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. August Adelpkamp*, 27/10/1946

<sup>403</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta da SEF a Fritz Freitag/Blumena/SC*, 13/09/1946

<sup>404</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Reitor a Pe. Balduino Rambo*, 19/10/1946

<sup>405</sup> Segundo Rambo: *O Sr. Ministro nos considera ladrões internacionais, por que motivos eu não sei.* Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. August Adelpkamp*, 28/08/1946

<sup>406</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Coronel Bina Machado/Chefe do Gabinete do Ministro da Guerra/Ministério da Guerra/RS*, 03/09/1946

*Vaticano ajudar?*<sup>407</sup> Contudo, apesar do pessimismo de Pe. Rambo, após seis semanas de tratativas com os ingleses e funcionários públicos, o Vaticano interferiu junto ao Presidente Eurico Gaspar Dutra que salvou a remessa de natal conseguindo sua liberação.<sup>408</sup> Colaboraram na luta pela liberação da 3ª remessa: interventor do estado do Rio Grande do Sul, Cilon Rosa, Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Jaime de Barros Câmara, o Papa, Presidente Eurico Gaspar Dutra, Ten. Cel. Gaelzer Netto e o Dep. Federal Arthur Fischer, também secretário da Sociedade União Popular, *Volksverein*.<sup>409</sup>

A SEF também enfrentou problemas com as empresas comerciais com as quais atuou em parceria. Estas se realizaram no estado de São Paulo com as firmas *Detlev Ludewig* e *Auxílio para a Europa*. As empresas comerciais forneciam e recebiam pacotes em nome da SEF cobrando uma margem de lucro sobre a transação. A firma *Auxílio para Europa*, de propriedade de Walter Berger, era uma dissidência da firma de Detlev Ludewig.<sup>410</sup> Ambos trabalharam juntos e, atritos internos, fizeram com que o primeiro atuasse de forma autônoma criando outra empresa comercial de remessa de pacotes. Ambos prestaram serviços para a SEF, cuja diretoria teve de lidar com os atritos que havia entre seus proprietários.

Segundo Detlev Ludewig, em carta ao comitê, Walter Berger apresentou-se em fins de setembro de 1946 em seu escritório e lhe pediu um emprego, pedido que foi atendido. Berger já vivia alguns anos no Brasil, era alemão do Reino, veio da Bolívia e não sabia português nem tinha tido profissão fixa. Era de Waldenburg, Silésia. Depois de algum tempo trabalhando juntos, Detlev acusou Berger de chantagem, pois o mesmo ameaçava denunciá-lo para a polícia acusando-o de inventar a portaria que o nomeou representante da organização suíça *Cristliche Nothilfe* em São Paulo. Ludewig acusou Berger de querer lhe tomar a firma de pacotes privados, de ter cooptado Pe. Odo Hälker, fundador do comitê da SEF de São Paulo<sup>411</sup>, que trabalhou em parceria com Ludewig, e de ter cooptado seus doadores.<sup>412</sup>

Pe. Hälker voltou para a Alemanha deixando a obra de socorro nas mãos de Berger. Berger fundou o *Auxílio para a Europa* que era autorizado pela polícia e isento de impostos.

<sup>407</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Leopoldo Arntzen*, 30/09/1946

<sup>408</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Margarida Wackes/Porto União/SC*, 01/11/1946

<sup>409</sup> Segundo Pe. Rambo: *Nosso agente do Rio é Dr. Arthur Fischer, Deputado Federal e Secretário da Sociedade União Popular*. Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Fr. Albano Berwanger/Colégio Cristo Rei/SL*, 13/10/1946

<sup>410</sup> A SEF autorizou a empresa de Detlev Ludewig a receber pacotes em seu nome cobrando de Cr\$ 100 a 200. A empresa deveria remeter de Cr\$ 70,00 a 140,00 para a SEF. O encaixotamento, armazenagem e transporte de São Paulo para Porto Alegre seriam de responsabilidade da empresa. Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Detlev Ludewig Expedição de donativos à Europa Central. Encomendas de Pacotes de Auxílio*, 09/03/1947

<sup>411</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta sem remetente e destinatário*, 26/01/1947.

<sup>412</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Detlev Ludewig a Pe. Balduino Rambo*, 26/04/1947

Detlev Ludewig acusou Berger de comprar mercadorias em nome de sua firma quando estava ausente numa viagem em Santos, tendo de arcar com os custos da dívida. Berger tornou-se, após a separação, representante da *Cristliche Nothilfe*, sendo que tinha, em seus depósitos, pacotes que não foram pagos a Detlev Ludewig.<sup>413</sup> A SEF procurou intermediar o conflito entre as duas empresas, mas as desconfianças em relação aos procedimentos da firma *Auxílio para Europa* levaram a SEF a encerrar suas atividades com a mesma.<sup>414</sup> Posteriormente, encerraram-se as atividades com a firma *Detlev Ludewig*.<sup>415</sup>

O rompimento com a firma *Auxílio para a Europa* não encerrou os problemas da SEF com a mesma. Sem autorização da SEF Walter Berger realizou parcerias com comitês locais da SEF, como foi o caso do comitê do Rio de Janeiro, liderado pelo Pe. Frederico Blöch, que recebia os pacotes enviados de São Paulo para o Rio de Janeiro e de lá os remetia para o Rio Grande do Sul,<sup>416</sup> e com o casal Rodamer de Joinville.<sup>417</sup> Ao tomar conhecimento do fato, a SEF solicitou um balanço e ajuste de contas do *Auxílio para Europa* com o subcomitê da SEF/RJ ao Pe. Blöch, e das contas das atividades de Joinville para Walter Berger.

Pe. Blöch não enviou o balanço, o que levou as lideranças do comitê a desconfiarem de irregularidades no demonstrativo. Estes problemas com as firmas locais chegaram ao conhecimento da Caritas Sueca, sendo que Pe. Adelpkamp indispôs-se sobre a situação da SEF e os abusos que vinham sendo cometidos por Walter Berger e Detlev Ludewig. A resolução de Pe. Blöch de aceitar pacotes de Berger era contrária às determinações da SEF. Houve problemas entre Pe. Blöch e Berger que, segundo Pe. Rambo, quase tiveram de ser solucionados por via judicial. As contas, que deviam ser prestadas sobre a base de Cr\$ 70,00 eram prestadas sobre Cr\$ 35,00. A SEF alertou Blöch que este não deveria fazer débito para as organizações particulares.<sup>418</sup>

A parceria da SEF com empresas comerciais não foi só um problema do ponto de vista burocrático, mas também prejudicou a ação da organização. Houve acusações de que as empresas comerciais só queriam “fazer lucro” e solicitações de que o envio de pacotes se tornasse mais barato.<sup>419</sup> As altas taxas cobradas pelas empresas comerciais faziam com que o

---

<sup>413</sup> Idem.

<sup>414</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Balduino Rambo a Nikolaus Kampf*, 15/07/1948

<sup>415</sup> Segundo Pe. Rambo, a SEF também teve de romper com Berger e Ludewig porque ambos não entendiam o a idéia essencial da organização de ajuda. Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Fritz Freitag/Blumenau/SC*, 07/06/1948

<sup>416</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Detlev Ludewig*, 26/08/1947

<sup>417</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de H. Wittsten a SEF*, sem data.

<sup>418</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta da SEF a R.P. Frederico Blöch C.J/RJ*, sem data.

<sup>419</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Luiz Gonzaga Mocha Curitiba/PR ao Pe. Henrique Pauquet*, 30/11/1947

organismo caísse em descrédito e,<sup>420</sup> a falta de responsabilidade das empresas comerciais no trato com os pacotes, fez com que alguns se perdessem durante o transporte para Porto Alegre, o que deu origem a queixas a respeito de sua atuação e pedidos de restituição de valores pagos ou pacotes perdidos.<sup>421</sup>

Entretanto, a SEF não se viu na obrigação de restituir os prejuízos causados pelas empresas comerciais, o que cabia a elas mesmas fazerem. Esta experiência com as firmas comerciais levou Pe. Rambo a concluir que: *por toda a parte a mistura de outras organizações, especialmente de base comercial, tem sido funesta, e fonte de perenes atritos.*<sup>422</sup> Pe. Rambo chegou a desrecomendar aos colaboradores que recorressem às agências privadas de ajuda, pois muitas não garantiam a chegada dos pacotes, principalmente, as agências norte-americanas.<sup>423</sup>

Afora os problemas com a iniciativa privada, a SEF sofreu com a concorrência de pessoas que se organizavam em prol de outros beneficiários para realizar coletas em meio à comunidade étnica alemã. O temor em concorrer com outros organismos de coleta tirava da SEF a exclusividade na arrecadação dos donativos junto à comunidade étnica alemã, o que fez suas lideranças, através de seus representantes locais, a desconfiar destas iniciativas e a denunciá-las junto às autoridades públicas locais.<sup>424</sup>

Outra problemática enfrentada pela SEF foi a ação interconfessional da organização que, desde o início, apesar dos conflitos iniciais, foi aceita pelas autoridades eclesiais. Se, no princípio, a Igreja Católica admitiu a ação dos padres jesuítas da Companhia de Jesus no comitê da SEF de forma autônoma, mantendo o seu caráter de independência, com o decorrer do tempo, procurou cooptá-la para trabalhar junto com a obra papal. Ao solicitar apoio do Vaticano às iniciativas da SEF e da Cruz Vermelha junto às autoridades brasileiras para enviar os pacotes privados, Roma respondeu às lideranças da SEF de que estas dirigissem seu pedido diretamente ao Papa através de seus bispos, pois Pio XII gostava de saber com o que os mesmos estavam envolvidos. A união da SEF com a obra papal facilitaria o apoio do

---

<sup>420</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pastor Fritz Wüstner*, 01/06/48

<sup>421</sup> Não havia seguro para o conteúdo dos pacotes que eram enviados pela SEF. Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Gertrud Kaechele*, 04/04/1948

<sup>422</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta da SEF a R.P. Frederico Blöch C.J/RJ*, sem data.

<sup>423</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo, sem destinatário*, 20/09/1946

<sup>424</sup> Segundo Fritz Freitag: *Um antigo professor, cuja vida pregressa é financeiramente muito suspeita, está coletando há algumas semanas para um campo de prisioneiros alemães na Dinamarca. Como as coisa nos parece muito suspeita, comunicamos o caso para a polícia, que se encarregou de convidar o homem para prestar esclarecimentos. Ainda não obtivemos uma resposta definitiva, pois a polícia, ao que parece, não sabe ainda do que se trata. Mas, sem dúvida alguma, deve tratar-se de uma vigarice.* Acervo Benno Mentz, *Carta de Fritz Freitag/Blumenau/SC para Pe. Balduino Rambo*, 11/10/1946

Sumo-Pontífice.<sup>425</sup> Entretanto, a SEF colocou-se contra qualquer tentativa de incorporação à obra papal procurando manter a sua autonomia.<sup>426</sup>

No entanto, a interferência do Vaticano junto às autoridades brasileiras e estrangeiras para liberar a terceira remessa que levava os pacotes privados do comitê e da Cruz Vermelha não foi descartada, pois os padres jesuítas justificaram seu trabalho argumentando que o mesmo respondia aos anseios do Papa em ajudar as vítimas da guerra.<sup>427</sup> Segundo Pe. Rambo:

*No requerimento ao Santo Trono deve ser observado que o povo brasileiro quer vir ao encontro do pedido do Santo Padre, isto é, pensa em enviar para à Europa (nós estamos pedindo um navio de 8.000 toneladas) uma remessa de alimentos caso os senhores ingleses autorizarem.*<sup>428</sup>

As relações da SEF e do Vaticano sofreram um abalo a partir da segunda metade do ano de 1947, quando o Núncio Apostólico do Rio de Janeiro, D. Carlo Chiarlo<sup>429</sup>, proibiu o trabalho dos clérigos católicos em todas as obras assistenciais que não fossem as do Papa. Pe. Pauquet, diretor da SEF, recebeu carta pessoal proibindo sua participação na coleta em prol da organização sem a autorização do Núncio ou de Roma.<sup>430</sup> O caráter interconfessional ameaçado fez as lideranças da SEF resistirem às pressões do Vaticano para serem incorporados à obra pontifical ou trabalhar em prol dela.<sup>431</sup>

As lideranças do comitê mobilizaram-se a fim de que os padres continuassem seu trabalho na SEF. Para isso, Pe. Rambo recorreu ao Pe. Provincial Leopoldo Arntzen que enviou carta escrita pelo secretário para o Núncio Apostólico solicitando a liberação para o

<sup>425</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de E.H./Castel Gandolfo a Pe. Leopoldo Arntzen*, 14/10/1946

<sup>426</sup> Quando em 11/11/1946 Pe. Leopoldo Arntzen solicitou ao Núncio que intercedesse aos ingleses que liberassem a remessa do natal, este recomendou que se fizesse um relatório junto ao Papa. O Papa perguntou porque a SEF enviava socorro à Europa via Suécia e não pela Itália, via a Obra Pontifícia. Pe. Leopoldo Arntzen respondeu, como desculpa, de que não havia transporte regular para a Itália. Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Leopoldo Arntzen a D. Carlo Chiarlo/Núncio Apostólico/RJ*, 26/10/1947

<sup>427</sup> O Papa Pio XII fez um apelo a todas as nações para que colaborassem no combate à fome na Europa. *Papa Pio XII apela em favor dos famintos na Europa*. In: **Correio do Povo**. Porto Alegre, Sexta-Feira, 05/04/1946, p.01

<sup>428</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Leopoldo Arntzen*, 18/08/1946

<sup>429</sup> D. Carlo Chiarlo, Núncio Apostólico no Brasil. Nasceu na cidade de Pontrémoli, Toscana, 04/11/1881. Recebeu o presbiterado em junho de 1904 na arquidiocese de Luca. Nomeado Secretário da Nunciatura Apostólica de Lima no Peru em 1918 e, em 1922, Auditor da Nunciatura Apostólica de Varsóvia na Polônia. Eleito Arcebispo Titular de Amida, 12/10/1928, recebeu a sagração episcopal na Capela do Colégio Pio Latino Americano em 11/11/1928, sendo sagrante o Cardeal Piastro Gasparri, então Secretário de Estado de Sua Santidade Pio XI. Exerceu funções de Núncio Apostólico em La Paz, Bolívia e, em janeiro de 1932, passou para a Nunciatura das repúblicas da América Central residindo em S. José, na Costa Rica. Foi representante da Santa Sé em Costa Rica, Nicaraguá e Panamá. Desde 27/06/46 era sucessor de D. Bento Aloisi Masella, elevado ao cardinalato, como representante de Sua Santidade Pio XII no Brasil. In: **Revista Unitas: Boletim da Província Eclesiástica de Porto Alegre**. Porto Alegre, julho-setembro 1946, p. 277

<sup>430</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. August Adelpkamp*, 26/10/1947

<sup>431</sup> De acordo com Pe. Rambo: *O trabalho a partir do púlpito confronta-se com a obra de socorro do Papa. Nós não podemos de forma alguma abrir mão da ajuda interconfessional para a Alemanha e precisamos*

trabalho de coleta.<sup>432</sup> No entanto, o Núncio recusou o pedido e o remeteu para Roma, pois Pe. Pauquet deveria obter uma autorização de plenos poderes do Secretário de Estado do Vaticano.<sup>433</sup> As resistências em permitir a ação dos padres jesuítas na SEF se devem ao fato da organização competir com a obra papal de Socorro Pró-Vítimas da Guerra, que era o organismo oficial de ajuda humanitária da Igreja Católica.<sup>434</sup>

No seio da comunidade étnica alemã e brasileira, a SEF tinha muito mais sucesso nas coletas do que a obra pontifical, que se limitava a coletar dinheiro para a caridade às crianças órfãs da guerra. Após inúmeras tratativas, que contaram com a intercessão de Pe. Leopoldo Arntzen ao Bispo Sueco Johannes Müller, a Nuciatura Apostólica no Rio de Janeiro concedeu autorização para que Pe. Pauquet participasse das coletas da SEF.<sup>435</sup>

Outros problemas enfrentados pela SEF foram os boatos disseminados na comunidade étnica alemã que causavam prejuízos nas coletas. Entre eles podemos citar, por exemplo, notícias de confiscos de remessas por funcionários das zonas de ocupação aliada<sup>436</sup>, confiscos de remessa pelos ingleses ou por outros organismos internacionais de ajuda humanitária, a perda de mercadorias por causa de incêndio em navio<sup>437</sup>, ou de que os pacotes não chegavam aos destinatários, etc.<sup>438</sup> A pobreza de determinadas regiões nas quais a SEF atuava também impediu que as pessoas colaborassem com a organização.<sup>439</sup>

No que tange às questões confessionais, podemos dizer que, afóra os conflitos iniciais entre os padres jesuítas e pastores protestantes, que dificultaram a articulação do trabalho

*manobrar contra as dificuldades.* Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Marcos Fendel*, 13/08/1947

<sup>432</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. August Adelpkamp*, 26/10/1947

<sup>433</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. August Adelpkamp*, 17/11/1947

<sup>434</sup> Segundo Pe. Rambo: *No Domingo de Pentecostes o Papa conseguiu, pela primeira vez, enviar uma remessa para as crianças da Alemanha. Daí eu posso afirmar: o Domingo de Pentecostes foi no dia 28 de abril, nossa primeira remessa em 06 de junho. Nós não ficamos atrás de Nosso Pai.* Acervo Benno Mentz, *Carta de Balduino Rambo a Irmã Egydia/Colégio Sagrado Coração de Jesus/Florianópolis*, 01/11/1946

<sup>435</sup> Segundo versa a ordem: *affinche il Comitato Socorro Europa Faminta possa continuare nell' attività fin qui explicata, anche indipendentemente da altre iniziative di carità colà in corso.* Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. August Adelpkamp*, 09/03/1948

<sup>436</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Fritz Freitag/Livoniu & Cia Seguros/Blumenau/SC a Pe. Balduino Rambo*, 14/11/1946

<sup>437</sup> De acordo com Fritz Freitag, quando o vapor “Duque de Caxias” queimou, disseminou-se a notícia de que nele havia a remessa de Blumenau. De fato havia doações no vapor, mas da Cruz Vermelha Italiana. Posteriormente, disseminou-se a notícia de que a UNRRA havia confiscado a remessa. O remetente da carta questionava a respeito dos boatos: *Quem tem interesse em disseminar tais notícias?* Acervo Benno Mentz, *Carta de Fritz Freitag/Livoniu & Cia Seguros/Blumenau/SC a Pe. Balduino Rambo*, 27/08/1946

<sup>438</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Maria Laveuve a Pe. Balduino Rambo*, 21/10/1947

<sup>439</sup> O Mosteiro Cisteciense de Santa Cruz, em Itaporanga/SP, enviou um cheque de pequeno valor para a SEF desculpando-se de que não poderiam fazer mais pela obra de socorro por causa da miséria reinante na localidade. Segundo o chefe da ordem, a miséria no Brasil era maior que na Itália. Acervo Benno Mentz, *Carta de Sr. Athanasio, Mosteiro Cisteciense de Santa Cruz/Itaporanga/SP a Pe. Balduino Rambo*, 13/03/1948

conjunto, houve conflitos confessionais que se manifestaram no cotidiano das comunidades alemãs urbanas e rurais. O fato dos sínodos luteranos do país concordarem em trabalhar em conjunto com os católicos, através da Companhia de Jesus, da qual Pe. Pauquet e Pe. Rambo faziam parte, não facilitou, à nível local, o trabalho conjunto entre os luteranos e católicos. As lideranças eclesiais locais tiveram algumas dificuldades de atender a proposta de ação conjunta em prol da Alemanha feita pela SEF e, desta forma, criaram dificuldades que não haviam sido previstas pelas lideranças da organização.

Em Curitiba a ação conjunta entre católicos e luteranos foi muito polêmica. Os católicos resistiam ao comitê local da SEF que era organizado pelos protestantes através da figura do P. Heinz Soboll, pois se admiravam de que *as coisas da Caritas e dos jesuítas são tratadas por eles*. Houve elementos que exigiam que os católicos tivessem de assumir as rédeas do trabalho. A Conferência dos Sacerdotes realizada em 20/10/1947 chegou a proibir as coletas da SEF que não fossem convocadas pelo Núncio Apostólico aos bispos.<sup>440</sup> A presença de protestantes no comitê de Curitiba era lamentada pelos sacerdotes católicos.<sup>441</sup>

As dissidências causadas pelas diferenças confessionais ou políticas muitas vezes dificultavam a articulação da SEF e a fundação de comitês pelo país. Segundo Pe. Rambo, no Rio de Janeiro, *Pauquet não conseguiu unir católicos, protestantes, partidários nazistas e os “filhos de Israel” numa só organização*<sup>442</sup>, o que obrigou a SEF a trabalhar em parceria com outras organizações de ajuda humanitária como a *Christliche Nothilfe*, dirigida por Pe. Bernhard Hagedorn, que remetia ajuda individual para a Alemanha<sup>443</sup> e também tinha parceria com pessoas privadas nos EUA e na Suíça.<sup>444</sup>

Em Joinville/SC, a comunidade étnica alemã também estava dividida. A comunidade católica negava-se a fazer remessas por meio do P. Fritz Wüstner, responsável pela SEF local.<sup>445</sup> O pastor luterano era acusado de trabalhar junto aos elementos economicamente mais representativos da comunidade joinvillense, enquanto que um certo Sr. Jackel mobilizava as camadas populares.<sup>446</sup> Esta atitude do pastor local desagradava os membros da comunidade de

<sup>440</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Luiz Gonzaga Mocha Curitiba/PR ao Pe. Henrique Pauquet*, 30/11/1947

<sup>441</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Luiz Gonzaga Mocha Curitiba/PR ao Pe. Balduino Rambo*, 04/01/1948

<sup>442</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Robert Bramsiepe/Brusque/SC*, 21/10/1946

<sup>443</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Antônio Köhler/St. Cruz/RS*, 29/09/1946

<sup>444</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Leonhard Eckel*, 26/08/1946

<sup>445</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Miguel Rodamer a SEF*, 28/06/1948

<sup>446</sup> Segundo H. Wittsten, Jackel fez uma festa em prol da SEF com autorização do P. Wüstner, que não compareceu ao evento. Posteriormente, o mesmo dispôs da arrecadação da festa comprando mercadorias para os anônimos sem prestar contas a P. Wüstner. A partir daí iniciou-se o conflito entre ambos. O Sr. Jackel fez outra festa em 05/06 sem autorização do pastor, que o pressionou a prestar contas e recebeu somente Cr\$ 2000,00. O Sr. H. Wittsten teve uma conversa com Pastor Wüstner para chegar a um acordo e não prejudicar a SEF. Wüstner e os membros da diretoria do comitê local seriam responsáveis legais pela SEF e o Sr. Jackel

forma que o mesmo não era muito bem quisto por alguns membros da comunidade luterana.<sup>447</sup> Por outro lado, houve um grupo organizado fazendo arrecadações em prol da SEF na pessoa de Miguel Rodamer, o que causou apreensão nos doadores de Joinville, que não sabiam para quem fazer as doações e em quem confiar. Em Joinville as disputas ocorreram inclusive entre elementos pertencentes a mesma camada social.<sup>448</sup> As diferenças sociais entre os elementos do grupo étnico alemão levaram a SEF em Joinville a ser um instrumento de disputa pelo prestígio social.<sup>449</sup>

Em Porto União/SC, não só as diferenças confessionais fizeram as comunidades católica e luterana da cidade trabalharem separadamente, o que prejudicou a coleta da SEF, pois tanto católicos quanto luteranos não obtiveram um sucesso significativo nas coletas, mas também as divisões internas da comunidade étnica alemã tornaram sua articulação muito difícil. As dificuldades enfrentadas pela SEF não se configuraram somente a partir das diferenças confessionais existentes entre seus colaboradores, mas também a partir de questões de caráter político que já vinham se fazendo presentes dentro da comunidade étnica alemã. Alguns elementos economicamente mais expressivos da comunidade, que haviam simpatizado com o nazismo durante a guerra, se negaram a ajudar financeiramente a SEF.<sup>450</sup>

Caso parecido ocorreu em Brusque/SC, onde o trabalho conjunto foi muito difícil, pois os protestantes e a população em geral desconfiavam das reais intenções da SEF. Segundo informações do Pe. Roberto Bramsiepe, *os “nazistas” e “patriotas” da localidade eram indiferentes à situação na Alemanha e se perguntavam: O que temos com isso?* Segundo o mesmo, os nazistas fiéis a Hitler e Goebbels queriam seguir conselho do Führer dado ao Povo Alemão: *Se perdermos a guerra é melhor nos enforcarmos a todos; quer dizer, enforcem-se!*<sup>451</sup> Em Rio Negro/PR ex-nazistas procuravam prejudicar os trabalhos do comitê por meio

---

e seus ajudantes se responsabilizariam pelo empacotamento das doações e do depósito. P. Wüstner e o Sr. Jackel aceitaram a proposta e, se houvessem novamente problemas, estes deveriam ser resolvidos de forma apartidária. Acervo Benno Mentz, *Carta de H. Wittsten a SEF*, sem data.

<sup>447</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Miguel Rodamer a SEF*, 28/06/1948

<sup>448</sup> Segundo H. Wittsten, o casal Rodamer coletava em nome da firma particular de Werner Berger, ex-responsável pela SEF/SP cobrando pacotes de Cr\$ 70,00 e não prestando contas do dinheiro para a SEF. A SEF exigiu de Berger a prestação de contas do assunto em 08 dias, caso contrário, a organização faria um esclarecimento público nos jornais de Joinville. Acervo Benno Mentz, *Carta de H. Wittsten a SEF*, sem data.

<sup>449</sup> O casal Rodamer colocou-se a disposição da SEF; mas não sob as ordens de P. Fritz Wüstner. Também não queriam enviar pacotes via Poa. A esposa de Rodamer era dona da Fábrica Rodenheber & Cia Ltda, uma indústria de escovas e pincéis. Era muito conhecida em SC. O casal apontava como referências o Banco Nacional de Comércio ou a empresa Carlos Hoepcke S.A. Segundo informação de Miguel Rodamer, ele havia proposto um trabalho conjunto com P. Wüstner, que não compareceu na reunião que haviam marcado para tratar do assunto e, posteriormente, fez propaganda contra as arrecadações do casal. Acervo Benno Mentz, *Carta de Miguel Rodamer a SEF*, 28/06/1948

<sup>450</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de José Russ a Pe. Balduino Rambo*, 15/11/1946

<sup>451</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Roberto Bramsiepe a SEF*, 21/06/1946

do boicote às coletas e a disseminação de boatos a respeito da organização.<sup>452</sup> Por outro lado, havia aqueles que acusavam a SEF de conceber, por meio das doações, “cartas de indulgência de 20 a 30 contos” a ex-nazistas que colaboravam com a organização.<sup>453</sup>

Estes boatos envenenaram o trabalho da SEF em várias regiões do país. No norte do Paraná a SEF foi acusada de trabalhar em prol do nazismo, o que prejudicou o sucesso das coletas, pois constrangeu muitos colonos a participar. Segundo Pe. Rambo:

*No norte do Paraná, lamentavelmente, muitas boas oportunidades para coletar são desperdiçadas por causa de intrigantes e de colaboradores incapazes e desinteressados. E justamente ali há muito que coletar. De fato, ali a obra é sabotada por alguns avarentos e fantasmas ruins, de forma que colonos dispostos a doar não arriscam a fazer coisa alguma. O mais revoltante é que – muitos daqueles que não querem colaborar com esta “nova forma de propaganda nazista” foram, no fundo, enquanto podiam fazer negócio, nazistas relutantes. Que Deus recompense todos estes patifes três vezes – Lamentavelmente há também “bons católicos” no meio deles...*

<sup>454</sup>

A Segunda Guerra Mundial causou a divisão da comunidade étnica alemã no Brasil, pois havia descendentes de alemães e alemães do Reino que apoiaram e aderiram à causa nazista e aqueles que, desde cedo, mostraram desconfianças para com o governo de Adolf Hitler e suas reais intenções para com os cidadãos alemães residentes no estrangeiro. Essas dissidências políticas mantiveram-se latentes no pós-guerra na medida em que os simpatizantes do regime nazista da Alemanha passaram à condição de derrotados e tiveram de se conformar com o novo contexto emergente da guerra. Além disso, estas dissidências eram muito mais fortes nos estados de Santa Catarina e Paraná, onde os simpatizantes do nacional-socialismo existiram em maior número.<sup>455</sup>

<sup>452</sup> Segundo informações de Marcos Fendel a Pe. Balduino Rambo: *O Sr. não acredita como os nazistas nos fazem oposição; não é uma luta aberta, mas um boicote silencioso, calúnias e suspeitas que, muitas vezes, são somente insinuadas, que correm sob a superfície e que são disseminadas em conversas com ignorância e com espírito inocente. Como todos estes patifes possuem, de tempos passados, uma má consciência, eles não se atrevem a mostrar-se, e não pretendem desmentir os boatos; por isso meu pedido, de comunicar os primeiros resultados positivos. Por outro lado é satisfatório que pessoas que, de boa fé, estavam abatidas por esta diabólica propaganda, demonstram agora um melhor entendimento e ajudam.* Acervo Benno Mentz, *Carta de Marcos Fendel/Rio Negro/PR a Pe. Balduino Rambo*, 06/09/1946

<sup>453</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Willy Siegmann*, 18/08/1946

<sup>454</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Marcos Fendel/PR*, 12/09/1946

<sup>455</sup> Segundo Pe. Rambo, em carta a Marcos Fendel: *Eu me admiro das dificuldades que o Sr. tem que enfrentar aí. Dos antigos amigos do partido somente tivemos, num ou outro caso, a bota colocada em frente à porta. Não houve nenhum indício de pessoas que trabalhassem contra. Também com os protestantes (isto é, os luteranos de descendência alemã do Sínodo Rio-Grandense) nós nos entendemos bem. Antes que eles soubessem o que estava acontecendo nós já tínhamos arrecadado 1.000.000 e, principalmente, de sua gente. Os senhores do Sínodo se opuseram um pouco no início, o que não é de se admirar. Então vieram com propostas fortemente confessionais, com as quais nós não concordamos, mas combinamos coletas com sua gente e a nossa. Finalmente nos unimos da seguinte maneira: o sínodo participa oficialmente.* Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Marcos Fendel/PR*, 30/06/1946

Também houve conflitos da comunidade étnica alemã do Paraná com elementos pertencentes ao grupo judaico que imigrou para o país durante a ascensão do nazismo e que procurava mobilizar-se em prol de seus conterrâneos. Em Rolândia/PR, região ocupada por colônias de imigrantes judeus, houve propostas de fazer remessas aos não arianos que ainda não haviam recebido nenhuma ajuda. Estas propostas surgiram de pessoas que acusavam a SEF de ter uma postura nazista. O novo comitê propunha-se a baratear a ajuda privada com a exclusão das remessas coletivas.<sup>456</sup>

A articulação de segmentos da comunidade étnica alemã no Paraná em prol da criação de um organismo de ajuda humanitária aos “não arianos” na Alemanha foram combatidos pelas lideranças da SEF que não viam com bons olhos a configuração de grupos dissidentes.<sup>457</sup> Isso fez a SEF assumir uma postura de distanciamento destes elementos sociais.<sup>458</sup> A existência de opositores fez com que, em algumas localidades, houvesse dificuldades de mobilizar lideranças da comunidade local para colaborar com a organização. Em São Paulo, Pe. Walter Mariaux negou-se a colaborar com a SEF porque considerava que não havia presença significativa de elementos do grupo étnico alemão na capital. Segundo o mesmo: *há somente não arianos (judeus?) que não tem simpatias pela Alemanha. Não há sentido em solicitar ajuda para pessoas que não tem vínculos com os destinatários das doações.*<sup>459</sup>

Ao referir-se aos não arianos, Pe. Mariaux não se referia aos elementos luso-brasileiros, mas aos judeus emigrados para o Brasil antes do início da Segunda Guerra Mundial. Até 1933, marco da ascensão de Hitler na Alemanha, residiam no Brasil 40.000 judeus, sendo que de 15.000 a 20.000 estavam concentrados em São Paulo. Estes foram favorecidos pela Lei de Imigração de 1919, que autorizava todos os tipos de visto de permanência.<sup>460</sup> Após esta data, fugindo do nazismo, chegaram cerca de 24.000 judeus. Entre 1946 e 1958 entraram no Brasil

<sup>456</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Dr. Nikolaus Kempf a SEF*, 05/07/1948

<sup>457</sup> Segundo Pe. Rambo: *Não podemos admitir a restrição de ajuda para os cristãos não-arianos por causa de considerações humanas e cristãs. Em terceiro lugar é melhor tomar cuidado frente à pessoas estranhas que acreditam que os não arianos estão excluídos da ajuda da Caritas e da Evangelische Hilfswerk. Eu sei que não preciso lhe dizer estas coisas pessoalmente; mas lamentavelmente, sempre existem pessoas que acreditam que a se ajuda a Alemanha se corremos do hitlerismo para outra cova a beira da estrada e cometemos os mesmos erros com insígnias invertidas.* Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Dr. Nikolaus Kempf/Rolândia/Pr*, 11/07/1948

<sup>458</sup> Segundo Dr. Nikolaus Kempf: *Sob a liderança de Schauff (Johannes Schauff) organizou-se um comitê que não funciona e que propõe ajudar os cristãos não-arianos necessitados. Caso houver mais arrecadações não pretendemos mais nos dirigir ao Dr. Schauff e aos judeus daqui.* Acervo Benno Mentz, *Carta de Dr. Nikolaus Kempf a Pe. Balduino Rambo*, 21/01/1948

<sup>459</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Walter Mariaux/SP*, 10/09/1946

<sup>460</sup> **Brasil, um refúgio nos trópicos. A trajetória dos refugiados no nazi-fascismo em São Paulo.** São Paulo: Estação Liberdade, 1996, p. 134

cerca de 36.000 judeus, sendo a maioria sobrevivente do holocausto.<sup>461</sup> Apesar de grande parte deles proceder da Europa Centro Oriental, muitos dominavam o idioma alemão. No entanto, é perceptível que, na concepção de Pe. Mariaux, estes não eram considerados arianos e, portanto, não eram passíveis de serem cooptados para a causa da SEF.<sup>462</sup>

O fato de a SEF enfrentar problemas com a articulação das comunidades locais de Santa Catarina e Paraná fez com que, algumas vezes, os padres jesuítas atribuíssem aos judeus a responsabilidade pelas dificuldades enfrentadas. Segundo Pe. Rambo:

*Nós sabemos que em Santa Catarina e Paraná iniciou uma reação. Pessoas que, com o pessimismo de Tomé, não tem em comum o apostolado, nós também conhecemos aqui. Seus antepassados cruzaram, em sua maioria, o Mar Vermelho. Isso tudo não nos atinge. Eu acredito que a SEF é a única organização na América do Sul que em quatro meses enviou 450 toneladas para a Alemanha e que deve colocar outras 424 toneladas nas mesas alemãs no Natal.*<sup>463</sup>

Esta atitude de justificar as dificuldades de atuação da SEF à conspiração de elementos judaicos faz parte do quadro social do período que, mesmo após o fim da guerra, ainda permanecia marcado pelo anti-semitismo. Atitudes anti-semitas faziam parte do imaginário social da sociedade mundial e brasileira. O antisemitismo estava igualmente disseminado dentro das instituições eclesiais católica e luteranas e; conseqüentemente, dentro da SEF.

### 3.3 Grupos Sociais Mobilizados

A SEF articulou diversos grupos sociais distintos em prol da ajuda material para a Alemanha. Seus apelos por ajuda realizaram-se, em princípio, aos elementos economicamente mais representativos do grupo étnico alemão que residiam nas regiões sul e sudeste do país. Estes grupos possuíam capital financeiro disponível para financiar a ajuda material aos alemães. São, portanto, os grandes comerciantes (*Großhandel*) e os industriais (*Industrie*) os primeiros segmentos aos quais a SEF se dirigiu.<sup>464</sup> Estes doadores localizavam-se nos núcleos urbanos mais significativos dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro. A colônia foi atingida posteriormente.

<sup>461</sup> Idem.

<sup>462</sup> Por outro lado, Pe. Mariaux não gozava da simpatia de seus ex-alunos do Colégio de Jesuítas onde lecionava, alguns padres queriam vê-lo longe de suas atividades e o superior não via com bons olhos a sua participação na obra, sendo ela, no momento inoportuna. Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Walter Mariaux/SP*, 10/09/1946

<sup>463</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a P. Wüstner/Joinville/SC*, 21/09/1946

<sup>464</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Marcos Konder*, 01/06/1946.

Pe. Rambo não acreditava no potencial financeiro da colônia; entretanto, mesmo assim, os colonos foram incorporados nos planos de ação da SEF.<sup>465</sup> Pe. Rambo acreditava que as colônias não contribuiriam com a mesma soma que o comércio e a indústria. Contudo, *as colônias devem ajudar, pois se trata do amor cristão ao irmão e em combater a indescritível miséria na terra de origem de nossos antepassados.*<sup>466</sup> Os centros urbanos de Porto Alegre, São Leopoldo, Novo Hamburgo, Itajaí, Brusque, Blumenau, Joinville, Curitiba, São Paulo e o Rio de Janeiro eram locais nos quais o grupo étnico alemão era economicamente bastante representativo. A economia destas regiões se desenvolveu muito e permitiu o acúmulo de significativas parcelas de capital nas mãos de elementos pertencentes ao grupo étnico alemão.

Para realizar seu trabalho junto aos “reis da indústria”, as lideranças da SEF solicitaram aos seus colaboradores que indicassem formas e modos de proceder para contactar estas pessoas, assim como as instruções práticas de como realizar as coletas na colônia.<sup>467</sup> No entanto, a SEF teve de convencer seus colaboradores e doadores de que os donativos realmente chegariam ao seu destino.<sup>468</sup> Neste sentido, as confirmações de recebimento dos pacotes pelos destinatários na Alemanha eram de suma importância para o comitê, pois garantiam a arrecadação de vultosas somas de dinheiro junto aos doadores.<sup>469</sup> A maior parte dos doadores era de protestantes que, segundo Pe. Rambo, dominavam as atividades do comércio e da indústria, portanto, sempre alertava a Pe. Adelpkamp:

*Por favor envie-nos, o mais rápido possível e em grande quantidade, confirmações de recebimento da Alemanha e, muitas de protestantes, pois nossos melhores doadores são os evangélicos. Aqui foi possível atrair para nosso círculo estas pessoas que dominam o comércio e a indústria.*<sup>470</sup>

Os jesuítas temiam o surgimento de desconfiças entre católicos e protestantes que causassem um racha na SEF. Os protestantes eram responsáveis por 75% das doações. Se os mesmos não obtivessem garantias de que suas doações atingiam os destinatários protestantes sua participação na SEF corria o risco de acabar. Era a primeira vez que católicos e protestantes atuavam em conjunto, o que exigiu que houvesse a confiança de que ambos os

<sup>465</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Leopoldo Arntzen SJ*, 26/06/1946

<sup>466</sup> A escolha da indústria e comércio como os primeiros grupos a serem envolvidos pela SEF deve-se ao fato das lideranças do comitê acreditarem que se deveria arrecadar primeiro junto às pessoas que tinham capacidade de doar mais. Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Antonio Hammelstein São Carlos/ via Iraí*, 07/08/1946

<sup>467</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Gabriel Arns/Crisciúma/SC*, 12/05/1946

<sup>468</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Jacó Luiz Nebel*, 18/08/1946

<sup>469</sup> Pedidos de Pe. Balduino Rambo ao Pe. August Adelpkamp para que enviasse confirmações de recebimento dos pacotes por parte dos destinatários na Alemanha eram bastante freqüentes, pois mantinham o ânimo dos doadores que se esforçavam em dispender somas significativas para a SEF. Em SC tais confirmações poderiam, segundo Pe. Rambo, garantir a arrecadação de mais Cr\$ 2.000.000,00. Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. August Adelpkamp*, 28/08/1946

lados cumprissem com o que foi acordado pelas lideranças dos sínodos luteranos e as lideranças católicas.

*Como consta no material que recebi ontem, o Sr. distribuiu a primeira remessa conforme as instruções que lhe demos. Entretanto, lamentamos; pedimos enviar muitas confirmações de protestantes. O contrário pode ser uma catástrofe, pois 75% das doações provêm dos protestantes. Até agora foi possível, pela primeira vez na história do teuto-brasileirismo, trabalhar no melhor entendimento. Se os protestantes tiverem a impressão de que trabalhamos para nossas pessoas, a espinha dorsal de nossa organização estará quebrada. Afora isso, trata-se de uma pura questão de justiça.*<sup>471</sup>

A excessiva dependência econômica da SEF em relação aos protestantes preocupou Pe. Rambo quando se propôs a organização de uma festa em prol do comitê já no final de 1947. Sua organização foi um pedido dos empregados da Firma Renner. Houve apoio em relação à iniciativa, pois a festa atingiria os segmentos sociais da classe média dos descendentes de alemães e alemães do Reino onde, segundo Pe. Rambo, *praticamente não valia a pena coletar*.<sup>472</sup> A festa incorporaria aos círculos de descendentes de imigrantes junto aos quais a coleta espontânea não era possível como, os trabalhadores dos setores industriais. Contudo, Pe. Rambo preocupava-se com o excessivo caráter protestante do evento, com a proibição de coleta do Núncio Apostólico para Pe. Pauquet e de que as autoridades fossem simpáticas à iniciativa. Neste sentido, D. Ana Jobin, esposa do governador do Rio Grande do Sul, foi contactada para interceder pela SEF e recebeu a visita de “damas da sociedade porto alegre”.<sup>473</sup>

Empresários de significativa relevância política e social participaram da SEF fazendo doações em nome de suas empresas, colaborando com a doação de produtos em espécie, ou fazendo uso de sua influência e prestígio junto à comunidade local.<sup>474</sup> Clãs políticos locais de Santa Catarina, como os Konder, fizeram, em nome de suas empresas e das famílias, as primeiras doações significativas para a SEF.<sup>475</sup> Marcos Konder, ex-prefeito de Itajaí e ex-deputado estadual, empenhou-se em colaborar com a SEF recomendando que o comitê coletasse nos círculos do norte industrial do estado e não em Florianópolis, *onde o sucesso seria maior*.<sup>476</sup> Tal recomendação é compreensível porque o norte do estado de Santa

<sup>470</sup> Idem.

<sup>471</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. August Adelpkamp*, 09/11/1946

<sup>472</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Leopoldo Arntzen*, 10/01/1947

<sup>473</sup> Sra. Arnaldo Bercht e Sra. Hildegart Eglert foram as representantes da SEF junto à primeira dama do estado, sendo que faziam questão da presença de Pe. Pauquet no encontro. Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Leopoldo Arntzen*, 10/01/1947

<sup>474</sup> Nos anexos consta uma lista de algumas empresas que forneceram produtos para a SEF.

<sup>475</sup> A Usina de Açúcar Adelaide S.A, de propriedade da Família Konder, fez a primeira contribuição para a SEF em SC doando 10 contos. Acervo Benno Mentz. *Carta de Marcos Konder a Pe. Balduino Rambo*, 28/06/1946

<sup>476</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Marcos Konder a Pe. Balduino Rambo*, 13/06/1946

Catarina era colonizado pelos alemães, enquanto que o litoral de Santa Catarina pelos luso-brasileiros, onde a SEF não obteria, em seu entendimento, colaborações significativas.

Em Brusque, Marcos Konder propôs a Pe. Rambo contactar o clã Renaux, Otto Renaux, e os padres do Colégio Sagrado Coração de Jesus.<sup>477</sup> Em Blumenau indicou a família Hering, na pessoa de Curt Hering e, em Joinville, as famílias Colin, Wetzel e Lepper.<sup>478</sup> Marcos Konder dispôs-se a receber pessoalmente os representantes da SEF em Florianópolis e apresentá-los às autoridades locais a fim de receber as devidas autorizações para que a SEF pudesse funcionar. Também colocou seus assessores à disposição dos representantes da SEF para que, juntos, visitassem os bancos e indústrias de Itajaí, onde contactaram Dr. Rodolfo Renaux Bauer, diretor do Banco Indústria e Comércio, que assumiu a direção do comitê local da SEF.<sup>479</sup>

O casamento de Konder com uma luso-brasileira, Maria Corina Regis, possibilitava-lhe ampliar os contatos com a comunidade étnica luso-brasileira de Itajaí e, desta forma, angariar as simpatias da comunidade local para a SEF. Entretanto, Marcos Konder não se dispôs a assumir representação direta na comissão catarinense da SEF, pois, segundo o mesmo, estaria muito ausente por causa de suas viagens políticas, não podendo dedicar-se à tarefa de forma adequada e, por outro lado, *poderia causar mais prejuízo do que proveito para a SEF por ser um opositor do nacional-socialismo como era praticado aqui.*<sup>480</sup> Konder acreditava que sua atuação direta na SEF afastaria ex-simpatizantes do nazismo, que tinham dissidências com o mesmo e colaboravam de maneira significativa com o comitê.

Apesar de não atuar politicamente, Marcos Konder não queria comprometer-se com a SEF por causa dos problemas que a atuação do organismo poderia causar a sua figura, visto que esta atuava em prol dos alemães e procurava exportar mercadorias proibidas pelo governo federal num contexto de pós-guerra ainda bastante marcado pelas antigas “chicanas” entre nacionalistas e germanistas. Por outro lado, Marcos Konder também havia sido preso durante o Estado Novo por haver concedido uma entrevista à imprensa do Rio de Janeiro condenando a Campanha de Nacionalização de Vargas,<sup>481</sup> o que pode tê-lo levado a tomar uma atitude mais discreta em relação a sua participação na SEF.

<sup>477</sup> A família Renaux fez, através de sua Fábrica de Tecidos em Brusque, significativas remessas de tecidos para a Alemanha. Cf. Anexos de Empresas que colaboraram com a SEF.

<sup>478</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Marcos Konder a Pe. Balduino Rambo*, 13/06/1946

<sup>479</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Marcos Konder a Pe. Balduino Rambo*, 28/06/1946

<sup>480</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Marcos Konder a Pe. Balduino Rambo*, 13/06/1946

<sup>481</sup> KONDER, M., *Op. Cit.*, p.08

Elementos destacados dos quadros políticos da sociedade brasileira e da comunidade étnica alemã colaboraram com a SEF. Um deles foi o ex-intendente municipal de São Leopoldo, Ten. Cel. Gaelzer Netto. Sua atuação foi muito importante, pois mediou as tratativas de trabalho conjunto com a Cruz Vermelha Brasileira, assim como atuou em prol da SEF junto aos círculos políticos da capital do país. Destacou-se ao buscar, junto às autoridades inglesas, as autorizações necessárias para que a organização pudesse enviar, em sua terceira remessa, pacotes de ajuda privada para a Alemanha. Por outro lado, interferiu para que os governos brasileiro e inglês se empenhassem na repatriação dos 1700 brasileiros retidos na Alemanha.

O Cel. Netto usou diversas estratégias para atingir seus objetivos. Mobilizou amigos íntimos na capital para obter uma entrevista com o diplomata inglês e expor o trabalho da SEF em prol da “Europa Faminta”. De acordo com o relato de Cel. Netto a Pe. Rambo, o mesmo contactou a secretária da embaixada inglesa e o embaixador peruano, ambos considerados “amigos íntimos de Mr. Henry Montgomery” e, desta forma, conseguiu uma audiência com o diplomata inglês no Rio de Janeiro. O diplomata inglês recebeu um relato de Cel. Netto da SEF com as *indispensáveis reservas* e sob o *ponto de vista inglês-brasileiro*.<sup>482</sup>

Para conseguir a colaboração do diplomata inglês Cel. Netto afirmou que um navio partiria para a Europa levando víveres para 1700 brasileiros retidos nas zonas de ocupação inglesa e americana. Este também levaria víveres para Inglaterra, França, Bélgica, Holanda, Alemanha, Tchecoslováquia, Áustria, Hungria e Polônia. O navio iria em nome da SEF e da Companhia de Jesus.<sup>483</sup> O diplomata teria ficado encantado com a iniciativa, pois era admirador da Companhia de Jesus e, assim sendo, pediu um plano escrito. O mesmo teria se aborrecido pelo fato do Itamaraty não ter analisado o pedido da SEF de 01/08/1946 e resolvido as dificuldades junto aos ingleses. Segundo Cel. Netto, não havia interesse do Itamaraty nos repatriados.<sup>484</sup> Esta falta de interesse do governo brasileiro deve-se, provavelmente, ao fato dos repatriados constituírem-se, em sua grande maioria, de descendentes de alemães que estavam na Alemanha antes da eclosão da guerra ou que foram para a Alemanha para lutar ao lado do nazismo.

A atuação de Cel. Netto em prol da SEF não foi desinteressada, pois esperava, com isso, retornar à Alemanha juntamente com o navio que levaria a terceira remessa da SEF e que

---

<sup>482</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Cel. Gaelzer Netto a Pe. Balduino Rambo*, 14/07/1946

<sup>483</sup> Para conseguir o navio Cel. Netto contactou Dr. Amaral Peixoto, Diretor do Loyd Brasileiro. Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Henrique Pauquet*, 18/08/1946

<sup>484</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Cel. Gaelzer Netto a Pe. Balduino Rambo*, 14/07/1946

traria os repatriados e, em Berlim, assumir um posto junto à Missão Militar Brasileira como Secretário de Imigração. Cel. Netto já havia estado na Alemanha antes da guerra, onde ocupou o posto de Conselheiro do Comércio junto à legação brasileira em Berlim.<sup>485</sup>

As discussões da imprensa e dos círculos políticos em torno da possibilidade de trazer imigrantes alemães para o Brasil no pós-guerra era muito polêmica, pois se queria evitar as experiências dos processos migratórios anteriores. Buscava-se um novo modelo de imigração que valorizava os imigrantes tecnicamente qualificados, que pudessem contribuir para o desenvolvimento industrial do país.<sup>486</sup> Os antigos modelos imigratórios permitiram a formação dos assim denominados “quistos étnicos” no país. Representantes da comunidade étnica alemã, através de seus representantes políticos, não deixaram de criticar estes novos modelos que poderiam prejudicar a imigração de alemães para o Brasil, pois havia muito interesse em trazer pessoas refugiadas para o país.<sup>487</sup>

Em sua conversa com o diplomata inglês, Cel. Netto pediu-lhe que aguardasse sua nomeação como Secretário de Imigração e, com o visto fornecido pelos ingleses, poderiam resolver este “humanitário assunto” que era de levar víveres para um “Happy Christmas” aos famintos de todos os países com a ida de “nossa Cuyaba”<sup>488</sup> para Hamburgo. Uma carta do Cardeal do Rio de Janeiro a Henry Montgomery resolveria as primeiras dificuldades.<sup>489</sup> Entretanto, o Cardeal D. Jaime B. Câmara somente deveria ser usado como *último trunfo* para resolver a questão.<sup>490</sup>

A nomeação de Cel. Netto para o cargo interessava as lideranças da SEF atentas à questão migratória do pós-guerra. Considerava-se importante sua nomeação para salvar os *patrícios* na Alemanha. O mesmo poderia acelerar o pedido de repatriação dos brasileiros

<sup>485</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Leopoldo Arntzen*, 18/08/1946

<sup>486</sup> Segundo artigo de Limeira Tejo. *No ponto em que chegamos não nos interessam mais os braços do imigrante - como tive ocasião de frizar em um artigo a propósito - mas as mãos hábeis do operariado europeu classificado*. Tejo crítica o antigo modelo de imigração e o problema da migração interna. Ressalta, em relação à imigração, que *as portas não estão todas fechadas, embora as que ainda se encontrem abertas só possam dar passagem a determinadas correntes profissionais*. TEJO, Limeira. *Problemas Novos da Imigração*. In: **Correio do Povo**. Porto Alegre, Quinta-Feira, 12/09/1946, p.04

<sup>487</sup> Adolfo Konder, líder oposicionista de SC, irmão de Marcos Konder, criticou, em artigo publicado na imprensa nacional, a Campanha de Nacionalização do Estado Novo denominado-a de “Campanha de Analfabetização”, pois proibiu o funcionamento de escolas particulares e não providenciou escolas públicas, prejudicando, desta forma, a integração dos alemães no país. Além disso, criticou aqueles que consideravam SC um quisto étnico. Citou, como exemplo de integração dos alemães no Brasil, o fato de muitos terem conhecimento do idioma português e haverem lutado na FEB. KONDER, Adolfo. *Santa Catarina não é quisto racial*. In: **Correio do Povo**. Porto Alegre, Terça-feira, 07/05/1946, p.09

<sup>488</sup> Cuiabá era o nome do navio que foi solicitado ao governo brasileiro para fazer a 3ª. remessa para a Alemanha e que levaria os pacotes privados da SEF e da Cruz Vermelha.

<sup>489</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Cel. Gaelzer Netto a Pe. Balduino Rambo*, 14/07/1946

<sup>490</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Cel. Gaelzer Netto a Pe. Balduino Rambo e Pe. Henrique Pauquet*, 07/09/1946

feitos pela SEF e a Cruz Vermelha.<sup>491</sup> Para resolver o problema dos repatriados, Cel. Netto solicitou a ajuda do Dep. Federal Arthur Fischer.<sup>492</sup> O Dep. Arthur Fischer foi secretário da Sociedade União Popular e era um legítimo representante dos interesses dos padres jesuítas na imigração.<sup>493</sup> Fischer também intercedeu junto ao governo federal para que a proibição de falar alemão caísse.<sup>494</sup> Ambos pretendiam preparar uma ação conjunta junto às representações dos “quatro grandes”, no que foram desestimulados pelo Ministro Luiz Sparano, que recomendou que aguardassem o Ministro das Relações Exteriores, João Neves da Fontoura, que conseguiria o almejado.<sup>495</sup>

Cel. Netto também solicitou a Pe. Rambo que intercedesse, através de telegramas à primeira dama do país, “Dona Santinha”, e ao Cardeal do Rio, D. Jaime de Barros Câmara, que fizessem uma *artilharia pesada* e conseguissem, do Secretário da Presidência, Dr. Dalamo Lousada, uma audiência com o Min. Interino Embaixador Samuel Leão de Souza Gracie, que era descendente de ingleses. Nesta audiência, que foi obtida, o Cel. Netto e o Dep. Fischer trataram da questão da remessa de donativos privados, dos repatriados e de sua nomeação como Secretário de Imigração.<sup>496</sup>

Cel. Netto, juntamente com o Dep. Fischer, conversaram com o ministro. O Gen. Ivo Soares, Presidente da Cruz Vermelha Brasileira, os acompanhou no encontro, mas não

---

<sup>491</sup> Segundo Pe. Rambo em carta a Cel. Gaelzer Netto: *A vossa nomeação seria para nós uma garantia de que não se fará do pobre país (Alemanha) um mercado de escravos e Fronarbeit, mas que se abram, larga e hospitaleiramente, as portas da terra brasileira para receber a quantos conosco queiram trabalhar.* Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo a Cel. Gaelzer Netto*, 04/10/1946.

<sup>492</sup> Arthur Fischer nasceu em Vanâncio Aires no ano de 1901 e formou-se em Direito pela Faculdade de Porto Alegre em 1935. Participou do movimento dos produtores rurais durante o Estado Novo, foi membro da Comissão Organizadora do Instituto Nacional de Carnes. Ingressou na política filiando-se a USB (União Social Brasileira), que foi incorporada pelo PTB. Por este partido candidatou-se à Assembléia Nacional Constituinte, obteve a primeira suplência substituindo Getúlio Vargas que optou pelo cargo de Senador da República, sendo empossado em março de 1946. Fischer centrou sua ação em defesa dos pequenos produtores gaúchos e na oposição aos comunistas a quem acusava de antipatriotismo. Fischer também foi representante, no Rio Grande do Sul, do Comitê Intergovernamental para Migrações Européias, entidade ligada à ONU. Esta atividade exerceu até o fim de sua vida. Fischer era adepto do cooperativismo, pregou esta idéia e fundou uma das maiores cooperativas do país, a União Sul-Brasileira de Cooperativas, sediada em Porto Alegre. Fundou a Escola Técnica de Cooperativismo, deu aulas de história do cooperativismo e organizou vários congressos de agricultores. Foi líder da classe dos produtores agrícolas do Rio Grande do Sul. Foi Secretário da Sociedade União Popular, entidade com fins culturais e beneficentes da zona colonial do estado. ABREU, A. A., *Op. Cit.*, p.2214

<sup>493</sup> Arthur Fischer mereceu agradecimentos especiais de Pe. Rambo pois, durante os tempos mais difíceis de articulação da organização, colaborou intensivamente com a SEF. *Pedimos agradecer a Dr. Fischer, pois o homem dedica-se com toda alma a nossa obra. Ao lado de suas obrigações de deputado federal e, em tempos de desespero, não economizou esforços e tempo para conseguir uma audiência com o Presidente da República e que o nosso assunto fosse resolvido. (...) Não devemos nos esquecer que as vozes inimigas dos alemães ainda estão muito fortes do centro e norte do país. Cada grande ação no Rio nos lançará a matilha dos jornais no pescoço.* Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Leopoldo Arntzen*, Sem data.

<sup>494</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Balduino Rambo a Pe. Leopoldo Arntzen*, 30/09/1946

<sup>495</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Cel. Gaelzer Netto a Pe. Balduino Rambo*, 07/09/1946

<sup>496</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Cel. Gaelzer Netto a Pe. Balduino Rambo*, 12/09/1946

participou da conversa. O ministro, segundo Cel. Netto, *leu a petição, fez que não a conhecia, elogiou-o e discorreu sobre os 1700 brasileiros nas zonas de ocupação.* Segundo Cel. Netto, parecia que o caso estava resolvido com o navio podendo atracar em Amsterdam, na Holanda. Com *gosto* o ministro faria sua nomeação como Secretário de Imigração, mas teria de comunicar a Dutra que Gaelzer Netto:

*(...) tinha alugado, outrora, uma Casa do Partido Nazista ( a casa alugada pertencia ao patrimônio da Saxônia, na esquina da Voss Str, d'onde os Nazi me puseram para fora, para edificarem a "Reichskanzelei") e que o Sr. Gaelzer Netto foi hóspede de honra do Sr. Hitler em Nürnberg (o que é verdade, porém lá estive com o Sr. Embaixador do Brasil Dr. Noonig (?) de Aragão) e que, os ingleses deveriam saber disso, ou se não soubessem, haveria alguém que lhes diria agora !!. O nosso amigo Dr. Fischer (Dr. Arthur Fischer), lutador jovem, não conhece ainda esta parte menos nobre da diplomacia e, me parece um pouco impressionado!"*<sup>497</sup>

A nomeação de Cel. Netto para Secretário da Imigração não era ponto pacífico nos círculos políticos. Sua ascendência germânica poderia trazer problemas ao governo. O Min. Grace encerrou a conversa afirmando que a Missão Militar Brasileira em Berlim iria trazer os 1700 brasileiros de volta. Segundo Cel. Netto, o Gen. Ivo Soares era da opinião de que a *Missão Militar Brasileira vai é enterrá-los, os 1700 brasileiros coletivamente!* Entretanto, o ministro não tomou nenhuma decisão a respeito, o que levou Cel. Netto a empreender outras estratégias para conseguir sua nomeação.<sup>498</sup>

O Cel. Netto sugeriu à SEF que pressionasse sua nomeação como auxiliar técnico para que a SEF tivesse o *direito de vir a público*, que solicitassem às colônias estrangeiras no Brasil que colaborassem nas doações, principalmente a inglesa. A idéia era cooptar a colônia inglesa do Brasil e dar a impressão de que o Min. Gracie estava trabalhando *contra nação amiga*, pois se transmitia a impressão de que as coletas seriam enviadas para as vítimas inglesas. O Cel. Netto solicitou que a SEF intercedesse a Dr. Adroaldo Mesquita da Costa, íntimo do Presidente Dutra, colega de Cel. Netto quando aluno do Ginásio de São Leopoldo, para enviar um telegrama para o presidente a fim de liberar as 400 toneladas de mantimentos da terceira remessa.<sup>499</sup>

Pe. Rambo seguiu a recomendação de Cel. Netto e solicitou que Dr. Adroaldo Mesquita intercedesse junto ao Ministério da Fazenda a liberação para exportação. Alegou, em seu pedido, que o Ministro Sabóia Lima não conhecia a SEF, confundindo-a com outros organismos e que o mesmo não liberava a remessa porque faltavam alimentos no país.

---

<sup>497</sup> Idem

<sup>498</sup> Idem

<sup>499</sup> Idem.

Também alegou que os trâmites legais ficaram prejudicados por causa da burocracia, pois o pedido foi feito três semanas antes da promulgação da lei proibindo a exportação de gêneros alimentícios de primeira necessidade.<sup>500</sup> O pedido de Pe. Rambo foi atendido, tendo o Dr. Mesquita solicitado ao Presidente Dutra a liberação de exportação de 5.000 toneladas de mantimentos, a liberação do navio Cuiabá para fazer a remessa e que o mesmo trouxesse, na volta, os 1700 brasileiros retidos na Alemanha.<sup>501</sup>

Enquanto a licença para exportação não era liberada, Cel. Netto reunia-se nos bastidores do poder com Oficial de Gabinete da Presidência, Dr. Francisco Dalamo Lousada, para garantir sua nomeação como Secretário de Imigração. Cel. Netto preparou o teor da nomeação concedendo a si mesmo plenos poderes para *evitar problemas e limitações*.<sup>502</sup> Cel. Netto dirigiu-se diretamente aos círculos próximos do poder com a finalidade de apressar sua nomeação e os obter respostas favoráveis aos pedidos da SEF, procurava, desta forma, superar outras dificuldades ou instâncias de poder que pudessem lhe trazer problemas. Sua recomendação para a SEF sugeria:

*Seria conveniente publicarem, urgentemente, assim que tivermos conseguido a licença das 5000 ton. do Cuiába, um aviso em letras garrafais, convidando as colônias estrangeiras no Brasil para auxiliarem nesta missão humanitária urgente – aos famintos brasileiros retidos em seus países europeus, os seus velhos e crianças! Há que refletir bem, e ver se a publicação irá provocar a ira dos nativistas brasileiros!! Queiram desculpar meus queridos amigos, se houver, de minha parte, excesso de zêlo. O Sr. Paulo Jahn me disse, que foi muito bom termos iniciado a nossa ação junto ao Sr. Presidente, porque de cima, tudo marcharia com a atual prontidão (que nós achamos lenta) e que, as instâncias subalternas correriam a atender a ordem do Sr. Presidente.*<sup>503</sup>

A indicação de Cel. Netto para Secretário de Imigração também contou com a colaboração da Presidente da Cruz Vermelha do estado do Rio Grande do Sul, Sra. Odila Gay da Fonseca, que intercedeu junto ao Ministério do Trabalho Indústria e Comércio para que o mesmo fosse indicado para o cargo. Entretanto, o ministério não pôde atender o seu pedido, afirmando que o mesmo estava em deliberação junto ao Conselho de Imigração e Colonização.<sup>504</sup>

A nomeação de Cel. Netto para Secretário de Imigração era, ao que parece, assunto discordante dentro dos círculos políticos próximos do poder. A articulação de influentes

<sup>500</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo a Dr. Adroaldo Mesquita da Costa*, 19/09/1946

<sup>501</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Cel. Gaelzer Netto a Pe. Balduino Rambo e Pe. Henrique Pauquet*, 22/09/1946

<sup>502</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Cel. Gaelzer Netto a Pe. Balduino Rambo e Pe. Henrique Pauquet*, 29/09/1946

<sup>503</sup> Idem.

<sup>504</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio a Sra. Odila Gay da Fonseca*, 20/11/1946

lideranças políticas não lhe garantiu arrancar a nomeação do Presidente da República. Tentativas de contactar Dr. Nereu Ramos no Senado Federal, juntamente com amigo Engenheiro Egon Meyer<sup>505</sup>, conhecido de São Leopoldo, para *salvar repatriados do estado dele*, foram frustradas. Segundo Cel. Netto, Nereu Ramos encontrava-se ausente por causa do falecimento do Ministro Waldemar Falcão, *o homenzinho não atendeu-os* porque estava tratando de política, *ver quem vai ser ministro*.<sup>506</sup>

A atitude de Nereu Ramos explica-se pelo fato do mesmo ter implementado a Campanha de Nacionalização no estado de Santa Catarina durante o Estado Novo, quando era interventor do estado. Nereu Ramos não nutria simpatias pela comunidade étnica alemã, que o estigmatizava como inimigo dos imigrantes.<sup>507</sup> Por outro lado, a SEF contou com a colaboração do governador do Rio Grande do Sul, Dr. Cilon Rosa, que intercedeu pela liberação da terceira remessa ao Conselho de Exportação e ao Consulado Inglês.<sup>508</sup>

Esta nova tentativa frustrada conduziu Cel. Netto a contatar o Ministro da Fazenda, Dr. Gastão Vidigal. Este se dispôs a assinar a petição de liberação da remessa para exportação da SEF, pois, segundo Cel. Netto, o ministro era da opinião de que o caso era da alçada do Ministério da Fazenda e não do Itamaraty.<sup>509</sup> A petição foi encaminhada; entretanto, o ministro abandonou a pasta sem ter tomado conhecimento dela, o que fez com que o Sr. Osvaldo Machado fosse designado para cuidar dela. Este já havia colaborado anteriormente com Cel. Netto.<sup>510</sup>

As tentativas de obter a liberação da 3ª remessa, que levaria os pacotes individuais da Cruz Vermelha e da SEF para a Alemanha, acabaram com a perda do processo no ministério. Cel. Netto tentou localizá-lo, pois Dr. José Valle, Oficial de Gabinete da Presidência, solicitou-o em caráter de urgência, pois se dispôs a fazê-lo chegar à mesa do presidente. Valle conhecia Cel. Netto, pois o acompanhou em sua viagem à Europa em 1937.<sup>511</sup> Neste mesmo período, o novo Ministro das Relações Exteriores, Macedo de Soares, assumiu o cargo, pois

<sup>505</sup> Egon Meyer fugiu da Alemanha por Lisboa. Teve um encontro com o Dr. Luiz Sparano, Ministro do Brasil na Áustria, no qual relatou o que se passava com os repatriados brasileiros. Segundo Cel. Netto, *Se não multiplicarmos nossos esforços virão os criminosos polacos e nossos morrerão de fome*. Acervo Benno Mentz. *Carta de Cel. Gaelzer Netto a Pe. Balduino Rambo*, 13/10/1946

<sup>506</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Cel. Gaelzer Netto a Pe. Balduino Rambo e Pe. Henrique Pauquet*, 12/10/1946

<sup>507</sup> ABREU, A. A., *Op. Cit.*, p.4888-4889

<sup>508</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Leopoldo Arntzen*, 18/08/1946

<sup>509</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Cel. Gaelzer Netto a Pe. Balduino Rambo*, 13/10/1946

<sup>510</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Cel. Gaelzer Netto a Pe. Balduino Rambo e Pe. Henrique Pauquet*, 17/10/1946

<sup>511</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Cel. Gaelzer Netto a Pe. Balduino Rambo e Pe. Henrique Pauquet*, 01/11/1946

João Neves da Fontoura recusou-se a assumí-lo. O novo ministro não se oporia a colaborar na liberação das 5.000 toneladas de mantimentos para a Europa, pois segundo Netto, era considerado um homem *bom*.<sup>512</sup>

A liberação da 3ª. remessa somente foi obtida quando Pe. Pauquet dirigiu-se ao Rio de Janeiro e, deixando todas as formalidades legais de lado, dirigiu-se ao Palácio do Catete para “arrancar” a autorização das mãos do Presidente Eurico Gaspar Dutra. Segundo relatos de Pe. Rambo:

*A primeira coisa que precisamos admitir é de que a remessa natalina, por causa das constantes anulações das licenças de exportação, não pôde ser abandonada. Com seu forte caráter, Pauquet tomou de assalto o Catete, aguardou o Presidente da República, que estava numa reunião ministerial, e, quebrando todas as etiquetas, retirou-o do atendimento formal e arrancou-lhe a autorização definitiva.*<sup>513</sup>

A terceira remessa foi, portanto, liberada pelo caráter “intempestivo” de Pe. Pauquet que, não tolerando mais a burocracia dos órgãos públicos, resolveu ir pessoalmente ao encontro do Presidente. Estes encontros se repetirão com frequência a partir da 7ª. remessa, quando o governo passou novamente a proibir, agora com mais rigidez, a exportação de gêneros de primeira necessidade.<sup>514</sup>

Em carta datada de 14/11/1946, Cel. Netto solicita que o acompanhem no navio Cuiába, que acabara de ter sua autorização liberada, 2 representantes da SEF, 2 representantes da Cruz Vermelha e 2 representantes das famílias dos repatriados. Também afirma que conseguiu a liberação de 4525 toneladas para exportação, facilidades junto ao Conselho Nacional de Exportação (Min. Sabóia Lima), liberação de taxa cambial junto à Carteira de Fiscalização Bancária de Importação e Exportação e um navio especial para a remessa da Cruz Vermelha e SEF.<sup>515</sup>

Percebe-se uma controvérsia com relação às informações de quem obteve a liberação das remessas de exportação para a SEF. Se Cel. Netto com seu “prestígio” e “influência política” junto às autoridades políticas do país, ou se Pe. Pauquet, com seu caráter intempestivo. Fato é que a nomeação de Cel. Netto para Secretário de Imigração não foi aprovada. Em junho de 1947 o mesmo ainda lutava para obter a nomeação, agora com a influência política do Ministro Dr. Arthur de Souza e Costa, que cuidava dos interesses da

<sup>512</sup> Idem.

<sup>513</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo a Schwester Egydia/Colégio Sagrado Coração de Jesus/Florianópolis*, 01/11/1946

<sup>514</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo a Maria Laveuve/Ijuí*, 13/09/1948

indústria, comércio e colonização. Por outro lado, conseguiu ser designado delegado da Cruz Vermelha no Rio de Janeiro, recebendo um passaporte especial para transitar pela Europa.<sup>516</sup>

Com este passaporte, foi para Berlim com 70 caixas de doações no vapor sueco “Amazonas”. Segundo relatos do mesmo, houve dificuldades para ambarcar os víveres até a véspera da viagem. Cel. Netto pretendia aguardar sua nomeação na Europa. Esperava que se cumprisse a promessa que o Presidente Dutra lhe fizera em presença do líder da bancada rio-grandense, Dr. Arthur de Souza e Costa, de que o nomearia encarregado dos Serviços de Imigração na Europa.<sup>517</sup>

Cel Netto queixou-se à SEF de que os seus opositores, o Itamaraty e a Missão Militar Berlim-Wannsee, fizeram campanha contra ele e sua nomeação junto ao Presidente Dutra. Estes teriam enviado um ofício reservado para a diretoria da Cruz vermelha Brasileira e criado um *Bicho-papão* e feito intrigas verbais no Catete. A ida de Cel. Netto a Berlim, mesmo sendo particular, não era considerada *oportuna*. Segundo o mesmo, invejavam sua ida a Berlim e Viena. No entanto, seu otimismo continuava vivo, pois, *cedo ou tarde, a paz virá e minha nomeação também, pois Dutra não volta atrás*. Cel. Netto era considerado, segundo ele próprio, *técnico experimentado e reconhecido*.<sup>518</sup>

O fato de Cel. Netto ter colaborado com a SEF não significa que não houvesse restrições quanto a sua atuação em prol da organização. Enquanto aguardava sua nomeação, Cel. Netto pretendia ir à Suécia visitar Pe. Adelpkamp. Pe. Rambo solicitou ao dirigente da Caritas Sueca que acolhesse Cel. Netto como um amigo e benfeitor da SEF, e não como seu representante legal. Segundo Pe. Rambo:

*Em conferência com Pauquet eu achei a referência a ele um tanto quanto dura. O homem é de descendência alemã, de Língua Alemã e um sincero amigo da Alemanha. Ele desde o início promoveu a SEF e os trabalhos sem atritos com a Cruz Vermelha, assim como conseguiu as autorizações de exportação de 4.225 toneladas. Ele provavelmente lhe apresentará uma carta escrita de nossa parte neste sentido. Trate-o como um grande benfeitor da SEF, mas que não possui plenos poderes ou representação de nossa parte.*

Há indícios de que Pe. Pauquet tinha restrições pessoais em relação a atuação Cel. Netto, pois dirigiu-se pessoalmente ao Rio de Janeiro para tratar da questão da liberação da 3ª remessa junto ao Presidente da República. Além disso, quando Cel. Netto estava na

<sup>515</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Cel. Gaelzer Netto a Pe. Balduino Rambo e Pe. Henrique Pauquet*, 14/11/1946

<sup>516</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Cel. Gaelzer Netto a Pe. Balduino Rambo e Pe. Henrique Pauquet*, 19/06/1947

<sup>517</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Cel. Gaelzer Netto a Pe. Balduino Rambo e Pe. Henrique Pauquet*, 21/10/1947

Alemanha, Pe. Pauquet teceu críticas a sua estada na Europa. Segundo Pe. Pauquet, em carta a Pe. Adelpkamp: *O Cel. Gaelzer Netto tem mandado notícias novamente? Ele está sentado em Berlim em alguma missão oficial. O velho homem quer tornar-se conhecido.*<sup>519</sup>

A atuação de Cel. Gaelzer Netto foi importante por causa das personalidades políticas que mobilizou em prol da SEF. Contudo, Cel Netto não foi somente um mediador da SEF junto às autoridades políticas, mas também colaborou com a organização indicando personalidades economicamente representativas do empresariado paulista que podiam ser contactadas. Dentre elas podemos citar: Dr. Walter Belian, alemão naturalizado em 1936 e Diretor e Superintendente da Companhia Antártica Paulista; Dr. Roland Herbert Müller Hering, Diretor da Indústria Têxtil Companhia Hering São Paulo, que concordou em preparar encontro com o Dr. Dietrich Müller e Helmut Schädlich. Além disso, Cel. Netto também ofereceu-se para disponibilizar seu prestígio junto a Ademar de Barros, governador de São Paulo.<sup>520</sup>

As autoridades eclesiais católicas tiveram um papel importante para a SEF, pois interferiram para obter vantagens para a organização junto às representações diplomáticas dos países Aliados, do governo brasileiro e do próprio Vaticano. Pe. Leopoldo Arntzen, Provincial dos Jesuítas no Rio Grande do Sul, foi a Roma para interceder junto ao Vaticano para que a terceira remessa fosse liberada. Pe. Rambo solicitou sua ajuda para que contactasse diretamente com o Papa Pio XII. A diplomacia papal deveria interceder a favor da SEF para que ela pudesse se livrar das formalidades legais e dos entraves burocráticos, assim como obter o reconhecimento internacional necessário para seu funcionamento.<sup>521</sup> No entanto, houve, no Vaticano, entraves burocráticos e resistências internas que tiveram de ser superadas pelos padres jesuítas para que a SEF conseguisse fazer com que seu pedido chegasse ao Papa.

*Nós pedimos: 1) com base em meu memorial e no requerimento ao Núncio, redigir uma descrição geral sobre nossa organização. 2) com base no texto inglês, fornecer ao Santo Trono um modelo para atingir seus objetivos junto ao governo inglês. Devemos desistir de tentar a via do Cardeal Secretário de Estado, e solicitar ao Reverendo Padre Vigário da Ordem falar diretamente com o Papa.*<sup>522</sup>

Quando do envio da 3ª remessa, o comitê da SEF solicitou ajuda a Pe. Adelpkamp na Suécia para conseguir, junto às autoridades brasileiras, um documento de confirmação de que

<sup>518</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Cel. Gaelzer Netto a Pe. Balduino Rambo e Pe. Henrique Pauquet*, 12/11/1947

<sup>519</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Henrique Pauquet a Pe. Adelpkamp*, 21/05/1948

<sup>520</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Cel. Gaelzer Netto a Pe. Balduino Rambo e Pe. Henrique Pauquet*, 22/03/1947

<sup>521</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Leopoldo Arntzen/Roma*, 25/07/1946

as doações enviadas para a Europa eram presentes não taxados para a Europa faminta e de que ali foram distribuídos. Este seria usado para convencer os ingleses a liberarem a remessa de pacotes privados. Em sua solicitação às repartições brasileiras não se deveria mencionar a Alemanha, visto que *o ódio racial ainda operava no Brasil*.<sup>523</sup> Sua interferência deveria dar-se junto às autoridades de Londres, no Vaticano ou onde quer que fosse necessário a fim de que a SEF obtivesse reconhecimento internacional.<sup>524</sup>

Entretanto, houve cuidado de não agir contra as regras da diplomacia, pois Pe. Rambo solicitou a Pe. Adelpkamp que usasse o referido documento somente nos momentos mais críticos das negociações. Os originais deveriam ser enviados ao Brasil para convencer os evangélicos, que temiam que os ingleses confiscassem as doações, de que estas chegavam ao seu destino, e de que os jesuítas não usavam a SEF para fazer uma espécie de “propaganda de contra-reforma”.<sup>525</sup>

A interferência do Vaticano também se fez necessária para que Pe. Pauquet, que havia sido proibido de coletar a partir de agosto de 1947, pudesse voltar a participar das coletas em prol da SEF. Apesar das freiras também terem sido proibidas de trabalhar em prol da organização, Pe. Rambo acreditava que a proibição era pessoal a Pe. Pauquet<sup>526</sup>, pois esta proibição da coleta do Núncio e o comportamento da Cúria em relação a SEF não eram conhecidas de todos os padres.<sup>527</sup>



<sup>522</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Leopoldo Arntzen/Roma*, 18/08/1946

<sup>523</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. August Adelpkamp*, 28/08/1946

<sup>524</sup> Idem.

<sup>525</sup> Idem.

<sup>526</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. August Adelpkamp*, 21/01/1948

<sup>527</sup> Segundo Pe. Rambo, Pe. Blöch do Rio de Janeiro não tinha conhecimento a respeito da ordem. Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Leopoldo Arntzen SJ*, 10/01/1947

Foto Acervo Benno Mentz: D.Jaime de Barros Câmara em Porto Alegre junto com D. Odila Gay da Fonseca, Presidente da Cruz Vermelha do Rio Grande do Sul e outras autoridades.

A participação de Pe. Pauquet era, para as lideranças do comitê, muito importante, pois dele dependiam as arrecadações em prol da organização. Pe. Pauquet foi liberado de suas atividades para realizar o trabalho de coleta pelo Vigário Geral da Arquidiocese de Porto Alegre, Monsenhor Leopoldo Neis.<sup>528</sup> Houve problemas no Colégio Anchieta por causa desta licença que lhe foi concedida, brigas entre Pe. Pauquet e o reitor da instituição por causa de seu afastamento das atividades do colégio.<sup>529</sup> Outros padres tiveram de assumir suas atividades e, desta forma, ficaram sobrecarregados em suas tarefas. A presença de Pe. Pauquet na condução das atividades da SEF era considerada um dos pilares da articulação da organização.

Neste sentido, ao solicitar ajuda de Pe. Adelpkamp para que o Bispo Sueco Johannes Müller interferisse junto ao Vaticano, Pe. Rambo apresentou-lhe uma série de justificativas para seu pedido afirmando que:

*1) SEF é o único caminho seguro para ajudar; outros caminhos são arriscados. 2. SEF é interconfessional; impensável solicitar às outras denominações confessionais que trabalhem para a obra Papal, Rambo e Pauquet tem a confiança necessária para que a obra progrida, sem eles a SEF acaba. 3. Os católicos tiram maior proveito, pois 75% das doações são de protestantes e os católicos recebem metade. Todo trabalho técnico, com exceção de dois homens, é protestante. 4. Deixar a SEF nas mãos dos protestantes é impossível, pois tem capacidade de trabalhar de forma independente, autônoma. Conseqüências seriam: a) ajuda ao Povo alemão sem a ajuda de Rambo e Pauquet iria dividir-se e diminuir. b) A parte da Caritas iria acabar c) Um ódio insuperável da parte dos católicos e outros crentes cairia sobre o Trono de São Pedro. Conseguimos superar isso até agora. 5) Há uma dívida de milhões junto às grandes casas de comércio de vestuário (Renner Cia).<sup>530</sup>*

O prestígio e a articulação dos sacerdotes católicos era uma das justificativas para que a SEF mantivesse o seu funcionamento e o sucesso que vinha apresentando. Sem sua atuação a SEF corria o risco de desaparecer. No que diz respeito aos protestantes, estes não podiam ser obrigados a trabalhar para o Papa, mantendo-se desta forma, o caráter interconfessional da ajuda. Por outro lado, os padres jesuítas temiam em perder a direção da organização, pois os seus maiores colaboradores eram os protestantes, que tinham capacidade para atuar de forma independente.

<sup>528</sup> Acervo Benno Mentz, *Carta de Pe. Leopoldo Arntzen a D. Carlo Chiarlo/Núncio Apostólico/RJ*, 26/10/1947

<sup>529</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Leopoldo Arntzen*, 26/06/1946

<sup>530</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. August Adelpkamp*, 17/11/1947

A possibilidade de haver um conflito confessional sempre foi temida, pois provocaria um racha na SEF, determinando a sua dissolução, e acabaria com as doações destinadas aos católicos. O fim da SEF implicaria no pagamento de dívidas com o grande comércio varejista de vestuário. Estas foram feitas junto as grandes casas comerciais como as Lojas Renner, em Porto Alegre, que forneciam mercadorias para a organização. Pe. Rambo preocupava-se em não perder o controle sobre a SEF e, isto, implicava em manter o melhor relacionamento possível com os protestantes a fim de evitar conflitos confessionais que causassem a extinção da organização.

A ausência de Pe. Pauquet das coletas por causa da proibição do Núncio Apostólico não foi omitida aos protestantes. Os padres esconderam a informação porque temiam que os protestantes assumissem o trabalho por conta própria. Enquanto que os jesuítas se articulavam para restabelecer a autorização de coleta de Pe. Pauquet, o mesmo só dava desculpas aos pedidos de P. Evers para acompanhá-lo em coletas pelo interior do país. Entretanto, segundo Pe. Rambo, esta estratégia não podia ser mantida por muito tempo, pois despertaria a desconfiança dos protestantes.<sup>531</sup>

A participação dos católicos na SEF nas coletas da SEF não foi menor que a dos protestantes e, portanto, foi criticada por Pe. Rambo.<sup>532</sup> Os católicos tiravam maior proveito da ajuda porque colaboravam menos e recebiam metade das doações. Da mesma forma, as coletas mais significativas não eram realizadas a partir do púlpito e Pe. Rambo não via a SEF ir de encontro a Obra Pontifical de Socorro Pró-Vítimas da Guerra. Neste sentido, não via motivos para que o Vaticano proibisse a atuação de Pe. Pauquet na SEF.

*Uma coisa é certa: A SEF não deve, depois de ter superado inúmeras dificuldades (eu tenho uma idéia a respeito por causa de um ano e meio de escritos), sucumbir frente a uma proibição que não promove a Obra Pontifical de Socorro e que traz ao pensamento católico grandes prejuízos. Nós ainda temos possibilidades de fazer outras remessas. Nós não nos colocamos no caminho da Obra Pontifical porque grande parte das coletas não é feita em meio aos católicos e porque, uma ou outra vez, utilizamos acidentalmente o púlpito para coletar.*<sup>533</sup>

<sup>531</sup> Segundo Pe. Rambo: Evers faz pressão para que Pauquet o acompanhe em coleta; este só dá desculpas. Ele não poderá se salvar com pretextos durante muito tempo e, então, a grande confusão estará armada. Acervo Benno Mentz. Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. August Adelpkamp, 17/11/1947

<sup>532</sup> Segundo Pe. Rambo: A senhora tem lamentavelmente razão quando observa que algumas comunidades católicas não fazem nada. Eu, como sacerdote católico, tenho me envergonhado muitas vezes por causa disso. Isso depende exclusivamente dos homens e mulheres que têm o trabalho em suas mãos. Acervo Benno Mentz. Carta de Pe. Balduino Rambo a Viktoria Hoffmann/Arroio da Seca/Estrela/RS, Sem data.

<sup>533</sup> Acervo Benno Mentz. Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. August Adelpkamp, 17/11/1947

Pe. Rambo tinha restrições quanto à ajuda humanitária para os alemães se transformar numa questão de pretígio com o Vaticano. Esta criaria atritos desnecessários com outros crentes e impediria novas remessas para a Alemanha. Segundo o mesmo:

*Eu não quero calar minha impressão de que este presente de natal nos foi entregue por pessoas que nos querem mal. Eu não me admiro de que o ar em Roma esteja tão contaminado como no Rio. É uma desgraça se fizermos da ajuda aos famintos uma questão de prestígio. Resumindo eu diria: A SEF tornou-se organicamente o que ela é: a maior ação privada de ajuda da América Latina. A proibição romana tira da Alemanha faminta de 100 a 200 toneladas que ainda poderíamos arrecadar e coloca Roma frente a nós e, principalmente, os outros crentes numa luz que é, para nós, extremamenete desagradável.*<sup>534</sup>

A SEF dirigiu-se, inicialmente, aos círculos germânicos; contudo, com o decorrer do tempo, a medida que as dificuldades de atuação diminuíram, procurou incorporar outros grupos sociais, cuja colaboração também era considerada importante. Apesar de criticar a fraca participação dos católicos na SEF, Pe. Rambo indicou a comunidade católica luso-brasileira para colaborar na arrecadação de donativos aos padres jesuítas na Alemanha. Houve apoio do comitê para ajudar instituições eclesiais. As arrecadações feitas para elas eram enviadas junto com as remessas da SEF. Entretanto, o comitê proibiu o uso de seu nome para realizar coletas para instituições eclesiais católicas por causa de sua atuação interconfessional.<sup>535</sup>

A ajuda de outros grupos étnicos não se restringiu somente à participação dos luso-brasileiros e às instituições de cunho eclesial. O envolvimento de outros grupos étnicos tinha como finalidade acabar com o ódio e a desconfiança que existiam desde a guerra<sup>536</sup>, principalmente, junto aos habitantes luso-brasileiros e italianos dos núcleos urbanos.<sup>537</sup> Houve luso-brasileiros que integraram os comitês locais da SEF e, inclusive, que colaboraram na arrecadação de dinheiro e no envio de pacotes para a Alemanha.<sup>538</sup> Contudo, sua participação

<sup>534</sup> Idem.

<sup>535</sup> Segundo Pe. Rambo: *As coletas para as Províncias Jesuíticas na Alemanha devem ser feitas em meio aos luso-brasileiros e não somente em meio aos alemães e seus descendentes. Além disso, não se deve coletar usando o nome da SEF, pois a obra é interconfessional. Os provinciais na Alemanha vão pagar o transporte que pode ser feito em navios da SEF.* Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo a R. P. Jorge Steiger SJ Cristo Rei/SL*, 26/05/1948

<sup>536</sup> Segundo Pe. Rambo: *Nós também temos de incorporar os círculos não alemães na SEF. Primeiramente, porque obtemos mais recursos e, principalmente, para que se extinga o ódio da guerra. A SEF é, ao lado de uma ajuda para Alemanha, uma Força Expedicionária de Caridade e, desta forma, uma pequena grande potência.* Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo a Schwester Egydia/Colégio sagrado Coração de Jesus/Florianópolis*, 18/06/1947

<sup>537</sup> A coleta em SP não deveria ser somente em meio aos alemães do Reino, mas teuto-brasileiros, lusos e italianos. Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo a Detlev Ludewig*, 23/10/1946

<sup>538</sup> Segundo Pe. Rambo, ao criticar a falta de adesão de alguns descendentes de alemães: *Uma professora luso-brasileira veio e pegou uma lista de pessoas necessitadas na Alemanha para as quais ela e suas amigas*

foi pequena.<sup>539</sup> Os maiores colaboradores eram os descendentes de alemães no Brasil e, posteriormente, os alemães do Reino que viviam no país.<sup>540</sup>

O fato da maior parte dos colaboradores pertencer ao grupo étnico alemão, alemães do Reino e descendentes de alemães, fez com que a SEF tivesse de superar as diferenças internas da comunidade étnica alemã, principalmente as de caráter político, pois houve doadores simpatizantes do nazismo ou imigrantes políticos da Alemanha refugiados no país que colaboraram com a SEF. Pe. Rambo entendia que a ajuda à Alemanha era mais importante do que as dissidências políticas que havia entre seus doadores. A culpa pela guerra deveria ser esquecida e as diferenças superadas. Segundo Pe. Rambo:

*Em nossa obra de socorro não há “nazistas”, “antinazistas” ou “imigrantes” ou qualquer tipo de diferença. Nós vemos somente o faminto povo alemão e não perguntamos que tem a culpa, mas somente como podemos ajudar. E, em todos os lugares, nós fizemos a experiência de que os assim chamados “nazistas” do tempo da guerra trabalham de coração conosco, assim como seus sentimentos demonstram um verdadeiro amor em relação a seu povo. Eles são nossos melhores ajudantes. Quando eu vejo os senhores do comércio da cidade, que noite após noite trabalham com martelos e alicates amarrando nós de aço em nosso depósito até a meia noite ou mais tarde, então eu tenho de me resguardar de qualquer manifestação de má fé. Ao contrário, as únicas acusações que nos são feitas sem resultado, provêm dos círculos que se acreditam herdeiros da germanidade. Justamente a consciência antinazista marca a organização de socorro em São Paulo e no Rio e, desesperadamente, corrompeu as melhores perspectivas.*<sup>541</sup>

A articulação de diferentes grupos em torno da SEF, principalmente de ex-nazistas, fez com que houvesse dissidências internas no que diz respeito a participação destes elementos que não eram aceitos por outros grupos na comunidade étnica alemã no pós-guerra. Os ex-nazistas tiveram um papel importante nas arrecadações, suas significativas contribuições financeiras interferiram na fundação dos comitês locais da SEF.

Em Porto União/SC, o comitê da SEF local foi organizado de forma anônima pelo comerciante José Russ, que era acusado de ser um antinazista.<sup>542</sup> Segundo Russ, *os nazistas*

*queriam enviar pacotes. Estas pessoas nos envergonham.* Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Ferdinand Nelles/Pelotas/RS*, 26/06/1947

<sup>539</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Fernando Nelles S.J.*, 07/04/1947

<sup>540</sup> Segundo Pe. Rambo: *Até agora foram coletados em torno de Cr\$ 5.000.000,00 (em torno de US\$ 250.000), apesar de todos saberem que ninguém conhece os destinatários das remessas. Boa parte resulta do fato dos alemães do Reino não serem muito numerosos no Brasil; a maior parte do dinheiro provêm dos descendentes de alemães de segunda e quinta geração que não tem mais parentes na Alemanha. O pensamento caritativo opera com mais facilidade junto a estas pessoas. Mas, pessoalmente, eu também acredito que a ajuda para o anônimo é o grande impulso para tal empreendimento.* Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo Dr. Odo von Württemberg/New York*, 05/09/1946

<sup>541</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Fernando Nelles S.J.*, 07/04/1947

<sup>542</sup> Esta postura antinazista de José Russ era posta em dúvida por outras pessoas que o conheciam. Segundo Marcos Fendel: *José Russ não sabe o que é: anarquista, comunista ou socialista.* Acervo Benno Mentz. *Carta de Marcos Fendel a Pe. Henrique Pauquet*, 21/06/1946

*não podiam saber*, pois isso os afastaria e, com isso, as arrecadações do organismo seriam prejudicadas.<sup>543</sup> José Russ mobilizou as cidades de Ponta Grossa, Rio Negrinho, São Bento e a região industrial das imediações de Porto União. Considerava os nazistas como *inimigos da humanidade*.<sup>544</sup> A diretoria do comitê local foi assumida por José Mack.<sup>545</sup>

José Russ, 52 anos, proprietário de uma casa de sementes, não era somente um antinazista, mas também um imigrante político, um refugiado do nazismo que vivia no Brasil desde 1933. Sua vida pregressa marcada por uma educação na França, onde havia estudado num mosteiro dos seis aos quinze anos, possibilitou-lhe casar com uma francesa, que tinha parentesco com Pierre Laval, líder político francês que aderiu ao nazismo durante a ocupação alemã na França, e freqüentar os círculos políticos mais influentes da Europa. Antes da guerra, Russ teve contato com os principais chefes do Partido Nazista na Alemanha que se reuniam na casa de seu cunhado, onde procuraram convertê-lo ao nazismo. Além disso, conhecia Heinrich Brünnig, chanceler de Hindenburg antes da ascensão de Hitler ao poder. Os nazistas confiscaram a herança deixada por sua esposa e filha que morreram durante a guerra. Russ também perdeu um filho do primeiro casamento na guerra.<sup>546</sup>

A participação de Russ na SEF, mesmo que de forma anônima, agindo nos bastidores da organização, aponta para as dissidências internas da comunidade étnica alemã no Brasil durante o pós-guerra. Mostra que, em torno da SEF, articularam-se elementos com formação e atuação política bastante significativas e distintas que, no Brasil, combateram o nazismo e procuraram participar da organização a fim de colaborar para o reerguimento da Alemanha. Se a postura de José Russ frente aos ex-simpatizantes do nazismo era de cautela, pois agia discretamente a fim de não causar conflitos com os mesmos e prejudicar a SEF, houve lugares nos quais os embates foram frontais e dificultaram o trabalho da organização.

A constituição dos comitês locais procurou, em algumas localidades, excluir ex-nazistas no intuito de não prejudicar a organização. Para dirigir o comitê de Florianópolis/SC, Pe. Hagedorn solicitou a indicação de um nome protestante. O mesmo queria que o comitê fosse nomeado de forma paritária, sem a participação de ex-nazistas: *Nós devemos evitar tudo o que possa chamar a atenção do público brasileiro*. Para isso, Pe. Hagedorn decidiu nomear como tesoureiro o Dr. Harnisch Hoffmann, um emigrante, não judeu.<sup>547</sup>

<sup>543</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de José Russ a Pe. Balduino Rambo*, 02/06/1946

<sup>544</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de José Russ a Pe. Balduino Rambo*, 22/06/1946

<sup>545</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de José Russ a Pe. Balduino Rambo*, 02/06/1946

<sup>546</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de José Russ a Pe. Balduino Rambo*, 24/12/1946

<sup>547</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Hagedorn a Pe. Balduino Rambo*, 11/08/1946

Pe. Hagedorn não queria pessoas que haviam sido do partido nazista trabalhando com ele e a SEF, sendo que, inclusive, expulsou alguns deles. Pe. Rambo era contra esse tipo de exclusão. Segundo o mesmo: *Eu creio que nossa tarefa não é somente contribuir para a diminuição do ódio da guerra, mas nós precisamos equilibrar os antagonismos internos que trouxeram muito prejuízo para a etnia alemã.*<sup>548</sup> Isso significa que Pe. Rambo via a SEF como um elemento rearticulador da comunidade étnica alemã no pós-guerra.

A SEF também enfrentou dificuldades com alemães do Reino que haviam exercido atividades políticas na Alemanha e emigrado para o Brasil. No norte do Paraná, Dr. Johannes Schauff propôs a formação de um comitê de ajuda a não arianos que causou controvérsias dentro da SEF. Schauff era um dos pioneiros da colonização de Rolândia/PR. Foi ex-deputado do *Reichstag* alemão, ex-membro do partido católico *Zentrum*, sendo que se empenhou, juntamente com outras pessoas, em trazer católicos, protestantes e judeus para o Brasil. Em 1933 perdeu seus cargos oficiais que o envolviam com a colonização interna da Alemanha junto a região industrial da fronteira francesa e belga.<sup>549</sup>

Johannes Schauff foi membro da Sociedade para Estudos Econômicos no Além Mar (*Gesellschaft für Wirtschaftliche Studien im Überssee*), que tinha como objetivo investigar locais adequados à colonização alemã. Viajou para a Argentina e o Brasil, onde visitou o Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Também esteve em Castro/PR, colônia de holandeses relacionada ao Reich e Ponta Grossa/PR. Schauff intermediou a compra de terras para judeus junto a companhia inglesa Cia de Terras Norte do Paraná<sup>550</sup> e atuou em Berlim, onde era encarregado de divulgar a oferta de terras no Brasil para católicos e judeus não arianos perseguidos pelo nazismo. Em 1936, Johannes Schauff teve de fugir para a Itália porque seu nome constava numa lista de pessoas a serem eliminadas pelos nazistas.<sup>551</sup>

Johannes Schauff pediu para que a SEF distribuísse às vítimas dos campos de concentração uma remessa de sacos de café. A demora em ser atendido fez com que ameaçasse o comitê de tomar de volta a doação e usar outros meios para enviá-la.<sup>552</sup> A SEF

<sup>548</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Robert Bramsiepe/Brusque/SC*, 23/08/1946

<sup>549</sup> **Brasil, um refúgio nos trópicos. A trajetória dos refugiados no nazi-fascismo em São Paulo.** São Paulo: Estação Liberdade, p.135

<sup>550</sup> Id.Ibid., p.136

<sup>551</sup> Johannes Schauff foi perseguido por questões políticas e porque estava ajudando os judeus a fugirem da Alemanha. Juntamente com o prelado Ludwig Kaas, chefe do Partido do Centro, refugiou-se no Vaticano para não ser enviado a um campo de concentração. Ali intermediou uma negociação entre Pio XII e o governo brasileiro que tinha circulares secretas contra a imigração deste tipo de migrante. Schauff era amigo pessoal de Pio XII, sendo que este havia sido Núncio Apostólico na Alemanha. Id.Ibid., p.137

<sup>552</sup> Em carta remetida a SEF, Schauff questiona porque a Caritas Köln e Frankfurt não destinam metade de suas doações para o campo de concentração conforme foi combinado. Se SEF não cumprisse as determinações,

atendeu sua solicitação. Contudo, Pe. Rambo teceu críticas as iniciativas de Schauff em fundar uma obra em prol dos judeus. Sob seu ponto de vista, a SEF não deveria trabalhar com organizações de caráter político. Segundo o mesmo:

*A carta do “Serviço de Ajuda Democrático”, assim como a carta da frente de trabalho da zona francesa está sendo analisada por nós e será, provavelmente, rejeitada. Nós somos contra qualquer tipo de trabalho de ajuda com nuances políticas. Soa como uma piada se, um antigo homem de centro em algum lugar do Brasil, por vingança pelo fato de não quisermos tomar parte no seu contrabando de café, agora fundou um comitê de socorro para “não arianos”. Partido Nazista com insígnas invertidas!*<sup>553</sup>

No Rio Grande do Sul Friedrich Kniestedt<sup>554</sup>, liderança sindical de Poa, organizou uma coleta independente da SEF e foi censurado por Pe. Rambo por prejudicar os trabalhos da organização no Paraná e disseminar discórdia dentro do grupo étnico alemão da região. Segundo Pe. Rambo:

*Não há mais sentido em fazer barulho em torno de judeus e nazistas; aqui em baixo nós tínhamos, desde o início, a vantagem de que esta mesma distinção nunca era feita. A Alemanha está passando necessidade e é necessário ajudar; o resto é secundário. Eu só acho estranho que o velho Kniestedt também tem seus adeptos lá. (Paraná) Este velho pecador que, em tempos passados, estava sentado aqui por causa de intrigas; que antes da guerra conservava uma banca de livros, onde era possível comprar literatura antinazista, pornografia e jornais católicos e que, durante a guerra, entrava e saía da polícia desempenhando o papel de denunciante de seus irmãos. Este homem, no qual não encontramos nada além de ódio contra os que pensam diferente, seu horripilante alemão e seu imenso bigode é um mau patrono para a reconstrução da Alemanha. Seu pedido por ajuda lhe rendeu duas ou três caixas, que se encontram na Cruz Vermelha e que a SEF levou junto na remessa de natal.*<sup>555</sup>

---

ameaçava mover os recursos disponíveis e fazer com que fossem entregues por outra via. Acervo Benno Mentz. *Carta de Dr. Johannes Schauff a Pe. Balduino Rambo*, 08/11/1947

<sup>553</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. August Adelkamp*, 09/03/1948

<sup>554</sup> KNIESTEDT, Friedrich (1873-1947). Friedrich Kniestedt foi um anarquista alemão que viveu no Brasil grande parte de sua vida. Foi operário e, em 1888, iniciou sua militância anticapitalista. Atuou no Partido Social Democrata e abandonou o partido para aderir ao movimento anarquista, sendo que participou da agitação dos meios operários e de grupos de propaganda, além de desenvolver atividades antimilitaristas nos quartéis. Foi preso diversas vezes e teve um importante papel na estruturação do movimento sindical alemão no começo do século. Participava da edição do jornal **Der Freie Arbeiter**, que representava a corrente anarco-sindicalista. Contudo, Kniestedt mantinha relações quer com os anarquistas individualistas, quer com os grupos anarquistas ligados a Gustav Landauer. Em 1907, participou do Primeiro Congresso Anarquista Alemão em Offenbach, com representantes de toda a Alemanha, que encerrou devido à proibição policial. Exilou-se em Paris em 1908 devido às perseguições sofridas e lá continuou sua militância anarquista e suas atividades antimilitaristas. Na França conheceu Faure, Grave e Libertad, e freqüentou os círculos individualistas de Paris. Viveu no Brasil de 1909 a 1912 e participou da Colônia Futuro, uma comunidade de alemães e austríacos defensores do comunismo e do vegetarianismo. Voltou para a Alemanha em 1912 e retomou sua atividade revolucionária, principalmente a propaganda antimilitarista. Novamente preso, em 1913, à véspera da Primeira Guerra Mundial, e decidiu voltar para o Brasil em 1914 de forma definitiva. Residiu em Porto Alegre, onde desenvolveu atividade anarquista e antifascista até à sua morte. Participou da Federação Operária do Rio Grande do Sul e da atividade anarco-sindicalista. Kniestedt colaborou com a imprensa operária e anarquista de língua portuguesa, editou os jornais **Der Freie Arbeiter e Aktion**. Morreu em 1947. Disponível em. <<http://www.agrorede.org.br>> Acesso em 15 de Novembro de 2004. Para maiores informações ver GERTZ, René E., **Memórias de um imigrante anarquista**. Porto Alegre: EST, 1989

<sup>555</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo a Marcos Fendel/PR*, 25/11/1946

A SEF mobilizou diversas personalidades pertencentes a diferentes segmentos sociais em prol da Alemanha. Estas ocuparam espaços sociais distintos e desempenharam diferentes papéis dentro da sociedade brasileira e da comunidade étnica alemã. Imbuídos por motivações distintas e, algumas vezes, conflitantes, articularam-se em prol da SEF utilizando uma infinidade de estratégias políticas, sociais e econômicas. Os conflitos internos da comunidade étnica alemã, as articulações com a sociedade luso-brasileira e, as dificuldades impostas pelo governo brasileiro para o funcionamento da SEF, somente foram eliminadas pela capacidade de articulação das lideranças do comitê, que tiveram de se desdobrar para superar estas dificuldades que impossibilitavam a ação da SEF.

### 3.4 Função social e ideológica da SEF

A SEF desempenhou diversos papéis para a comunidade étnica alemã no Brasil. Seu funcionamento tinha um caráter social, econômico, político, cultural e ideológico. A documentação burocrática da organização e, principalmente, a memória pessoal de Pe. Rambo, fornecem indícios que permitem compreender a diversidade do caráter de atuação da SEF. A memória de Pe. Rambo nos ajuda a perceber o papel que a SEF, em sua visão, desempenhava para a formação da identidade étnica dos alemães no Brasil, ou seja, para a germanidade teuto-brasileira.

No Rio Grande do Sul o movimento em prol da germanidade foi muito vigoroso. Segundo René Gertz, *o termo germanismo está no lugar de Deuschtum e se refere à ideologia difundida com maior intensidade desde os fins do séc. XIX, destinada à preservação da identidade étnica e cultural dos teutos.*<sup>556</sup> Segundo Imgart Grützmann, o germanismo orienta-se a partir da noção de povo, de conotação romântico nacionalista, concebido como uma unidade primeva e orgânica, uma comunidade unida por uma língua, uma literatura e uma história comuns, sendo fundamental na sua constituição o primado da descendência.<sup>557</sup>

Existe nesta concepção um elemento qualitativo, ou seja, defende-se a idéia de uma comunidade autêntica, formada nos primórdios da história nacional, que se manteve coesa e pura ao longo da história. Neste sentido, o povo alemão seria constituído por uma identidade étnica/nacional coletiva que atinge todos os seus membros, denominada de *Volkstum* ou

---

<sup>556</sup> GERTZ, René E. O integralismo na zona colonial alemã. In: **Imigração e Colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990

*Deutschtum* (germanidade), produto do solo, sangue e destino. A concepção de *Volkstum* foi cunhada pelo movimento romântico-nacionalista do séc. XIX na Alemanha e engloba, na ótica germanista, a índole e elementos culturais e biológicos, entre eles a língua, a literatura, as virtudes, a história, paisagem, festas, arquitetura, usos e costumes, além da influência de teorias raciais, o sangue, considerados necessários pela filiação ao povo alemão e para a identificação e diferenciação dos alemães e seus descendentes de outros grupos sociais e nações.<sup>558</sup>

A disseminação dos ideais germanistas foi orientada e difundida por intelectuais dos mais diversos campos de atuação. Estas pessoas eram portadoras de um capital cultural, econômico e simbólico, entre eles, pastores evangélicos, padres, médicos, jornalistas, editores, comerciantes, industriais, professores, advogados, políticos ligados ao grupo étnico alemão, geralmente em posição de liderança entre os imigrantes e seus descendentes. Estes tinham o objetivo de manter a cultura alemã nas colônias estabelecidas no sul do país. Tomam a si a tarefa de defender os valores alemães em terras brasileiras e reverter o quadro de transformação cultural ao qual os imigrantes alemães e seus descendentes estavam submetidos. Estes intelectuais germanistas e suas idéias confrontar-se-ão com os intelectuais nacionalistas brasileiros, sendo que este confronto culmina com as medidas de nacionalização do Estado Novo.<sup>559</sup>

A idéia destes intelectuais era de que as colônias fossem um prolongamento da pátria mãe, no caso a Alemanha, e, para isso, era fundamental a preservação da Língua Alemã no âmbito colonial para a propagação e o fortalecimento da germanidade. Esta ideologia estava presente em quase todas as instituições eclesiásticas, educacionais, culturais e esportivas da zona colonial e dos núcleos urbanos.<sup>560</sup> Importante salientar que os articuladores do germanismo no Rio Grande do Sul têm uma posição social heterogênea, pertencem a diversos segmentos da comunidade étnica alemã. Entretanto, todos disseminam o ideário germanista com o objetivo de atingir um alvo comum: cultivar a germanidade e regermanizar, fomentar a consciência étnica/nacional reconduzindo os indivíduos pertencentes a comunidade étnica alemã ao *legítimo* paradigma identitário alemão.<sup>561</sup>

---

<sup>557</sup> GRÜTZMANN, I. *Op. Cit.*, p.74

<sup>558</sup> Idem.

<sup>559</sup> Idem.

<sup>560</sup> RIGO, Kate Fabiani. *A ação marista sob o olhar do Volksblatt*. In: DREHER, Martin N; RAMBO, Arthur Blásio; TRAMONTINI, Marcos Justo. (Orgs.) **Imigração e Imprensa**. São Leopoldo: EST, 2003, p. 265

<sup>561</sup> GRÜTZMANN, I. *Op. Cit.*, p.73

Pe. Rambo, defensor de um discurso germanista, tinha uma postura própria frente a germanidade e ao papel desempenhado pela SEF para sua preservação. Para refletirmos a respeito da relação de Pe. Rambo com a germanidade fizemos uso de seu diário pessoal que podemos chamar *guarda-memória*.<sup>562</sup> Este também nos revela suas experiências na organização e funcionamento da SEF. O diário é uma autobiografia que consiste na narrativa da própria existência, pois o trabalho de edição foi feito pelo próprio autor que selecionou e construiu seu texto.<sup>563</sup> O diário do Pe. Rambo é importante em nossa pesquisa porque através da preservação de sua memória escrita liga a sua trajetória individual com a história social.

*Longe de simplesmente refletir o social, o indivíduo coloca-se como polo ativo face a esse mesmo social, dele se apropriando, filtrando-o, retraduzindo-o e projetando-o em outra dimensão, que é de sua própria subjetividade. Cada indivíduo representa a reapropriação singular do universo social e histórico que o circunda. E é por isso mesmo que se pode conhecer o social partindo da especificidade irredutível de uma prática individual.*<sup>564</sup>

É necessário frisar que os relatos contidos no diário não querem simplesmente “transmitir a memória”. Segundo Lejeune:

*Os relatos autobiográficos, evidentemente, não são escritos somente para ‘transmitir memória’, (o que se faz pela palavra e pelo exemplo em todas as classes). Eles são o lugar onde se elabora, se reproduz, e se transforma uma identidade coletiva, as formas de vida próprias às classes dominantes. Esta identidade se impõe a todos aqueles que pertencem ou que se assimilam a essas classes e rejeitam as outras numa espécie de insignificância.*<sup>565</sup>

As reflexões pessoais de pe. Balduino Rambo em torno do Nacional-Socialismo e o futuro da Alemanha no pós-guerra mostram não só seu grau de comprometimento com a reestruturação política, social, econômica e cultural da Alemanha, mas também com os ideais germanistas dos quais era defensor. Em sua memória pessoal redigida após o fim da Segunda Guerra Mundial na Europa, Pe. Rambo sintetiza um pensamento que mantém uma postura neutra em relação ao nazismo e a figura de Adolf Hitler. Em suas reflexões de 22/06/1945 afirma:

*Sou como é natural o último a justificar no seu todo o Nacional-Socialismo e seus estadistas. No seu julgamento me deixo guiar apenas pelos princípios perenes da doutrina cristã sobre o Estado e o Direito. É uma concepção vesga e simplesmente infantil da História afirmar que Hitler e seus partidários são os únicos responsáveis por esta guerra. Vasculhar o as raízes do conflito, não é minha intenção. (...) Daí se conclui que é absurdo responsabilizar, a torto e a direito, os encarregados das operações históricas*

<sup>562</sup> LEJEUNE, Philippe. *O Guarda Memória*. In: **Estudos de História**. Março de 1997. São Paulo: Unesp, p. 111

<sup>563</sup> PEREIRA, Lígia Maria Leite. *Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias*. In: **História Oral. Revista da Associação Brasileira de História Oral**. São Paulo: Dept. de História da USP, Nº 3, V.3, junho de 2000, p. 119

<sup>564</sup> Id. *Ibid.*, p. 121

<sup>565</sup> Idem.

*por todos os males que ocorrem. São vassouras de Deus, nada mais. Julgar suas atitudes internas, cabe unicamente a Deus. Avaliar seu verdadeiro significado só será possível numa época assaz distante, depois de se ter recuperado a medida objetiva.*

*Para mim Hitler é um desses homens, para cujo julgamento convém aplicar o discernimento dos espíritos. O homem superficial que se abastece da publicidade mastigada dos jornais vê nele o único causador da guerra. (...) Este homem amou seu povo, este homem manteve-se fiel aos amigos, este homem tombou no combate contra o arquiinimigo da cultura cristã. Não enfrentou morte prosaica dos políticos, mas morte do soldado. E todas estas qualidades merecem respeito de todos aqueles que se arrogam ao direito de julgar o procedimento do semelhante. Ignorar tais qualidades, é mostra de pobreza própria.<sup>566</sup>*

A derrota alemã somente foi aceita por Pe. Rambo depois de algum tempo e, a ocupação da Alemanha, encarada como um evento passageiro que seria corrigido pelo andar da História. Pe. Rambo acreditava no ressurgimento da Alemanha como potência mundial no cenário internacional. Acreditava que a morte de Hitler não havia sido em vão. Segundo suas anotações pessoais:

*A Alemanha vai se recuperar. Uma nação que conta com oitenta milhões de habitantes, não se deixa abater por uma derrota. A presteza com que poderá surgir a reconstrução, ficou constatada após a Primeira Guerra Mundial. Esta guerra ainda não trouxe a liberdade; devemos esperar por outra. Esta vez os ricos tiveram a supremacia sobre os pobres; mas não está escrito em nenhum livro profético, que a Alemanha ficará submissa para sempre. De resto, mais uma vez ficou provado com clareza que nenhuma potência mundial isolada consegue derrotar a Alemanha. A chave da Europa e com ela todo o mundo, está hoje, como antes, nas mãos da Alemanha.*

*Com isso ficou assentada a missão da Alemanha. Hitler foi o grande tambor contra a peste mundial do judaísmo bolchevista; não conseguiu triunfar, tombou no combate por seus ideais. A semente por ele esparramada, talvez tornará a nascer e produzir fruto.*

*Além disso acontece em geral que as derrotas perante o tribunal da História são as maiores vitórias. O senhor Deus ainda tem algum plano em relação à Alemanha; do contrário, não permitiria que esta nação agüentasse duas vezes tamanho sofrimento. Em absoluto alimento a presunção de prever e predizer o futuro. Acredito, entretanto, com fé inabalável, que ainda hei de presenciar em vida a missão e grandeza da Alemanha.<sup>567</sup>*

Esta visão de Pe. Rambo a respeito do futuro da Alemanha e do legado de Hitler sofrerá um revés à medida que os anos passam. Provavelmente, as notícias da Europa com relação ao tratamento concedido aos judeus, as descobertas dos campos de extermínio em massa, que chegam ao país somente depois de terminada a guerra, contribuiram para criar em Pe. Rambo uma nova postura a respeito do assunto. Esta fez com que condenasse, em observações posteriores de suas correspondências pessoais, o Nacional-Socialismo e o partido. Em carta a Dom Thomas Keller, do Mosteiro de São Bento no Rio, Pe. Rambo afirma: *O partido está morto. Estamos aqui para amar juntos e não para odiar juntos.*<sup>568</sup>

<sup>566</sup> RAMBO, B., *Op. Cit.*, p.118-119

<sup>567</sup> Id. *Ibid.*, p. 121-122

<sup>568</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo a D. Thomas Keller*, 29/09/1946.

Pe. Rambo deve ser considerado um fragmento representativo inserido em redes sociais e discursivas mais amplas. Em meio à Campanha de Nacionalização já figurava como um articulador em favor da manutenção da germanidade.<sup>569</sup> Seu pensamento coadunava-se com o de outros elementos representativos pertencentes aos círculos intelectuais e econômicos da etnia alemã que estavam envolvidos no projeto de implantação de uma germanidade no sul do país. Isso não significa que tivessem vinculação com Nacional-Socialismo ou os movimentos fascistas internos do país, como a Aliança Integralista Brasileira, AIB. Muitos alemães defensores de um discurso germanista tiveram atritos com os partidários do Nacional-Socialismo e do fascismo no Brasil.

O pedido de Pe. Adelpkamp para organizar um comitê de ajuda material aos alemães na Europa será prontamente atendido por Pe. Rambo e Pe. Pauquet visto ser, na opinião de Pe. Rambo, uma *atitude de caridade cristã*. Entretanto, mais do que uma simples *atitude de caridade cristã*, a SEF mostrou-se como um recurso para a reconstrução dos antigos laços culturais com a Alemanha, assim como uma possibilidade para o restabelecimento do antigo projeto de germanidade que havia sofrido um profundo revés no Brasil com o desencadeamento da Segunda Guerra Mundial. De acordo com o diário pessoal de Rambo datado de 18/06/1946:

*A atividade de Caritas em prol da Alemanha abre a primeira via, trancada até agora, para nos repormos em contato com a terra natal de nossos ancestrais. Acarício a intenção, bem consciente e calculada, de reatar os laços rompidos das relações culturais. Nenhum poder do mundo é mais forte do que a comunhão nascida do sofrimento e do sacrifício. Os laços que deste modo estreitamos, serão mais sólidos que os acordos bilaterais de comércio e bem mais autênticos e duráveis que as uniões populares e febris do Nacional-Socialismo.*

*Interesso-me, em terceiro lugar, pelo reerguimento da germanidade no Brasil. É a primeira vez que, como parcela confinada de povo, novamente nos achamos unidos, num empreendimento de caridade, em prol de nossa mãe que passa fome e que se converteu em mulher pedindo esmolas. A primeira pedra fundamental na muralha de nosso ressurgimento é o amor filial e fraternal de cristãos, e uma pedra dessas agüenta a pressão de milênios.*<sup>570</sup>

Pe. Rambo acreditava num projeto de germanidade para as colônias alemãs, apesar dos abalos provocados pela Campanha de Nacionalização do Estado Novo e das tentativas feitas pela Igreja Católica Brasileira em acabar com o germanismo. Seu pensamento era seguido por pessoas dos mais diversos campos de atuação como Igrejas, escolas, comércio, empresas e nos segmentos políticos ligados à etnia alemã. Estes buscavam, no pós-guerra, uma

<sup>569</sup> ARENDT, I. C., *Op. Cit.*, p.131

<sup>570</sup> RAMBO, B., *Op. Cit.*, p.202-203

rearticulação de suas ações à nível local e nacional a fim de conseguir voltar a cultivar os valores culturais alemães, dos quais o discurso germanista era portador.<sup>571</sup>

A relação da ajuda material da SEF com a reconstrução da germanidade e a volta à preservação dos valores culturais da Língua e Cultura germânica evidencia-se na publicação da Revista Sankt Paulus-Blatt de janeiro de 1948, periódico da Sociedade União Popular. Nela Pe. Rambo esclarece o caráter indiscutível da ajuda material da SEF à Alemanha por parte da associação. Para ele trata-se não só de uma ajuda material que minora a fome e miséria dos alemães e consola os refugiados de guerra, mas de uma questão de honra, pois diz respeito a ajuda à pessoas às quais os descendentes de alemães no Brasil estavam vinculados por uma dívida de gratidão pela língua e cultura que delas receberam.

No artigo publicado por Pe. Rambo, aos colonos, apesar das dificuldades econômicas do contexto rural, é atribuído um grande papel e uma significativa contribuição a dar:

*Claro que a germanidade sul-brasileira já fez muito para minorar a miséria alemã. Se estimarmos o número de alemães e descendentes de alemães em um milhão, então temos a contribuição de Cr\$ 10 por pessoa. Isso somente foi possível porque muitos empreendimentos de grande porte e proprietários de fábricas doaram vinte, trinta, cinquenta, cem e milhares de cruzeiros. Uma grande parte da colônia até hoje ainda não contribuiu, não porque não quisesse, mas porque não lhe solicitamos subsídio. Nós sabemos muito bem que a colônia não tem como levantar grandes somas de dinheiro como o comércio e a indústria. Praticamente em todo o lugar estão sendo construídas igrejas, escolas e hospitais e sendo realizadas coletas para o bem da coletividade. Para o camponês o dinheiro é muito mais custoso do que para o comerciante ou os industriais. Entretanto, também a colônia deve contribuir, ao menos com uma pequena contribuição a fim de demonstrar as suas boas intenções para com o amor cristão ao próximo.<sup>572</sup>*

O encerramento das atividades da SEF mereceu, por parte de Pe. Balduino Rambo, um comentário a respeito da importância do papel da SEF para a germanidade sul-brasileira:

*Chegou o trabalho na SEF, agora, depois de três anos, a seu término, sendo como resultado final de 65 milhões de cruzeiros. Foi um ótimo serviço em prol do Deutschtum (da germanidade, da alemanidade), pois importou num empenho comum de amor e sacrifício. Ainda não se pode calcular em absoluto qual tenha sido o proveito, que frutificou desta colaboração, ocorrida a primeira vez, de todas as Confissões Cristãs, no sentido do entendimento e respeito mútuos. Que na SEF dois jesuítas tivessem tido um papel diretor (note-se que foram os Padres Henrique Pauquet e o próprio*

<sup>571</sup> Marcos Konder, político catarinense, que foi contatado por Rambo para colaborar na organização e condução dos trabalhos da SEF em SC, também tinha um envolvimento com os círculos germanistas e lutava, no pós-guerra, pela volta da liberdade de expressão cultural da minoria étnica alemã. Em carta datada de 15/01/1947, Marcos Konder relata a Pe. Balduino Rambo as dificuldades das autoridades de SC em garantir a liberdade de expressão cultural e lingüística dos alemães. Konder propõe inclusive pedir um mandato de segurança contra os reticentes em aceitar o cumprimento da lei. Acervo Benno Metz. *Carta de Marcos Konder a Pe. Balduino Rambo*, 15/01/1947.

<sup>572</sup> RAMBO, Balduino. *Deutschlandhilfe*, In: **Die Fahne des Hl. Ignatius. Kalender des Jesuitenkollegs in São Leopoldo für Schüler, Eltern, Freunde und Wohltäter**. Porto Alegre, Abril de 1947, p.52-54

*Rambo!), é uma pequena reparação do papel negativo de renegados, cumprido por tantos outros de nossas fileiras.<sup>573</sup>*

A SEF pode, portanto, ser encarada como um instrumento de articulação de alguns representantes das elites intelectuais alemãs que, como Pe. Rambo, viram nesta ajuda material a possibilidade de concretização de seus antigos ideais. Ideais que não haviam sido simplesmente abandonados, mas que se encontravam muito vivos, latentes e que aguardavam uma oportunidade para aflorar. A possibilidade de ajuda material aos irmãos necessitados que se encontram d'além mar reunirá significativa parcela da comunidade étnica alemã em torno desta causa e contribuirá para que determinados segmentos sociais representativos da etnia possam voltar atuar no cenário nacional.

A SEF tinha, para Pe. Rambo, apesar de todas as dificuldades e dos grupos sociais distintos que se articulavam em torno dela ou que procuravam causar embaraço a sua atuação, a finalidade de rearticular a comunidade étnica alemã no pós-guerra unindo-a em torno da causa social em prol das vítimas da guerra. Segundo carta de Pe. Rambo a Dr. Odo von Württemberg:

*Nós só temos dificuldades com os ingleses e funcionários da exportação. Apesar de ser do conhecimento público de que, há muito tempo, a SEF é, na verdade, uma ajuda para a Alemanha, ninguém nos incomodou nisso. Os judeus não desempenham nenhum papel público importante; os comunistas estão, no momento, ocupados com a organização de seu partido. Os antigos adeptos do partido, conquanto sua atitude corresponda ao amor ao povo alemão, participam conosco. Nós temos, desde o início, o princípio de que não combatemos somente a fome, mas que buscamos possibilidades de minorar os conflitos e desavenças internas, tudo em prol da reconstrução.<sup>574</sup>*

A grande festa promovida em prol da SEF na cidade de Porto Alegre, em 30/04 e 01/05/1949, tinha como finalidade não só arrecadar dinheiro para a organização como, também, de congregar a germanidade rio-grandense. Esta festa ocorreu nas dependências do Clube do Caixeiro Viajante (*Musterreiterklub*). A festa foi a primeira possibilidade de reunião da germanidade nos últimos 10 anos.<sup>575</sup> A miséria da Alemanha serviu como pano de fundo para que os articuladores da germanidade pudessem fomentar a volta da preservação dos valores culturais alemães com o uso da Língua Alemã.

Segundo comentário de Pe. Rambo em relação a festa: *Há dois motivos para alegria: Nós somos cristão e somos pessoas. A miséria alemã nos uniu e nos irmanou. O segundo*

<sup>573</sup> RAMBO, Balduino. **Em busca da grande síntese**. São Leopoldo: Unisinos, 1984, p. 73

<sup>574</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo a Dr. Odo von Württemberg/New York*, 05/09/1946

<sup>575</sup> Segundo Pe. Rambo: *A festa popular da SEF foi o primeiro reencontro da germanidade nos últimos 10 anos*. Rambo, Balduino *Das Volksfest der SEF*. In: **Revista Sankt Paulus-Blatt**. Porto Alegre: junho de 1949, p. 202-205

*motivo de nossa alegria é o uso desembaraçado de nossa língua materna.*<sup>576</sup> A festa tinha como finalidade reavivar a vida social alemã, encontrar *um lugar ao sol para os alemães.*<sup>577</sup> A maioria dos participantes da festa popular em prol da SEF era de alemães do Reino e descendentes de imigrantes alemães.<sup>578</sup> Houve 6000 visitantes e a Língua Alemã pode, pela primeira vez após a guerra, ser utilizada em público sem restrições.<sup>579</sup>

A Língua Alemã constitui-se num dos principais elementos de preservação da germanidade. Ela era constantemente acionada a fim de defender a concepção de um povo sem fronteiras geográficas e políticas e no estabelecimento de uma fronteira étnica. O uso da Língua Alemã no Brasil era um fator determinante da nacionalidade alemã para os defensores do germanismo. Além de inserir os imigrantes alemães e seus descendentes numa mesma linha de continuidade com a essência do povo alemão e atuar como diferenciação étnica, a língua foi considerada um elemento partilhado por todos. Possibilitava, desta forma, a ligação de todos os alemães no mundo entre si e com a terra de origem, a Alemanha, permitindo, deste modo, a constituição de uma grande comunidade e, conseqüentemente, a unidade alemã, meta central do pensamento étnico.<sup>580</sup>

As negociações dos padres jesuítas com o Vaticano, para que este usasse de sua diplomacia junto às autoridades brasileiras para negociar a liberação das exportações da SEF, também contou com um pedido para que o Papa Pio XII interferisse para que o uso da Língua Alemã deixasse de ser proibida no Brasil do pós-guerra. Contudo, o Vaticano recusou-se a interferir junto ao governo brasileiro, pois o Trono de São Pedro não se considerava responsável pela questão da Língua Alemã, isto era encarado como âmbito do Estado. Contudo, a Igreja católica colocava-se a favor da manutenção da língua materna no âmbito da Igreja.<sup>581</sup>

Afora o caráter de integração e rearticulação da comunidade étnica alemã, a SEF também desempenhou um caráter social e instrumental no que diz respeito a questão imigratória. Vários pedidos de alemães para imigrar ao país foram feitos à SEF e, estes, despertaram nas lideranças do comitê o desejo de não permitir que o governo tratasse sozinho

---

<sup>576</sup> Idem.

<sup>577</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Leopoldo Arntzen*, 10/01/1947

<sup>578</sup> A festa em prol da SEF durou 12 horas, sendo livre o acesso para menores de 14 anos. Foram servidos vinho licor, chop, cerveja, churrasco, bolos, chocolate, etc... As atividades recreativas contaram com carrocel, rifa, bolão, corrida, música, baile, pesca, Mauerklavier, etc...

<sup>579</sup> Rambo, B. *Op. Cit.*, p.202

<sup>580</sup> GRÜTZMANN, I. *Op. Cit.*, p. 77

<sup>581</sup> Acervo Banno Mentz, *Carta de E.H. Castel Gandolfo a Pe. Leopoldo Arntzen*, 14/10/1946

da questão.<sup>582</sup> Houve propostas de trazer crianças alemãs órfãs para o Brasil que foram oferecidas pela *Cristliche Nothilfe* a SEF. Entretanto, tal pedido não foi aceito por questões práticas, pois o comitê teria de investir muito tempo na tarefa.<sup>583</sup> Além disso, não se queria separar as crianças de suas famílias, pois se corria o risco de perdê-las.<sup>584</sup>

A questão migratória foi tema de debates na imprensa do Brasil.<sup>585</sup> O desenvolvimento econômico do país exigia migrantes tecnicamente qualificados e, a Alemanha, tinha muitos refugiados preparados para migrar quando houvesse condições.<sup>586</sup> A atuação de Pe. Rambo junto à Sociedade União Popular, *Volksverein*, que também se ocupou com a colonização alemã em regiões do estado do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, fez com que as lideranças católicas ficassem atentas às políticas de imigração a serem implementadas na Europa e no Brasil. A SEF era, desta forma, encarada pelos padres jesuítas como um instrumento de articulação que possibilitaria a eles e a Igreja Católica, a tomar parte no processo imigratório.

*A imigração deve ser vigiada com absoluta urgência tão logo as fronteiras da Alemanha sejam novamente abertas. Neste ponto temos, aqui, cem anos de experiência. Já temos, hoje, aventureiros e utopistas, que não vêem as conseqüências de sua “colonização”. O Brasil é uma terra de ilimitadas possibilidades, mas a experiência sempre nos mostra novamente que as empresas de colonização somente prosperam quando são conduzidas por homens que conhecem a situação na Alemanha e aqui. Justamente neste ponto todo o entusiasmo deve se calar e somente o frio entendimento se manifestar.*<sup>587</sup>

Pe. Rambo deixa claro que não está disposto a deixar a questão migratória nas mãos das autoridades governamentais e de que as lideranças católicas, por sua experiência nas áreas de

<sup>582</sup> Josef Schrage, de Köln, solicitou a Pe. Adelpkamp que sua esposa e filha fossem enviadas para o Brasil e abrigadas numa família católica, onde poderiam trabalhar como jardineiras ou ensinar os filhos do casal a ler. Com esta atitude o marido pode salvar a família da fome e arranjar um trabalho temporário até que a situação melhore. Schrage era restaurador em Igrejas e pintor em mosteiros. Acervo Benno Mentz. *Carta de Josef Schrage/Köln a Pe. August Adelpkamp*, 30/08/1947

<sup>583</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo a Johann Müller Santa Maria/RS*, 05/01/1948

<sup>584</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Leopoldo Arntzen*, 25/07/1946

<sup>585</sup> Segundo notícia do Correio do Povo, o Brasil iniciou estudos sobre a viabilidade de autorizar a vinda de imigrantes europeus junto à ONU em princípios de 1946. O chanceler João Neves da Fontoura afirmou que Brasil necessitava de braços. A Itália era um dos países que se interessavam pela imigração. *Declarações do Min.do Exterior sobre a imigração européia para o Brasil*. Correio do Povo. Porto Alegre, p.10

<sup>586</sup> De acordo com Alberto Lins de Barros, Diretor do Bureau de Imigração e Colonização do Brasil, que visitou Washington e a Inglaterra para fazer campanha de imigração, o Brasil necessitava de 600.000 imigrantes. O mesmo defendia a vinda de estonianos, letonianos, poloneses e alemães para o país. No sul os alemães eram considerados “bons elementos”, somente os alemães ricos permaneciam “alemães” e, os pobres, se adaptavam facilmente às condições locais. Barros acreditava que o Brasil preferia imigrantes mediterrâneos, pois tinham afinidade com as tradições culturais e costumes; davam bons agricultores e trabalhadores industriais. O país pretendia, segundo ele, estimular a imigração espontânea e a dirigida (para aqueles que precisam no Brasil de trabalhadores especializados nos trabalhos agrícolas e industriais). *O Brasil necessita de 600.000 trabalhadores*. In: **Correio do Povo**. Porto Alegre, Quinta Feira, 23/05/46, p.01

<sup>587</sup> Acervo Benno Mentz. *Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Leopoldo Arntzen*, 25/07/1946

colonização, devem participar da articulação da imigração no pós-guerra.<sup>588</sup> Os debates a cerca da migração de alemães para o país interessava as lideranças da SEF. Pe. Rambo tentava articular apoio junto aos círculos políticos mais influentes do estado do Rio Grande do Sul para tratar dela. Entretanto, seus esforços esbarravam nas resistências da política nacional aos imigrantes alemães. Em relação à imigração, segundo Pe. Rambo:

*O caso ainda não está maduro. Disponho de algumas ligações com os círculos governamentais daqui, tenho, porém, a impressão de que os malucos da nacionalização tenham quebrado tanta porcelana e envenenado de tal maneira a atmosfera que os imigrantes germânicos sejam indesejáveis.*<sup>589</sup>

Esta preocupação com o processo migratório também fazia parte da agenda dos sínodos luteranos no pós-guerra. Quando o governo brasileiro mostrou intenções de liberar a imigração para o Brasil no pós-guerra os protestantes ficaram atentos aos critérios que seriam estabelecidos para receber os imigrantes. Os protestantes preocupavam-se se a imigração seria de comunidades ou de indivíduos isolados; que condições seriam impostas para migrar como, por exemplo, idade, trabalho, saúde, confissão religiosa, meios financeiros e passado político; se as organizações eclesiais poderiam acompanhar os imigrantes na chegada até seu estabelecimento definitivo; se haveria interferência dos governos na imigração e interferência eclesial, assim como quais seriam as possibilidades das Igrejas Católica e Evangélica de entrarem num acordo de colaboração na questão imigratória.<sup>590</sup>

Os sínodos luteranos estavam atentos à promulgação da nova constituição de 1946 que pretendia estabelecer cotas de imigração que privilegiariam técnicos e agricultores. As pessoas ou famílias deveriam solicitar a autorização para emigrar junto à Missão Militar Brasileira em Berlim. Para os cargos nos sínodo luteranos as autoridades eclesiais se dispunham a mediar a emigração. Entretanto, os sínodos também se mostravam preocupados com a assistência espiritual dos protestantes pensando, inclusive, em solicitar ajuda a Federação Luterana Mundial.<sup>591</sup>

As tentivas da SEF de mediar a vinda de 1700 repatriados brasileiros retidos na Alemanha para o país, juntamente com a Cruz Vermelha Brasileira, mostram que o envolvimento da organização com a questão migratória fracassou. As articulações políticas de

<sup>588</sup> Segundo Pe. Rambo: Deve ficar claro que, por causa dos motivos citados na última carta de Pe. Pauquet, não é possível pensar em trazer crianças para o país, que não é possível pensar em uma breve migração da Alemanha. Com o decorrer do tempo, o governo vai, provavelmente, tomar a questão em suas mãos, o que nós, de maneira alguma, devemos permitir. Acervo Benno Mentz. Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. August Adelpkamp, 27/09/1946

<sup>589</sup> Acervo Benno Mentz. Carta de Pe. Balduino Rambo a Cel. Gaelzer Netto, 09/10/1946

<sup>590</sup> Arquivo Histórico da Escola Superior de Teologia da IECLB, SR22/1 32

<sup>591</sup> Arquivo Histórico da Escola Superior de Teologia da IECLB, SR22/1 31

Cel. Gaelzer Netto junto às autoridades governamentais para ser nomeado Secretário da Imigração, assim como o apoio das lideranças do comitê da SEF a sua indicação e do Dep. Arthur Fischer, não foram suficientes para que a organização conseguisse se articular em prol daqueles que tentavam migrar para o país.

A SEF contou com a colaboração e intervenção de segmentos políticos locais, estaduais e nacionais para enviar seus donativos à Alemanha. Foi um organismo de ajuda material para as vítimas da guerra que teve distintas finalidades junto à comunidade étnica alemã e a sociedade brasileira. Procurou reunir diversos segmentos da sociedade e, para alguns elementos como Pe. Balduino Rambo, a SEF prestava-se como um instrumento de rearticulação do projeto de germanidade que era defendido por ele e outros indivíduos inseridos dentro de diversos campos de atuação como as escolas, igrejas, economia e política, onde o elemento teuto tinha representantes. A SEF procurou diminuir as divisões internas da comunidade étnica alemã e preparar o caminho para que o grupo étnico alemão e suas elites pudessem se rearticular e, novamente, atuar no cenário nacional reconquistando, desta forma, o espaço que havia sido perdido pela etnia alemã e seus representantes durante a Segunda Guerra Mundial.

## CONCLUSÃO

O objetivo central da pesquisa proposta foi reconstruir historicamente a atuação do Comitê de Socorro à Europa Faminta, SEF, no Brasil e verificar a mobilização da comunidade étnica alemã em prol dos alemães na Europa. A SEF foi uma importante organização de ajuda humanitária brasileira e latino-americana do pós-guerra. Sua atuação no Brasil ocorreu entre os anos de 1946 e 1949 e deu-se num contexto internacional marcado pela disputa de dois blocos hegemônicos distintos, um liderado pelos Estados Unidos da América e, outro, pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

A SEF atuou concomitantemente ao lado de outras significativas organizações de ajuda humanitárias internacionais norte-americanas como a CARE, CERA e GRALOG, além de outras empresas comerciais e privadas, e inseriu o Brasil no rol das nações que contribuíram para minorar a fome e miséria das vítimas da guerra. Sua atuação deu-se tão somente em prol das vítimas alemãs da guerra garantindo, desta forma, a manutenção das condições mínimas de sobrevivência da população alemã e colaborando na reconstrução material do país no pós-guerra.

A SEF atuou nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro. Foi uma iniciativa do grupo étnico alemão, um movimento de caráter urbano que também se disseminou em meio às colônias alemãs no Brasil. A SEF organizou 10 remessas de ajuda humanitária do Brasil para a Alemanha através da coleta de dinheiro e mercadorias onde havia elementos ligados ao grupo étnico alemão. Estas remessas foram remetidas do porto de Rio Grande/RS para o porto de Göteborg/Suécia e, de lá, remetidas para a Alemanha e distribuídas em parceria entre a *Caritas Alemã* e a *Evangelisches Hilfswerk*

(Obra de Socorro Evangélica) para os alemães famintos, deslocados e refugiados do leste europeu. A SEF também possibilitou que os descendentes de alemães no Brasil pudessem ajudar os seus familiares residentes na Alemanha.

A SEF foi uma resposta ao pedido de socorro efetuado pelo representante da Caritas Sueca, Pe. August Adelpkamp aos padres jesuítas Henrique Pauquet e Pe. Balduino Rambo, ambos professores no Colégio Anchieta em Porto Alegre. A organização atuou, no princípio, de forma autônoma. Contudo, com o decorrer do tempo, aproximou-se da Cruz Vermelha Brasileira para uma ação humanitária conjunta. Esta aproximação foi necessária a fim de evitar conflitos com esta organização de caráter mundial e possibilitar a remessa dos pacotes individuais que eram proibidos pelos ingleses para a Europa e Alemanha. Pe. Henrique Pauquet foi eleito delegado da Cruz Vermelha Brasileira, o que facilitou a atuação da SEF à nível nacional.

A organização articulou-se a partir da ação de indivíduos ligados ao grupo étnico alemão no Brasil que sofrera perseguições durante a ditadura do Estado Novo. Pe. Pauquet e Pe. Rambo criaram a SEF e articularam o primeiro trabalho conjunto e significativo entre católicos e protestantes no Brasil, que foram representados no comitê pelo P. Ernesto Schlieper, Sínodo Riograndense, e P. Paulo Evers, Sínodo Missouri. Além disso, a SEF também contou, em sua diretoria, com a colaboração de elementos leigos como J. F. Coutinho, Willy Siegmann, Friedel Emunds, Edgar Siegmann e H. Stackelberg.

Todos os indivíduos que tomaram parte no comitê da SEF estavam inseridos na comunidade étnica alemã e desempenhavam diferentes papéis sociais, pois atuavam em diferentes segmentos da sociedade como o clero católico e protestante, a imprensa, a indústria, o comércio, etc. Isso significa que a SEF é uma iniciativa de um grupo específico de pessoas que tinha determinado prestígio junto à comunidade étnica alemã, pois mobilizaram significativa parcela do grupo étnico alemão do sul e sudeste do Brasil em prol da ajuda material à Alemanha.

Consideramos as lideranças da SEF como parte da elite do grupo étnico alemão no Brasil, pois se caracterizam por sua atuação profissional destacada em meio a comunidade étnica alemã. Eles pertencem a diferentes grupos profissionais como sacerdotes, empresários, jornalistas e comerciantes. Eles fazem parte das elites na medida em que, usando estratégias eminentemente escolares de ascensão ou de conservação social, estão associados à busca de prestígio, confirmando, desta forma, sua condição de elite. Além disso, desempenham papel destacado na articulação da comunidade étnica alemã no Brasil.

Esta elite não se caracteriza necessariamente como uma burguesia ou classe dominante, que procuram dominar de forma homogênea com base em seus recursos econômicos, mas pela heterogeneidade e segmentação dos grupos que a formam. Neste sentido, a elite do grupo étnico alemão possui uma configuração plural, pois é constituída por diversos grupos sociais de interesses distintos agindo dentro comunidade étnica alemã. Os articuladores da SEF, ao ocuparem diferentes posições chave dentro da comunidade étnica alemã e da sociedade brasileira, tiveram acesso a uma série de privilégios inacessíveis aos demais membros podendo, desta forma, mobilizar diferentes estratégias para que a SEF conseguisse funcionar no contexto nacional.

As radicais modificações das formas sociais e políticas provocadas pela Segunda Guerra Mundial e a Campanha de Nacionalização do Estado Novo não anularam a atuação das elites do grupo étnico alemão que, em diferentes momentos históricos, vinham disputando espaço público, político e social com as elites brasileiras. Podemos considerar a criação da organização de ajuda humanitária denominada de Comitê de Socorro à Europa Faminta, SEF, como uma tentativa de rearticulação das elites do grupo étnico alemão no pós-guerra.

Elementos de prestígio junto à comunidade étnica alemã e a sociedade brasileira, os padres jesuítas, pastores protestantes e membros leigos da SEF mobilizaram a etnia alemã para colaborar com a reconstrução material e dos laços culturais e de solidariedade étnica que haviam sido rompidos com a Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial. Consideramos, portanto, as comunidades católicas e luteranas como espaços privilegiados e legítimos de manifestação de solidariedade étnica, pois o caráter étnico da ajuda material da SEF fica evidenciado com a remessa da ajuda somente os alemães.

O contexto nacional e internacional do pós-guerra, ainda fortemente impregnado pelo pensamento antigermânico, não impediu a ação das lideranças da SEF na mobilização das comunidades religiosas e do grupo étnico alemão em prol dos alemães. A atuação das lideranças da SEF frente às dificuldades impostas pelas autoridades internacionais e brasileiras ao funcionamento da organização mostra que havia indivíduos representativos do grupo étnico alemão dispostos a tentar superá-las e manter seus laços com a Alemanha. Estas lideranças da SEF colaboraram para que o grupo étnico alemão, através de suas elites, iniciasse um lento processo de retomada do espaço político e social perdido durante o Estado Novo.

As dificuldades burocráticas e práticas da SEF para atuar no contexto internacional e nacional impostas pelo governo brasileiro e as governos de ocupação da Alemanha, foram superadas pela interferência de personalidades de prestígio que atuavam em diferentes campos políticos e sociais. Atuaram em prol da SEF autoridades eclesiásticas, como D. Jaime de Barros Câmara; o Núncio Aposólico do Rio de Janeiro, D. Carlo Chiarlo; autoridades estrangeiras como o cônsul inglês no Brasil; políticos brasileiros como o Presidente Eurico Gaspar Dutra; Ministro da Justiça, Adroaldo Mesquita; Interventor do Estado do Rio Grande do Sul, Cilon Rosa; Ex-Deputado Estadual e Ex-Intendente de Itajá, Marcos Konder; Ex-Intendente municipal de São Leopoldo, Ten. Cel. Gaelzer Netto; Presidente da Cruz Vermelha Brasileira, Oscar de Soares; Presidente da Cruz Vermelha do Rio Grande do Sul, Dona Odila Gay Fonseca; Deputado Federal, Arthur Fischer, etc. além de muitos outros.

A disposição e empenho destas personalidades de prestígio político e social mobilizadas pelas lideranças da SEF em prol da organização foi possível porque os padres jesuítas tinham um relacionamento muito próximo aos círculos do poder. O prestígio e a capacidade de influência dos padres jesuítas foram adquiridas através de um longo processo de aproximação entre a Igreja Católica e as elites brasileiras. Esta aproximação ocorreu a partir do início do séc. XX através da atuação de lideranças eclesiais como D. Sebastião Leme, D. Joaquim Domingues de Oliveira e D. João Becker. Estas lideranças aproximaram a Igreja Católica do Estado Novo dirigido por Getúlio Vargas por meio do projeto de Restauração Católica, que buscava a regeneração das instituições e das elites aos princípios católicos.

Para obter sucesso neste projeto a Igreja Católica, por meio dos padres jesuítas, implantou um sistema educacional com forte influência católica que fizesse jus às suas reais necessidades junto à sociedade civil. Nele os padres jesuítas formaram parte das elites dirigentes do país que viriam a dar seu apoio à iniciativa da SEF. O fato desta ajuda material restrita ser organizada por uma organização chamada genericamente de Socorro para a Europa Faminta não significou que as autoridades políticas brasileiras desconheciam de que a ajuda humanitária não se destinava a todos os países da Europa. Muito pelo contrário, as autoridades brasileiras, apesar das restrições impostas à exportação de gêneros de primeira necessidade, sabiam que a SEF articulava-se no contexto brasileiro em prol dos alemães.

O novo contexto do pós-guerra, marcado pela “democratização” do governo de Eurico Gaspar Dutra e do papel dos países periféricos como o Brasil na reconstrução da Europa arrasada pela guerra e ameaçada pelo comunismo, fez com que as autoridades brasileiras permitissem o funcionamento da organização. Estas queriam colher dividendos eleitorais nas

eleições de 1946 e 1947 junto aos eleitores do grupo étnico alemão, que se constituíam num “curral eleitoral”, assim como responder aos anseios norte-americanos de ajuda para a reconstrução da Europa do pós-guerra.

Diversos segmentos sociais pertencentes à comunidade étnica alemã colaboraram nas arrecadações da SEF. Muitos doadores pertenciam aos segmentos economicamente mais expressivos da etnia alemã, ou seja, eram empresários e comerciantes de centros urbanos de Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro. Entretanto, as colônias também deram a sua colaboração e, com o decorrer do tempo, alguns luso-brasileiros colaboraram nas arrecadações da SEF. A criação de organismos destinados a ajuda a *não arianos*, ou melhor, judeus, não foi bem recebida pelas lideranças da SEF e fez com que seus representantes não buscassem sua incorporação ao círculo de colaboradores.

A SEF tinha como finalidade ajudar materialmente as vítimas alemãs da guerra; entretanto, houve lideranças do comitê como, por exemplo, Pe. Balduino Rambo, que almejavam que a atuação da SEF também colaborasse na integração do grupo étnico alemão no Brasil do pós-guerra. A comunidade étnica alemã encontrava-se muito dividida por causa dos antagonismos causados pela Segunda Guerra Mundial e, a ação em prol da Alemanha, foi vista por Pe. Rambo como uma possibilidade de minorar os conflitos internos do grupo étnico alemão.

Estes conflitos tinham um caráter diverso e se fizeram presentes na ação e articulação da SEF em meio à comunidade étnica alemã. Diferenças confessionais foram, no princípio, uma das dificuldades enfrentadas pela SEF para unir protestantes e católicos num trabalho conjunto. Os protestantes resistiram em colaborar com uma organização fundada por padres católicos, pois temiam que as doações realizadas não atingiriam os alemães evangélicos. Isso fez com que exigissem a distribuição das doações por critérios confessionais, o que somente foi aceito pelas lideranças jesuítas após algum tempo. Estas aceitaram as reivindicações protestantes porque o trabalho da SEF em prol dos alemães na Europa não poderia prescindir da colaboração dos protestantes, visto que grande parte das doações era realizada pelos mesmos e, os protestantes, tinham um relativo poder econômico sendo responsáveis por 75% das doações.

A participação dos protestantes na organização foi significativa, pois a maior parte dos doadores da SEF pertencia ao credo protestante. A colaboração dos católicos nas arrecadações foi criticada por Pe. Balduino Rambo, pois apesar de colaborarem menos os católicos recebiam 50 % das doações. A grande colaboração dos protestantes fez com que as lideranças

católicas da organização temessem pela perda da direção do comitê, pois acreditavam na capacidade dos mesmos de agirem de forma autônoma, o que fez com que ficassem atentas para que os conflitos com protestantes fossem evitados de a todo custo.

Diferenças de caráter confessional também se fizeram presentes nas localidades nas quais a SEF atuou e tiveram de ser superadas pelos representantes locais do comitê. Diferenças de caráter político também marcaram a atuação da SEF que teve de lidar com ex-nazistas, ex-políticos refugiados do nazismo no Brasil, judeus e lideranças locais da comunidade étnica alemã que disputavam prestígio político e social com as lideranças do comitê. Estas dificuldades prejudicaram a ação da SEF a nível local e nacional.

A SEF não desempenhou somente uma função social, ou seja, não deve ser vista somente como uma ação em prol da miséria alemã, mas possibilitou que os representantes do grupo étnico alemão no Brasil pudessem voltar a atuar no cenário político e social brasileiro. Alguns integrantes da SEF como Pe. Rambo procuraram, através da organização e dos elementos que colaboraram com ela, lutar para que o grupo étnico alemão ocupasse um espaço de atuação junto aos círculos do poder. Isso é perceptível no que tange à questão imigratória que, no pós-guerra, despertou muito interesse em meio aos círculos católicos e protestantes e mobilizou colaboradores da SEF para que defendessem os interesses eclesiais na imigração.

A SEF também serviu como instrumento para que os articuladores da germanidade pudessem voltar a fomentar a preservação dos valores culturais do grupo étnico alemão que, por causa da Campanha de Nacionalização e da Segunda Guerra Mundial, haviam sofrido um profundo revés. Os articuladores da germanidade foram proibidos de disseminar os ideais germanistas por causa das medidas restritivas impostas ao grupo étnico alemão no Brasil durante a Ditadura Vargas. Podemos dizer que a SEF também se constitui na primeira oportunidade de rearticulação do discurso germanista no pós-guerra.

Estes ideais já vinham sendo disseminados antes da Segunda Guerra Mundial por intelectuais que se articulavam a partir dos mais diversos campos de atuação como os clérigos, jornalistas, professores, advogados, comerciantes, empresários, etc. Uma das lideranças comprometidas com os ideais do germanismo, e que era responsável pela correspondência da SEF, foi Pe. Balduino Rambo. Este pode ser considerado um elemento representativo que, inserido em diversas redes sociais, procurava, através de sua atuação na SEF e na comunidade étnica alemã, fomentar a volta dos antigos laços culturais com a Alemanha.

Pe. Balduino Rambo colocou-se contra a Campanha de Nacionalização empreendida pelo governo de Getúlio Vargas. Além disso, foi um opositor do Arcebispo de Porto Alegre, Dom João Becker, que era favorável à nacionalização do grupo étnico alemão. Estes embates entre parte do clero jesuíta interessado na manutenção da identidade étnica dos alemães e a Cúria Metropolitana de Porto Alegre fizeram com que a SEF procurasse atuar de forma independente das autoridades e instituições eclesiais. Entretanto, a organização e articulação da SEF também contaram com o aval das autoridades eclesiásticas que somente ajudaram a organização após insistentes pedidos por parte das lideranças do comitê para que a Igreja Católica fomentasse seu trabalho. Houve, naturalmente, tentativas de incorporação da SEF à Obra de Socorro Pró-Vítimas da Guerra, de iniciativa do Vaticano. Contudo, as lideranças da SEF não permitiram sua incorporação a esta organização de ajuda humanitária por causa da participação dos protestantes.

A atuação da SEF no Brasil foi importante porque procurou mobilizar a comunidade étnica alemã em torno de uma causa em comum, deu visibilidade ao grupo étnico alemão e seus representantes e fez o Brasil estar presente no cenário europeu do pós-guerra, pois o país foi a nação latino-americana que mais contribuiu na remessa de ajuda material para as vítimas da guerra. Por outro lado, a ação da SEF permitiu a constituição de um acervo de cartas escritas pelas pessoas que foram beneficiadas pela ajuda humanitária brasileira que guarda uma memória da guerra e do pós-guerra no contexto europeu. Estes testemunhos são importantes porque se constituem em farto material de pesquisa para que os historiadores possam aperfeiçoar suas interpretações a respeito da Segunda Guerra Mundial e de suas conseqüências para a História Mundial.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Periódicos

*Abastecimento da população civil pelo exército.* In: **Correio do Povo**. Porto Alegre, Sábado, 25/05/1946. Ano. 51. Nº 197, p. 05 e 08

ANDERSON, Clinto P. *A humanidade ameaçada pela fome.* In: **Correio do Povo**. Porto Alegre, Sexta-Feira, 26/04/46, Ano. 51. Nº 174, p. 01

*Artigos considerados de primeira necessidade pela C.C.P.* In: **Correio do Povo**. Porto Alegre Terça-Feira, 07/05/1946. Ano. 51. Nº 182, p. 09

*Assembléia das Nações Unidas aconselha medidas destinadas a atender as populações que se acham ameaçadas pela fome.* In: **Correio do Povo**. Porto Alegre, Sexta-Feira, 15/02/1946, Ano.51, Nº 115, p. 01

*Auxílio às populações famintas.* In: **Correio do Povo**. Porto Alegre, Sexta Feira, 08/02/46. Ano. 51. Nº 109, p. 01

### **Carta às Comunidades Evangélicas de 30/04/1946.**

*Como salvar o mundo da fome.* In: **Correio do Povo**. Porto Alegre, Domingo, 08/09/1946, Ano 51. Nº 287, p. 01

FARACO, Danilo A. *Mandem-nos caminhões.* In: **Correio do Povo**. Porto Alegre: Caldas Júnior, Sexta Feira, 06/09/46. Ano. 51. Nº 285, p. 04

**Folha Dominical. Sonntagsblatt der Riograndense Synode.** São Leopoldo: Rotermund. Ano 63, n.º 12, 20/03/1949, p.12

**Folha Dominical. Sonntagsblatt der Riograndense Synode.** São Leopoldo: Rotermund. Ano 62, n.º 07, 15/02/1948, p.01-02

KONDER, Adolfo. *Santa Catarina não é quisto racial.* In: **Correio do Povo**. Porto Alegre, Terça-feira, 07/05/1946, Ano. 51. Nº 182, p.09

*Mitteilung der SEF – Willy Siegmann.* In: **Revista Sankt Paulusblatt** 31 Jahrgang, Porto Alegre, Setembro, 1948, N.º 09, p.206

**Notícias para nossos amigos da Província Sul-Brasileira da Companhia de Jesus**, n.º 170/Julho de 1986, p.53

*Novo Hamburgo Agitada.* In: **Correio do Povo**. Porto Alegre, Quinta Feira, 01/08/1946. Ano. 51. N.º 254, p.10

*O Brasil necessita de 600.000 trabalhadores.* In: **Correio do Povo**. Porto Alegre, Quinta Feira, 23/05/46, Ano.51. N.º 195, p.01

*O problema alimentar da Alemanha.* In: **Correio do Povo**. Porto Alegre, Sexta-Feira, 01/03/46, N.º 127, p. 01

*O Problema da Nacionalização. Determinações sobre a nacionalização no pós-guerra.* In: **Revista Unitas: Boletim da Província Eclesiástica de Porto Alegre**. Abril-Junho de 1947, p.126

*Os graves acontecimentos da capital da república levaram o governo a adotar medidas excepcionais para assegurar a ordem pública.* In: **Correio do Povo**. Porto Alegre Domingo, 01/09/1946. Ano. 51. N.º.281, p.24

*Pio XII apela em favor dos famintos na Europa.* In: **Correio do Povo**. Porto Alegre, Sexta-Feira, 05/04/1946. Ano 51. N.º 157, p.01

*Proibida por decreto do Presidente da República a exportação de gado de corte e subprodutos.* In: **Correio do Povo**. Porto Alegre, Terça-Feira, 02/04/1946. Ano. 51. N.º 154, p. 12

*Quatro Ocupantes e milhões de desocupados.* In: **Correio do Povo**. Porto Alegre, Sexta-Feira, 06/09/46, p. 04

RAMBO, Balduino. *A Nacionalização.* In: **Pesquisas. Série História**. São Leopoldo: UNISINOS, N.º 27, 1989, p.73-113

RAMBO, Balduino. *Das Volksfest der SEF.* In: **Revista Sankt Paulus-Blatt**: Porto Alegre: junho de 1949, N.º 06, p. 202-205

RAMBO, Balduino. *Deutschlandhilfe* In: Die Fahne des Hl. Ignatius. **Kalender des Jesuitenkollegs in São Leopoldo für Schüler, Eltern, Freunde und Wohltäter**. Porto Alegre, abril de 1947, p.52-54

RAMBO, Balduino. *Hungerdes Europa und Volksverein.* In: **Revista Sankt Paulus-Blatt** Porto Alegre, janeiro de 1948, N.º. 01, p. 06-08

**Revista Sankt Paulus-Blatt**. Porto Alegre: outubro de 1961, Ano 44. n.º 10, p. 383-385

**Revista Unitas. Boletim da Província Eclesiástica de Porto Alegre**. Porto Alegre, outubro-Dezembro de 1946, N.º 10-12, p.141

**Revista Unitas: Boletim da Província Eclesiástica de Porto Alegre**. Porto Alegre, julho-setembro 1946, p. 277

**Revista Unitas: Boletim da Província Eclesiástica de Porto Alegre**. Porto Alegre, outubro a Dezembro de 1948. N.º10-12. p. 225-230

- Solucionado o caso do trigo para Novo Hamburgo que acarretou a demissão do prefeito dali.*  
In: **Correio do Povo**, Porto Alegre Segunda Feira, 04/08/1946. Ano. 51. Nº 257, p. 24
- TEJO, Limeira. *Problemas Novos da Imigração.* **Correio do Povo**. Porto Alegre, Quinta-Feira, 12/09/1946, Ano. 51. Nº 289, p. 04
- VASCONCELOS, Valdemar. *Socorrendo a Europa.* In: **Correio do Povo**. Porto Alegre, Quarta-Feira, 17/07/1946, Ano. 51. Nº 251, p.04

## Livros

- ABKE, Stephanie. *Diese rassich Verfolgten glauben, sie könnten machen was sie wollen. Denunziation und Anzeige zwischen Flüchtlingen und Einheimischen im Regierungbezirk Stade 1945 – 1949.* In: BEST, Heinrich. (Ed.) **Historische Sozialforschung. Zentrum für Historische Sozialforschung.** Köln: Zentrum für Historische Sozialforschung, 2001, p.102-118
- ABREU, Alzira Alves de. (Org.) **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. Pós-30.** São Paulo: FGV, 2001, p.601-602; p.963-967; p.1931-1961
- ARENDDT, Isabel Cristina; DA SILVA, Haike Roselane Kleber. **Representações do discurso teuto-católico e a construção de identidades.** Porto Alegre: EST, 2000, 200p.
- BANDEIRA, Moniz. **O milagre alemão e o desenvolvimento do Brasil. As relações da Alemanha com o Brasil e a América Latina. (1949 – 1994).** São Paulo: Editora Ensaio, 1994, p. 01- 83
- BARTH, Frederik. *Os grupos étnicos e suas fronteiras.* In: **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas.** Contra Capa. p. 27-67
- BIEHL, João. *Cultura e poder no tempo dos Mucker.* In: DONATO, Hernâni; KUTSCHAT, Renata S. G; TIEMANN, Joachim. (Orgs.) **Institut Martius Staden. Jahrbuch 2001-2002.** São Paulo: Nova Bandeira, 2002, p.163-181
- BOURDIEU, Pierre, **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 1974
- Brasil, um refúgio nos trópicos. A trajetória dos refugiados no nazi-fascismo em São Paulo.** São Paulo: Estação Liberdade, 1996, p.133-138
- BROUÉ, Pierre. *O fim da Segunda Guerra e a contenção da revolução.* In: **Segunda Guerra Mundial. Um balanço histórico.** São Paulo: USP, 1985, p. 405
- CARTIER, Raymond. **A Segunda Guerra Mundial.** Rio de Janeiro: Primor, Vol. 2, 1975, p.454-456
- CONNERT, Paul. **Como as sociedades recordam.** Portugal: Celta, 1993. p.05-48
- CONZEN, Katheleen Nehls; GERBER, David A.; MORAWSKA, Eva; POZZETA, George E.; VECOLI, Rudolph J. Forum - *The invention of Ethnicity: A perspective from the U.S.A.* In: **Jornal of American History**, Fall 1992. Traduzido por Eunice Nodari
- CUESTA, Josefina. **Historia del Presente.** Madri: EUDEMA, AS, 1993. p.41-42

- DA SILVA, Neli Schäfer Tesch. **A compreensão jesuítica da identidade (étnica) teuto-brasileira católica rural no Rio Grande do Sul: instrumento (de poder) do projeto de Restauração Católica Regional. (1872-1961 – Rio Grande do Sul).** São Leopoldo: UNISINOS, 2003, 546p. Tese de doutorado em História.
- DICKIE, Maria Amélia Schmidt. **Afetos e circunstâncias. Um estudo dos Mucker e seu tempo.** São Paulo: USP, 1996. Tese de Dotorado, p. 245-334
- DOLLINGER, Hans; JACOBSEN, Hans Adolf. **Der Zweite Weltkrieg in Bildern und Dokumenten. Sieg ohne Frieden - 1944-1945.** München, Wien, Basel: Verlag Kurt Desch, 1963, p.330-380
- DREHER, Martin N. **Igreja e Germanidade.** São Leopoldo: Sinodal, 1984
- DREHER, Martin. *O Estado Novo e a Igreja Evangélica Luterana.* In: MÜLLER, Telmo Lauro. (Org). **Nacionalização e imigração alemã.** São Leopoldo: UNISINOS, 1994, 87-110
- DUARTE, José Bacchieri. **Os 10 dias em que o Rio Grande do Sul foi parlamentarista.** Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul. 2003, p.17-24
- DUPEX, Louis. **História Cultural da Alemanha.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992, 360p.
- ELIAS, Norbert. **Os alemães. A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997
- Entrevista com Pe. Arthur Rabuske em 23/07/2003.
- FALCÃO, Luiz Felipe. **Entre Ontem e Amanhã. Diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no séc. XX.** Itajaí: Editora da Universidade do Vale do Itajaí, 2000, 416p.
- FAUSEL, Erich. *SEF und Siegmann.* In: **Jahrweiser für die Evangelischen Gemeiden in Brasilien 1950.** São Leopoldo: Rotermundo & Cia, 22 Jahrgang, p.99-101
- FERNANDES, Luís. **URSS. Ascensão e Queda. A economia política das relações da União Soviética com o mundo capitalista.** São Paulo: Editora Anita Garibaldi, 1992, p. 112-124
- FERNANDEZ, Oscar. S. Lorenzo. *O papel do intelectual no Brasil. Uma perspectiva recente.* In: KOHUT, Karl (Ed) **Palavra e Poder. Os intelectuais na sociedade brasileira.** Frankfurt: Verwert Verlag, 1991, p.29-42
- FINKELSTEIN, Norman. **A Indústria do Holocausto.** Rio de Janeiro: Record, 2001, 156p
- FRIEDRICH, Jörg. **Der Brand.** München: Propyleu, 2002
- GANS, Ilse Evers. **100 Anos de Escola Comunitária 1898-1998.** Nova Petrópolis: Editora Amstad, 1998, 100p.
- GANS, Magda Rosvita. **Presença teuto-brasileira em Porto Alegre no séc. XIX (1850-1889).** Porto Alegre: UFRGS, 2004, p.111-167

- GERTZ, René E. **Memórias de um imigrante anarquista (Friedrich Kniestedt)**. Porto Alegre: EST, 1989, 168p.
- GERTZ, René E. *O integralismo na zona colonial alemã*. In: **Imigração e Colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990
- GERTZ, René E. *Os Quistos étnicos*. In: DREHER, Martin N. (Org.) **Estudos Leopoldenses. Série História**. São Leopoldo: UNISINOS, Vol.2, N.º 1, 1988, p.7-25
- GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. São Paulo: Círculo do Livro, 1981, 244p.
- Grande Crônica da Segunda Guerra Mundial: de Pearl Harbor a Stalingrado**. Rio de Janeiro: Editora Ypiranga S/A, Vol. 2, 1969. P. 285-288
- GRÜTZMANN, Imgart. *O Carvalho entre as palmeiras: representações estratégicas identitárias do germanismo*. In: DREHER, Martin N; RAMBO, Arthur Blásio; TRAMONTINI, Marcos Justo. (Orgs.) **Imigração e Imprensa**. São Leopoldo: EST, 2003, p.155-169
- HECKMANN, Friedrich. *Ethos, Demos und Nation, oder: Woher stammt die Intoleranz des Nationalstaates gegenüber ethinischen Minderheiten?* In: **Das Eigene und das Fremde: neues Rassismus in der alten Welt?** Hamburg: Junius, 1992, p. 51-78
- HEINZ, Flávio. *Considerações acerca de uma história das elites*. In: ELMIR, Cláudio Pereira; FÉLIX, Loiva Otero. (Orgs.) **Logos. Revista de Divulgação Científica**. Canoas: ULBRA, Ano 11, N.º 1, maio de 1999, p.41-52
- HOBBSBAWN, Eric. **Era dos extremos. O breve século XX. 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, 29-389
- ISAIA, Artur Cesar. **Catolicismo e autoritarismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998, 232p.
- ISAIA, Artur Cesar. *Discurso Católico no Rio Grande do Sul; a Arquidioscese de Porto Alegre e as reformulações do Pós-Segunda Guerra Mundial*. In: **Teocomunicação**. Porto Alegre: EDIPUC, set 1996, p.359-369
- KONDER, Marcos. **Der Nationalismus als falscher Patriotismus**. Porto Alegre, 1954, p.103-105
- LEJEUNE, Philippe. *O Guarda Memória*. In: **Estudos de História**. Março de 1997. São Paulo: Unesp, p. 111-119
- MAGNOLLI, Demétrio. *As Origens da Guerra Fria*. In: **Segunda Guerra Mundial. Um balanço histórico**. São Paulo: USP, 1985, p. 423
- MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. **Identidades traduzidas: cultura e docência teuto-brasileiro-evangélica no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Ed.Sinodal, 2000, p.83-108
- NETO, Edgar Ferreira. *História e Etnia*, In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Orgs). **Domínios da História. Ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p.313-328

- NEVES, Lucilia de Almeida Neves. *Memória, história e sujeito: substratos da identidade*. In: **História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral**. São Paulo: Dept. de História da USP, N.º3, V.3, Junho 2000, p.109-115
- NICHOLAS, Lynn H. **Europa Saqueada. O destino dos tesouros artísticos europeus no Terceiro Reich e na Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, 550 p.
- PEREIRA, Lígia Maria Leite. *Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografia*, In: **História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral**. São Paulo: Dept. de História da USP, N.º3, V.3, Junho 2000, p.117-127
- PETRY, Andréa Helena. O papel desempenhado pelo Correio do Povo durante o Estado Novo. In: DREHER, Martin N; RAMBO, Arthur Blásio; TRAMONTINI, Marcos Justo. (Orgs.) **Imigração e Imprensa**. São Leopoldo: EST, 2003, p. 426-434
- POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. In: GOMES, Ângela de Castro (Ed.) **Estudos Históricos**. São Paulo: FGV, 1989, p.03-15
- PORTO. Aurélio. **O trabalho Alemão no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1996 p.244-251
- POUTIGNAT, Philippe; STREIF-FENART, Jocelyne. Seguindo os grupos étnicos e suas fronteiras. In: **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Unesp, 1998, p. 124-125
- RABUSKE, Arthur. *Algo da obra caritativa dita SEF, segundo o diário pessoal de Balduino Rambo*. In: **Simpósio de História da Igreja**. São Leopoldo: Rotermund, 1986, p. 145-167
- RAMBO, Arthur Blásio. *A Igreja da Restauração católica no Brasil Meridional*. In: DREHER, Martin. N. **Populações Rio-Grandenses e Modelos de Igreja**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 1998, p.147-162
- RAMBO, Arthur Blásio. *Nacionalização e ação policial no Estado Novo (II)* In: DREHER, Martin N. (Org.) **Estudos Leopoldenses. Série História**. São Leopoldo: UNISINOS, Vol. I, N.º 2, 1997, p.75-112
- RAMBO, Balduino. **Em busca da grande síntese**. São Leopoldo: UNISINOS, Vol. I, 1994, 382p.
- RAMBO, D. *João Becker, perfil de um bispo rio-grandense* In: DREHER, Martin. N. **Populações Rio-Grandenses e Modelos de Igreja**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 1998, p.226-240
- RAY, John. **História Narrativa da Segunda Guerra Mundial**. Lisboa: Edições 70, 1999, p.280-284
- RÉMOND, René. **O século XX. De 1914 aos nossos dias**. São Paulo: Cultrix, 1999, p. 91-126
- RIETH, Ricardo Willy Rieth. *Dois modelos de Igreja: IECLB e IELB*. In: DREHER, Martin. N. **Populações Rio-Grandenses e Modelos de Igreja**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 1998, p In: p. 256-267

- RIGO, Kate Fabiani. *A ação marista sob o olhar do Volksblatt*. In: DREHER, Martin N; RAMBO, Arthur Blásio; TRAMONTINI, Marcos Justo. (Orgs.) **Imigração e Imprensa**. São Leopoldo: EST, 2003, p. 262-267
- ROSEMAN, Mark. **Os nazistas e a Solução Final. A conspiração de Wannsee: do assassinato em massa ao genocídio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2003, 170p.
- SCHEIP, Diogo. *O horror das guerras*. In: **Veja**. São Paulo: Ed. Abril, N.º15, Ano 36, abril de 2003, p.09-11
- SCHLIEPER, Ernesto Th. **Testemunho Evangélico na América Latina**. São Leopoldo: Editora Sinodal, p.01-11
- SCHMID, Carlo. **Der Weg des deutschen Volkes nach 1945**. Berlim: Haude & Spenersche Verlagsbuchhandlung Berlin, 1965 (?), 102p.
- SEYFERTH, Giralda. *Identidade nacional, diferenças regionais, integração étnica e a questão imigratória para o Brasil*. In: ZARUR, George Cerqueira Leite (Org.) **Região e nação na América Latina**. Brasília: Unb, p. 81-109
- SOUZA, Rogério Luiz de. **A construção de uma nova ordem. Catolicismo e ideal nacional em Santa Catarina (1930-1945)**. Florianópolis: UFSC, 1996. 162p. dissertação de mestrado.
- SZILVASSY, Arpad. *Participação dos alemães e seus descendentes na vida política brasileira*. In: **Colóquio de Estudos alemão-Brasileiros**. Porto Alegre: UFRGS, 1963, p. 247-259
- TORRALES, Mauro. **Colégio Anchieta: cem anos**. Porto Alegre: Gráfica Pallotti, 1990, 154p.
- TRAMONTINI, Marcos Justo. *Etnicidade e Política*. In: **Anais do XX Simpósio da Associação nacional de História: História: Fronteiras**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: ANPUH, 1999, p. 1159-1168
- VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. **Segunda Guerra Mundial**. Porto Alegre. Editora da Universidade, UFRGS, 1989, 103-119
- ZENTNER, Kurt. **Ilustrierte Geschichte des Dritten Reiches**. München: Südwest Verlag München, 1983, p.355-376
- ZENTNER, Kurt. **Ilustrierte Geschichte des Zweiten Weltkrieges**. München: Südwest Verlag München, 1963, p.557-569

### **Documentos Eletrônicos**

*Alltagsleben im Zweiten Weltkrieg*. Disponível em. < [http:// www.shoa.com.de/](http://www.shoa.com.de/)> Acesso em 20 Jun. 2003

BARRETO, Luiz Paulo Teles F. *Das diferenças entre os institutos jurídicos do asilo e do refúgio*. Disponível em <[http://www.mj.gov.br/snj/artigo\\_refugio.htm](http://www.mj.gov.br/snj/artigo_refugio.htm)> Acesso em 20 Jun.2003

*Der Marshallplan*. Disponível em. < [http:// www.shoa.com.de/](http://www.shoa.com.de/)> Acesso em 20 de Jun. 2003

KNIESTEDT, Friedrich (1873-1947). Disponível em <<http://www.agrorede.org.br> > Acesso em 15 de novemb. de 2004.

MANNES, Stefan. *Mauerbau und Berlinfrage. Berlin im Zentrum des Ost-West Konfliktes*. Disponível em. < [http:// www.shoa.com.de/](http://www.shoa.com.de/)> Acesso em 20 Jun. 2003

### **Arquivo Histórico da Escola Superior de Teologia da IECLB - AHEST**

Livro de Atas do Sínodo Evangélico de Santa Catarina e Paraná, p.05

Sinodalvorstandsakten Sitzungen. 1937-1946. 08/04/46

SR 21/6 - 014 - cópia da Obra de Socorro de carta da Obra de Socorro em Berlim relatando sobre os agradecimentos recebidos pela doação do medicamento insulina, 1 fl.

SR 22/1 - 031 - cópia da carta SR/Dohms de 12/08/1946 ao Dr. Schönfeld ref. às condições para a imigração ao Brasil, 1 fl.

SR 22/2 – 025 Carta da sra. Elisabeth Richert (viúva do P. que morreu afogado em Arroio do Tigre)/Fürth de 27/11/1947 ao SR ref. ao processo de seu regresso e de seus filhos ao Brasil, apenas comunicação da Missão Militar Brasileira; instruções sobre documentação exigida, 3 fls.

SR22/1 - 32 - apontamento Nº 728/46 de 26/06/1946 com 6 itens sobre as condições de imigração ao Brasil, 1fl.

### **Acervo P. Hermann Stöer (Rio do Sul/SC) Labimi - UFSC**

*Carta de Georg Iden*, Berlim, Spandau, 12/10/1947.

*Carta de Carl Bergfeld*, Klein-Kühren, 26/10/1947.

*Carta de H.M. Cerwinsk*, Berlim, 11/12/1947

Relatório Geral do Comitê de Socorro à Europa Faminta. SEF

### **Acervo Benno Mentz – Instituto Latino Americano de Estudos Avançados - UFRGS**

#### **Documentos avulsos**

*Relatório Final da SEF*

8º. *Comunicado da SEF*.

*Jahresbericht des Hilfswerks der Evangelische Kirchen in Deutschland. Für das Berichtjahr vom 01/04/46 bis 31/03/47 erstattet Zentralbüro*, p.08-09

*Mitteilungen aus dem Hilfswerk der Evangelischen Kirche in Deutschland*, p.135

10 *Comunicado da SEF. Janeiro de 48*

*Folhetim Procissão da Miséria*

*Pedidos de autorização para exportação e inspeção sanitária.*

*Encomendas de Pacotes de Auxílio, 09/03/1947*

*The German Refuges and their economic and social problems.*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Anton Kordt, Seminário Central de São Leopoldo, 30/09/1946*

*Carta do Comitê de Damas Alemanas Cruz Roja Argentina/D. Isabel C.H. Campo para Pe. Balduino Rambo, sem data.*

*Carta de José Russ a Pe. Balduino Rambo, 02/06/1946*

*Carta de Pe. Roberto Bramsiepe a SEF, 21/06/1946*

*Carta de Pe. Bernhard Hagedorn a Pe. Balduino Rambo, 11/08/1946*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Henrique Pauquet, 18/08/1946*

*Carta de Pe. Balduino Rambo para Amtônio Köhler, 29/09/1946*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Maria Laveuve/Ijuí, 01/02/1947*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Marcos Fendel, 13/08/1947*

*Carta de Maria Laveuve a Pe. Balduino Rambo, 21/10/1947*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Emil Lamprecht/Estrela/RS, 11/11/47*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Gertrud Kaechele, 04/04/1948*

### **Pasta Herbarium Anchieta**

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Fr. Albano Berwanger/Colégio Cristo Rei/SL, 13/10/1946*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Coronel José Bina Machado/Chefe do Gabinete do Ministro da Guerra/Ministério da Guerra/RS, 03/09/1946*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Dr. Adroaldo Mesquita da Costa, 19/09/1946*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Dr. Glycerio Alves/Copacabana/RJ, 23/05/1946*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Gabriel Arns/Crisciúma/SC, 12/05/1946*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Jacob Arns, 11/03/1948*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Leopoldo Arntzen/Roma, Sem data.*

*Carta de Pe. Balduino Rambo ao Pe. Leopoldo Arntzen, 26/06/1946*

*Carta de E. H/Castel Gandolfo a Pe. Leopoldo Arntzen, 14/10/1946*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Leopoldo Arntzen, 25/07/1946*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Leopoldo Arntzen/Roma, 18/08/1946*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Leopoldo Arntzen, 30/09/1946*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Leopoldo Arntzen, 10/01/1947*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Irmão Corsino/Academia do Comércio/Juiz de Fora/MG, 03/09/1947 ou 46 (?)*

*Carta do Ministério do Trabalho, Indústria a Comércio a Sra. Odila Gay da Fonseca, 20/11/1946*

*Carta de Pe. Reitor a Pe. Balduino Rambo, 19/10/1946*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Roberto Bramsiepe/Brusque/SC, 23/08/1946*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Robert Bramsiepe/Brusque/SC, 21/10/1946*

### **Pasta Inland Mitarbeit. Coronel Gaelzer Netto und andere. Blumenau, Itajaí e Florianópolis**

*Carta Pe. Balduino Rambo a Madre Boaventura/Colégio Coração de Jesus/Florianópolis, 21/09/1946*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Madre Boaventura. Colégio Sagrado Coração de Jesus/Florianópolis, 21/12/46*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Madre Boaventura/Colégio Sagrado Coração de Jesus/Florianópolis, 25/03/1947*

*Carta de Balduino Rambo a Irmã Egydia/Colégio Sagrado Coração de Jesus/Florianópolis, 05/10/1946*

*Carta de Balduino Rambo a Irmã Egydia/Colégio Sagrado Coração de Jesus/Florianópolis, 01/11/1946*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Irmã Egydia/Colégio sagrado Coração de Jesus/Florianópolis, 18/06/1947*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Fritz Freitag/Livoniu & Cia Seguros/Blumenau/SC, 02/08/1946*

*Carta de Fritz Freitag/Livoniu & Cia Seguros/Blumenau/SC a Pe. Balduino Rambo, 27/08/1946*

*Carta de Fritz Freitag/Blumenau/SC para Pe. Balduino Rambo, 11/10/1946*

*Carta de Fritz Freitag/Livoniu & Cia Seguros/Blumenau/SC a Pe. Balduino Rambo, 14/11/1946*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Fritz Freitag/Livoniu & Cia Seguros Blumenau/SC, 14/12/1946*

*Carta de Cel. Gaelzer Netto a Pe. Balduino Rambo, 14/07/1946*

*Carta de Cel. Gaelzer Netto a Pe. Balduino Rambo e Pe. Henrique Pauquet, 07/09/1946*

*Carta de Cel. Gaelzer Netto a Pe. Balduino Rambo, 12/09/1946*

*Carta de Cel. Gaelzer Netto a Pe. Balduino Rambo e Pe. Henrique Pauquet, 22/09/1946*

*Carta de Cel. Gaelzer Netto a Pe. Balduino Rambo e Pe. Henrique Pauquet, 29/09/1946*

*Carta de Cel. Gaelzer Netto a Pe. Balduino Rambo e Pe. Henrique Pauquet, 12/10/1946*

*Carta de Cel. Gaelzer Netto a Pe. Balduino Rambo, 13/10/1946*

*Carta de Cel. Gaelzer Netto a Pe. Balduino Rambo e Pe. Henrique Pauquet, 17/10/1946*

*Carta de Cel. Gaelzer Netto a Pe. Balduino Rambo e Pe. Henrique Pauquet, 01/11/1946*

*Carta de Cel. Gaelzer Netto a Pe. Balduino Rambo e Pe. Henrique Pauquet, 14/11/1946*

*Carta de Cel. Gaelzer Netto a Pe. Balduino Rambo e Pe. Henrique Pauquet, 19/06/1947*

*Carta de Cel. Gaelzer Netto a Pe. Balduino Rambo e Pe. Henrique Pauquet, 22/03/1947*

*Carta de Cel. Gaelzer Netto a Pe. Balduino Rambo e Pe. Henrique Pauquet, 21/10/1947*

*Carta de Cel. Gaelzer Netto a Pe. Balduino Rambo e Pe. Henrique Pauquet, 12/11/1947*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Cel. Gaelzer Netto, 10/09/1946*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Cel. Gaelzer Netto, 04/10/1946.*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Cel. Gaelzer Netto, 09/10/1946*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Cel. Gälzer Netto, 20/11/1946*

#### **Pasta 74 – Aufschulussreiche Schreiben aus der Arbeit und Mitarbeit der SEF**

*Carta de Josef Schrage/Köln a Pe. August Adelpkamp, 30/08/1947*

*Carta de Pe. Leopoldo Arntzen a D. Carlo Chiarlo/Núncio Apostólico/RJ, 26/10/1947*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Maria Laveuve/Ijuí, 13/05/1949*

*Carta de Miguel Rodamer a SEF, 28/06/1948*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a P. Fritz Wüstner, 01/06/48*

#### **Pasta 93 – Inlands-Korrespondenzen der Mitarbeit**

*Carta da SEF a R. P. Frederico Blöch C.J/RJ, sem data.*

*Carta de H. Wittsten a SEF, sem data.*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Dr. Nikolaus Kampf/Rolândia/PR, 11/07/1948*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Barbara Grothe Casa de sementes/Indaial/SC, 17/06/1948*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a E. Kieckbusch/Blumenau/SC, 17/06/48*

*Carta de Dr. Nikolaus Kampf/Rolândia/PR a SEF, 05/07/1948*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Maria Laveuve/Ijuí, 13/09/1948*  
*Carta de Balduino Rambo a Dr. Nikolaus Kampf/Rolândia/PR, 15/07/1948*  
*Carta de Pe. Balduino Rambo a Fritz Freitag/Blumenau/SC, 07/06/1948*

**Pasta 100 – Wertvolle Werbe und Fürsorge Correspondenz von hubben u. drueben.**

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. August Adelkamp, 28/08/1946*  
*Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. August Adelkamp, 27/09/1946*  
*Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. August Adelkamp, 27/10/1946*  
*Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. August Adelkamp, 09/11/1946*  
*Carta da Caritas para Pe. Balduino Rambo, 05/02/1947*  
*Carta de Pe. Balduino Rambo a R.P.Provincial, 13/06/1947*  
*Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. August Adelkamp, 03/09/1947*  
*Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. August Adelkamp, 26/10/1947*  
*Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. August Adelkamp, 17/11/1947*  
*Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. August Adelkamp, 21/01/1948*  
*Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. August Adelkamp, 09/03/1948*  
*Carta de Pe. Henrique Pauquet a Pe. Adelkamp, 21/05/1948*  
*Carta de Pe. Henrique Pauquet a Pe. August Adelkamp, sem data, 1948*

**Pasta 124 – Interessante Korrespondenzen von P. B. Rambo S.J mit Mitarbeitern aus dem Inland**

*Carta de Friedel Edmunds a José Russ, 10/01/1946*  
*Carta de José Russ a Pe. Balduino Rambo, 22/06/1946*  
*Carta de José Russ a Pe. Balduino Rambo, 15/11/1946*  
*Carta de José Russ a Pe. Balduino Rambo, 24/12/1946*  
*Carta de Pe. Henrique Pauquet a Sr.Antônio de Moraes Rego/Chefe da fiscalização bancária do Banco do Brasil, 13/06/1946*  
*Carta de Pe. Henrique Pauquet ao Banco do Brasil. Fiscalização Bancária, 17/06/46*  
*Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Jacob Luiz Nebel,/Braço do Norte/Tubarão, 09/06/1946*  
*Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Jacob Luiz Nebel,/Braço do Norte/Tubarão, 18/08/1946*  
*Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Jacob Luiz Nebel,/Braço do Norte/Tubarão, 16/10/1946*  
*Carta de Franz Blohm/Ibirama/SC para Pe. Balduino Rambo, 03/07/1946*  
*Circular de agradecimento da SEF.*  
*Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Walter Mariaux/SP, 31/07/1946*  
*Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Walter Mariaux/SP, 10/09/1946*  
*Carta de Pe. Balduino Rambo a Armin R. Mater/Piratuba/SC, 20/08/1946*  
*Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Franz Mauermann S.J/Pareci Novo/RS, 11/09/1946*  
*Carta da SEF a Fritz Freitag/Blumena/SC, 13/09/1946*  
*Carta de Pe. Balduino Rambo a Detlev Ludewig, 23/10/1946*  
*Carta de Detlev Ludewig a Pe. Balduino Rambo, 10/01/1947*  
*Carta de Detlev Ludewig a Pe. Balduino Rambo, 26/04/1947*  
*Carta de Pe. Balduino Rambo a Detlev Ludewig, 09/03/1947*  
*Carta de Pe. Balduino Rambo a Detlev Ludewig, 12/05/1947*  
*Carta de Pe. Balduino Rambo a Detlev Ludewig, 22/05/1947*  
*Carta de Pe. Balduino Rambo a Detlev Ludewig, 26/08/1947*  
*Carta sem remetente e destinatário, 26/01/1947.*  
*Carta de Pe. Balduino Rambo a Elfride Mauer, 18/06/1947*  
*Carta de Willy Siegmann para Fritz Freitag/Blumenau/Sc, 30/08/1947*  
*Carta de Pe. Luiz Gonzaga Mocha Curitiba/PR ao Pe. Henrique Pauquet, 30/11/1947*  
*Carta de Pe.Luiz Gonzaga Mocha Curitiba/PR ao Pe. Balduino Rambo, 04/01/1948*

*Carta de Pe. Baduíno Rambo a Johann Müller, P. Reitor Seminário de Santa Maria/RS, 15/12/1946*

*Carta de Pe. Baduíno Rambo a Johann Müller, P. Reitor Seminário de Santa Maria/RS, 05/01/1948*

*Carta de Friedel Edmunds a Rudolfo Müller, Instituto Rio-Grandense do Arroz. Cachoeira do Sul, 30/01/47*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Ferdinand Nelles/Pelotas/RS, 26/06/1947*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Fernando Nelles/Pelotas/RS, 07/04/1947*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Antonio Felmer, 16/08/1947*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Leonhard Eckel, 26/08/1946*

### **Pasta 126 – Mitarbeit im Innern des Staates**

*Carta de Pe. Roberto Bramsiepe a Pe. Balduino Rambo, 21/06/1946*

*Carta de Marcos Fendel/Rio Negro/PR a Pe. Henrique Pauquet, 21/06/1946*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Marcos Fendel/Rio Negro/PR, 30/06/1946*

*Carta de Marcos Fendel/Rio Negro/PR a Pe. Balduino Rambo, 06/09/1946*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Marcos Fendel/Rio Negro/PR, 12/09/1946*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Marcos Fendel/Rio Negro/PR, 25/11/1946*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Marcos Fendel/Rio Negro/PR, 20/02/1947*

### **Pasta 127 – Aus der Mitarbeit in der Anfangszeit 1946-1947. Kontakt mit der Kolonie**

*Carta da CERA para Pe. Balduino Rambo, 21/08/1946*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Margarida Wackes/Porto União/SC, 01/11/1946*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Margarida Wackes/Porto União/SC, 13/10/1946*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Pastor Fritz Wüstner Joinville/SC, 21/09/1946*

*Carta de Pastor Fritz Wüstner/Joinville/SC a Pe. Balduino Rambo, 10/12/1947*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Pastor Fritz Wüstner Joinville/SC, 21/01/1948*

*Carta de SEF a Dr. Gastão Vidigal Ministro da Fazenda/RJ, Sem Data.*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Dr. Odo von Württemberg, Central European Rehabilitation Association, INC, New York/Brooklyn, 05/09/1946*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Dr. Odo von Württemberg, Central European Rehabilitation Association, INC, New York/Brooklyn, 10/09/1946*

*Carta do Dr. Odo von Württemberg, Central European Rehabilitation Association, INC, New York/Brooklyn para Pe. Balduino Rambo, 16/11/1946*

*Carta do Dr. Odo von Württemberg, Central European Rehabilitation Association, INC, New York/Brooklyn a Pe. Balduino Rambo, 28/12/1946*

*Carta da CERA a Pe. Balduino Rambo, 21/09/1946*

*Carta de Herbert Voss/Rio Grande/RS a Pe. Balduino Rambo, 29/01/1947*

*Carta de Herbert Voss/Rio Grande/RS a Pe. Balduino Rambo, 07/06/1947*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Herbert Voss/RioGrande/RS, 31/08/1946*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Herbert Voss/RioGrande/RS, 21/09/1946*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Herbert Voss/Rio Grande/RS, 29/11/1946*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Herbert Voss, Rio Grande/RS, 11/04/1948*

### **Pasta 128 - Inlandschreiben aus der Mitarbeit**

*Carta de Dr. Johannes Schauff a Pe. Balduino Rambo, 08/11/1947*

**Pasta 235 - Mitarbeit aus Rio Grande, Santa Catarina und Paraná. Inland Correspondenz.**

*Carta de Pe. Baduíno Rambo a Schwester Betha Whele OSB, Ginásio Santa Escolástica/Sorocaba/SP, 05/05/1947*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a P. Hermann Stöer, 03/06/1947*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a P. Waidner/Jaraguá do Sul/SC, 08/12/1946*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a P. Wandtschneider/São Lourenço do Sul, 15/07/1946*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Hans Wecker SJ/Sem. São José/ Santa Maria, 30/10/1946*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. W. Steinmtzler, 21/08/1947*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a R. P. Jorge.Steiger SJ/Cristo Rei/SL, 26/05/1948*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a R. P. Jorge.Steiger SJ/Cristo Rei/SL, 07/11/1946*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Schwester Betha Wehle OSB Ginásio St. Escolástica/Sorocaba/SP, 27/06/1947*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Schwester Betha Whele OSB, Ginásio Santa Escolástica/Sorocaba/SP, 14/01/1948*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Willy Siegmann, 18/08/1946*

**Pasta 237 – Aufschlussreiche Inlandschreiben aus der Mitarbeit Rio Grande und SantaCatarina**

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Marcos Konder, 08/05/1946*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Marcos Konder, 01/06/1946.*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Marcos Konder, 13/06/1946*

*Carta de Marcos Konder a Pe. Balduino Rambo, 28/06/1946*

*Carta de Marcos Konder a Pe. Balduino Rambo, 15/01/1947.*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Marcos Konder, 03/07/1946*

*Carta de Pe. Eli para Pe. Henrique Pauquet, 18/09/1946.*

*Carta de Pe. Balduino Rambo, sem destinatário, 20/09/1946*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Nikolaus Kampf, 23/09/1946*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Dom. Thomas Keller, Mosteiro de São Bento, 29/09/1946*

*Carta de Pe. Balduino Rambo ao Cônego Vigário Albino Juchem de Estrela/RS, 23/07/1946*

*Ofício de 26/08/1946*

*Carta de Sr.Athanásio, Mosteiro Cisteciense de Santa Cruz/Itaporanga/SP a Pe. Balduino Rambo, 13/03/1948*

*Carta de Pe. Balduino Rambo para Knorr & Cia Ltda, Panambi, 04/04/1948*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Antônio Köhler/St. Cruz/RS, 29/09/1946*

*Carta de Pe. Balduino Rambo para Pe. Anton Kordt, Seminário Central de São Leopoldo, 13/12/1946*

*Carta de Pe. Balduino Rambo para João John/Taquara/RS, 01/02/1947*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Maria Laveuve/Ijuí, 20/02/1947*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Anton Kordt/Seminário Central de São Leopoldo, 02/03/1947*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Anton Kordt, 06/04/1947.*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Ilka Kliemann/Sta Cruz/RS, 07/04/1947*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. J.Kern. Sta Augusta/São Lourenço/RS, 18/06/1947*

*Carta de Irmã M. Silveira- Instituto Imaculada Conceição Itapetinga/SP a Pe. Balduino Rambo, 23/12/1947*

*Carta de Emil Lamprecht/Estrela a Pe. Balduino Rambo, 08/01/1948*

*Carta de Dr. Nikolaus Kampf a Pe. Balduino Rambo, 21/01/1948*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Emil Lamprecht/Estrela/RS,08/03/1948*

**Pasta 255 - Inlandschreiben aus der Mitarbeit**

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Bernhard Hagedorn/RJ, 16/07/1946*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Bernhard Hagedorn/RJ, 14/08/1946*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Antonio Hammelstein São Carlos/ via Iraí, 07/08/1946*

*Carta de Pe. Balduino Rambo ao Prof. A.J. Hannes/Escola Marista e Sta Teresa. Santana do Livramento/RS, 27/06/1947*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Viktoria Hoffmann/Arroio da Seca/Estrela/RS, Sem data.*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Dr.Francisco Innerhofer/ Constantina/ Município de Sarandi, 03/07/1947*

*Carta de Pe. Balduino Rambo a Dr. Walter Hund/São Carlos/RS, 01/05/1947*

## ANEXOS

### Atividades da SEF - Lista de Navios e respectivo carregamento.

1ª. Remessa: Navio: Margaret Johson.

Embarque em 06.06.1946      Chegada em 08.08.1946

Unidades 1788      Peso total: 91,645 toneladas

1.002 sacos	feijão	60.120 Kg
106 caixas	flocos de aveia	2.283 “
409 “	maizena	7.508 “
1 “	medicamentos	35 “
1 “	fios de linha	435 “
1 “	agulhas	202 “
16 Bolas	tecidos	1.113 “
1 caixa	óleo	41 “

22 caixas	vestimentas (novas)	970 Kg
5 “	calçados	270 “
167 “	banha	11.692 “
143 “	conservas de carne	5.789 “
1 “	lingüiça	46 “
5 “	peixe	90 “
16 “	sabão	1.031 “

2ª. Remessa: Navio: Amazonas.

Embarque em 05.08.1946      Chegada em 25.09.1946

Unidades 7.119      Peso total: 361,117 toneladas

140 sacos	sagú	8. 160 Kg
3.000 “	feijões (coloridos)	181.200 “
1.000 “	lentilhas	60.400 “
141 Kg	sabão	4.036 “
100 sacos	açúcar	6.040 “
984 caixas	conservas de carne	21.100 “
446 “	banha	30.301 “
176 “	flocos de aveia	4.000 “

3 caixas	medicamentos	390 Kg
3 “	agulhas (rede)	331 “
1.000 “	maizena	10.000 “
500 “	flocos de aveia	10.400 “
100 “	café	6.040 “
36 bolas	couro	5.010 “
18 caixas	calçados	2.300 “
74 “	vestidos	8.731 “

3ª. Remessa: Navio: Columbia.

Embarque em 04.10.1946      Chegada em 06.12.1946

Unidades 8.599      Peso total: 489,183 toneladas

200 sacos	açúcar	12.000 Kg
4.000 “	feijão	240.000 “
209 barris	carne de gado	35.530 “
236 “	carne de porco	23.890 “
694 caixas	patê de fígado	16.656 “
1.175 “	conservas de carne	28.288 “
33 “	sabão	1.112 “
593 “	banha	41.195 “
121 “	mel	6.570 “
560 “	flocos de aveia	11.760 “

200 saquinhos	café	12.000 Kg
170 “	sagú (grosso)	
123 caixas	maizena	16.527 “
06 “	agulhas	1.068 “
17 “	calçados	4.100 “
121 “	vestidos	
36 “	cobertas	16.087 “
28 “	couro	3.020 “
87 caixas	doações pacotes de 5 Kg	19.380 “

4ª. Remessa: Navio: Princesa Margareta

Embarque em 03.02.1947      Chegada em 27.04.1947

Unidades 912      Peso total: 96,398 toneladas

485 caixas	doações pacotes de 5 Kg	74.988 Kg
39 caixas	patê de fígado	663 “

71 Caixas	sabão	1.636 Kg
17 “	mel	1.111 “
300 sacos	feijões (coloridos)	18.000 “

5ª. Remessa: Navio: São Francisco

Embarque em 02.06.1947      Chegada em 07.07.1947

Unidades 4.248      Peso total: 277,076 toneladas

26 caixas	mel	1.484 Kg
01 barril	mel	
1.439 caixas	conservas de carne	65.662 “
10 “	banha	688 “
10 “	sabão	140 “

195 caixas	flocos de aveia	4.007 Kg
187 sacos	feijão	11.200 “
167 “	lentilhas	10.000 “
1.310 “	arroz	78.600 “
585 caixas	doações pacotes de 5 Kg	105.294 “

6ª. Remessa: Navio: Axel Johnson

Embarque em 30.07.1947      Chegada em 07.09.1947

Unidades 9.256      Peso total: 663,796 toneladas

1.892 caixas	conservas de carne	85.296 Kg
13 “	chocolate	738 “
2 “	sabão	35 “
28 “	banha	1879 “
11 “	mel	670 “
285 “	flocos de aveia	6.230 “
750 sacos	lentilhas	45.000 “

38 fardos	tecidos	3.693 Kg
29 caixas	calçados	3.532 “
92 “	vestimentas	10.732 “
31 fardos	cobertores	3.042 “
300 sacos	açúcar	18.000 “
300 “	café	18.000 “
230 “	arroz	13.869 “

400 “	feijão	24.000 ‘
3700 “	arroz	222.000 “

1.155 “	doações pacotes de 5 Kg	207.080 “
---------	-------------------------	-----------

Remessa intermediária 6: Navio: Axel Johnson  
Embarque em 05.08.1947 200 sacos de café embarcados em Santos  
Peso total: 13,068 toneladas

7ª. Remessa: Navio: São Francisco.  
Embarque em 23.10.1947 Chegada em 02.12.1947  
Unidades 14.724 Peso total: 1.004,092 toneladas

1.322 caixas	pacotes de doações com 5 Kg	238.791 Kg
10 caixas	couro	773 “
16 fardos	couro	1.205 “
75 caixas	vestimentas	9.079 “
5 “	calçados	565 “
153 fardos	cobertores	15.898 “
1.421 caixas	conservas de carne	41.993 “
66 “	peixe	4.399 “
20 “	chocolate	1.077 “

470 caixas	sabão	21.316 Kg
40 “	mel	3.381 “
1.038 “	banha	67.032 “
156 “	flocos de aveia	4.782 “
701 “	sagú (farinha consistente)	42.120 “
1.006 “	açúcar	60.421 “
250 “	lentilhas	15.000 “
600 “	feijão	36.000 “
6.384 “	arroz	383.040 “
1.000 “	café	60.000 “

8ª. Remessa: Navio: Amazonas.  
Embarque em 14.05.1948 Chegada em 30.06.1948  
Unidades 3.848 Peso total: 295,249 toneladas

1.460 caixas	conservas de carne	46.090 Kg
63 “	banha	2.252 “
33 “	chocolate	2.669 “
140 “	flocos de aveia	3.390 “
48 “	sagú	2.880 “
1.004 “	arroz	60.240 “

200 sacos	café	12.000 Kg
5 fardos	couro	313 “
2 fardos	tecidos	164 “
894 caixas	doações pacotes de 5Kg	165.251 Kg

8ª. Remessa: Navio: Uruguay.  
Embarque em 29.09.1948 Chegada em 02.11.1948  
Unidades 6.169 Peso total: 439,022 toneladas

1.210 sacos	lentilhas	72.000 Kg
1.100 “	arroz	66.000 “
30 caixas	chocolate	2.226 “
19 fardos	couro	1.504 “
234 caixas	flocos de aveia	4.978 “

57 bolas	Tabaco	3.500 Kg
686 caixas	Banha	44.335 “
1.807 “	Conservas de carne	53.546 “
89 “	Mel	6.161 “
20 “	Vestimentas	3.502 “

6 sacos	farinha	360 “
10 caixas	medicamentos	1.435 “
18 “	sabonete	185 “

5 bolas	Tecidos	337 “
957 caixas	Pacotes de doação de 5Kg	178.303 “

Remessa intermediária 9<sup>a</sup>.a: Navio: Orinoco.  
Embarque em 12.12.1948      Chegada em (?)  
Unidades 1.192    Peso total: 85,389 toneladas

174 caixas	Pacotes de doações 5 Kg	29.020 Kg
522 “	Carne em conserva	24.100 “
167 “	Banha	12.191 “

84 caixas	Mel	5.376 Kg
222 sacos	arroz	13.320 “
21 caixas	peixe	1.282 “
2 bolas	tecidos	100 “

Remessa intermediária 9<sup>a</sup>.b: Navio: Columbia  
Embarque em 01.06.1949      Chegada em 07.08.1949  
500 sacos de café      Peso total: 30,250 toneladas

10<sup>a</sup>.Remessa: Navio: Amazonas  
Embarque em 25.06.1949      Chegada em 07.08.1949  
Unidades 1.535    Peso total: 150,630 toneladas

363 caixas	Pacotes de doações de 5Kg	64.309 Kg
12 “	vestimentas	2.077 “
06 fardos	cobertores	694 “
402 caixas	banha	28.140 “
37 barris	óleo	8.076 “
319 sacos	arroz	19.140”
200 “	farinha de sêmola	12.000 “

94 caixas	Chocolate	6.647 Kg
2.000 botas militares e 30 caixas	Calçados	4.780 “
21 fardos	Couro	2.248 “
06 sacos	Lentilhas	360 “
09 sacos	Café	540 “
06 caixas	Sabão	169 “
30 caixas	Conservas de carne	1.570 “

**Remessas enviadas do porto de Rio Grande:**  
**Despesas de transporte** até Göteborg: Cr\$. 6.086.249,00  
Valor total das mercadorias enviadas: Cr\$ 65.000.000,00

Feijão	9.687 sacos	570.520 Kg
Lentilhas	2.383 sacos	206.770 “
Açúcar	1.707 sacos	96.401 “
Café	2.529 sacos	151.878 “
Arroz	14.242 sacos	854.949 “
Flocos de aveia	2.679 caixas	37.652 “
Maizena	1.691 caixas	31.728 “

Chocolate	187 caixas	12.957 Kg
Tabaco	57 fardos	3.500 “
Couro	194 fardos	21.947 “
Mel	488 caixas	26.700 “
Sagú	1.545 sacos	98.134 “
Óleo	37 barris	8.066 “
Sabão	620 caixas	20.310 “

Medicamentos	14 caixas	1.860 “
Fios de linha	8 caixas	1.676 “
Agulhas	4 caixas	766 “
Calçados	122 caixas	15.447 “
Vestimentas	228 caixas	28.806 “
Tecidos	76 fardos	7.236 “
Cobertas	159 fardos 3.500 cobertores	16.592 “

Peixe	114 caixas	5.848 “
Carne	12.348 caixas	450.095 “
Banha	3.601 caixas	239.746 “
Pacotes de doações de 5Kg com diversos gêneros alimentícios	6.803 caixas	1.076,556 toneladas

**A SEF remeteu diretamente do Rio de Janeiro**

24.20.1947	Amazonas	633 Caixas
13.11.1947	Orinoco	162 “
14.01.1948	Bio-Bio	39 “
02.02.1948	Amazonas	23 “
29.02.1948	Orinoco	8 “
30.03.1948	Nordjsjernan	94 “
18.06.1948	Aldabi	298 “
23.07.1948	Nordjsjernan	123 “
30.07.1948	Suécia	60 “
		1.440 vol.

Pacotes de doações	79,813 toneladas
“	30,000
“	6,800
“	3,408
“	1,910
“	15,000
“	54,945
“	24,140
“	13,540
	229,556 ton.

### EMPRESAS QUE COLABORARAM COM A SEF

<b>EMPRESA</b>	<b>PRODUTO</b>	<b>LOCALIZAÇÃO</b>
Padaria e Confeitaria Glória	Alimentos	Carazinho/RS
Empresa Auto Viação “Tupy”.	Transportes	Blau Nunes/Iraí/RS
Companhia Hemmer. Indústria e Comércio.	Fábrica de conservas e armarinho por atacado	Blumenau/SC
Fábrica de Chocolates e Balas Finas Hennes, Söhnle & Cia Ltda	Alimentos	Santa cruz/RS
Fábrica de gaitas Alfredo Hering S.A Comércio e Indústria	Gaitas	Blumenau/SC
Electro – Aço Althona Ltda. Fábrica de Máquinas e ferramentas.		Blumenau/SC
Hedwig J. K. Hexsel. Joalheria e Relojoaria		Passo Fundo/RS
Dr. Rudolfo Heisler		S. Leopoldo/RS
JPSCH & Cia Fábrica de Espulas.		Joinville/SC
Navegação Walter Dreher Ltda		Poa/RS
Empresa Transp. De Cargas Leandro & Pires		Poa/RS
Typografia Mercantil		Poa/RS
Ketzscher & Irmão	Pullovers de algodão	Poa/RS
Fábrica de Tecidos Carlos Renaux S/A	Tecidos	Brusque/SC
Industrial Madeireira Ltda	Caixas	Caxias/RS
Depósito de Materiais de Construção e Serraria Travi & Cia		Canoas/RS
Consórcio Administrador de Empresas de Mineração. Procurador das Cias E.F. e Minas de S. Jerônimo e Carbonífera Minas de Butiá.	Aluguel de Chata	Poa/RS
Sociedade Comercial Ortmann Ltda Export. e Import.	Cereais, madeiras, banha, prod. Farmacêuticos	Santo Ângelo.
Comp. Industrial e Comercial de Prod. Alimentares. Representante Nestlé Alimentos.		Rio de Janeiro
Schilling – Hiller S.A. industrial e Comercial.	Alimentos	Poa/RS
Casa Inng	Sapatos	Poa/RS
Sociedade União Colonial	Mel	Forquilha/SC
Renner Herrmann S.A – Indústria do Vestuário	Vestimentas	Poa/RS
Bier, Eglert & Cia Ltda. Com. Prod. Agrícolas.	Cereais	Poa/RS

Comercial Curt Bercht S.A	Fazendas por atacado	Poa/RS
Dreher & Cia Ltda		Poa/RS
Companhia Fiação e tecidos Porto-Alegrense.	Acolchoados	Poa/RS
Tipografia do Centro S.A	Impressão de folhetos	Poa/RS
Petry & Baptista	Fazenda por atacado	Poa/RS
Tannhauser & Cia Ltda		Poa/RS
J.A. Baptista e Pereira & Cia Exportadores	Arroz japonês	Poa/RS
Cauduro, Filho & Cia Exportação		Poa/RS
Frigoríficos Nacionais Sul Brasileiros S.A.		Poa/RS
Caetano Ferreira & Cia	Torrefação e Moagem de Café.	Poa/RS
Arthur E. Schaefer & Cia	Sacos, arroz, crina vegetal.	Poa/RS
De Heiner & Cia	Cartonagem e papelaria	Poa/RS
Grande Fábrica de Henrique Scliar e Sócios.	Acolchoados, ombreiras de lã e algodão em pasta.	Poa/RS
Bier & Ulmann Ltda		Poa/RS
Classificadora de Cereais Ltda		Poa/RS
Bromberg S.A Importadora Comercial e Técnica		Poa/RS
União de Ferros S.A		Poa/RS
Ferragens Kircher Hillmann Ltda		Poa/RS
H. Gertum & Cia Ltda		Poa/RS
Empresa Haas	Alimentos	Ijuí/RS
H. Grecco & Cia		Poa/RS
Ernesto Neugebauer & Cia		Poa/RS
Jacobi & Cia	Miudezas p/atacado	Poa/RS
Drogaria Ellwanger Ltda		Poa/RS
Reguly & Selk		Poa/RS
Banco Industrial e Comercial S.A		
Travi & Cia Mat. Construção		Canoas/RS
Empresa de Viação Aérea Riograndense Varig		Poa/RS
Wigg & Cia		Poa/RS
Emílio Kraemer & Cia Expor. E Import.		Poa/RS
Lambert & Cia		<b>Poa/RS</b>
Sperb & Cia	Secos e molhados	Poa/RS
Empresa Transportadora Wolfram		Blumenau/SC
Casa Rosa Araújo	Fazendas e miudezas	Poa/RS
Expresso Rio-Grandense		SP/SP
Navegação Arnt, Ltda		Poa/RS
Casa Kemnitz	Gravuras em geral, placas	Poa/RS
Engel & Cia	Curtume	Novo Hamburgo/RS
Casa Florida de Irmãos		Poa/RS

Trommeler		
Viação Férrea do Rio Grande do Sul		Poa/RS
Engenho Sant'Anna Ltda		Poa/RS
Stefani & Cia		Poa/RS
Emílio J. Fernandes		Poa/RS
Expresso Arco Íris		Poa/RS
Gastal & Cia	Fábrica de Limol/Sabão	Poa/RS
Confecções Big Baby		Poa/RS
Pereira & Cia Ltda		Poa/RS
União de Ferros Ltda		Poa/RS
C.O.Kortz & Cia Casa S. Rafael		Poa/RS
Corsetti & Cia		Caxias/RS
Eglert Hinsch.	Borboletas, tecelagem, serraria e carpintaria.	Salto Weissbach Blumenau/SC